

A Necrópole Baixo Medieval da Praça da Figueira
- um estudo de caso de um contexto funerário em
contexto conventual

Sérgio Miguel Ferreira Pedroso

Dissertação de Mestrado em Arqueologia

(Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública)

Fevereiro, 2022

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor Rodrigo de Araújo Martins Banha da Silva, Professor Auxiliar Convidado do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e coorientação pela Professora Doutora Francisca Alves-Cardoso, Investigadora Auxiliar do Centro em Rede de Investigação em Antropologia.

*À morte que, através da sua finitude,
traz um novo sentido e significado à vida,*

Aos que ultrapassaram os últimos anos comigo,

Índice

Índice de Figuras	VII
Índice de Gráficos.....	XII
Índice de Tabelas	XIII
Lista de Abreviaturas.....	XVI
Agradecimentos.....	XVII
1. Introdução.....	1
2. Objetivos e Metodologia	6
3. Estado da Arte	16
4. Enquadramento.....	20
4.1. Enquadramento Histórico	20
4.2. Breve Resumo das Alterações Urbanísticas da Cidade de Lisboa em Período Medieval.....	25
4.3. Os Trabalhos Arqueológicos da Praça da Figueira.....	30
5. O Contexto Arqueológico e a sua Dinâmica Estratigráfica.....	35
6. O Espólio.....	41
6.1. O Espólio Artefactual	41
6.1.1. As Pastas.....	43
6.1.2. Cerâmica de Cozinha.....	48
6.1.3. Cerâmica de Armazenamento e Transporte	53
6.1.4. Cerâmica de Mesa	56
6.1.5. Cerâmica de Uso Lúdico	59
6.1.6. Olaria de construção	61
6.1.7. Considerações.....	61
6.2. O Espólio Bioantropológico	62
6.2.1. Perfil Biológico	62

6.2.2. Perfil Patológico	64
7. Discussão.....	75
8. Conclusão	89
9. Bibliografia.....	93
10. Fontes Documentais e Cartografia	114
11. Webgrafia	115
Anexo I	116
Anexo II.....	124
Anexo III	136
Anexo IV	169
Anexo VI	184
Anexo VII.....	205
Anexo VIII.....	225

Índice de Figuras

Figura 1 - Classificação dos Indicadores dimórficos cranianos (White & Folkens, 2005, p. 391).....	11
Figura 2 - Classificação da abertura da Grande Chanfradura Ciática (Haas, Buikstra & Ubelaker, 1994, p. 18)	12
Figura 3 - Alterações relacionadas com a idade na sínfise púbica (Adserias-Garriga & Wilson-Taylor, 2019, p. 58)	12
Figura 4 - Alterações relacionadas com a idade na superfície auricular (Adserias-Garriga & Wilson-Taylor, 2019, p. 59).....	13
Figura 5 - Implantação e demarque da Rua Nova (a azul) e Rua Nova D'el Rey (a vermelho), na “Planta da cidade de L[isbo]a em q se mostram os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro co as declarações postas em seu lugar / Delineada por João Nunes Tinoco, Architecto de S. M[a]g[esta]de anno 1650.” - Escala [ca 1:3100], mil palmos = [7,20 cm]. - Lisboa : Lith[ographia] da Imp[rensa] Nac[ional], 1853. - 1 planta : litografia, p&b ; 52,70x69,50 cm, em folha de 58,00x75,00 cm	27
Figura 6 - As Freguesias de Lisboa (segundo José Vargas), com indicação a vermelho da localização do Mosteiro de São Domingos (Silva, 2017, p. 61)	28
Figura 7 – Demarcação a vermelho da área correspondente ao Convento de São Domingos e ao Espaço das Hortas Conventuais na “ <i>Carta topographica da cidade de Lisboa reduzida da que foi levantada na escala 1:1000 em 1856 a 1858, sob a direcção do general Filippe Folque, Director Geral dos Trabalhos Geodésicos, publicada em 1871</i> ” - Escala 1:10000 de PAIS, Miguel Carlos Correia, 1828-1888 [Lisboa: Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos, 1882]. - 1 planta: preto, branco e vermelho; 51,60x81,10 cm, em folha de 55,20x83,20 cm.....	30
Figura 8 - Exemplo de malha de referenciação aplicada durante os trabalhos de escavação arqueológica realizada nos anos de 1999- 2001, referentes Fase I de ocupação da Necrópole Noroeste de <i>Olisipo</i> em período Romano, com demarcação da quadricula (C 11) onde se localizava o objeto de estudo (Silva, 2005, p. 39)	34
Figura 9 - Área intervencionada na Praça da Figueira (1999-2001) - localização do espaço funerário (a vermelho) (Pedroso <i>et al.</i> , 2020).....	35
Figura 10 - Plano Geral do Muro [7016]	36
Figura 11 - Perfil Norte de C11 (Pedroso <i>et al.</i> , 2020).....	36

Figura 12 - Plano Geral de C11, Distribuição das sepulturas e indicação do perfil biológico dos Indivíduos, escala 1:20	37
Figura 13 – Remanescentes biológicos humanos identificados como pertencentes a [7021]	38
Figura 14 - Vista geral do espaço funerário (Pedroso <i>et al.</i> , 2020), com indicação a vermelho da Sepultura 3, sem espólio bioantropológico identificado “em campo”.	39
Figura 15 - PF00/C11/[7017]/1, PF00/C11/[7017]/2.....	50
Figura 16 - PF00/C11/[7017]/25, PF00/C11/[7017]/31.....	51
Figura 17 - PF00/C11/[7017]/3.....	51
Figura 18 - PF00/C11/[7017]/9.....	52
Figura 19 - PF00/C11/[7017]/51.....	52
Figura 20 - PF00/C11/[7017]/5.....	53
Figura 21 - PF00/C11/[7017]/6.....	54
Figura 22 - PF00/C11/[7017]/7	55
Figura 23 - PF00/C11/[7017]/13.....	55
Figura 24 - PF00/C11/[7017]/12.....	56
Figura 25 - PF00/C11/[7017]/4.....	57
Figura 26 – PF00/C11/[7017]/8, PF00/C11/[7017]/11	58
Figura 27 - PF00/C11/[7017]/10.....	59
Figura 28 - PF00/C11/[7017]/14.....	60
Figura 29 - Hipoplasias no Esmalte Dentário do Canino mandibular Direito do indivíduo [7028]	67
Figura 30 - Mandíbula com indicação do local de um provável abscesso periapical no indivíduo [7026]	67
Figura 31 - Mandíbula de [7027], com indicação a vermelho do tártaro dentário	68
Figura 32 - <i>Cribra Orbitalia</i> presente na face orbital do frontal em [7128].....	69
Figura 33 - <i>Cribra Femoralis</i> presente no fémur direito no indivíduo [7128]	69
Figura 34 – 2ª Vértebra Lombar de [7027], com indicação a vermelho de depressão óssea que poderá corresponder a um Nódulo de Schmorl. No entanto, esta não tem alterações significativas associadas.	71
Figura 35 - Patela de [7025] com indicação de entesófito a vermelho	72
Figura 36 – Alterações degenerativas localizadas numa vértebra lombar de [7026]	73
Figura 37 – <i>Spina Bifida Occulta</i> incompleta em [7128]	74

Figura 38 - <i>Spina Bifida Occulta</i> incompleta em [7041]	74
Figura 39 - Plano Geral do troço da <i>Corredoura</i> com inclusão de muro [7016] - Quad. C11, para observação da relação entre ambos os elementos. Escala 1:20	76
Figura 40 - Poder e Instituições no Sistema de S. Lázaro em meados do século XIII (c. 1250), com a indicação do Convento de São Domingos e do seu possível espaço conventual a laranja (Gonçalves, 2011, p. 142)	77
Figura 41 - Delimitação da Cerca Conventual do Mosteiro dos Jerónimos (a vermelho) e pormenor da capela localizada no extremo NO na Carta topographica da cidade de Lisboa reduzida da que foi levantada na escala 1:1000 em 1856 a 1858; ; Esta carta indica os melhoramentos posteriores e o projecto d«[»e«]» algumas obras d«[»e«]» arte a executar no futuro pelo engenheiro M. C. C. Paes, 1882 / sob a direcção do general Filippe Folque, Director Geral dos Trabalhos Geodésicos, publicada em 1871. - Escala 1:10000. - [Lisboa: Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos, 1882]. - 1 planta: preto, branco e vermelho; 51,60x81,10 cm, em folha de 55,20x83,20 cm.....	78
Figura 42 – Indicação (a vermelho) da capela localizada dentro do espaço da Cerca Conventual da Igreja de Santo Agostinho de Lisboa (primitivo Colégio de Santo Antão) na Carta topographica da cidade de Lisboa reduzida da que foi levantada na escala 1:1000 em 1856 a 1858; ; Esta carta indica os melhoramentos posteriores e o projecto d«[»e«]» algumas obras d«[»e«]» arte a executar no futuro pelo engenheiro M. C. C. Paes, 1882 / sob a direcção do general Filippe Folque, Director Geral dos Trabalhos Geodésicos, publicada em 1871. - Escala 1:10000. - [Lisboa: Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos, 1882]. - 1 planta: preto, branco e vermelho; 51,60x81,10 cm, em folha de 55,20x83,20 cm	79
Figura 43 - A divisão dos espaços dentro da propriedade conventual do Convento de São Francisco do Monte, em Viana do Castelo, segundo Afonso (2018)	80
Figura 44 - Plano Geral da quadricula C11, com demarcação das sepulturas antes da escavação, escala 1:20	117
Figura 45 - Plano Geral de C11, com demarcação das sepulturas, após o levantamento do espólio osteológico, escala 1:20.....	117
Figura 46 - Perfil Sul de C11 (Pedroso <i>et al.</i> , 2020).....	118
Figura 47 - Vista do espaço funerário, U.E.s [7019] a [7024]	118
Figura 48 - Vista do espaço funerário, U.E.s [7019] a [7024] (Pedroso <i>et al.</i> , 2020)	119
Figura 49 - Sepultura [7039], indivíduo [7041] (Pedroso <i>et al.</i> , 2020)	119

Figura 50 - Sepultura [7023], indivíduo [7027] (Pedroso <i>et al.</i> , 2020)	120
Figura 51 - Matriz de Harris do Perfil Norte da Quad. C11	121
Figura 52 - Matriz de Harris do Perfil Sul da Quad. C11	122
Figura 53 - Matriz de Harris da Quad. C11	123
Figura 54 - Esquemático de [7021]	137
Figura 55 – Indivíduo [7021]	138
Figura 56 - Esquemático de [7025]	139
Figura 57 – Indivíduo [7025]	140
Figura 58 – Esquemático de [7026]	143
Figura 59 - Indivíduo[7026]	144
Figura 60 – Esquemático de [7027]	147
Figura 61 - Indivíduo [7027]	148
Figura 62 – Esquemático de [7028]	151
Figura 63 – Indivíduo [7028]	152
Figura 64 - Esquemático de [7038]	155
Figura 65 – Indivíduo [7038]	156
Figura 66 – Esquemático de [7041]	159
Figura 67 – Indivíduo [7041]	160
Figura 68 - Esquemático de [7128]	163
Figura 69 – Indivíduos [7128]	164
Figura 70 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta I... 206	
Figura 71 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta I... 207	
Figura 72 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta I... 208	
Figura 73 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta I... 209	
Figura 74 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta I... 210	
Figura 75 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta I... 211	
Figura 76 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta II.. 212	
Figura 77 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta II.. 213	
Figura 78 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta II.. 214	
Figura 79 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta III 215	
Figura 80 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta IV 215	
Figura 81 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta IV 216	
Figura 82 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta V . 217	
Figura 83 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta VI 217	

Figura 84 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta VI	218
Figura 85 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta VI	219
Figura 86 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta VI	220
Figura 87 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta VII	221
Figura 88 - PF00/C11/[7017]/51, PF00/C11/[7017]/52, PF00/C11/[7017]/53...	222
Figura 89 – Fragmento de resto construtivo	223
Figura 90 - Lítico pertencente a [7017].....	223
Figura 91 – Fragmentos de fauna mamalógica pertencentes a [7017].....	224

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Categorias do Espólio inventariado	41
Gráfico 2 - Percentagem por tipologia de fragmento.....	42
Gráfico 3 - Funcionalidade do Espólio Cerâmico.....	43
Gráfico 4 - Distribuição dos "fabricos" na amostra	45
Gráfico 5 - Percentagem de fabricos na amostra	46
Gráfico 6 - Densidade de Elementos Não Plásticos (ENP) nos fabricos de pasta identificados	46
Gráfico 7 - Dimensão de Elementos Não Plásticos (ENP) nos fabricos de pasta identificados	47
Gráfico 8 – Cozedura das pastas	48
Gráfico 9 - Morfologia de Cerâmica de Cozinha.....	49
Gráfico 10 - Morfologia das peças de Armazenamento e Transporte	53
Gráfico 11 - Morfologia da Cerâmica de Mesa	56
Gráfico 12 - Tipologia de Cerâmica Industrial	61
Gráfico 13 - Distribuição das alterações ósseas de natureza patológica e alterações da arcada dentária	66
Gráfico 14 - Comparação entre os dados referentes à Diagnose Sexual dos indivíduos adultos das amostras do Adro da Igreja de São Domingos (segundo Trindade <i>et al.</i> (2001) e Júlio (2021)), da Necrópole Medieval / Moderna de Arruda dos Vinhos (Antunes-Ferreira, Cardoso & Santos, 2013), do Mosteiro de São Vicente de Fora de Lisboa (Nunes, 2010; Cunha & Ferreira, 1998; Serafim, 2018) e do Espaço Funerário Associado às Hortas de São Domingos	87

Índice de Tabelas

Tabela 1 - O Conjunto Cerâmico, Formas, Número Mínimo de Indivíduos e Número Máximo de Indivíduos.....	42
Tabela 2 - Diagnose Sexual e Estimativa de Idade da Amostra	62
Tabela 3 - Estimativa de Estatura por indivíduo, Média de Estatura, Média por Sexo e Medidas Mínimas e Máximas por sexo (segundo Mendonça, 2000)	63
Tabela 4 - Indicação da presença de alterações de natureza patológica associada a cada indivíduo	64
Tabela 5 – Resumo do Perfil Biológico da Amostra, com indicação das patologias afetas a cada indivíduo, segundo Busom (2017)	125
Tabela 6 - Estimativa de Estatura realizada nos indivíduos “adultos” e no indivíduo classificado como “jovem adulto”, com os resultados obtidos de acordo com as metodologias propostas por Mendonça (2000) e Trotter (1970).....	132
Tabela 7 – Dados osteométricos referentes aos elementos osteológicos do fêmur, úmero, talus e calcâneo e distribuição dos resultados da diagnose sexual de acordo com as propostas metodológicas de Wasterlain (2000) e Silva (1995).....	134
Tabela 8 - Dados bioantropológicos do Indivíduo [7025]	141
Tabela 9 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7026]	145
Tabela 10 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7027]	149
Tabela 11 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7028]	153
Tabela 12 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7038]	157
Tabela 13 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7041]	161
Tabela 14 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7128] – Medidas Não-Adulto	165
Tabela 15 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7128] - Medidas Adulto ..	166
Tabela 16 - Registo de Unidades Estratigráficas da Quadricula C11	170
Tabela 17 - Inventário do Espólio Artefactual de [7017]	185
Tabela 18 - Resumo dos Dados dos Paralelos Arqueológicos.....	226

A NECRÓPOLE BAIXO MEDIEVAL DA PRAÇA DA FIGUEIRA: UM ESTUDO DE CASO DE UM CONTEXTO FUNERÁRIO EM CONTEXTO CONVENTUAL

SÉRGIO MIGUEL FERREIRA PEDROSO

RESUMO

A escavação arqueológica realizada na Praça da Figueira entre os anos de 1999 e 2001, motivada pela construção de um parque de estacionamento, revelou a existência de um extenso conjunto de contextos arqueológicos que, até hoje, continuam a ser um recurso na investigação e melhor compreensão da ocupação da cidade de Lisboa (Alves Cardoso, Casimiro, & Assis, 2013; Assis, Alves Cardoso & Casimiro, 2015; Silva, 2005; 2012a; 2012b; 2018a; 2018b).

Foi neste mesmo lugar que se erigiu, a partir de 1492 (ano de lançamento da primeira pedra por D. João II) o Hospital Real de Todos-os-Santos, hospital de renome, e onde, previamente, se localizavam as hortas do Convento de S. Domingos da Cidade. No espaço sepulcral em estudo foram exumados sete indivíduos num contexto estratigraficamente anterior ao do HRTS, ou seja, datado dos finais da Idade Média, sem, no entanto, existir espólio material associado às sepulturas que forneça uma datação mais específica. Deste modo, o autor pretende, através da análise contextual do espaço (na qual se inclui a análise bioantropológica, assim como da estratigrafia e da historiografia existente) procurar uma datação específica para os contextos, de forma a poder contribuir para o conhecimento da utilização do espaço em período medieval e da sua inserção no contexto urbanístico de Lisboa.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Medieval; Arqueologia Funerária; Arqueologia Conventual; Lisboa; Necrópole;

THE LATE MEDIEVAL NECROPOLIS OF PRAÇA DA FIGUEIRA: A CASE STUDY OF A FUNERARY CONTEXT IN A CONVENTUAL CONTEXT

SÉRGIO MIGUEL FERREIRA PEDROSO

ABSTRACT

The archaeological excavation carried out in Praça da Figueira between 1999 and 2001, with the purpose of building an underground car parking, revealed the existence of an extensive set of archaeological contexts that, to this day, continue to be a resource in the investigation and better understanding of the occupation of the city of Lisbon (Alves Cardoso, Casimiro, & Assis, 2013; Assis, Alves Cardoso & Casimiro, 2015; Silva, 2005; 2012a; 2012b; 2018a; 2018b).

It was in the area of the vegetable gardens of the Dominican Convento de S. Domingos da Cidade that the Royal Hospital of All Saints was built from 1492 onwards, the first stone have been laid out by King João II himself on the 30th of May. The burial ground under study was identified in a stratigraphic context prior to the Royal Hospital, therefore dating from very Late Middle Ages. Seven individuals were exhumed, however without associated finds that would provide a sharp chronology. Thus, the author intends through the contextual analysis of the space (which includes the bio-anthropological analysis, as well as the stratigraphy and the existing historiography) to search for a specific dating for the contexts, in order to contribute to the knowledge of the use of the space in the medieval period and its insertion in the urban context of Lisbon.

KEYWORDS: Medieval Archaeology; Funerary Archaeology; Conventual Archaeology; Lisbon; Necropolis;

Lista de Abreviaturas

CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia

ENP – Elementos não Plásticos

Frag. - Fragmentos

GTTRL – Gabinete Técnico do Teatro Romano de Lisboa

HRTS – Hospital Real de Todos os Santos

Ind. – Indivíduo

IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico

IPPC – Instituto Português do Património Cultural

LABOH – Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia Humana

PF00 – Praça da Figueira, ano de intervenção 2000

Quad. – Quadricula

Sep. – Sepultura

U.E. – Unidade Estratigráfica

Ø – Diâmetro

P.C. – Perfil Completo

NMI – Número Mínimo de Indivíduos

NMxI – Número Máximo de Indivíduos

cm – Centímetros

mm – Milímetros

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva, não só pelo apoio e instrução fornecida ao longo dos últimos dois anos, mas também pelas palavras amigas nos momentos em que me encontrava em maior dúvida quanto à minha escolha.

À Professora Doutora Francisca Alves-Cardoso, quero agradecer pela orientação na leitura bioantropológica da amostra osteológica que, sem o seu apoio, não teria sido possível. À Silvia Casimiro pelas palavras e pelo apoio ao longo de todo este percurso, pelas dúvidas esclarecidas e as perguntas idiotas que, por vezes, nem resposta mereciam! Ao André Bargão e à Sara Ferreira pelas ajudas no estudo tipológico do espólio cerâmico.

À Inês Costa, ao Afonso Leão, à Inês Belém, à Natacha Rodrigues, à Márcia Marques, ao Rafael Santiago pelas chamadas de longa duração, pelas perguntas e pelas brincadeiras que partilhamos, pelo apoio que me deram, quando necessitava e pelas palavras de apreço.

Aos meus pais e irmãos pelo apoio incondicional que me proporcionaram quando escolhi enveredar por este caminho.

Ao Frederico Silva, não só pelas chamadas e pelo apoio emocional que me facilitou ao longo de todo este percurso, mas também pela paciência e por me ouvir enquanto relia esta dissertação.

A todos os meus colegas, tanto do meu percurso académico como profissional, que me apoiaram e ajudaram ao longo dos últimos anos, por me terem esclarecido todas as dúvidas imagináveis e pelas brincadeiras e palhaçadas que tanto alento me traziam.

A todos os que conheci ao longo deste caminho, que muitas dúvidas desfizeram e muitas ajudas proporcionaram. Aqui sem nome, mas que terão sempre destaque nas minhas lembranças destes anos.

A todos vós, um muitíssimo obrigado.

1. Introdução

A análise dos quotidianos da morte, das relações entre os mortos e os vivos, assim como a sua localização no contexto urbano evolutivo durante o período medieval é uma temática já com alguma abrangência a nível académico. A presente dissertação tenta contribuir para este mesmo estudo, explorando os contextos da Arqueologia e da Bioantropologia presentes no espaço funerário associado às Antigas Hortas do Convento de São Domingos da Cidade.

A Morte é, através das suas muitas facetas, vista como algo intangível, um conceito abstrato que representa a etapa final da vida. Devido a esta permanência e presença definitiva deste acontecimento, desde cedo se sucedeu uma ritualização desta conceção (Kovács, 2003, p. 13). Autores como Schramm (2002) e Volk (2002), acreditam que a morte é uma característica ontológica dos sistemas vivos, fazendo parte de um processo irreversível onde se inclui os conceitos de nascer e crescer. E que, este acontecimento, teoriza o autor, possibilita o nascimento de um outro ser. Desta forma, a Vida e a Morte são apenas duas faces inseparáveis da experiência humana, embora em si distinguíveis.

Outros autores como, Ariés (1974), tentam explicar a evolução ou, antes, mudanças da visão do que é a morte ao longo dos vários séculos. Deste modo, este autor explica como a existe uma conceção diferente do que é morrer, começando por explicar um conceito: “*tamed death*”, ou seja, a previsão da própria morte e a suposição (transcrita em fontes históricas) da sua aceitação pelo moribundo (Ariés, 1974, p. 3 - 7). Menciona ainda a passagem do *Dia do Julgamento Final*, e a sua transformação a partir do século XII, alterando-se do dia em que Cristo retornaria e levaria consigo para o Paraíso todos os crentes, para o dia em que se realizaria o último julgamento, em que os puros seriam separados dos pecadores, e os últimos seriam torturados nas chamas do purgatório (Ariés, 1974, p. 29 - 39).

Entre os séculos XVI e XVIII, o autor fala sobre a alteração da perceção da morte como uma entidade pressentida apenas no final da vida, cujo toque servia de aviso, para uma entidade possessiva, gananciosa, muitas vezes associada ao erotismo através da literatura e da arte (Ariés, 1974, p. 55 – 57).

As práticas funerárias testemunhadas na documentação e demonstradas através da arqueologia são a representação visual e concreta destes acontecimentos e da maneira de

lidar com este por parte dos vivos, uma vez que, estes rituais são orquestrados pelos que permanecem e não pelos fenecidos. Assim, pode-se concluir que os rituais associados à morte e à passagem da vida para o Além são, não mais do que reflexões do mundo dos vivos, das suas crenças e do círculo social em que o morto se inseria em vida, que se demonstra pelas tipologias de enterro praticadas, desde a forma de deposição ao espólio funerário escolhido para acompanhar o morto; a orientação e posições dos indivíduos e aos cuidados envolvidos na preparação do corpo.

Através destes rituais e da sua análise, pode ser recolhida informação, não só sobre o morto, mas também da sociedade em que este se inseria, sendo reflexo das relações que os indivíduos tinham em vida, de possíveis hierarquias existentes dentro da comunidade, expressões de ideologias e crenças, assim como de aspetos espirituais/ religiosos das sociedades (Alexandre-Bidon, 1993, p. 109 – 206; Treffort, 1993, p. 67 – 82; Pearson, 1999, p. 5 – 16).

O espólio funerário associado aos defuntos é representativo da cultura e das suas ideologias religiosas (Volk, 2002). Um exemplo é o espólio funerário recuperado na Necrópole Noroeste de *Olisipo*, localizada no mesmo local em estudo, onde se encontraram moedas, potes em cerâmica comum, alfinetes, inscrições, assim como estruturas arquitetónicas funerárias que remetem para a mentalidade fúnebre característica do período em que se inserem, monumentalizada, do mesmo modo que o momento de desmontagem das superestruturas respetivas demonstra a etapa final da utilização do espaço enquanto necrópole e as alterações do pensamento existente no século V d.C. (Silva, 2005, p. 38 - 58), estando possivelmente relacionado com a adoção do cristianismo como a religião principal do Império Romano, em detrimento do pensamento religioso pagão politeísta observável anteriormente, que ditava não só a subserviência a um único Deus, e a consequente cristianização do espaço urbano lisboeta (Ariés, 1974, p. 46 – 47; Silva, 2005, p. 56).

Lisboa apresenta-se como uma cidade com uma enorme vastidão de vestígios a nível arqueológico, histórico e antropológico, assim como nos seus processos de alteração urbanística, destacando-se certas alterações a nível estrutural da cidade nos períodos romano e medieval. No primeiro, o foco habitacional situa-se em torno da colina do Castelo de São Jorge que, devido à sua localização geográfica, permitia o controlo de toda a área circundante e de acesso do Tejo, um dos maiores rios da Península Ibérica e dos seus afluentes e, consequentemente, do comércio marítimo com a cidade, assim como domínio

sobre todo o acesso ao interior do território (Pimenta, 2005, p. 19; Vieira, 2011, p. 40 – 41).

O estuário do rio Tejo, um verdadeiro ponto de contacto entre o Mediterrâneo e o Oceano Atlântico, tratava-se de uma importante via de comunicação com o interior, ponto de chegada de bens materiais e matérias-primas, além da sua riqueza em recursos piscatórios. Estes aspetos fizeram com que o porto de *Olisipo* se afirmasse como um importante ponto em toda a fachada atlântica, condicionando o seu crescimento ao longo da história como uma importante cidade portuária (Pimenta, 2005, p. 20; Ribeiro, 2010, p. 3 – 4).

No período medieval cristão registam-se algumas alterações a nível morfológico do espaço urbano, dando-se um crescimento da área habitacional para o exterior da antiga Cerca Moura, no sentido de Alfama e na direção da atual Baixa da cidade, que radica em antecedentes muçulmanos. Nota-se nestes momentos a construção de artérias-vias de comunicação que marcariam a estrutura da cidade medieval, nomeadamente a Rua Nova e a Rua Nova D'El Rei, que trariam um foco socioeconómico para a área junto ao Rio Tejo, possibilitando um aumento e maior controle da área do porto de Lisboa e das atividades marítimas relacionadas, particularmente trocas comerciais, pesca e construção naval (Rosa, 2020, p. 32; Silva, 2006, p. 40 – 42).

É neste local de grande afluência populacional, junto ao Rossio de Lisboa que, se localizam os contextos arqueológicos e antropológicos explorados ao longo desta dissertação. O contexto arqueológico analisado foi identificado durante os trabalhos de escavação arqueológica realizados durante o decorrer dos anos 1999 – 2001, na Praça da Figueira, Lisboa, cujo objetivo se relacionava com a salvaguarda dos elementos a afetar pela construção de um parque de estacionamento subterrâneo. Neste foram identificados vestígios arqueológicos datáveis da Idade do Bronze, do período de ocupação romana (séculos I a.C. – V d.C.), de dominação islâmica (séculos XI-XII), da Baixa Idade Média e Época Moderna (séculos XIII-XVIII).

Este estudo, no entanto, incide apenas sobre o momento de utilização Baixo Medieval do espaço, correspondendo à utilização do mesmo enquanto necrópole. A datação destes contextos funerários foi realizada tendo em consideração as sequências estratigráficas associadas ao contexto, no sentido da sua inserção em relação a acontecimentos históricos datáveis (nomeadamente, a reestruturação da área levada a cabo no âmbito da construção do Hospital Real), a cultura material associada (ver capítulo 6.),

no qual é analisado o espólio cerâmico presente no contexto, assim como os elementos osteológicos humanos), bem como o gesto funerário aplicado (tipologias de enterro, formas de inumação e orientação dos indivíduos).

É neste ponto de interseção entre a antropologia biológica e o estudo arqueológico que surge a disciplina da Arqueotanatologia, que consiste no recolher de observações referentes ao modo de deposição dos cadáveres e as alterações tafonómicas que afetam os restos osteológicos, tendo como objetivo principal reconstruir o ambiente funerário e o gesto funerário que caracterizou a deposição (Duday *et al.*, 1990; Duday, 2006).

Deste modo, todo o processo de escavação dos sepultamentos deve ser registado no momento da sua exposição. Neste processo, enquadram-se as características do solo, ou seja, a acidez e humidade, e as alterações sofridas ao osso que sugerem informação sobre o esqueleto antes e após a sua deposição denominadas como “alterações tafonómicas” (Duday & Masset, 1987; Duday *et al.*, 1990; Duday, 2006; 2010).

Neste sentido, o enterramento trata duas vertentes que necessitam de avaliação: o esqueleto e a morte (Signoli, 2008, p. 1), no qual se podem incluir não só a arquitetura associada aos enterramentos, mas também toda a informação social que a sepultura fornece através do espólio artefactual depositado com os cadáveres (Duday & Masset, 1987; Duday *et al.*, 1990; Duday, 2006; 2010).

Deste modo, esta dissertação encontra-se subdividida em sete grandes capítulos, iniciando-se pela presente introdução (Capítulo 1). O seguinte capítulo (2), trata as metodologias postas em prática ao longo do estudo realizado, assim como se expõe os grandes focos de incidência desta dissertação, ou seja, os objetivos sobre os quais esta se regeu. O terceiro capítulo corresponde à exposição bibliográfica existente relativa aos tópicos que incidem sobre o presente trabalho, nomeadamente questões da evolução urbanística da cidade de Lisboa em período medieval, as informações históricas existentes relativas ao espaço das Hortas do Convento de São Domingos da Cidade durante o seu período de utilização, assim como do próprio estudo da arqueologia funerária em contextos medievais no espaço português e europeu.

O quarto capítulo apresenta-se como uma exposição informativa relativa aos dados existentes não só sobre a Lisboa Medieval, as questões da sua evolução urbanística, da Ordem dos Pregadores e a ocupação territorial destes quanto à implantação de edifícios religiosos, mas também especificamente relacionados com o arqueossítio, sendo expostos

aqui os diferentes trabalhos arqueológicos realizados ao longo do século XX e início do século XXI. De seguida, o quinto capítulo aborda as questões contextuais do sítio, expondo a realidade arqueológica deste espaço funerário, apresentando, descritivamente, as variadas sepulturas existentes, assim como a sua relação com variadas outras estruturas presentes neste contexto.

O seguinte capítulo (6), diz respeito à análise das evidências arqueológicas e antropológicas encontradas, sendo correspondente à análise do espólio cerâmico (subdividido em várias categorias de utilização), assim como a realização do perfil biológico dos Elementos Osteológicos Humanos e descrição do perfil patológico, de acordo com Busom (2017). A discussão corresponde a outro capítulo (7), cujo objetivo é o debate sobre as diferentes hipóteses propostas que pretendem atentar uma resposta para a localização deste contexto funerário tendo em consideração as evidências históricas, em comparação com outros contextos arqueológicos coevos em território nacional, assim como especificamente na cidade de Lisboa, bem como uma análise mais aprofundada dos gestos funerários praticados neste arqueossítio comparativamente com outros localizados no espaço urbano lisboeta que remontem a cronologias análogas à proposta para este contexto.

O último grande capítulo trata os anexos a esta dissertação, entre eles figuras ilustrativas das informações expostas, tabelas de inventário, estampas do espólio arqueológico, assim como figuras/esquemáticos dos elementos biológicos humanos, cujo objetivo compreende a melhor exposição e compreensão dos dados arqueológicos e antropológicos deste caso de estudo.

2. Objetivos e Metodologia

Para a realização desta dissertação propõem-se a análise da necrópole baixo medievá exumada na Praça da Figueira durante os trabalhos realizados entre 1999-2001, no que teriam sido, entre os séculos XIII-XV, as Hortas do Convento de São Domingos da Cidade. Deste modo, pretende-se realizar a investigação sobre o contexto das oito sepulturas postas a descoberto, através das informações estratigráficas existentes, assim como, a sua relação espacial com as estruturas religiosas presentes na documentação histórica e no registo arqueológico; Realizar a análise dos artefactos associados à sequência estratigráfica, no sentido de datar o contexto; proceder a uma abordagem biológica preliminar (onde se insere a realização do perfil biológico – diagnose sexual, estimativa de idade à morte, estimativa de estatura e alterações de natureza patológica), de modo a obter uma leitura integrada, arqueológica e bioantropológica, e produzir uma leitura história do espaço funerário.

As informações contextuais relativas ao espaço funerário baseiam-se nos registos de campo efetuados durante as campanhas de trabalhos arqueológicos realizados entre 1999-2001, tanto descritivos e gráficos como estratigráficos, sendo considerados os aspetos relacionados com a organização da zona sepulcral, o tipo de inumação praticado, modo de deposição, orientação e tipologia de sepulturas.

De maneira a demonstrar o conhecimento existente relativo ao espaço arqueológico em estudo com foco no tema proposto, realizou-se a publicação de artigo onde se expõe algumas das realidades presentes (Pedroso *et al.*, 2020), fazendo-se referência a contextos funerários baixo-medievais na área da Grande Lisboa que pudessem servir comparativamente e, se possível, como paralelos contextuais para o caso presente, como serve de exemplo a necrópole associada ao adro da Igreja de São Domingos, publicada por Dias Diogo (Diogo & Trindade, 2000; Trindade *et al.*, 2001; Júlio, 2021).

No que toca a análise estratigráfica, será utilizada a metodologia exposta por Harris, no sentido de organizar as Unidades Estratigráficas (U.E.), de modo a facilitar a melhor compreensão da realidade arqueológica em conjunto com a leitura da quadrícula (Barker, 1989; Harris, 1991), assim como a sua organização em tabela com as respetivas descrições e relações estratigráficas (Anexo VI, Tabela 16; Anexo I, Figuras 51 – 53), de forma a expor a informação da forma mais lógica possível.

Quanto ao espólio artefactual foi necessária a criação de inventário para a análise do mesmo. Iniciou-se, antes da criação de inventário, pela separação do material deste contexto do restante material associado aos trabalhos arqueológicos realizados na Praça da Figueira, passando-se a um momento de triagem e lavagem das peças a catalogar. De seguida, realizou-se uma separação do espólio em termos de categorias, ou seja, cerâmica, fauna e lítico, sendo posterior separação realizada no processo de inventariação. Deste modo, o catálogo realizado na plataforma Microsoft Excel, organiza-se segundo os seguintes parâmetros:

- Uma primeira coluna onde se insere a identificação dada à peça, de forma a poder compreender e organizar a proveniência do espólio, organizada como [Sítio Arqueológico com o ano de escavação do contexto / quadricula / unidade estratigráfica / número de peça];
- Duas colunas identificáveis como sector e sondagem que correspondem à área de localização dos materiais;
- Unidade Estratigráfica (U.E.): indicação da entidade do registo de onde provém o material;
- Designação: consiste em identificar qual a categoria de material (cerâmica, fauna, lítico), assim como fazer a distinção entre os vários tipos de cerâmica, neste caso, cerâmica comum, cerâmica de construção;
- Número de fragmentos: onde se insere o número de fragmentos existentes, de forma a poder controlar a existência de vários fragmentos que constituam a mesma peça;
- Forma: Identificação da forma da Peça inventariada;
- Porção: Identificação da porção da peça a que corresponde – Bordo, fundo, asa ou parede;
- Diâmetro de Bordo ($\emptyset$), em milímetros (mm);
- Diâmetro de Fundo ($\emptyset$), em milímetros (mm);
- Espessura da peça, em milímetros (mm);
- Técnica de Fabrico de Pastas; caracterização dos elementos não-plásticos (ENP) existentes quanto à sua densidade, dimensão e tipo, incluindo-se

também o tipo de cozedura (Redutora, Oxidante, Redutora-Oxidante e Oxidante-Redutora);

- Tipo de Pasta: Numeração atribuída às variadas categorias de pastas atribuídas pelo autor;
- Decoração: identificação ou descrição sumária do tipo de decoração na superfície dos fragmentos de peças cerâmicas;
- Cronologia: baseando-se nas várias características da peça atentar atribuir uma cronologia específica para o seu uso;
- Observações: neste ponto, são inseridos os aspetos caracterizantes dos fragmentos, ou seja, marcas de fogo e eventuais características que sejam distinguíveis;
- Desenho: identificação sobre se a peça se encontra, ou não, desenhada;
- Fotografia: identificação se a peça se encontra, ou não, fotografada.

De seguida, para a classificação dos fragmentos cerâmicos, realizou-se uma recolha bibliográfica de trabalhos publicados com cronologias análogas àquelas em estudo, incidindo sobretudo sobre a sua matéria-prima, análise formal e decoração presente.

O Número Mínimo de Indivíduos (NMI) e o Número Máximo de Indivíduos (NMxI) foi obtido através da contagem dos fragmentos artefactuais classificados como bordos, fundos e asas (Vince, 1977, p. 63). No primeiro, contaram-se todos os bordos e fundos que não aparentassem pertencer à mesma peça, correspondendo cada duas asas a uma peça; no segundo, contabilizaram-se todos os fragmentos como sendo uma peça individual, desde que não exista colagem entre os fragmentos (Orton, 1982, p. 1). Tratou-se ainda a análise das matérias-primas e da tecnologia empregues no fabrico cerâmico, macroscopicamente, com o objetivo da categorização dos diferentes fragmentos em várias tipologias cujo objetivo se trata de organizar os elementos cerâmicos (Orton, Tyers & Vince, 1993, p. 67 – 75; 132 – 151).

O desenho arqueológico segue a metodologia explícita na monografia de Madeira (2013), *O Desenho Arqueológico*, tendo sido primeiramente desenhado em folha de papel milimétrico à escala 1:1, sendo posteriormente convertidos para formato digital através das plataformas de vectorização *Adobe Illustrator* e *CorelDRAW Graphic Suite 2021*.

Deve ser mencionado que o desenho arqueológico realizado apenas recaiu sobre o espólio arqueológico caracterizado como fundo e/ou bordo, ou peças que apresentem uma cronologia díspar da presente no contexto, assim como paredes cuja tipologia tenha sido identificada (como no caso das panelas), ou se apresentar uma funcionalidade única dentro do contexto.

A amostra osteológica associada a este contexto já foi alvo de estudo prévio por Busom (2017), sendo os resultados deste utilizados como referência com os dados obtidos na análise bioantropológica realizada pelo autor no desenvolvimento da atual dissertação¹.

Antes de explorar as questões das metodologias aplicadas na realização da presente análise, devem ser mencionados os seus entraves e/ ou limitações. Em primeiro lugar, a dimensão da amostra é um fator que tem grande influência nos resultados obtidos. Dependendo da dimensão da amostra, os dados podem ser representativos da população contemporânea à mesma. No caso presente, devido à reduzida dimensão da amostra, os resultados não podem ser considerados como representativos da população.

Por outro lado, a escolha metodológica é também influenciada pela aplicabilidade dos métodos, ou seja, a existência de duas variantes de metodologia (métodos métricos e métodos visuais) condiciona a obtenção de dados. Neste sentido, métodos visuais ou baseados em componentes observados pelo investigador, podem ser sujeitos a um fenómeno descrito como “erro do observador”. Isto é, a possibilidade de resultados discordantes entre dois investigadores que observem uma mesma amostra osteológica, devido à utilização de propostas metodológicas que se baseiam na atribuição de classificações fundamentadas na observação dos variados componentes osteológicos por parte do investigador, como serve de exemplo a abertura da grande chanfradura ciática ou os indicadores cranianos (White & Folkens, 2005, p. 391; Haas, Buikstra & Ubelaker, 1994, p. 18).

¹ A análise do material osteológico realizou-se no LABOH/ARQUEOLAB (Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia Humana) do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), partilhado com a área da Arqueologia da NOVA-FCSH, localizado no polo universitário da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Para a recolha dos dados utilizados na construção do perfil biológico da amostra, foi utilizada como referência uma base de dados fornecida pela Doutora Professora Francisca Alves Cardoso, estando incluídas nesta: a identificação do esqueleto e local de recolha; a diagnose sexual e idade à morte, os dados osteométricos, assim como, relativamente à dentição, as medidas dos diâmetros bucolingual e mesiodistal dos dentes incisivos, caninos e molares, diferenciados consoante a sua lateralidade e locação (Anexo III, Tabelas 8 – 15).

Realizou-se, deste modo, a análise do perfil biológico, entre os quais, a Estimativa de Idade à Morte, Diagnose Sexual e Estimativa de Estatura, fazendo uso de métodos amplamente utilizados, com foco na análise morfológica dos vários elementos osteológicos e níveis de desenvolvimento e maturação óssea. Do mesmo modo, atentou-se uma análise das alterações de natureza patológica presentes nos elementos biológicos humanos, tendo sido o registo fotográfico do perfil patológico realizado com recurso a câmara fotográfica *Canon 2000D* com objetiva *Canon EF-S IS II 18-55 mm*.

Primeiramente, deve ser mencionado que devido às variações dimórficas a classificação dos indicadores cranianos e dos *coxae* pode ser contrário nos resultados. Isto encontra-se relacionado com as diferenças de desenvolvimento associado a cada indivíduo, uma vez que o dimorfismo sexual só se desenvolve durante a adolescência. Isto é, os vários parâmetros distintivos entre sexos são mais fiéis em indivíduos cuja maturação óssea já se encontre concluída (Haas, Buisktra & Ubelaker, 1994, p. 16; White, Black & Folkens, 2011, p. 380). Tendo isto em consideração, os indivíduos considerados como “infante” e “criança” não foram avaliados quanto à diagnose sexual, já que o dimorfismo sexual é ainda pouco caracterizado (Lewis & Watts, 2016; Lewis, 2018). Apesar disto, as metodologias existentes para a verificação deste parâmetro têm ainda uma margem de erro significativa em termos de diagnóstico (Brickley, 2004, p. 23). Deste modo, dos indivíduos não-adultos, apenas os indivíduos caracterizados como “adolescentes” foram considerados na realização da diagnose sexual.

Neste sentido, o estudo da diagnose sexual baseou-se na observação da dimensão e/ou protuberância dos indicadores dimórficos do crânio, nomeadamente, processo mastoide, margem supraorbital, arcada supraorbital, eminência mental e crista nugal (sempre que presentes/ visíveis) segundo as classificações indicadas na figura abaixo (Haas, Buisktra & Ubelaker, 1994, p. 20; White & Folkens, 2005, p. 390 - 392) (Figura 1). Observou-se também os *coxae* com este mesmo objetivo, uma vez que são mais fiáveis

na apresentação de dados relativos à diagnose sexual. Consequentemente, examinou-se a abertura da grande chanfradura ciática (Figura 2), assim como a púbis, especificamente o Ramo Inferior Púbico, caracterizado pela sua espessura, sendo que uma maior espessura é indicativa do sexo masculino, e menor do sexo feminino (Bruzek, 2002, p. 160 - 163; Haas, Buikstra & Ubelaker, 1994, p. 17 – 19; Phenice, 1969, p. 299 - 300).

De maneira a consolidar os dados obtidos referentes à diagnose sexual de cada indivíduo, realizou-se uma análise das dimensões osteométricas dos elementos osteológicos dos membros inferiores e membros superiores, isto é, as medições do fêmur direito e esquerdo, úmero direito e esquerdo, talus e calcâneo, segundo as propostas metodológicas propostas por Wasterlain (2000) e Silva (1995), sempre que estes se encontrassem presentes, inteiros e não apresentassem alterações a nível patológico ou tafonómico que pudessem invalidar os resultados obtidos (Anexo II, Tabela 7).

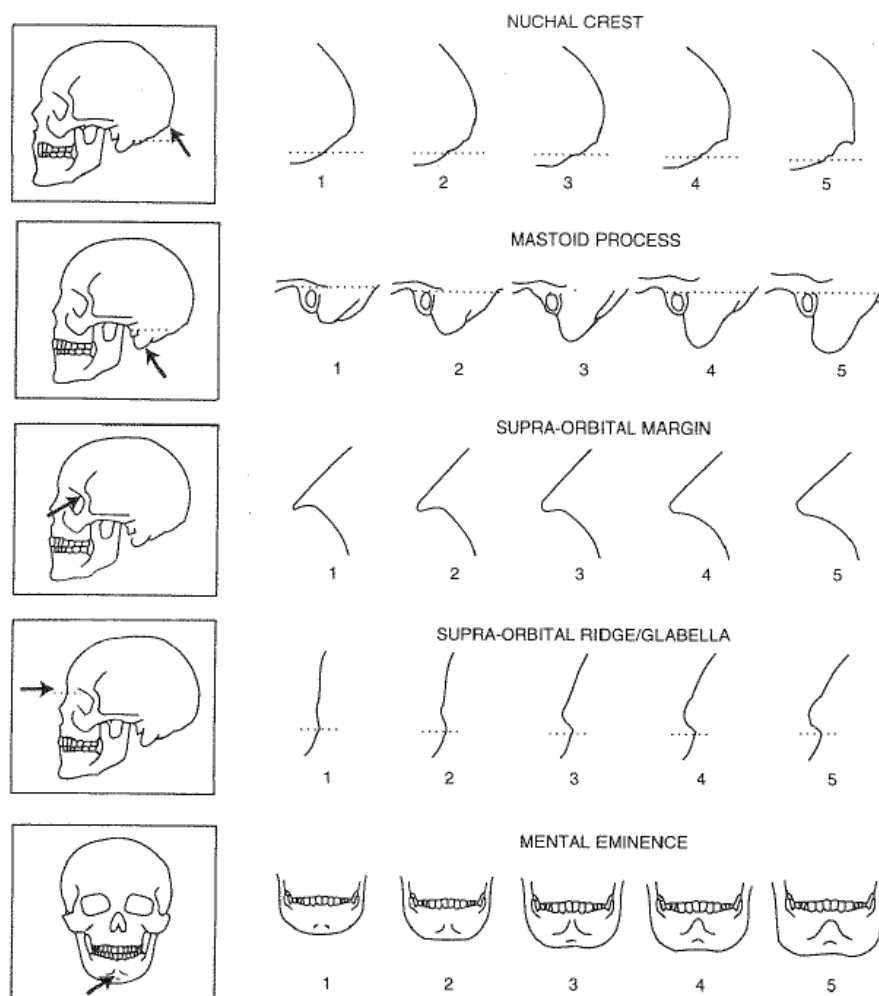


Figura 1 - Classificação dos Indicadores dimórficos cranianos (White & Folkens, 2005, p. 391)

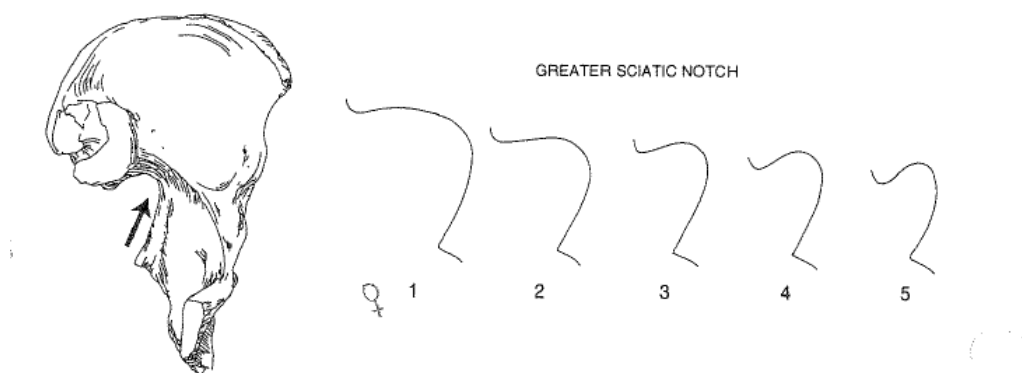


Figura 2 - Classificação da abertura da Grande Chanfradura Ciática (Haas, Buikstra & Ubelaker, 1994, p. 18)

Quanto à Estimativa de Idade à Morte, foi observada a fusão das epífises com as diáfises dos ossos longos, a fusão dos anéis vertebrais e vértebras do sacro (S1-S5) e a fusão da epífise medial da clavícula quando presentes e visíveis. Para além disto, notou-se também as alterações relacionadas com a idade na sínfise púbica, classificada entre “fase 1” e “fase 10”, tendo cada fase um intervalo etário atribuível, assim como o método de Suchey-Brooks, classificável entre “fase 1” e “fase 6” (Figura 3 e 4), (Haas, Buikstra & Ubelaker, 1994, p. 22 – 23; Adserias-Garriga & Wilson-Taylor, 2019). Quanto aos indivíduos classificados enquanto “não-adultos”, serão utilizadas as medições dos ossos longos, tendo como referência as propostas metodológicas de Maresh (1970), Schaefer (2008), Fazekas & Kósa (1978), assim como será observado o desenvolvimento dentário de cada indivíduo, a erupção dos dentes decíduos ou permanentes e o seu nível de formação (coroa e raízes) (Shaefer, Black & Scheuer, 2009).

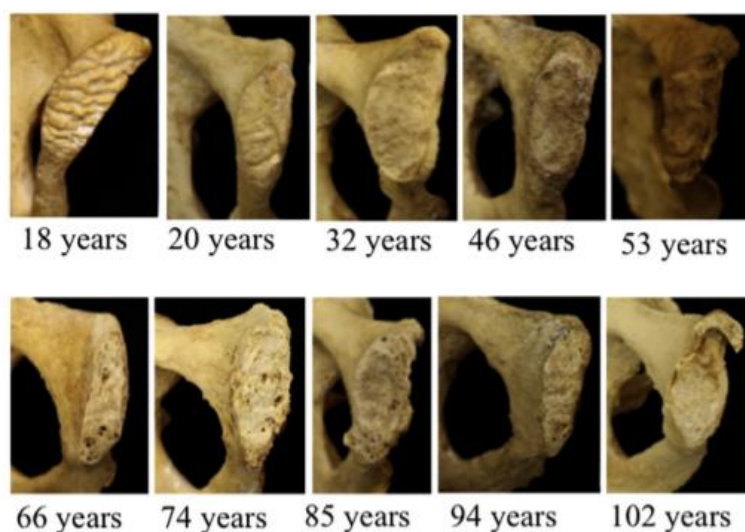


Figura 3 - Alterações relacionadas com a idade na sínfise púbica (Adserias-Garriga & Wilson-Taylor, 2019, p. 58)



Figura 4 - Alterações relacionadas com a idade na superfície auricular (Adserias-Garriga & Wilson-Taylor, 2019, p. 59)

Neste sentido, será atribuída uma classificação quantitativa, para além de uma classificação qualitativa, na apresentação dos dados relativos à Idade à Morte, baseada nos parâmetros expostos anteriormente, sendo então classificados como “Infante”, “Criança” e “Adolescente”, “Adulto Jovem” e “Adulto” sendo respetivamente, nascimento aos 3 anos de idade, 3 – 12 anos de idade, 12 aos 20 anos de idade, 20 – 35 anos de idade e superior a 35 anos de idade (Buikstra & Ubelaker, 1994)². A escolha destes intervalos cronológicos baseia-se nos dados demográficos³ existentes para o período medieval, sendo que, na cronologia associada ao espaço funerário, ser-se-ia considerado legalmente adulto a partir dos 20 anos, já que se poderia contribuir de forma económica e reprodutiva para a sociedade (Oliveira, 2004, p. 30; 2006, p. 1; Silva, 2020).

² A escolha dos 20 anos como limite para a classificação de “adolescente” prende-se ao desenvolvimento do esqueleto, já que esta idade marca a finalização da fusão de grande maioria dos elementos osteológicos, com exceção da extremidade distal da clavícula e das vértebras sacrais (Black & Scheuer, 1996; Scheuer & Black, 2004).

³ Os dados demográficos parecem apontar para a existência de seis divisões etárias existentes durante o período medieval: *infantia*, referindo-se ao espaço cronológico entre o nascimento e os seis anos de idade; *pueritia*, correspondendo às idades entre os seis e quatorze anos; *adolescentia*, entre os quatorze e vinte anos de idade; *Juventus*, que trata todas as pessoas até aos quarenta anos de idade; *senectus*, até aos 60 anos de idade; e, por fim, *senium*, ou seja, pessoas que atinjam idades superiores aos sessenta anos de idade (Oliveira, 2004, p. 30; 2006, p. 1)

Deve ser mencionado que a esperança média de vida era relativamente baixa em período medieval, sendo que as mulheres viveriam, na grande maioria dos casos, até cerca de trinta anos de idade, devido às dificuldades associadas a partos consecutivos e os homens até aos cinquenta, sendo por vezes registados casos de indivíduos que faleceram após os setenta anos de idade (Cruz, 2011, p. 111 – 112). No entanto, segundo a divisão etária proposta por D. Dinis, os setenta seriam a etapa considerada como o alvorecer da vida, apesar de ser raro atingir esta idade, principalmente em meio habitacional urbano devido ao risco acrescido de pestilência que advém de grandes espaços populacionais (Oliveira, 2004, p. 30; Oliveira, 2006, p. 1; Marques, 1971, p. 269).

A Estimativa de Estatura realizou-se com base nas medições retiradas com recurso a tábua osteométrica aos ossos longos, sempre que existentes, desde que estivessem presentes na sua totalidade e não apresentassem patologias que pudessem alterar os resultados obtidos (Mendonça, 2000). Deste modo, serão utilizadas as dimensões do Fémur esquerdo, de modo a obter uma medida de estimativa de estatura para cada Indivíduo. Em caso de fragmentação ou alterações patológicas do fémur esquerdo que invalide a sua utilização na aplicação da metodologia, será utilizado o fémur direito e/ ou úmero esquerdo/ direito. Na eventualidade de ser impossível a utilização destes elementos osteológicos para a realização da estimativa, serão utilizadas as medições máximas da ulna esquerda, com recurso à metodologia exposta por Trotter (1978). Deste modo, serão utilizadas as propostas metodológicas de Mendonça (2000) e Trotter (1978).

O método tafonómico da Arqueotematologia depende da natureza do contexto, centrado na análise dos restos humanos em contexto funerário arqueológico, procurando explicar as diferenças entre a ação humana e a ação natural no esqueleto e no ritual de enterro (Duday *et al.*, 1990; Duday, 2006; Peyroteo-Stjerna, 2017, p. 448). Deste modo, existem algumas ações a ser definidas quando se aplicar esta metodologia:

- Identificação da natureza da forma de inumação (primário ou secundário, ou seja, local definitivo onde o cadáver é depositado após a morte, ou um processo realizado em duas partes em que a decomposição esquelética se realiza num determinado local e é posteriormente recolocada noutro local);
- Descrição do espaço de decomposição do cadáver (colmatado ou em espaço aberto, revelado pela localização e preservação de alguns elementos ósseos, nomeadamente o abatimento da caixa torácica, rotação do crânio, descaimento da mandíbula, etc.);

- Reconstrução da forma e deposição do cadáver, que pode ser indicativa do gesto ritual praticado na deposição;
- Detecção da presença de elementos perecíveis depositados juntamente com o cadáver que possam ter afetado o corpo durante o processo de decomposição (elementos estruturais; mortalhas, coberturas, etc.);
- Definição dos contextos que contem mais que um indivíduo, no sentido de perceber a existência, ou não, de vários momentos de reutilização e enterramento e do espaço;
- E, identificação de manipulação pós-deposicional do cadáver, afetada pelos agentes animais ou vegetais do solo.

3. Estado da Arte

Manuel Fialho Silva (2017) explicita as transformações da cidade ocorridas desde o período de ocupação muçulmano, passando pela implantação da rede paroquial de Lisboa, na qual menciona a construção do Convento de São Domingos, atribuível provavelmente a Sancho II ou D. Afonso III. Segundo este autor, a implantação do convento na malha urbana seguia o modelo regular de estabelecimento das Ordens Mendicantes nas grandes cidades europeias, ou seja, na periferia da cidade, junto a uma grande via de circulação, normalmente na parte baixa da cidade reutilizando pequenos templos pré-existentes. No entanto, na altura da sua implantação durante o século XIII, as zonas periféricas já se encontravam ocupadas por outras ordens religiosas, o que poderá explicar o porquê da construção numa zona já amplamente assinalada como problemática devido às cheias (Silva, 2017, p. 402 – 403).

O Convento de São Domingos da Cidade, fundado na década de 1240, é o primeiro convento dominicano de Lisboa estabelecendo-se no que hoje é conhecida como Praça da Figueira, localizada na Baixa Lisboa, então Campo da Corredoura⁴ (Alves, 2020, p. 258). Percebeu-se, através dos trabalhos arqueológicos realizados em 1999-2001, neste local, as alterações sofridas ao longo dos seus vários momentos de ocupação, sendo que no século XIII existe uma clara utilização do espaço com funcionalidade agrícola (Silva, 2018b, p. 553).

A localização do Convento de São Domingos junto ao Rossio, conectado ao Rio Tejo pela Rua Nova e pela Rua Nova D'El Rei, mandadas construir durante os reinados de D. Dinis e D. João I, respetivamente, garantia que este espaço clerical se elevasse como um marco no espaço público, situando-se num dos eixos vitais de comunicação terrestre da cidade medieval que ainda permanece até aos dias de hoje (Silva, 2006, p. 40 – 41).

O arqueossítio da Praça da Figueira já foi alvo de várias dissertações académicas focadas nos diferentes períodos de ocupação ao longo da sua extensa utilização. No entanto, a do período medieval permanece a menos estudada, existindo poucos artigos que mencionam a ocupação das Hortas do Convento de São Domingos em concreto (Pedroso *et al.*, 2020; Silva, 2018b; Silva, 2019, p. 267 – 283; Lourinho, 1971, p. 121 –

⁴ Ver: <https://digitalq.arquivos.pt/details?id=1457992>

123; 1972, p. 33). Conhece-se, no entanto, em grande profundidade a utilização do espaço enquanto necrópole durante o Período Romano, nomeadamente através de inúmeras publicações (Fernandes, 2007; Ribeiro, 2010; Silva, 2005; 2012; 2018a; Silva, Filipe & Almeida, 2016; Vieira, 2011), assim como referente à ocupação do período moderno, época durante a qual se ergueria no local o Hospital Real de Todos-os-Santos (Bargão, 2015; Bargão & Ferreira, 2016; Bargão, Ferreira & Silva, 2021; Barradas & Silva, 2017; Boavida, 2017; Silva, 2005; 2011; 2012; 2018a; 2018b; Silva & Lourenço, 2019), não só do ponto de vista arqueológico, mas também através de estudos da bioantropologia (Alves Cardoso, Casimiro & Assis, 2013; Assis, Casimiro & Alves-Cardoso, 2015; Casimiro, Silva & Alves-Cardoso, 2017).

Rodrigo Banha da Silva (2005; 2012a; 2012b; 2018a; 2018b) explicita as variadas ocupações ocorridas no passado na área da Praça da Figueira, focando-se maioritariamente no período de utilização romano através da Necrópole Noroeste de *Olisipo*, abordando, no entanto, em parte o período de ocupação medieval do espaço. Pedroso *et al.* (2020), no artigo explicitam, resumidamente, a ocupação medieval do local através da exposição da sua utilização enquanto espaço funerário. No entanto, relativamente ao espaço cumulativo das Hortas, as referências documentais são escassas existindo apenas duas alusões: a primeira refere-se à construção do escambo efetuado por D. Manuel em 1502⁵, e a segunda à descrição das condições de salubridade de terreno, sendo mencionada a ereção de um muro pertencente à cerca conventual (Pedroso *et al.*, 2020, p. 1706; Sousa & Cacegas, 1767, p. 315 – 318).

Silva, Gomes & Gomes (2011), Mira (2019), assim como Silva (2012b), abordam as cronologias de ocupação islâmica do arqueossítio, através da exposição dos quarteirões correspondentes a um bairro islâmico da cidade.

Relativamente à temática da Arqueologia Conventual, o qual não pode ser ignorado na exploração e realização desta dissertação, Marado (2018) e Alves (2020), surgem como autores relevantes neste campo, tendo ambos realizado autênticos compêndios de edifícios religiosos (leia-se Igrejas, Mosteiros, Conventos e Ermitérios)

⁵ Carta de D. Manuel sobre a doação por escambo da cerca do Convento de S. Domingos, 22 Agosto 1502. ANTT, *Registo de Escrituras do reinado de D. Manuel I*, Liv. 1134, fl. 1-2v. [Arquivo Nacional Torre do Tombo].

no território português, a primeira especificamente entre os séculos XIII e XV, e o segundo entre 1147 e 1495.

Os primeiros artigos relativos a trabalhos arqueológicos em espaço conventual surgem no século XIX. No entanto, é apenas após a segunda metade do século XX que se começa a assistir a uma sistematização do estudo destes monumentos no território português, sendo que apenas nas décadas de 1970 e 1980 surgem metodologias e abordagens teóricas mais concisas, assim como novas abordagens mais abrangentes aos resultados através do pensamento pós-processualista no meio arqueológico (Gomes, 2012, p. 39).

No contexto português, percebe-se um aumento de publicações a partir da mudança de centúria. Por outro lado, a grande maioria dos trabalhos arqueológicos encontra-se relacionado com a implementação de grandes obras públicas e privadas, que pretendem aplicar uma doutrina integrada e multidisciplinar de intervenção. Neste sentido, o Programa de Intervenção em Conjuntos Monásticos, desenvolvido pelo IPPAR, no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio (III QCA), impulsionou grandes intervenções entre os anos de 2001 a 2006. Contavam-se, entre os sítios intervencionados, o Mosteiro de Vilar de Frades, o Mosteiro de Tibães, o Convento de Cristo, e o Mosteiro da Batalha, com o objetivo de requalificar estes edifícios com propósito da sua musealização para efeito turístico, preservando, no entanto, os elementos que o qualificam como «*exemplos patrimoniais “clássicos”*» ou «*“pesos-pesados” arquitectónicos (...), aqueles mesmo que ajudaram a forjar o próprio conceito de património desde a segunda metade do século XIX*» (Calado, Pereira & Leite, 2002, p. 5 – 6).

Relativamente à investigação da temática da morte e das práticas funerárias, Ariés (1974) apresenta-se como uma obra de referência através do estudo das mentalidades medievais. São de referir ainda as monografias de Huizinga (1919) e Kantorowicz (1957) que surgem como estudos relevantes para a historiografia medieval do Ocidente, ainda que não necessariamente relacionados com a historiografia da morte. Apesar disto, o primeiro, foi um dos primeiros a considerar a forma como a morte era pensada e concebida, afirmando que a morte nunca tivera tanta relevância no pensamento humano como na Idade Média, apontando para uma crescente noção de *memento mori* no pensamento comum (Huizinga, 1919, p. 104). O segundo, aborda a questão do monarca como um ente com dois corpos, o corpo natural e o corpo jurídico ou místico, sendo este

último utilizado para legitimar o poder absolutista dos monarcas, baseando-se, em parte, na liturgia de Cristo, em que este pode ser representado como um homem ou como um Rei entre os Homens (Kantorowicz, 1957, p. 196; Lima, 2018, p. 571 – 572; Herrero, 2015, p. 1171 – 1172).

Quanto à análise do espólio cerâmico, Amaro (1992), Amaro *et al.* (2012), Cardoso & Rodrigues (1991), Catarino (2003), Fernandes & Carvalho (1995), Gaspar & Amaro (1997), Gomes *et al.* (2005), Sabrosa & Santos (1992), assim como Torres, Gómez & Ferreira (2003), são publicações fundamentais que abordam o material cerâmico datável à Baixa Idade Média, essenciais para a identificação de morfologias e tipologias formais do espólio cerâmico presente no conjunto artefactual.

Diogo & Trindade (2000) e Diogo, Trindade & Lopes (2001) surgem como autores relevantes para o estudo de caso deste local através da publicação de um espaço funerário que se encontra nas proximidades do caso presente, no adro da Igreja de São Domingos, apresentando semelhanças na antropologia e arqueologia funerária aplicada. No mesmo sentido, Antunes, Cardoso & Santos (2013) oferecem uma análise, ainda que pouco aprofundado, de uma necrópole cujo momento de utilização corresponde ao período medieval, mantendo-se em utilização durante o período moderno, que apresenta tipologias semelhantes nos mesmos parâmetros em Arruda dos Vinhos. No mesmo sentido Nunes (2010), na dissertação da sua autoria, surge como um compêndio de informação relativamente aos espaços funerários lisboetas datáveis entre os séculos XII – XV.

4. Enquadramento

4.1. Enquadramento Histórico

O período entre 1050 e 1250 trata-se de um momento de grande dinamismo social, não só pelo aumento demográfico e pela utilização de novos recursos, mas também a súbita expansão da cristandade feudal e monárquica em grande parte do espaço territorial europeu resultou num momento de grande exaltação intelectual, ficando posteriormente conhecido como o “*Renascimento do século XII*” ou “*Renascimento Medieval*” (Trevor-Roper, 1966, p. 138 – 139; Mattoso, 1995, p. 24 – 25).

Este movimento de cariz político-religioso, interclassista, e com impacto em todos os níveis societários, é o resultado de várias tensões entre as instituições monárquicas e religiosas, que culmina no século XI, num conflito político entre os leigos e o clero, em que o papado requeria novas exigências: que em todos os assuntos de cariz religioso e/ou espiritual, o clero tivesse superioridade sobre o laicado; e, que, a Igreja, como força política, se tratava de uma monarquia e o Papa, consequentemente, do seu monarca (Trevor-Roper, 1966, p. 139 – 141). Deste modo, gera-se um momento de descontentamento geral, em que o clero procurava denunciar o domínio leigo dos barões bárbaros e estes, por sua vez, procuravam alternativas que tornavam desatualizadas estas malsinações. Isto resultou num novo movimento do laicado, com chefes eclesiásticos, que procuravam ensinar de forma deambulatória, ignorando, na sua totalidade, as escolas monásticas e episcopais existentes (Trevor-Roper, 1966, p. 141).

Os séculos XI-XII são caracterizados fundamentalmente como momentos de expansão progressista a nível religioso do cristianismo ocidental, algo que se evidencia pelo aumento populacional que cria um despertar da vida urbana e provoca um ponto alto de dinamismo social e religioso (Fr. Medina Escudero, 2018, p. 61).

No ano de 1075, Gregório VII publica o *Dictatus Papae*, cujo principal objetivo era a reforma de um corpo clerical degenerado por um domínio feudal e corrompido pelos pecados mortais da carne que pretendia que a Igreja regressasse a uma prática semelhante à dos apóstolos e seus sucessores, provocando um movimento dentro do corpo religioso de práticas de vivências mais austeras e de pobreza. Era também promulgado o poder de coroar e depor monarcas, unicamente possuído pelo Papa, Chefe Supremo e absoluto da Igreja, assim como o celibato e pretendia combater a simonia, ou seja, a venda de favores divinos em troca de valores materiais (Rust, 2013, p. 68), retirando os poderes máximos

da subserviência ao poder temporal, atribuindo-lhe a sua autonomia como poder espiritual (Salles, 2011, p. 211 – 212; Schiavinato, 2010, p. 25).

É neste contexto de crescimento espiritual e fundação das universidades que surgem, no século XIII, as ordens mendicantes como resposta aos problemas sociais afetos ao período, em que frades, monges e monjas adotam um estilo de vida apostólico e ambulante, atraindo seguidores, transformando-se o ideal evangélico num jeito de denúncia da hierarquia clerical (Fr. Medina Escudero, 2018, p. 61 - 62). Convencidos que o estilo de vida praticado era o mais correto segundo os cânones do Novo Testamento, os frades mendicantes acreditavam que a vida eclesial que não correspondia à norma imposta, devia ser combatida. É esta inflexibilidade moral, que atrai mais seguidores. Deste modo, através da negação dos sacramentos, do culto aos santos, do purgatório, a fácil aceitação de ideias dualistas que levam a uma visão negativa de bens materiais transformam estas comunidades em alvos antagônicos do tradicional Cristianismo Romano. Isto culmina na criação de um nicho dentro da hierarquia religiosa, conduzindo à origem de dois grupos: clérigos e monges, que praticavam e mantinham os votos a tempo inteiro; e aqueles que não renunciavam à debilidade do espírito (os leigos), a quem era permitido casar, cultivar as terras, depositar oferendas nos altares, pagar o dízimo, entre outros, como concessões à sua debilidade espiritual (Fr. Medina Escudero, 2018, p. 62 – 62).

É neste ponto que surge uma quebra no significado do ideal do cristianismo, no sentido em que, neste momento, a “vida apostólica” não era apenas praticada pelos membros clericais (leia-se frades, monges, monjas e ermitas), mas devia ser praticada por toda a comunidade cristã, tendo todos que se comprometer como Cristo e os apóstolos de Cristo. Para responder a esta nova visão e pensamento pastoral, surge a Ordem Dominicana ou Ordem dos Pregadores (Fr. Medina Escudero, 2018, p. 64; Fontes, Andrade & Rodrigues, 2020, p. 17).

Fundada em Toulouse, na França, por S. Domingos de Gusmão, e aprovada por Inocêncio III em 1215, a Ordem dos Frades Pregadores traz um novo estilo de pensamento já muito necessitado, no sentido em que deixava para trás a visão dualista radical do mundo, em prol de um pensamento mais positivista em que tudo havia sido feito à imagem de Deus e pelas Suas mãos, logo só poderia ser puro. Do mesmo modo, não se reflete na ideologia desta ordem o fenómeno denominado como *fuga mundi*, ou seja, a fuga das comunidades religiosas para alcançar a santidade, o que se reflete na localização

dos conventos desta Ordem que, por norma, se situam junto a centros habitacionais de grandes dimensões. Por outro lado, surge também uma nova conceção de ordem e dos acontecimentos, sendo que Deus planeou tudo e tudo vai de acordo com os planos d'Ele, o que resulta num afastamento do pensamento religioso e abre azo a um novo estilo de evangelização, aquele que se entrega e serve humildemente a comunidade eclesial e humana (Fr. Medina Escudero, 2018, p. 64).

Pensa-se que a Ordem dos Frades Pregadores terá chegado a Portugal por Frei Soeiro Gomes (Alves, 2020, p. 257) entre os anos de 1220-1222, num período de crise para o país, durante o reinado de D. Afonso III devido às invasões almóadas, espaçadas entre 1190 e 1250, assim como de crise monárquica devido à guerra civil entre D. Afonso II e as suas irmãs D. Teresa, D. Sancha e D. Mafalda (Antunes, Oliveira & Monteiro, 1984, p. 47 – 56), assim como, com a divisão dos poderes e apoios feudais entre D. Afonso III e D. Sancho II (encontrando-se este em conflito com as hostes religiosas devido às medidas e regras impostas durante o seu reinado), tendo culminado na coroação do primeiro após o exílio e morte do segundo (Antunes, Oliveira & Monteiro, 1984, p. 103 – 122; Santos, 2018, p. 13 – 14; Ferreira & Dias, 2016, p. 30).

Inicialmente dependentes da Província de Espanha, após a subdivisão desta em sete vicários, os frades da Ordem de São Domingos, ficaram agregados sob o vicariato de Portugal, tendo em 1418 sido realizada a oficial separação providencial de Espanha, com o apoio de D. João I, pelo Papa Martinho V, através da bula papal *Sacrae Religionis*. Fundaram-se então, na Província de Portugal entre 1220 e 1418, entre doze e treze conventos seguidores desta regra, dos quais quatro se situavam em Lisboa: o Convento de São Domingos da Cidade, em 1241; o Convento do Salvador, entre 1391-1392; o Convento de São Domingos de Benfica, fundado em 1399, assim como o Convento de Santa Maria de Chelas, em Chelas, de regra dominicana, mas de prática feminina⁶ (Santos, 2018, p. 14 – 16).

⁶ Deste convento não restam evidências de pertença à Ordem, tendo sido, no entanto, mencionado por Frei Luís de Sousa como um dos mosteiros de fundação por iniciativa dos pregadores portugueses, submetendo-se, em 1234, à Regra de Santo Agostinho, tendo mantido pelo menos até 1290 proximidade com os dominicanos (Santos, 2019, p. 15). Apesar disto, chegam até nós evidências da doação por parte de D. Afonso II de um edifício e ermida em Chelas à Ordem dos Pregadores que culmina com a criação do

Apesar da promulgação feita por Inocêncio III em 1215, no ano de 1221 o Papa Honório III aprova um propósito para todas as comunidades dominicanas sendo, no entanto, apenas no ano de 1285 oficialmente atribuído estatuto jurídico às *Domus Praedicationis* que seguiam a regra de S. Domingos. Entre 1286 e 1439, ver-se-á o surgimento de várias regras aprovadas por diferentes papados que estilizam uma fundação mais sólida para os frades se regerem (Fr. Medina Escudero, 2018, p. 71).

Estas, no entanto, eram semelhantes às regras impostas pelo próprio cristianismo apostólico romano, no sentido em que os frades deveriam jurar fidelidade à ordem através de recitação de um ofício, manter as regras severas de abstinência, encontrando-se todas as regras orientadas para o apostolado. Existia, todavia, uma regra que se destacava como novidade no pensamento religioso do século XIII: os leigos que já haviam constituído matrimónio, que desejassem entrar na Ordem deveriam ter a anuência pública dos seus cônjuges. Ou seja, o voto matrimonial perdia, nestes casos, o seu valor como obstáculo à entrada na Ordem (Fr. Medina Escudero, 2018, p. 72 – 73).

No caso português, a notória prosperidade da cidade islâmica de Lisboa desde cedo que se tornou objeto de interesse por parte da comunidade cristã que se instalara no Norte do país (Barbosa, 2001, p. 85). A sua importante localização junto ao estuário do Tejo, para além do seu papel como fonte de fornecimento alimentar à comunidade, também se tornava uma mais-valia de um ponto de vista estratégico (Branco, 2001, p. 219), algo já evidenciado ao longo de vários séculos (Pimenta, 2005, p. 20; Ribeiro, 2010, p. 3 – 4).

As forças cristãs em território atualmente português rapidamente conquistaram a cidade de Santarém, obrigando os deslocados desta cidade a refugiarem-se das hostes militares religiosas cristãs em Lisboa. Isto resultou num renovado interesse pela cidade por parte de D. Afonso Henriques, que a conquista em 1147, já tendo sido alvo de outras tentativas anteriores por parte do primeiro monarca português em 1140 e 1142 (Cunha & Ferreira, 1998, p. 25; Branco, 2001, p. 229; Cunha, 2018, p. 36; Silva, 2017). Juntamente com o Arcebispo de Braga, assim como os Bispos do Porto, Coimbra, Viseu e Lamego,

Mosteiro de Religiosas de São Félix (Alves, 2020, p. 258; Fr. Cacegas & Sousa, 1767: parte I, livro I, cap. XII, p. 53-54; cap. XVII, p. 79-80; cap. XX, p. 101-102, p. 114).

elegeram Gilberto de Hastings como Bispo de Lisboa, tratando seguidamente da restauração da diocese na Sé Lisboeta (Nunes, 2010, p. 110; Branco, 2001, p. 223 – 224).

Lisboa conhece um grande desenvolvimento com a fixação da Corte Real em 1256, tendo sido realizado um reforço na sua função enquanto capital do país. Isto leva a um aumento demográfico, despoletando o surgimento de novos núcleos habitacionais nas zonas exteriores da cidade, obrigando à construção, em 1373, da Cerca Fernandina (Cunha, 2018, p. 37).

Experienciava-se, neste momento, uma fase de estabilidade económica, social e política, sendo que a cidade crescia em direção a Sul, Nascente e Poente, ocupando o território mais próximo do estuário do Tejo. O crescimento urbano decorrente do aumento demográfico continuou constante ao longo de todo o século XIV e XV, sendo possível observar, em 1401, o princípio da urbanização da zona alta da cidade, junto à colina do Carmo (Cunha, 2018, p. 37).

No mesmo sentido, o século XV foi um período marcante por toda a Europa, não só pelos motivos expansionistas que marcadamente alteraram e modificaram os conhecimentos geográficos de todo o mundo conhecido, pelos contactos com pessoas e comunidades extraeuropeias, mas também pelos marcantes avanços bélicos dos povos turcos para Ocidente e pelas pestes que devastaram inúmeras zonas do continente europeu. Nota-se um crescimento do Império Turco que, pela mão do Sultão Maomé II (1432-1481), nos finais do século XV já havia conquistado inúmeros centros urbanísticos sobre o domínio cristão (i.e., Salónica em 1430, Nicópolis em 1396, Varna em 1444, Sérvia e Atenas caíram na década de 1450 pela mão dos turcos), tendo no ano de 1480 obtido o controle temporário da cidade de Otranto, localizada em solo italiano, o que colocava em risco a cidade de Roma, epicentro religioso do Ocidente (Aston, 1968, p. 9 - 15).

No entanto, foi no ano de 1453, com a tomada de Constantinopla por parte das forças turcas, que se gerou um movimento geracional de pensamentos humanistas. Isto, por outro lado, obrigou os pregadores cristãos a tomar medidas para controle de ideias neste período, promovendo o reforço ao apoio político contra as forças turcas através do fortalecimento da necessidade das orações religiosas. Para além dos perigos provenientes dos avanços militares por parte do exército turco, também as sombras das epidemias pesavam na consciência da Europa Medieval, relacionadas com a Peste de 1347-1350,

comumente conhecida como “Peste Negra” que devastou o continente (Aston, 1968, p. 15 – 20).

Este século foi, marcadamente, um momento de grandes alterações a nível socioeconómico na Europa, existindo referências a *Senhores-mendigos* e *Cavaleiros-ladrões* como modo de ilustração das grandes modificações e problemas monetários e transformações da vida e do *status quo* nesta centúria (Aston, 1968, p. 23 – 24). Foi também, noutro sentido, um momento de grandes variações a nível mental e do conhecimento e passagem de informação. Se pela Igreja se encontravam as respostas, foi neste período que, pela voz do Leigo, se começaram a questionar os dogmas religiosos e os moralismos e ideais arcaicos transmitidos pelo corpo clerical. Denotam-se grandes alterações a nível literário e, mesmo por parte de membros da elite religiosa, se começa a questionar a decadência de Roma e das grandes cortes religiosas, o que levou a pensamentos revolucionários e ao surgimento de grandes avanços na Filosofia (Aston, 1968, p. 89 – 125). Assim como na conceção da religião por parte dos leigos em abnegação dos valores monásticos de realização de votos, mas em prol da veneração de Deus privadamente sem, necessariamente, terminar o contacto do indivíduo com o mundo secular. Surge como exemplo a *Devotio Moderna*, ou os Irmãos e Irmãs da Sorte Comum, localizados nos Países Baixos, que pregavam exatamente estes ensinamentos, sendo constituídos por uma comunidade de leigos e clérigos que congregavam em devoção comum, ligados pelos seus objetivos e atividades, não distintos pelas suas vestes ou votos, partilhando rendimentos e despesas (Aston, 1968, p. 167 – 170).

No caso português, o desenvolvimento e retorno a tempos mais prósperos é mais complicado que noutros países, sendo um país bastante afetado pelas várias vagas de pestilência sofridas no século XV. Lisboa, no entanto, permanece um ponto fulcral na geografia europeia devido à sua importância no expansionismo português, assim como nas trocas de comércio provenientes das novas terras conhecidas, mas também pela sua importância na passagem de informação, tão valiosa neste período (Lopes, 2016, p. 102).

4.2. Breve Resumo das Alterações Urbanísticas da Cidade de Lisboa em Período Medieval

A cidade medieval é, para alguns autores, o modelo urbanístico que dá azo ao nascimento das cidades atuais, criando um ponto de diacronia entre as cidades medievais e as cidades antigas, algo que se deve, talvez, às ilustrações pintadas das primeiras como

algo negro e irregular, sem qualquer projeto construtivo continuo ao longo de todo o espaço urbano, em comparação com as segundas, caracterizadas como belas e regulares, com ruas bem pavimentadas e uma malha urbana organizada (Silva, 2006, p. 37 - 38).

Após a conquista da cidade por D. Afonso Henriques, nota-se um crescimento da mesma para o exterior das muralhas implantadas durante a ocupação muçulmana da cidade, por um lado em direção a Alfama, e por outro em direção à Baixa de Lisboa. Seria aqui que, mais tarde, seria construído o primeiro convento da Ordem de São Francisco, tão importante no contexto social da cidade que esta passaria a ser chamada como a “Cidade de S. Francisco”, devido à sua localização junto ao Rio Tejo que traria para as suas proximidades a presença dos mercadores e artífices (Silva, 2006, p. 39).

A primeira grande remodelação da malha urbana lisboeta tem início no decorrer do reinado de D. Dinis (1261 - 1325) através da abertura da Rua Nova, paralela ao Rio, que atravessava a cidade orientada a Poente, assim como a construção das Tercenas Reais e Estaleiros nas proximidades da escarpa de S. Francisco. A segunda, dar-se-á durante o reinado de D. João I (1357 - 1433), que manda construir a Nova Rua D’El Rei, perpendicular ao Rio Tejo, trazendo alguma ordem ao caos que se tornara a Cidade medieval através da construção do Rossio de Lisboa (Figura 5), (Silva, 2006, p. 39 – 40).

2017, p. 57), tendo sido neste ponto inicial que terá sido fundado, em 1242⁷, o Convento de São Domingos da Cidade (Figura 6). Existem três hipóteses para a escolha da localização de construção dos monumentos paroquiais e que, consequentemente, podem responder à rápida evolução e propagação da rede paroquial lisboeta, a primeira será a ereção destas num local que não teria nenhuma afiliação prévia religiosa; a segunda propõe a instalação das paróquias em locais de utilização prévia como igrejas moçárabes, ativas durante o período de ocupação muçulmano; e a terceira hipótese sugere o reaproveitamento de sítios de culto muçulmanos transformados em igrejas de culto cristão (Silva, 2017, p. 62).



Figura 6 - As Freguesias de Lisboa (segundo José Vargas), com indicação a vermelho da localização do Mosteiro de São Domingos (Silva, 2017, p. 61)

⁷ No ano de 1241, é passada a licença pelo Deão e Cabido de Lisboa para que os religiosos da Ordem dos Pregadores pudessem erigir um convento em Lisboa, tendo as obras desse mesmo convento começado em 1242 e terminado no ano de 1259 (<http://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/ficha.aspx?t=i&id=677&lang=pt>).

É provável que as três hipóteses expostas possam ter ocorrido em simultâneo na Lisboa do século XII, transformando-se as igrejas moçárabes para igrejas cristãs, alterações culturais derivantes da conquista da cidade em 1147 (incluindo-se a troca de hagiónimos dos monumentos religiosos, de forma a afastar as influências moçárabes do templo), assim como se deu ao processo de conversão de mesquitas em espaços de culto cristão (Silva, 2017, p. 67).

Estas alterações morfológicas da cidade medieval, trouxeram ao que viria a ser a Baixa de Lisboa uma gradual importância socioeconómica devido a sua localização junto ao Rio Tejo o que potenciou o crescimento comercial da área relacionado com a pesca e, com o comércio marítimo e de exportação, assim como construção naval (Rosa, 2020, p. 32). Assim, o Convento de São Domingos da Cidade, localizado junto ao Rossio (Figura 7), tornava-se cada vez mais relevante devido à sua proximidade a esta área de extrema movimentação populacional (França, 2008, p. 72; Salgueiro, 2013, p. 48).

O espaço cumulativo das Hortas de São Domingos, no entanto, é pouco referenciado, sabendo-se da sua doação por D. Afonso III, tendo sido, mais tarde, reaproveitados os seus terrenos para a construção do Hospital Real de Todos-Os-Santos, já na transição do período medieval para moderno, em 1492 (Barradas, 2017, p. 10).

No período de transição entre a utilização medieval e moderna da área, vivia-se um momento de alta precaridade sanitária, algo que D. Manuel I tentou contrariar através da implementação de medidas e sanções, alterando os locais de despejo de lixo (criando lixeiras junto às zonas amuralhadas desocupadas), assim como obras de canalização e fiscalização e restrições à entrada da cidade por via marítima (Bargão, 2015, p. 2). Deste modo, a criação e construção de grandes unidades hospitalares, como é o caso do Hospital Real, surgiu como resposta para a resolução dos problemas sanitários e de assistência pública. A instalação deste hospital nas antigas hortas do Convento de São Domingos da Cidade revelou-se como uma medida de reforço do poder régio, devido à sua localização junto à Praça do Rossio, um dos grandes centros de comércio da cidade e pelo alto nível de presença de famílias mais abastadas pertencentes à nobreza que ali tinham a sua residência (Bargão, 2015, p. 3).

Após o terramoto de 1755 e consequente incêndio posterior, D. José manda transferir o Hospital Real para o antigo colégio Jesuíta de Santo Antão, tendo o local inicial de implantação da unidade hospital sido demolido e os terrenos circundantes

vendidos enquanto era realizada a trasladação dos pacientes para o antigo edifício jesuíta (Silva & Lourenço, 2019, p. 117 - 118).



Figura 7 – Demarcação a vermelho da área correspondente ao Convento de São Domingos e ao Espaço das Hortas Conventuais na “Carta topographica da cidade de Lisboa reduzida da que foi levantada na escala 1:1000 em 1856 a 1858, sob a direcção do general Filipe Folque, Director Geral dos Trabalhos Geodésicos, publicada em 1871” - Escala 1:10000 de PAIS, Miguel Carlos Correia, 1828-1888 [Lisboa: Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos, 1882]. - 1 planta: preto, branco e vermelho; 51,60x81,10 cm, em folha de 55,20x83,20 cm

4.3. Os Trabalhos Arqueológicos da Praça da Figueira

A cidade de Lisboa trata-se de um exemplo fulcral para o conhecimento arqueológico e é, desde os primórdios da prática arqueológica em Portugal, um local de extrema importância devido à sua relevância como uma das grandes cidades históricas europeias e pelo seu valor socioeconómico enquanto cidade portuária (Silva, 2005, p. 3).

Relativamente às intervenções realizadas em meio urbano, a cidade de Lisboa destaca-se como sendo o local de onde se recolhem o maior número de dados das mais diversas cronologias. Iniciando-se a partir de meados de 1960, com os trabalhos

arqueológicos realizados em torno dos projetos de construção da via de circulação do metropolitano lisboeta e das suas respetivas estações de paragem, esta cidade transforma-se no primeiro grande palco da arqueologia em Portugal (Bugalhão, 2016, p. 45). Apesar disto, apenas a partir de 1980 se começa a notar a realização de uma prática contínua de escavações em zonas urbanas, nomeadamente com os trabalhos arqueológicos realizados entre 1981 – 1982, na Casa dos Bicos (Fabião, 1994). Neste âmbito, desenvolveram-se a partir de meados dos anos 90 do século XX projetos arqueológicos de grande valor, nomeadamente no Teatro Romano de Lisboa e no Castelo de São Jorge (Silva, 2005, p. 2 – 4).

Durante a última década do século XX, as intervenções arqueológicas serviram uma ação reativa, ligada muitas vezes a situações de emergência, sendo na sua grande maioria efetuadas pelas equipas técnicas do Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), Instituto Português do Património Cultural (IPPC), assim como do Gabinete Técnico do Teatro Romano de Lisboa (GTTRL) (Silva, 2005, p. 5). Em contrapartida, após o final da centúria nota-se uma presença cada vez mais predominante da ação de equipas técnicas pertencentes a empresas privadas de arqueologia, transformando a prática arqueológica de uma ação reativa para uma necessidade nos procedimentos de obras em meio urbano, em grande parte devido ao lugar de destaque em que se encontrou nas variadas convenções europeias publicadas desde 1992⁸ (Lemos, 2005, p. 161 – 162).

Do ponto de vista da arqueologia, o espaço da Praça da Figueira é alvo de trabalhos de cariz arqueológico desde a segunda metade do século XX, em 1960 – 1961, sob a direção de Irisalva Moita, no estabelecimento “Irmãos Unidos”, onde, em 1953, como resultado de uma intervenção prévia de remodelação do espaço havia surgido uma

⁸ Das variadas convenções publicadas e assinadas por Portugal, destacam-se: Convenção Europeia para a Protecção do Património Arqueológico (revista) (1992), Convenção Europeia Para a Protecção do Património Arqueológico (Revista) (1997), Carta sobre o Património Construído Vernáculo (1999), Carta de Cracóvia sobre os Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído (2000), Convenção para a Protecção do Património Cultural Subaquático (2002), Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial (2003), Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade (2005), Princípios de La Valeta para a salvaguarda e gestão das populações e áreas urbanas históricas (2011), sendo que todas estas tocam sobre a salvaguarda do património histórico e arqueológico.

porção da escadaria da Igreja do Hospital Real de Todos-os-Santos ainda em considerável bom estado de conservação (Bargão, Silva & Ferreira, 2021, p. 81).

No ano de 1960, Moita realizou trabalhos de escavação arqueológica numa área do Hospital, assim como numa parte do Convento de São Domingos e da capela de Nossa Senhora do Amparo, devido à iminência da construção da rede de Metropolitano Lisboa, nomeadamente da construção do que viria a ser a Estação de metro do Rossio (Bargão, Ferreira & Silva, 2021, p. 83 – 84; Moita, 1993; Silva, 2005, p. 7).

A realização deste trabalho levou a conclusões importantes por parte da investigadora, tendo posto em andamento uma série de iniciativas de maneira a propagar a informação para o público, nomeadamente entrevistas para jornais, rádios e uma reportagem televisiva, no canal R.T.P. na qual se observava a abertura de um túmulo datável à época de fundação do HRTS⁹, assim como a abertura dos taipais da obra para o exterior (Bargão, Ferreira & Silva, 2021).

Apesar dos enormes contributos destes trabalhos realizados no Hospital Real de Todos-os-Santos e estruturas associadas, estes tiveram bastantes limitações metodológicas, não só em termos de registo. Continuando com este tipo de metodologia de acompanhamento arqueológico, em 1961 a investigadora registou uma série de conjuntos artefactuais deste sítio arqueológico, incluindo enterramentos que identificou como sendo de cronologia romana que registou gráfica e fotograficamente (Silva, 2005, p. 5 – 9). Apenas já com a obra em estado avançado de andamento, Irisalva Moita percebeu a importância dos contextos arqueológicos e artefactos prestes a ser destruídos e que se encontravam em risco, sendo até aí realizado o que é descrito parcamente como “acompanhar as obras do metropolitano” (Silva, 2005, p. 7).

Neste momento, a investigadora requereu a autorização para a realização de trabalhos arqueológicos de escavação sistemática da área, que são negados pelo município. No entanto, os trabalhos de obra encontravam-se parados por outras razões. Apesar disto, deu-se o recomeço dos processos afetos à obra em fevereiro do ano seguinte,

⁹ **Rádio e Televisão de Portugal (18 de Setembro de 1960)** - Lisboa, Praça da Figueira, escavações arqueológicas onde se erguia o antigo Hospital de Todos os Santos, sob a direcção de Irisalva Moita, arqueóloga. *Noticiário Nacional*. Arquivos RTP.. [Consult. 15/02/2019]. Disponível na Internet: <http://arquivos.rtp.pt/conteudos/escavacoes-arqueologicas-em-lisboa>

em 1962, e a investigadora foi aconselhada a acompanhar as obras e registar os achados arqueológicos que, porventura surgissem. Isto resultou num registo frugal com várias falhas e, muitas vezes, informação contextual adquirida por via indireta. Nesse mesmo ano, Bandeira Ferreira ficou encarregue da direção dos trabalhos arqueológicos a ser realizados no local, sendo estes nunca publicados no seu total (Silva, 2005, p. 9 – 10). No ano de 1970, Moita retorna ao sítio com o intuito de recolher elementos arquitetónicos e epigráficos da Época Moderna, desenterrados no local de construção do embasamento da estátua equestre de D. João I (Silva, 2012, p. 388).

No final do século XX e inícios do século XXI, realizou-se a última intervenção arqueológica a decorrer nesta praça, de cariz preventivo, resultado de um protocolo celebrado entre a Câmara Municipal de Lisboa, em 1994, para a reabilitação e requalificação do espaço público e envolvente daquela praça com o objetivo de construção de um parque de estacionamento subterrâneo, cujo objetivo era cobrir a crescente necessidade de estacionamento da cidade (Silva, 2005, p. 14).

Esta intervenção foi realizada em três fases entre 1999 – 2001. Em primeiro lugar, foram realizadas sondagens geotécnicas, entre fevereiro e junho de 1999; de seguida, foram acompanhados os trabalhos de construção da estrutura de contenção primária até ao final desse ano, e entre dezembro de 1999 e março de 2001, realizaram-se os trabalhos arqueológicos de escavação da área. As metodologias aplicadas nestes trabalhos seguiam então as seguintes diretrizes, consistiram na implantação de escavação em “open area”, segundo o método de Barker-Harris (Barker, 1993; Harris, 1992), assim como realização de fichas de registo e matrizes de Harris. Foi aplicada a desmontagem de Unidades Estratigráficas (U.E.s) por ordem cronológica, da mais recente para a mais antiga e fazendo o registo planimétrico e dos perfis das U.E.s com importância cronológica mais significativa (Silva, 2005, p. 15 – 16).

Durante a realização destes trabalhos arqueológicos, realizou-se uma malha de georreferenciação de 5x5 m, ordenada alfabética e numericamente de Oeste para Este e Norte para Sul, respetivamente (Figura 8). Apesar de todas as metodologias impostas e de todos os cuidados a ser aplicados, os trabalhos arqueológicos necessitaram de ser adequados às soluções de engenharia escolhidas pelos engenheiros e consultores da autarquia para garantir a segurança da área de escavação e dos trabalhadores, o que resultou numa perda de informação relativa aos períodos medieval islâmico e cristão (Silva, 2005, p. 16).



Figura 8 - Exemplo de malha de referência aplicada durante os trabalhos de escavação arqueológica realizada nos anos de 1999- 2001, referentes Fase I de ocupação da Necrópole Noroeste de *Olisipo* em período Romano, com demarcação da quadricula (C 11) onde se localizava o objeto de estudo (Silva, 2005, p. 39)

Deste modo, foram identificadas nestes trabalhos seis níveis de ocupação, nomeadamente, o Hospital Real de Todos-os-Santos, datado entre o fim do século XV e o XVIII (Bargão, 2015; Bargão & Ferreira, 2016; Bargão, Ferreira & Silva, 2021); o espaço funerário associado às Hortas do Convento de São Domingos da Cidade (Pedroso *et al.*, 2020; Silva, 2018b); uma via e parte de um bairro islâmico, com ocupação entre os séculos XI e XII (Silva, 2011; 2012b; Silva, Gomes & Gomes, 2011); contextos de uma ocupação tardo-romana possivelmente pertencentes a um casal agrícola e quatro indivíduos não adultos sepultados, talvez do século VI; a ocupação romana da Necrópole Noroeste de *Olisipo*, que data entre os século I d.C. e V d. C. (Busom, 2017, p. 12; Silva, 2005, p. 37 – 57; 2018a; 2012a) e um assentamento da Idade do Bronze Final, dos séculos XI-IX a.C. (Silva, 2012).

5. O Contexto Arqueológico e a sua Dinâmica Estratigráfica

O espaço funerário medieval identificado durante a intervenção realizada na Praça da Figueira de 1999-2001 situava-se nas quadrículas C10/11, no ângulo SO da área intervencionada (Figura 9). A utilização deste espaço com uso funerário seria anterior à construção do Hospital Real de Todos-os-Santos, uma vez que se encontrava a uma cota inferior à da fachada deste. Isto indica uma datação anterior a 1492, ano do início da construção do Hospital Real (Marado, 2018, p. 65; Pedroso, *et al.*, 2020, p. 1707).



Figura 9 - Área intervencionada na Praça da Figueira (1999-2001) - localização do espaço funerário (a vermelho) (Pedroso *et al.*, 2020)

Associado ao espaço funerário encontrava-se um muro espesso [7016], construído em alvenaria de argamassa e pedra calcária irregular, ao qual se adossava, a NO, uma cantaria de canto em chanfro. Uma camada composta por pedras de pequena dimensão pode ser associada ao momento da sua instalação e, como as sepulturas se encontravam a uma cota superior a esta, a construção da estrutura tipo muro terá de ser, necessariamente, anterior à utilização do espaço com intuito mortuário (Figuras 10 e 11; Anexo I, Figura 46). Apesar da sua especial grossura, as características tipológicas deste muro são semelhantes às da restante cerca conventual.

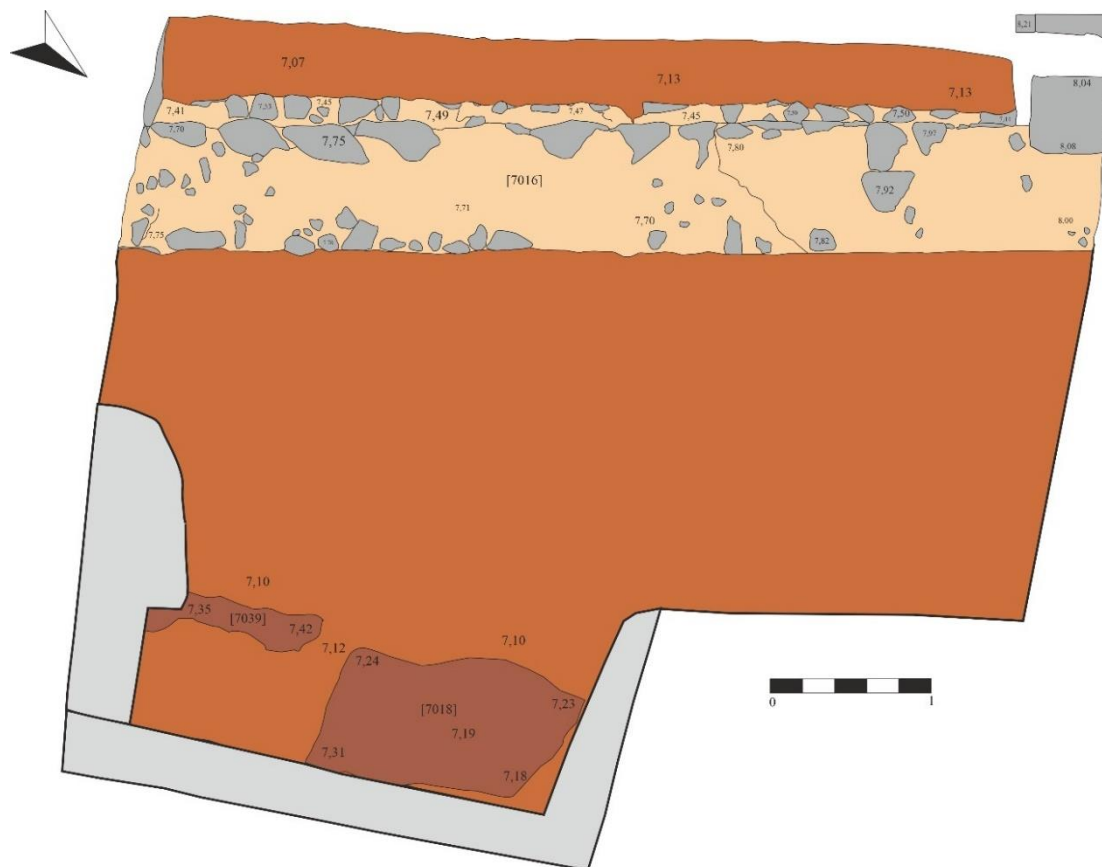


Figura 10 - Plano Geral do Muro [7016]

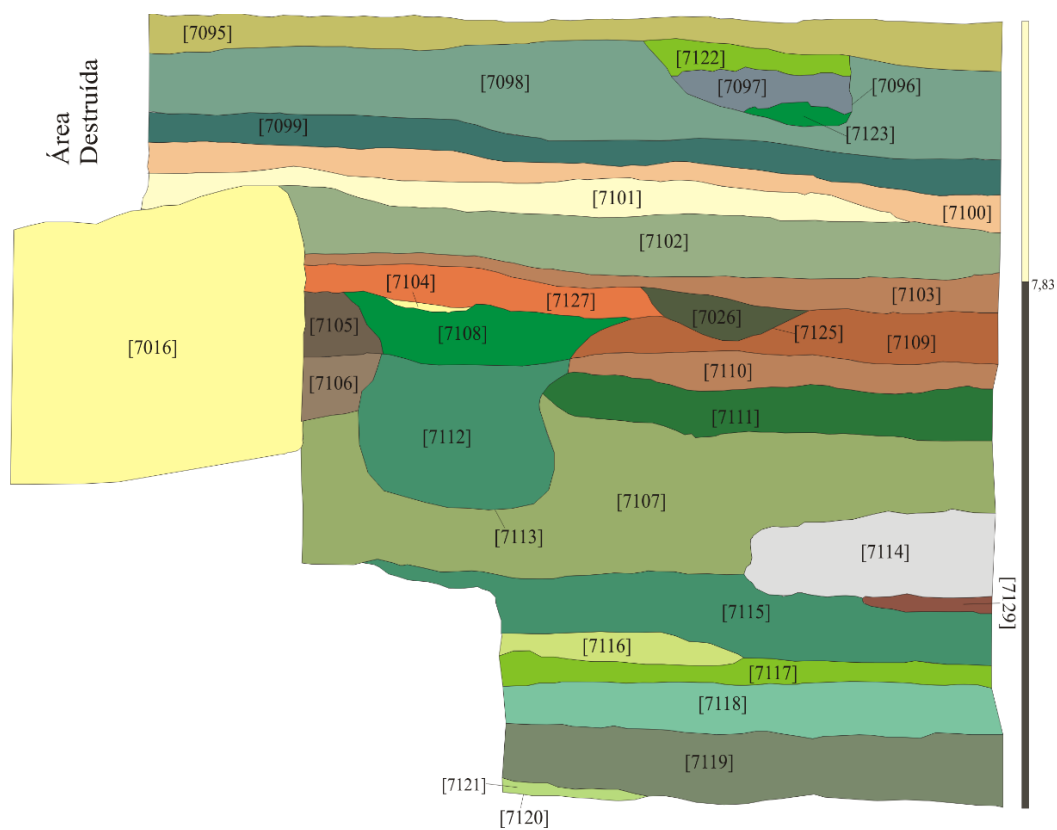


Figura 11 - Perfil Norte de C11 (Pedroso *et al.*, 2020)

O espaço funerário é então composto por oito sepulturas com elementos biológicos humanos em articulação e *in situ*, com exceção de [7021]. Os sepultamentos encontravam-se alinhados, com espaçamentos variáveis, à exceção da sepultura 8 (U.E. [7039]), parcialmente destruída nos trabalhos de obra decorridos entre 1999-2001 devido à construção de uma muralha de contenção em betão armado, que se encontrava localizada a Este dos restantes enterros alinhados paralelamente com a sepultura 1, unidade [7019] (também esta parcialmente destruída, como é ilustrado na figura abaixo), (Figura 12; Anexo I, Figuras 44 – 48).

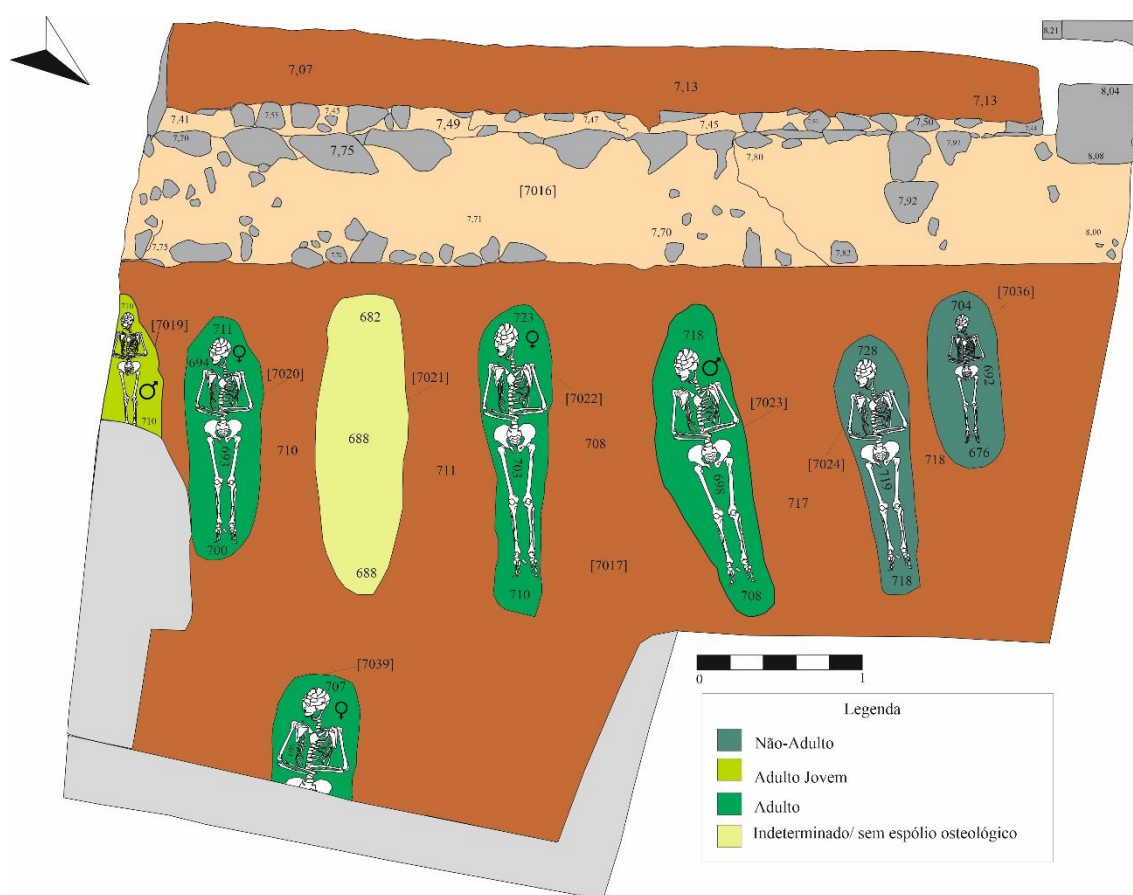


Figura 12 - Plano Geral de C11, Distribuição das sepulturas e indicação do perfil biológico dos Indivíduos, escala 1:20

A Sepultura 1, cujo interface corresponde à U.E. [7019], preenchida pela unidade sedimentar [7029], de tipologia em covacho de forma ovalada e irregular, mostrava 34cm de largura e um comprimento máximo de 86 cm. De uso individual, encontrava-se orientada a Oeste-Este. No seu interior, o indivíduo [7128] encontrava-se inumado em decúbito dorsal com os membros superiores fletidos sobre o tórax e os membros inferiores distendidos e paralelos.

A sepultura 2, cujo interface corresponde a [7020], era preenchida pela U.E. [7030], um sedimento heterogêneo, de coloração verde, arenoso, pouco compacto. Tratava-se de um covacho pouco profundo, de forma ovalada embora irregular, compreendendo uma largura máxima de 50 cm e um comprimento máximo de 150 cm, destinada a um uso individual. Este sepultamento encontrava-se orientado a Oeste-Este, encontrando-se o indivíduo [7025] inumado em decúbito dorsal com os membros superiores fletidos sobre tórax e os membros inferiores distendidos e paralelos.

A sepultura 3, equivalente ao interface [7021], era preenchida pelo sedimento [7031]. Tratava-se de um covacho pouco profundo, de forma ovalada irregular, com uma largura de 60 cm e um comprimento máximo de 152 cm. Este sepultamento encontrava-se orientado a Oeste-Este. Esta surge como um caso deveras interessante, uma vez que os registos gráficos e fotográficos a identificam como encontrando-se vazia de material osteológico. No entanto, durante a análise do material osteológico, em laboratório, surgiram peças marcadas com “PF00 [7021]”, sugerindo uma associação entre estes elementos ósseos e a sepultura (Figura 13). Esta observação é contrária à ausência de espólio conforme ilustração dos registos (Figura 14). É proposta a hipótese deste material corresponder a uma redução óssea, possivelmente com o objetivo de sepultamento de outro indivíduo, que não terá sido realizada; ou ainda serem resultados de uma inumação secundária. Na ausência de registo *in situ*, poderemos também questionar a real proveniência dos elementos osteológicos identificados como PF00 [7021].



Figura 13 – Remanescentes biológicos humanos identificados como pertencentes a [7021]



Figura 14 - Vista geral do espaço funerário (Pedroso *et al.*, 2020), com indicação a vermelho da Sepultura 3, sem espólio bioantropológico identificado “em campo”.

A Sepultura 4 era composta pelo interface [7022] e era preenchida pela U.E. [7032]. Tratava-se de um covacho pouco profundo, de forma ovalada, algo irregular, para uso individual, compreendendo em largura 44 cm e tendo um comprimento máximo de 188 cm. Este sepultamento encontrava-se orientada a Oeste-Este. O indivíduo [7026] encontrava-se inumado em decúbito dorsal com os membros superiores fletidos sobre o tórax e os membros inferiores distendidos e paralelos.

A Sepultura 5 (Anexo I, Figura 50), cujo interface corresponde a [7023] era preenchida pela U.E. [7033]. Tratava-se de um covacho pouco profundo, de forma ovalada e irregular, de uso individual compreendendo em largura 54 cm e tendo comprimento máximo de 190 cm. Este sepultamento encontrava-se orientada a Oeste-Este, tal como o indivíduo [7027] que se encontrava inumado em decúbito dorsal com os membros superiores fletidos sobre o tórax e os membros inferiores distendidos e paralelos.

A Sepultura 6, correspondendo ao Interface [7024] era preenchida pela U.E. [7034]. Tratava-se de um covacho pouco profundo, de forma ovalada irregular, em estilo

antropomórfico de uso individual. Compreendia em largura 46 cm e comprimento 160 cm. Este sepultamento encontrava-se orientada a Oeste-Este. O indivíduo [7028] que se encontrava inumado nesta, estava posicionado em decúbito dorsal com os membros superiores fletidos sobre o tórax e os membros inferiores distendidos e paralelos.

A Sepultura 7 era composta pelo interface [7036] e era preenchida pela U.E. [7037]. Caracterizada como um covacho pouco profundo, de forma ovalada irregular, correspondendo em largura a 40 cm e atingindo um comprimento máximo de 100 cm. Este sepultamento encontrava-se orientada a Oeste-Este, tal como o indivíduo [7038] que se encontrava inumado em decúbito dorsal com os membros superiores fletidos sobre o tórax e os membros inferiores distendidos e paralelos.

A Sepultura 8 (Anexo I, Figura 49) que correspondia ao Interface [7039] que era preenchida pela U.E. [7040], tratava-se de um covacho pouco profundo, de forma ovalada e irregular. Compreendia em largura a 54 cm e em comprimento a 74 cm. Este sepultamento encontrava-se orientada a Oeste-Este, tal como o indivíduo [7041] que se encontrava inumado em decúbito dorsal com os membros superiores fletidos sobre o tórax, tendo sido os membros inferiores deste indivíduo cortados e totalmente destruídos no decorrer dos trabalhos de obra no ano de 1999, no sentido de garantir a segurança dos arqueólogos, antropólogos e trabalhadores durante os trabalhos de escavação arqueológica em processo.

Depreende-se do exposto antes, então, uma grande homogeneidade no que toca à tipologia de enterro posta em prática, existindo uma clara preferência pela prática deste em covachos a pouca profundidade. No mesmo sentido, os sepultamentos encontram-se espaçados de forma quase regular, com exceção da sepultura do indivíduo [7041], que se encontrava desalinhada das restantes. Isto demonstra um planeamento espacial prévio à utilização do espaço enquanto necrópole (Boyle, 2015; Souquet-Leroy, Réveillas & Castex, 2015).

A presença de duas outras sepulturas com elementos biológicos humanos nas quadrículas B6/7 (estes quase integralmente destruídos pelos trabalhos de obra e por outras ações anteriores), numa cota similar à do espaço funerário aqui em estudo, poderá apontar para a utilização desta área como espaço funerário, implicando uma extensão ao longo de 27m nos limites ocidentais da área conventual.

6. O Espólio

6.1. O Espólio Artefactual

O espólio funerário é inexistente neste contexto. No entanto, o material apresentado de seguida, cerâmico, faunístico e lítico, encontra-se associado à U.E. onde as sepulturas se inseriam, tendo sido violada pela abertura dos covais. A falta de material votivo associado aos enterramentos pode estar relacionada com duas hipóteses: a primeira, encontra-se intrinsecamente conectada com o sistema religioso em vigor durante a Idade Média, em que os dogmas sagrados à religião cristã ditavam a deposição dos crentes sem posses materiais, sendo por norma, depostos despidos ou só com sudário de linho (Muiznieks, 2015; Barroca, 1987; Oliveira, 2007); a segunda, colocada mais abertamente e cautelosamente, pode estar relacionada com o *status* socioeconómico dos indivíduos dentro da própria comunidade em que se inseriam em vida (Gilchrist, 2015, p. 380 – 381).

Na sua totalidade, a amostra é composta por 55 elementos artefactuais, que podem ser divididos em cinco grandes categorias (Gráfico 1): cerâmica comum (28), cerâmica comum importada (2), cerâmica de construção (21), fauna (3), lítico (1).

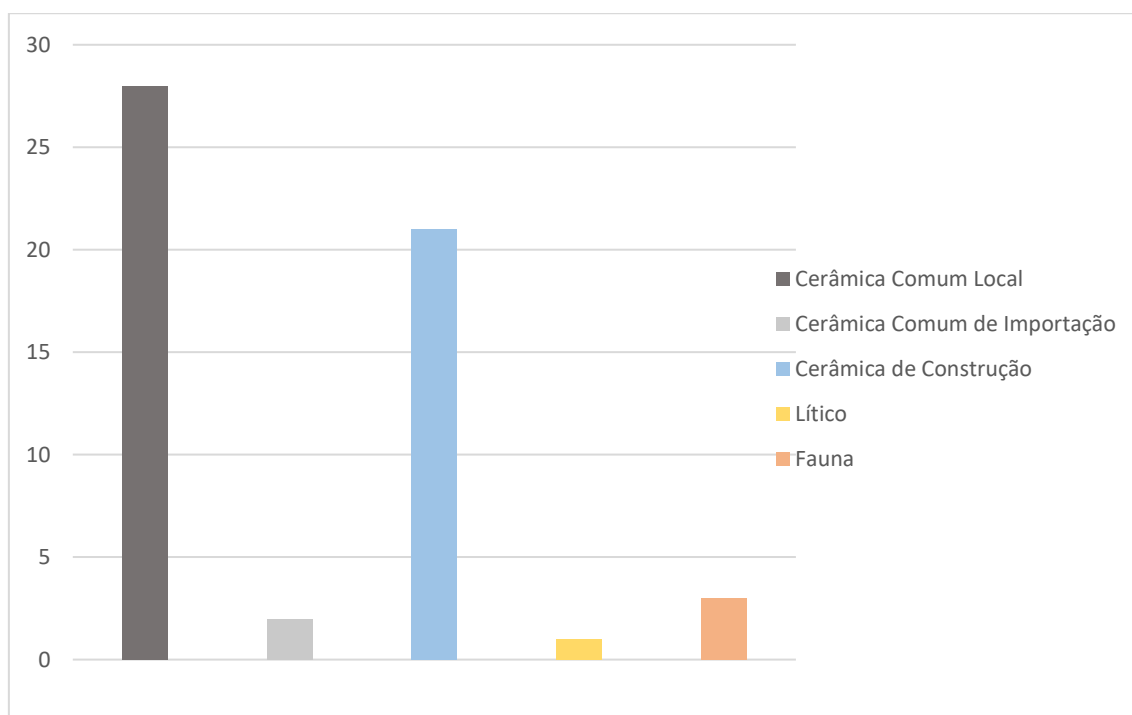


Gráfico 1 – Categorias do Espólio inventariado

O conjunto artefactual analisado é, no entanto, representado apenas por um total de 26 fragmentos, dos quais 59% são paredes (16), 19% correspondem a bordos (5), 11% a fundos (3), 11% a asas (3) (Gráfico 2).

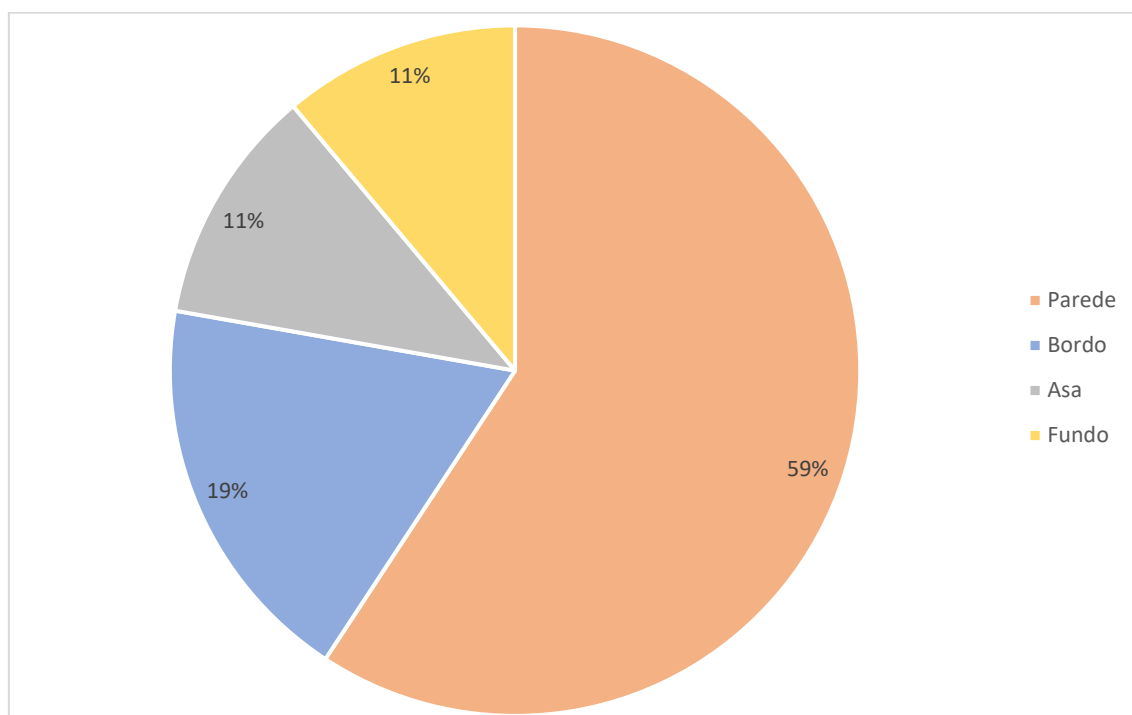


Gráfico 2 - Percentagem por tipologia de fragmento

O número mínimo de indivíduos (NMI) estimado contabilizou 10 indivíduos em cerâmica comum, considerando apenas os bordos, duas asas e fundos. O Número Máximo de Indivíduos (NMxI) corresponde à contabilização de bordos, fundos e as asas, totalizando 11 indivíduos (Tabela 1).

Tabela 1 - O Conjunto Cerâmico, Formas, Número Mínimo de Indivíduos e Número Máximo de Indivíduos

U.E.	P.C.	Bordos	Fundos	Paredes	Asas	Total	Nº Mínimo de indivíduos (NMI)	Nº Máximo de Indivíduos (NMxI)
[7017]	0	5	3	16	3	26	10	11

É possível realizar ainda posterior subdivisão do espólio cerâmico através da sua funcionalidade: utensílios de cozinha (6), recipientes de armazenamento e transporte (4), cerâmica de uso indeterminado (13), recipientes de mesa (5) e cerâmicas de uso lúdico (1), (Gráfico 3).

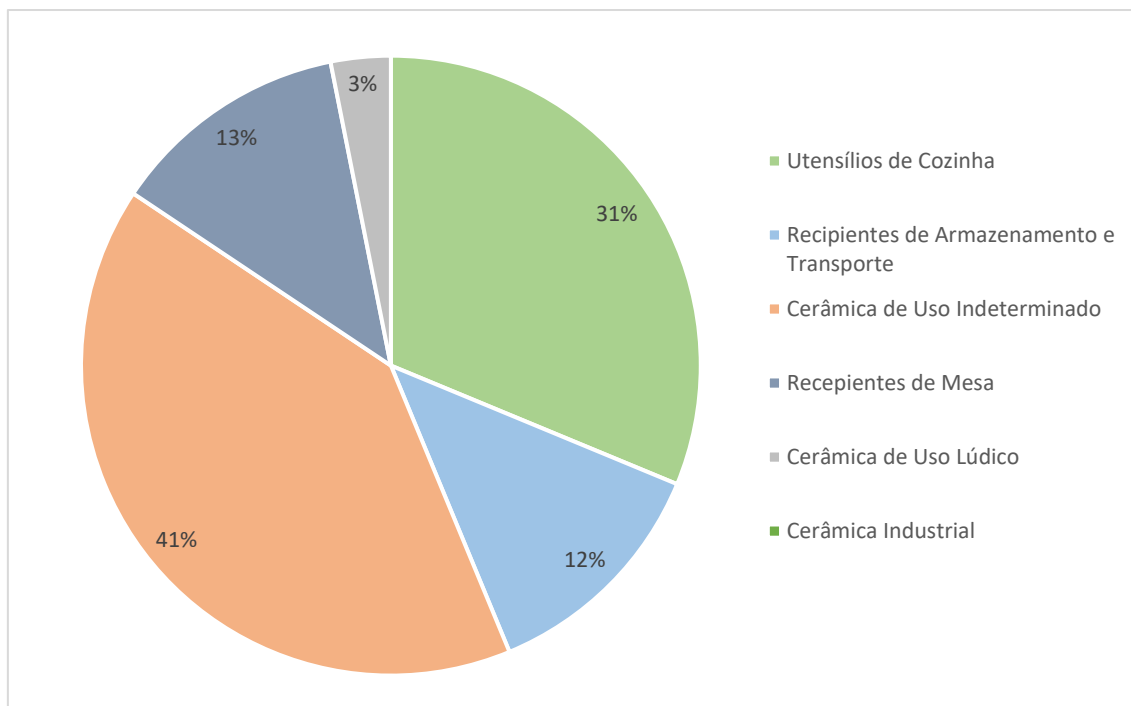


Gráfico 3 - Funcionalidade do Espólio Cerâmico

6.1.1. As Pastas

A análise macroscópica das pastas destas cerâmicas revelou uma grande heterogeneidade, tendo sido possível, identificar sete “fabricos”:

Pasta I

Trata-se de uma pasta de cor laranja (2,5 YR 5/8 *Yellowish Red*), compacta e dura com abundantes grãos não-plásticos constituídos por quartzos de calibres variados (pequenos e médios), feldspatos mal distribuídos, raros elementos de micas e grãos de cerâmica moída dispersos. As superfícies apresentam uma textura rugosa. O fabrico é homogêneo, aparentando todas as peças um ar similar. As características apontam para que tenha sido produzida na área de Lisboa ou Vale do Tejo.

Pasta II

Trata-se de pasta de cor castanho-claro (5 YR 5/4 *Brown*), compacta e dura com abundantes grãos não-plásticos constituídos por quartzos de calibres variados (pequenos e médios), feldspatos mal distribuídos, raros elementos de micas e grãos de cerâmica moída dispersos. A superfície exterior pode apresentar uma aguada ligeiramente mais escura, de textura rugosa, já muito rolada e desfeita, proveniente dos processos pós-deposicionais a

que os fragmentos tenham estado sujeitos. As características apontam para que tenha sido produzida na área de Lisboa ou Vale do Tejo.

Pasta III

Trata-se de pasta de cor cinzenta (5 YR 6/2 *Pinkish Gray*), compacta e dura com raros grãos não-plásticos constituídos por feldspatos mal distribuídos, quartzos de calibre variado (pequeno e médio). A superfície exterior apresenta uma textura muito rugosa, apresentando alguns defeitos provavelmente provenientes dos processos pós-deposicionais a que estas peças tenham estado sujeitas. As características apontam para que tenha sido produzida na área de Lisboa ou Vale do Tejo.

Pasta IV

Trata-se de pasta de cor bege (5 YR 7/4 *Pink*), compacta e dura com raros grãos não-plásticos constituídos por grãos de cerâmica moída. A superfície exterior apresenta uma textura rugosa, muito porosa. As características apontam para que tenha sido produzida na área de Lisboa ou Vale do Tejo.

Pasta V

Trata-se de pasta de cor branca (7.5 YR 8/1 *White*), compacta e dura com raros grãos não-plásticos constituídos por grãos de cerâmica moída, micas de variado calibre (pequeno, médio e grande), quartzos e feldspatos. O exterior da peça apresenta uma textura muito rugosa e áspera. As características apontam para que tenha sido produzida na área de Lisboa ou Vale do Tejo.

Pasta VI

Trata-se de pasta de cor avermelhada escura (10 R 3/6 *Dark Red*), compacta e dura com abundantes elementos não-plásticos, constituídos por cerâmica moída, micas de variado calibre, feldspatos, quartzos. O exterior da peça apresenta uma textura muito rugosa e áspera. As características apontam para que tenha sido produzida na área de Lisboa ou Vale do Tejo.

Pasta VII

Trata-se de pasta de cor bege (10 R 7/4 *Pale Red*), compacta e dura com raros grãos não-plásticos constituídos por grãos de cerâmica moída. A superfície exterior apresenta uma textura rugosa, muito porosa. As características apontam para que tenha sido produzida em Espanha, tratando-se de cerâmica de importação.

Considerando as características observadas, e em função dos dados publicados, incluindo elementos arqueométricos, físicos e químicos, é possível adscriver as *Pastas I-VI* a elaborações oleiras oriundas da Região de Lisboa e Vale do Tejo (Ponce *et al.*, 2017; Silva, 2019; Amaro, 1992, Amaro *et al.*, 2012; Cardoso & Rodrigues, 1991; Gaspar & Amaro, 1997; Gomes *et al.*, 2005), ao passo que a *Pasta VII* equivale a uma produção do Sul da Península Ibérica, com maior probabilidade das olarias sevilhanas (Barradas & Silva, 2017, p. 1677; Oliveira *et al.*, 2017; Silva, 2003). Não espanta por isso que o conjunto seja dominado pelos fabricos regionais de Lisboa (96%), (Gráfico 4 e 5), circunstância que tem paralelo noutros contextos publicados coevos da cidade (Gaspar e Amaro, 1997; Bugalhão & Coelho, 2017; Silva, 2019; Amaro, 1992, Amaro *et al.*, 2012; Cardoso & Rodrigues, 1991; Gomes *et al.*, 2005).

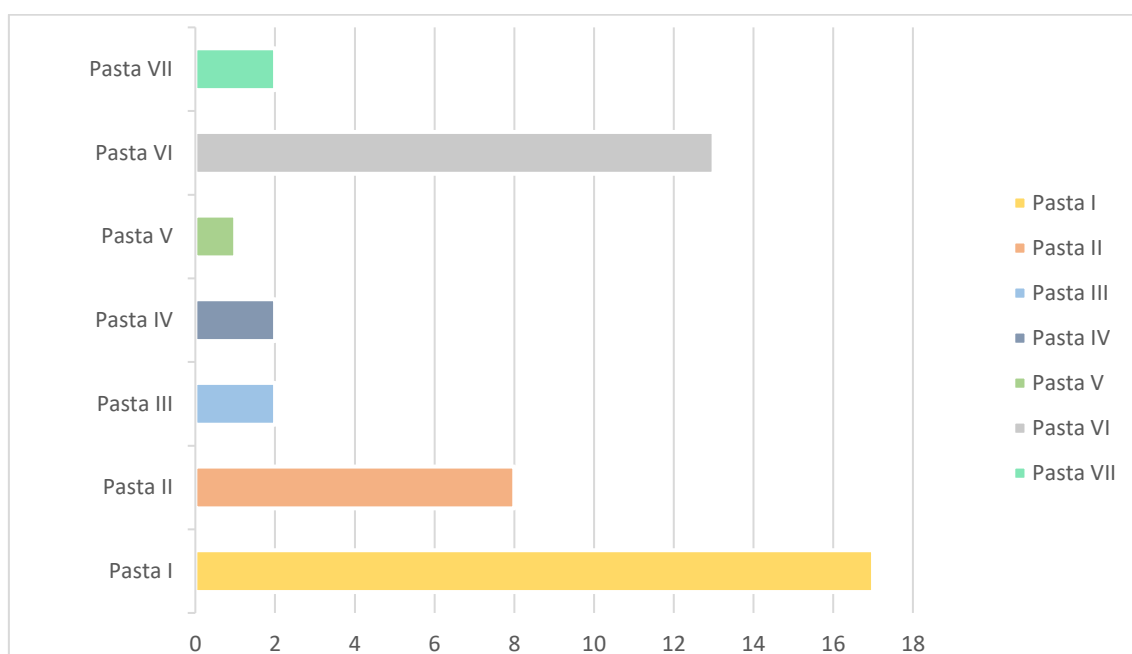


Gráfico 4 - Distribuição dos "fabricos" na amostra

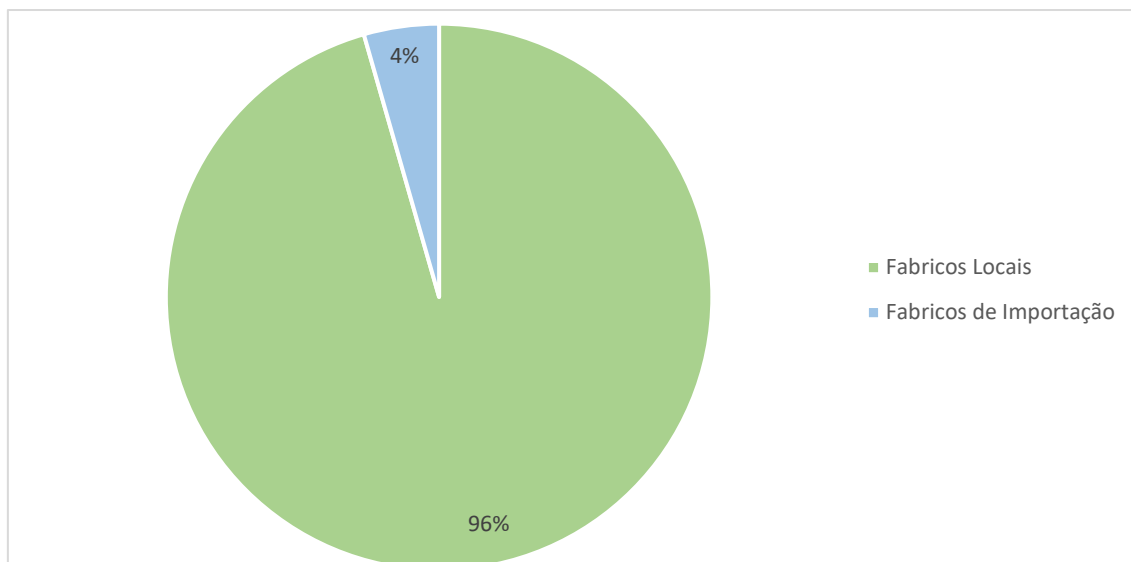


Gráfico 5 - Percentagem de fabricos na amostra

Dentro da análise das pastas, procurou-se ainda realizar uma análise da densidade de Elementos Não-Plásticos (ENP), nos vários fabricos identificados, tendo sido estes classificados entre “pequeno”, “média” ou “grande” (Vince, 1977). Deste modo, das pastas observadas, existem 23 peças (45%) com pequena densidade de elementos não plásticos, 18 (35%) com média densidade de ENP e ainda 10 peças (20%), cuja densidade é classificada como grande (Gráfico 6).

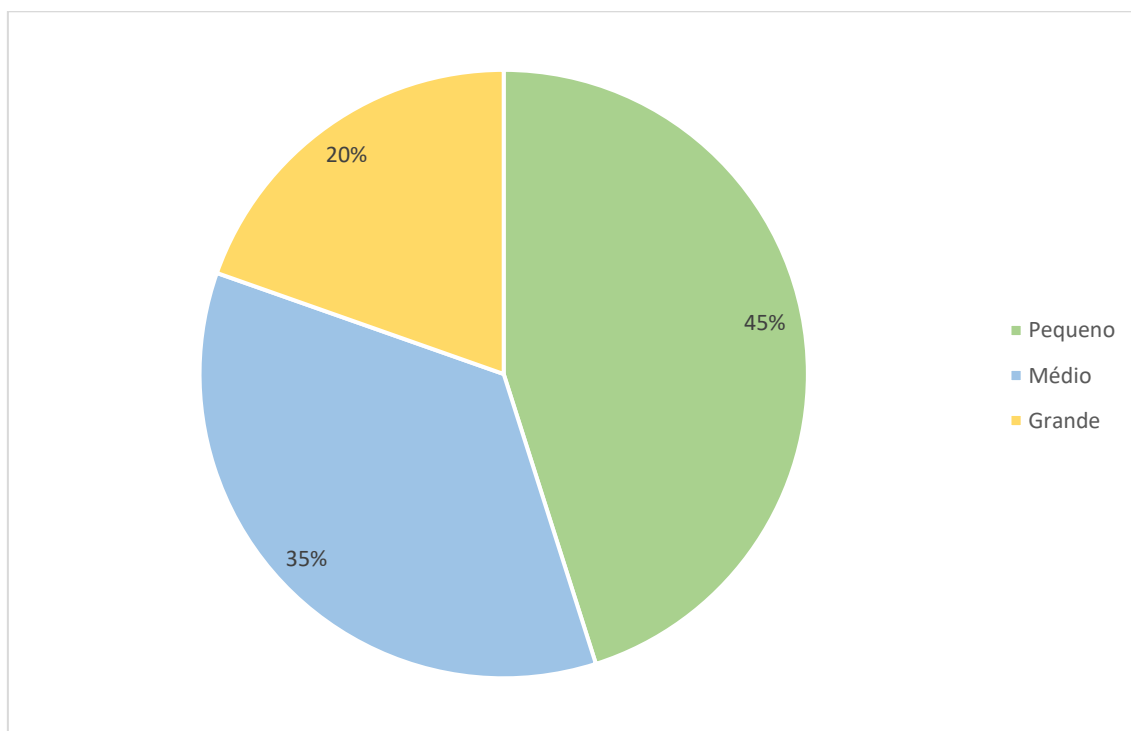


Gráfico 6 - Densidade de Elementos Não Plásticos (ENP) nos fabricos de pasta identificados

No mesmo sentido, para além da densidade de ENP, os fragmentos cerâmicos foram ainda analisados quanto à dimensão dos ditos elementos não plásticos, tendo sido atribuídas duas categorias de dimensão: iguais ou inferiores a 1 mm, ou maior que 1 mm, mas mais pequeno que 5 mm. Deste modo, a amostra cerâmica apresenta 30 peças (60%) cuja dimensão corresponde a menor que 1 mm, e outros 20 (40%) em que a dimensão dos ENP é superior a este valor, mas inferior a 5 mm (Gráfico 7).

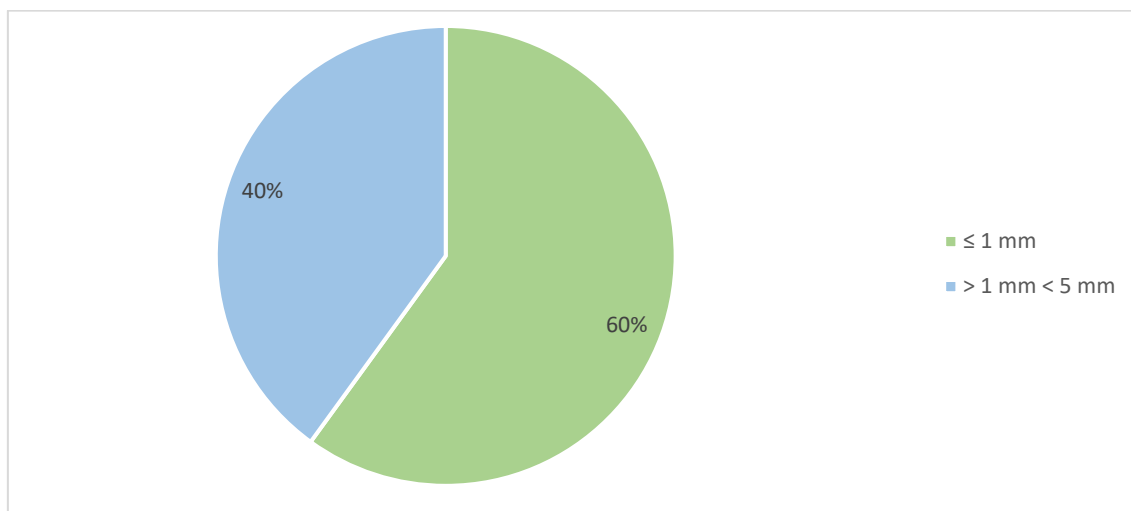


Gráfico 7 - Dimensão de Elementos Não Plásticos (ENP) nos fabricos de pasta identificados

Apesar da existência de fragmentos cerâmicos cuja densidade de ENP é bastante elevada, na sua grande maioria a frequência e a dimensão destes elementos é mais pequena, o que é indicativo de pastas bem depuradas e que passaram por tratamento prévio ao seu fabrico.

Do mesmo modo, analisamos as formas de cozedura, que consistem na quantidade de oxigénio presente durante o processo de cozedura e arrefecimento das peças cerâmicas. Foram, então, identificadas três categorias classificáveis dentro da amostra: oxidante, redutora e oxidante/ redutora. Deste modo, surgem então 21 peças (42%) que correspondem a cozeduras oxidantes, 13 (26%) a cozedura redutora e, ainda, 16 fragmentos (32%) a uma tipologia de cozedura mista, oxidante – redutora (Gráfico 8).

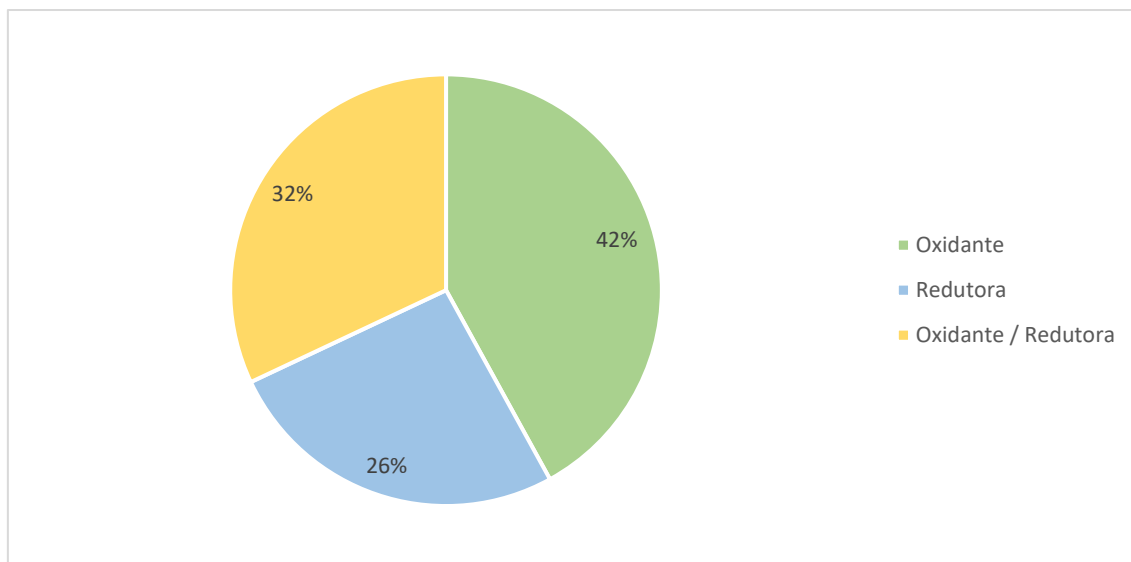


Gráfico 8 – Cozedura das pastas

6.1.2. Cerâmica de Cozinha

A categoria das cerâmicas de cozinha trata todos os fragmentos cuja tipologia corresponda a peças utilizáveis no processamento, preparação e conservação alimentar, como sejam as panelas, potes, caçarolas, fogareiros, frigideiras, tachos, testos, etc.... Menção específica merecem, neste domínio, os alguidares, que, pela sua multifuncionalidade, tanto serviam tarefas de lavagem (de roupa, de utensílios de mesa e de cozinha, na higiene), como para preparar/processar produtos alimentares (amassar, preparar recheios de enchidos, amassar pescado, etc.). Inclui-se ainda dentro desta categoria as tampas ou testos, por se tratar de elementos complementares à preparação alimentícia, já que previam o derramamento do conteúdo de, por exemplo, recipientes que necessitassem de ir ao fogo (Liberato, 2011, p. 20), (Gráfico 9).

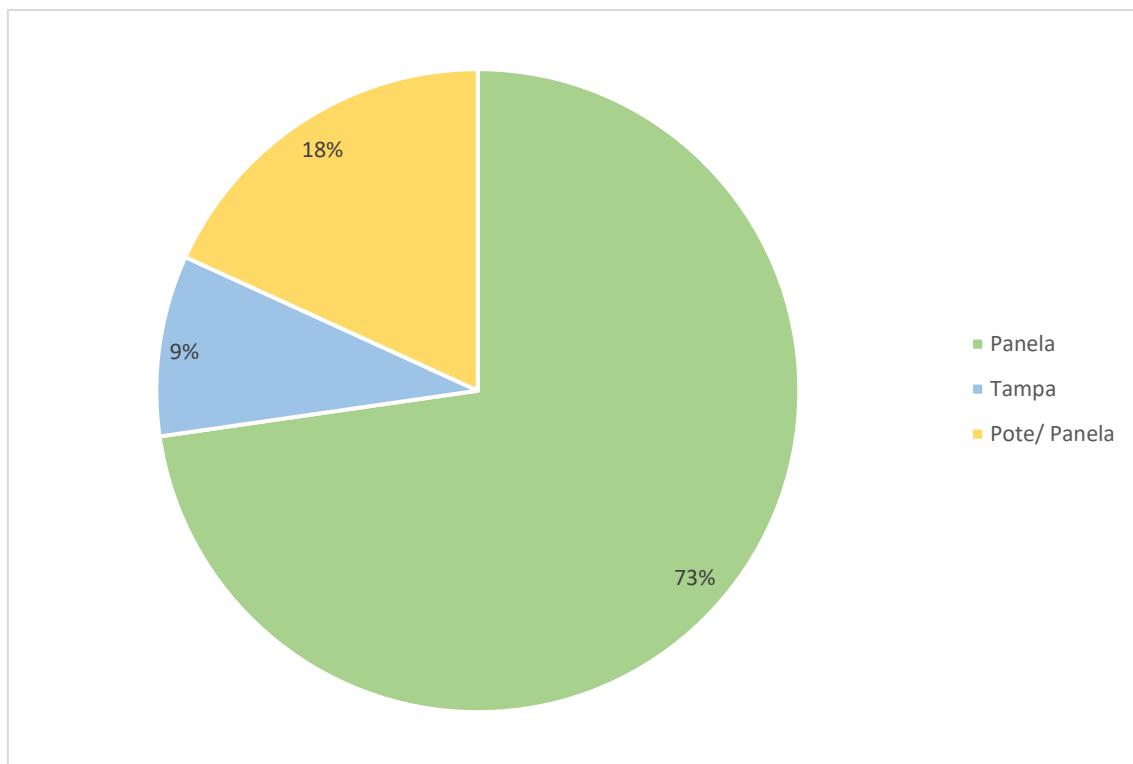


Gráfico 9 - Morfologia de Cerâmica de Cozinha

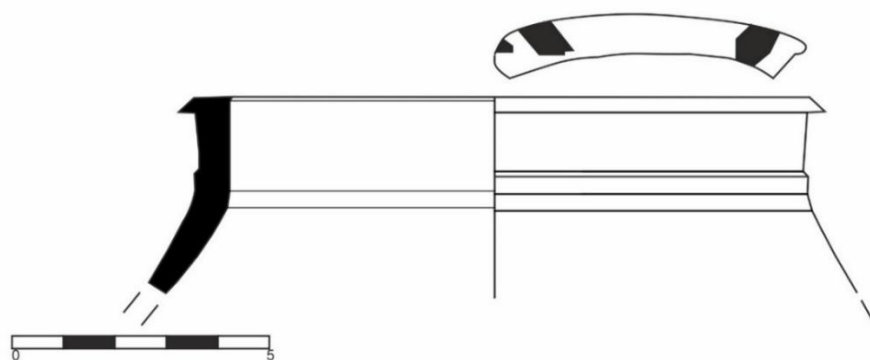
As panelas tratam-se de elementos cerâmicas com muita predominância em contexto habitacional, por se tratarem de formas cerâmicas de muito uso, que eram expostas a fontes de calor, normalmente classificado como fogo “lento”, ou seja, sem chama viva (Macias & Torres, 1998, p. 73).

As panelas podem ser, então, subdivididas em tipologias já consagradas, sendo diferenciadas pelas suas características, presentes nas formas da amostra. Neste sentido, as panelas Tipo I, são caracterizadas como apresentando um corpo globular, colo bem demarcado e bordo biselado. As panelas Tipo II, caracterizam-se como tendo um corpo mais ovoide e bordo triangular, podendo as paredes ter decoração por caneluras. Ambas as tipologias de panela podem apresentar pintura nos corpos ou bordo. O Tipo III, apresenta bordo simples ou com pequena aba, com corpo de peça globular, podendo ter caneluras ao longo do corpo até ao bordo, ou apenas na parte superior do bojo (Gomes *et al.*, 2005, p. 224).

No presente caso, existe uma predominância de Panelas de Tipo II, com dois exemplares (PF00/C11/[7017]/2, PF00/C11/[7017]/25, PF00/C11/[7017]/31), (Figura 15, 16). No caso das panelas tipo I, destaca-se o exemplar PF00/C11/[7017]/1, que apresentava decoração em tinta branca no bordo, por traços diagonais, orientados

perpendicularmente à orientação do bordo (Figura 15). Trata-se de uma produção mais antiga, datando ao século XIII, tendo a sua decoração paralelo com decorações de tradição islâmica (Gomes *et al.*, 2005, p. 224). Noutro caso, PF00/C11/[7017]/3 (Figura 17) apresenta uma tipologia datável ao século XV, com paralelos próximos nos contextos da Rua da Amendoeira, Lagares, Olarias (Ponce *et al.*, 2017).

PF00/C11/[7017]/1



PF00/C11/[7017]/2

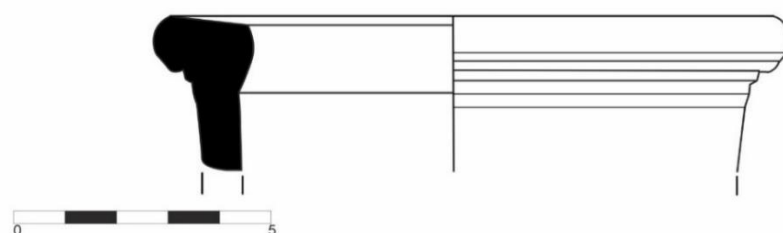
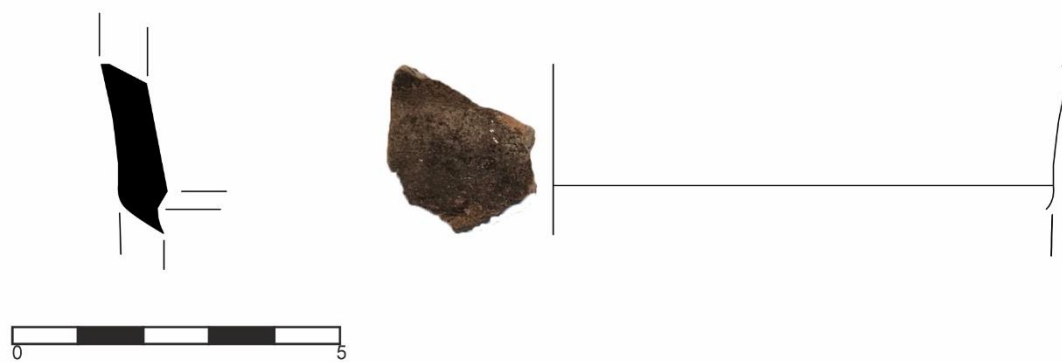


Figura 15 - PF00/C11/[7017]/1, PF00/C11/[7017]/2

PF00/C11/[7017]/25



PF00/C11/[7017]/31

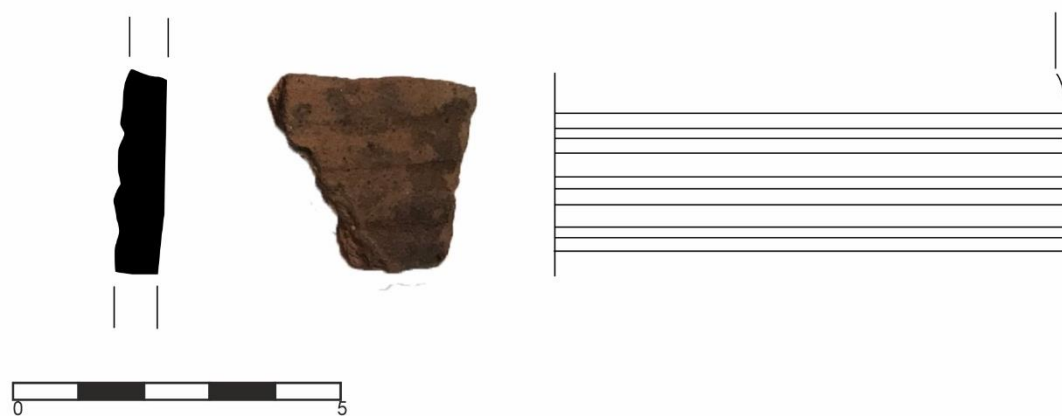


Figura 16 - PF00/C11/[7017]/25, PF00/C11/[7017]/31

PF00/C11/[7017]/3

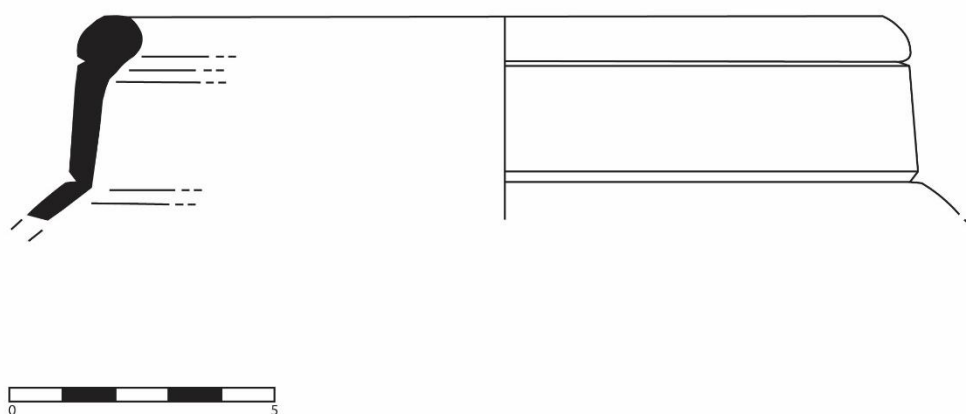


Figura 17 - PF00/C11/[7017]/3

Ainda referente às panelas, surge um exemplar de uma asa em fita, com arranque de asa, de pequenas dimensões que é datável ao século XV (Gomes *et al.*, 2005), (Figura 18).

PF00/C11/[7017]/9

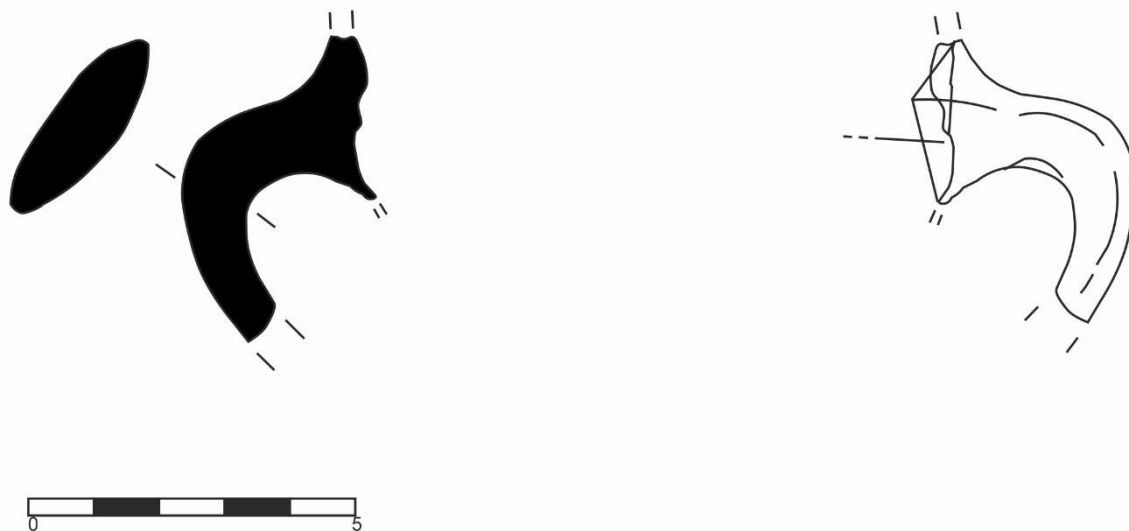


Figura 18 - PF00/C11/[7017]/9

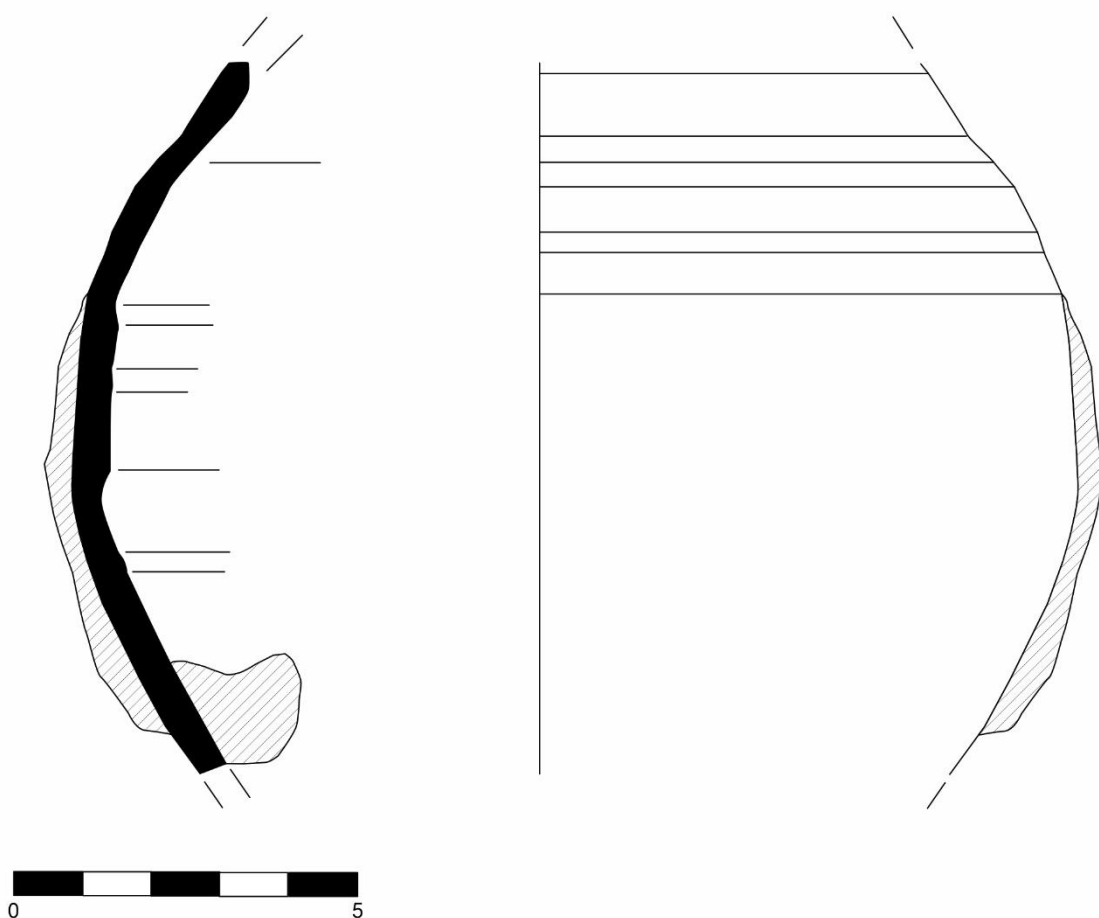


Figura 19 - PF00/C11/[7017]/51

As tampas ou testos, são caracterizadas como tendo perfil troncocónico e paredes esvasadas, com bordos de inflexão interna ou em barbela, podendo ser mais proeminentes, dependendo do desgaste da peça (Figura 20). Encontramos paralelos para esta peça em Santarém, na Travessa das Capuchas, nos silos medievais do Convento das Capuchas, datável para os finais do século XIV, inícios do século XV (Boavida, Casimiro & Silva, 2013, p. 954, Figura 4 – 4). Surge ainda um exemplar na Rua dos Navegantes, que apresenta uma tipologia semelhante a esta peça (Cardoso & Severino, 1995, p. 578).

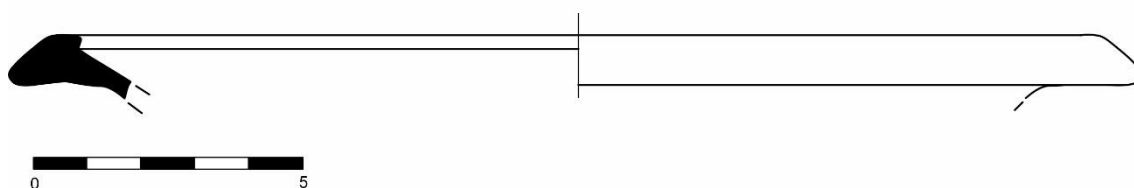


Figura 20 - PF00/C11/[7017]/5

6.1.3. Cerâmica de Armazenamento e Transporte

A cerâmica de armazenamento e transporte compreende todos os recipientes cuja função principal seja a do aprovisionamento ou da deslocação de líquidos e sólidos, sendo considerados dentro desta categoria todos os fragmentos que correspondessem a cantis, cântaros, potes, ânforas, talhas. Correspondem a esta categoria dois fragmentos, classificados como ânforas ou dolia; um outro fragmento que se trata de uma asa de cântaro e, ainda, 2 fragmentos pertencentes a potes/ panela (Gráfico 10).

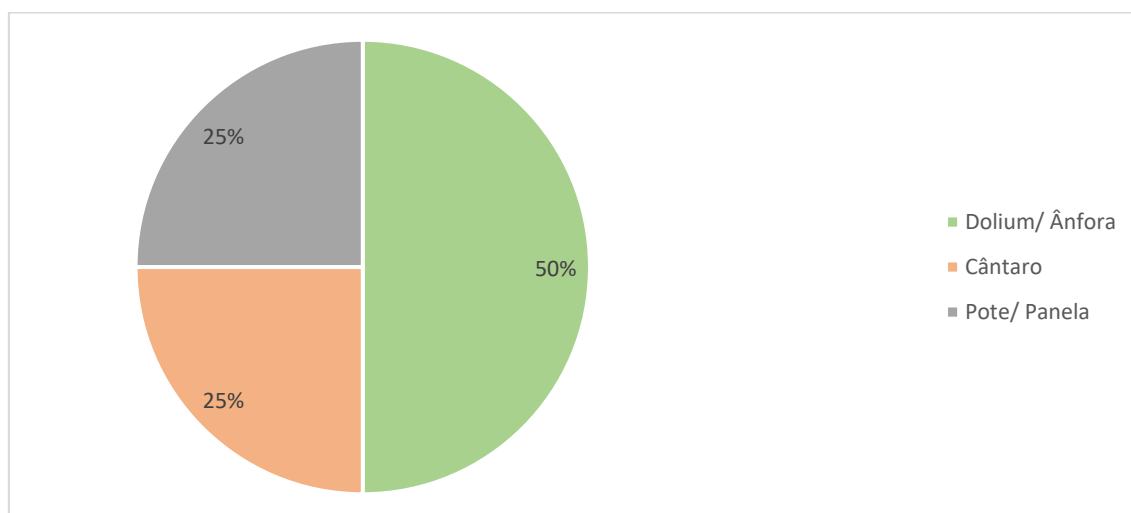


Gráfico 10 - Morfologia das peças de Armazenamento e Transporte

Os cântaros são peças cerâmicas cuja funcionalidade geral seria a de transporte e armazenamento de água, assim como para contenção desse líquido na área da cozinha. Caracterizam-se como vasos de médio e grande porte que tem, por norma, duas asas verticais, colo alto e corpo tendencialmente globular e ovóide (Sousa, 2011, p. 340), existindo uma divisão derivante das suas dimensões. Os elementos de maior dimensão serviriam como armazenamento e transporte de bens líquidos desde a sua fonte de aprovisionamento, enquanto contentores de menores dimensões seriam apenas para armazenar pequenas quantidades de líquido em zonas de habitação (Macias & Torres, 1998, p. 72). O que nos surge neste contexto, uma vez que se trata apenas de um fragmento de asa, não nos permite levantar uma hipótese para a sua dimensão total, não sendo realizado um enquadramento dentro destas duas categorias (Figura 21).



Figura 21 - PF00/C11/[7017]/6

Os potes, devido à sua variação morfológica derivante da sua utilização, apresentam-se como um dos grupos essenciais relativamente à sua utilidade em termos de armazenamento (Macias & Torres, 1998, p. 72).

São por norma recipientes baixos, com forma globular, que assentam em base plana. Servem para conter líquidos, elementos sólidos ou, no caso de exemplares mais pequenos, cosméticos (Gomes, 2002). No caso do recipiente presente na amostra, este deveria ter como função a contenção de elementos líquidos ou sólidos, sendo que se trata

de um fundo em base plana, apresentando uma carena a meio do corpo da peça, com ressalto de formato circular (Figura 22).

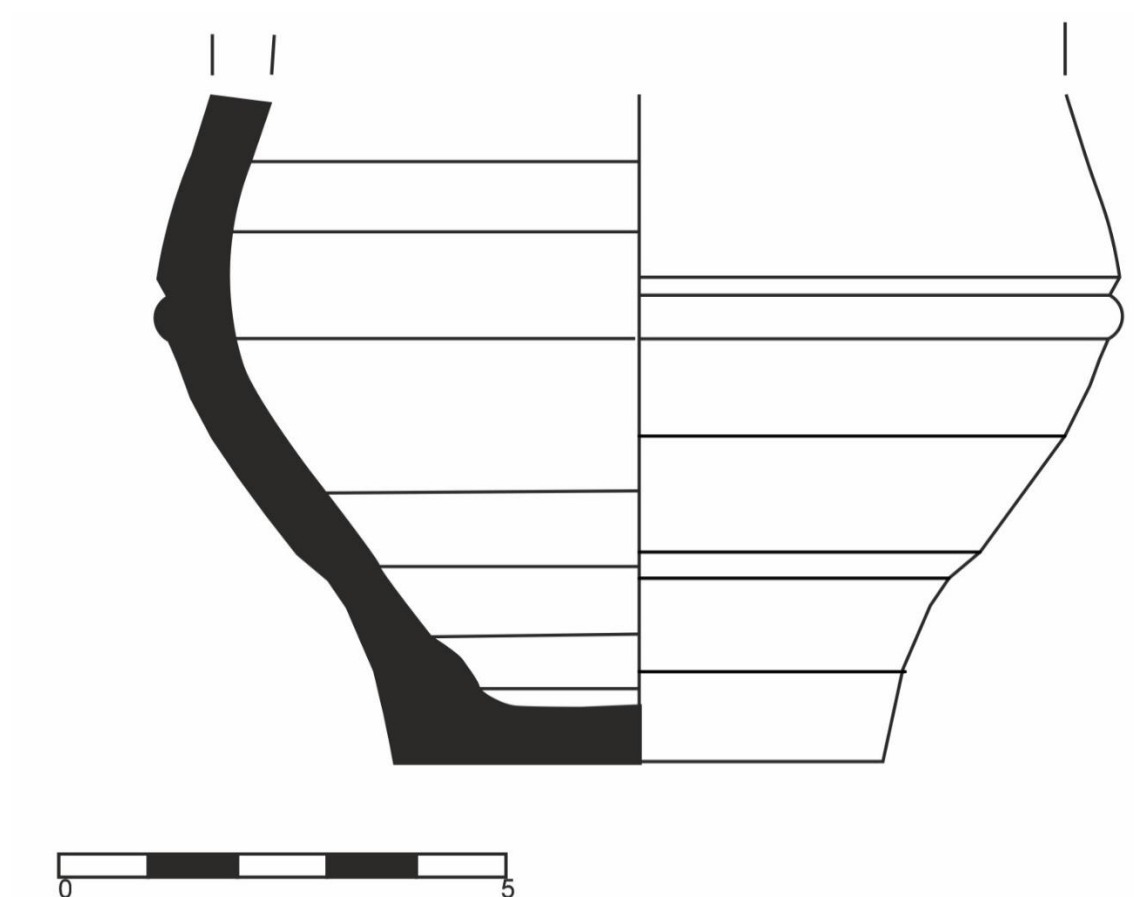


Figura 22 - PF00/C11/[7017]/7

Dolium e ânforas (Figura 23 e 24), tratam-se de contentores de grandes dimensões cujo propósito, tal como os elementos cerâmicos vistos anteriormente, tratava-se do armazenamento e transporte de bens alimentares.

PF00/C11/[7017]/13



Figura 23 - PF00/C11/[7017]/13

PF00/C11/[7017]/12



Figura 24 - PF00/C11/[7017]/12

6.1.4. Cerâmica de Mesa

Foram incluídas nesta categoria todas as peças cujo objetivo seria o de ir a mesa, incluindo quer os contentores e servidores de líquidos como os objetos destinados à ingestão e consumo alimentar de elementos líquidos, liquefeitos ou pastosos ou sólidos. Neste sentido, inserem-se aqui as taças, púcaros, copos, jarros, jarras, bules e pratos presentes na amostra (Gráfico 11).

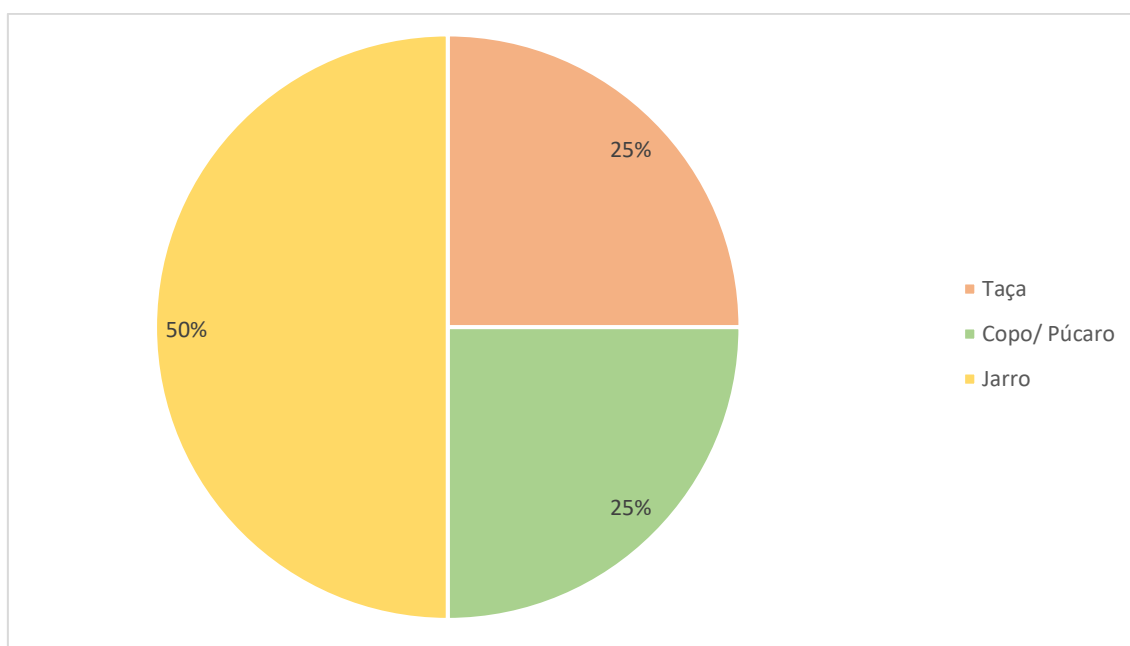


Gráfico 11 - Morfologia da Cerâmica de Mesa

Para as taças foi apenas encontrado um exemplar (PF00/C11/[7017]/4), de cozedura redutora, com paredes abertas e convexas, lábio amendoado horizontal e decorado com caneluras na parte superior do corpo, junto ao bordo (Figura 25).

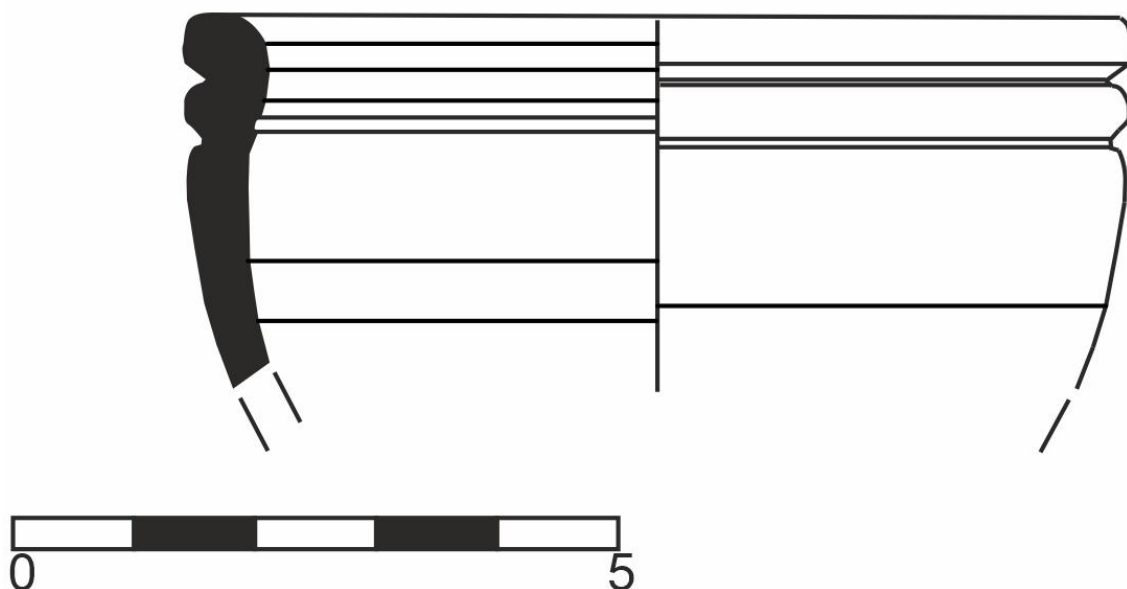
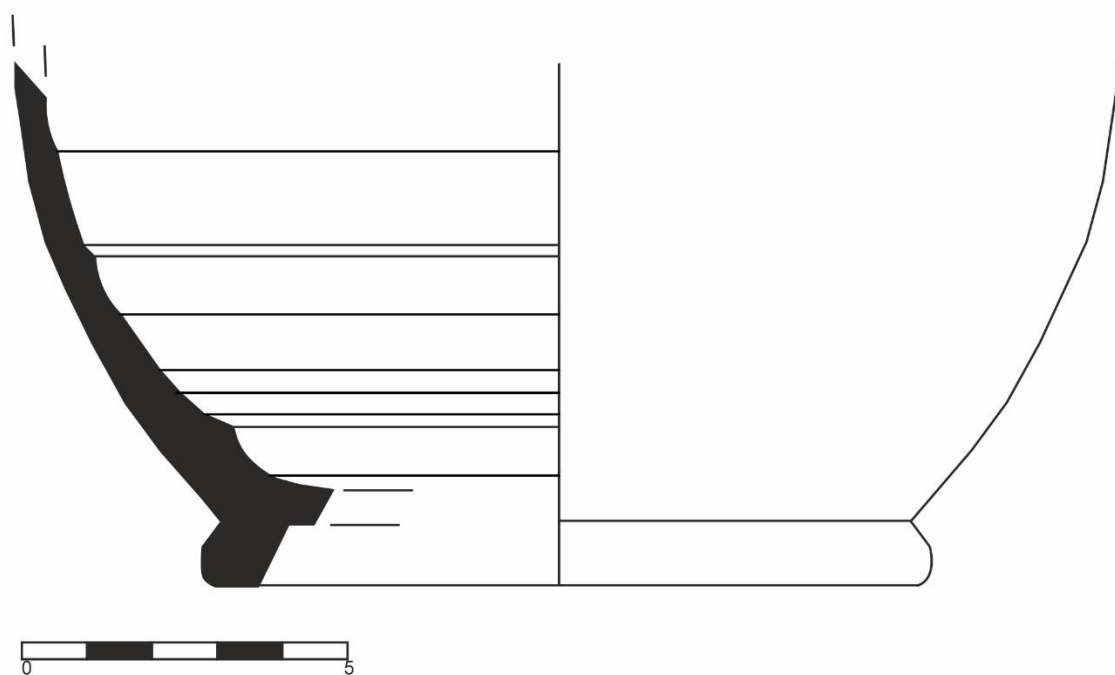


Figura 25 - PF00/C11/[7017]/4

As Jarras (Figura 26) são normalmente objetos de forma fechada, de tamanho médio, maior que púcaros, com corpo de tendência globular, e podem apresentar duas asas, assentando em fundo plano, convexo ou em pé de anel (Torres, Gómez & Ferreira, 2003, p. 130).

Em destaque, encontra-se PF00/C11/[7017]/8 que se trata de um fundo em pé de anel, com restos de decoração em aguada de cor clara (já em avançado estado de deterioração), cuja matriz do fabrico aponta para uma produção da zona Sul da Península Ibérica, de olarias sevilhanas, e cuja datação aponta para os finais do século XIV, inícios do XV (Oliveira *et al.*, 2017, p. 1525).

PF00/C11/[7017]/8



PF00/C11/[7017]/11

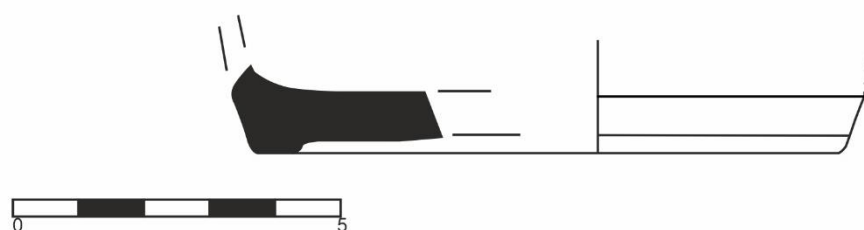


Figura 26 – PF00/C11/[7017]/8, PF00/C11/[7017]/11

Os púcaros (Figura 27), tratam-se de variantes de pequenos jarros, normalmente com uma altura inferior a 10cm, de forma fechada e globular, colo diferenciado e uma única asa (Torres, Gómez & Ferreira, 2003, p. 130). O exemplar que aqui apresentamos trata-se de uma asa em fita, de pequenas dimensões (Torres, 1990).



Figura 27 - PF00/C11/[7017]/10

6.1.5. Cerâmica de Uso Lúdico

Nesta categoria, inserem-se todas as peças cuja função não seja a de servir à mesa, transporte ou armazenamento, ou cuja funcionalidade não permita a sua utilização na cozinha. Deste modo, insere-se aqui as peças de uso lúdico, como marcas de jogo.

Marcas de jogo são caracterizados como elementos de cerâmica ou pedra, geralmente afeiçoado, tratando-se de reaproveitamentos de outras peças cerâmicas que poderiam apresentar tratamento de superfície (quando utilizando faianças ou cerâmicas vidradas). Surgem em contexto arqueológico desde o período de ocupação romano em Portugal, encontrando-se presentes em contexto arqueológico até aos finais do século XIX (Casimiro, Filipe, Henriques, 2021, p. 163).

Existiam vários tipos de jogos de tabuleiro, tendo sido preservados ao longo dos séculos, no entanto, poderá ser colocada a hipótese de esta marca de jogo ter sido utilizada com o objetivo de jogar o jogo do *Alquerque*¹⁰, uma vez que as marcas de jogo seriam

¹⁰ Este jogo é jogado entre duas jogadores, sendo que cada uma tinha um conjunto de peças (que pode variar entre trinta e duas, vinte e quatro, dezoito ou 6 marcas de jogo, encontrando-se estas divididas igualmente entre ambos). O objetivo do jogo era então criar linhas com as marcas do próprio jogador (servindo de exemplo, o jogo *4 em linha* ainda jogado nos dias de hoje), (Casimiro, Filipe, Henriques, 2021, p. 163).

feitas em cerâmica ou pedra, reutilizada de peças cerâmicas partidas ou defeituosas (Casimiro, Filipe, Henriques, 2021, p. 163).

PF00/C11/[7017]/14 trata-se de uma marca de jogo, ou seja um fragmento de cerâmica afeiçãoado, de forma redonda regular. Trata-se de um exemplar com cerca de 4 cm de espessura e um diâmetro de 7 cm (Figura 28).

Encontramos exemplares com tipologia semelhante a esta peça nos sítios arqueológicos da Arrochela, contando com 9 exemplares, um associado a contexto datável ao século XII-XIII (Gomes, 2002, p. 302; 312); em Lisboa, em contextos coevos ao caso em estudo, surge o arqueossítio do Largo da Atafona, em intervenção arqueológica com objetivo de instalação de ecopontos subterrâneos, tendo surgido um conjunto de 23 estruturas negativas identificadas como silos enquadrando-se em cronologias entre os séculos XI/XII ao século XV (Filipe *et al.*, 2019). Nesta surge um conjunto de 83 marcas de jogo com fabricos vermelhos não vidrados ou em pastas brancas sem tratamento de superfície. Surge ainda, neste contexto, um exemplar de tipologia semelhante à presente na amostra em estudo, com um diâmetro de 7 cm, mas uma espessura inferior á de PF00/C11/[7017]/14.

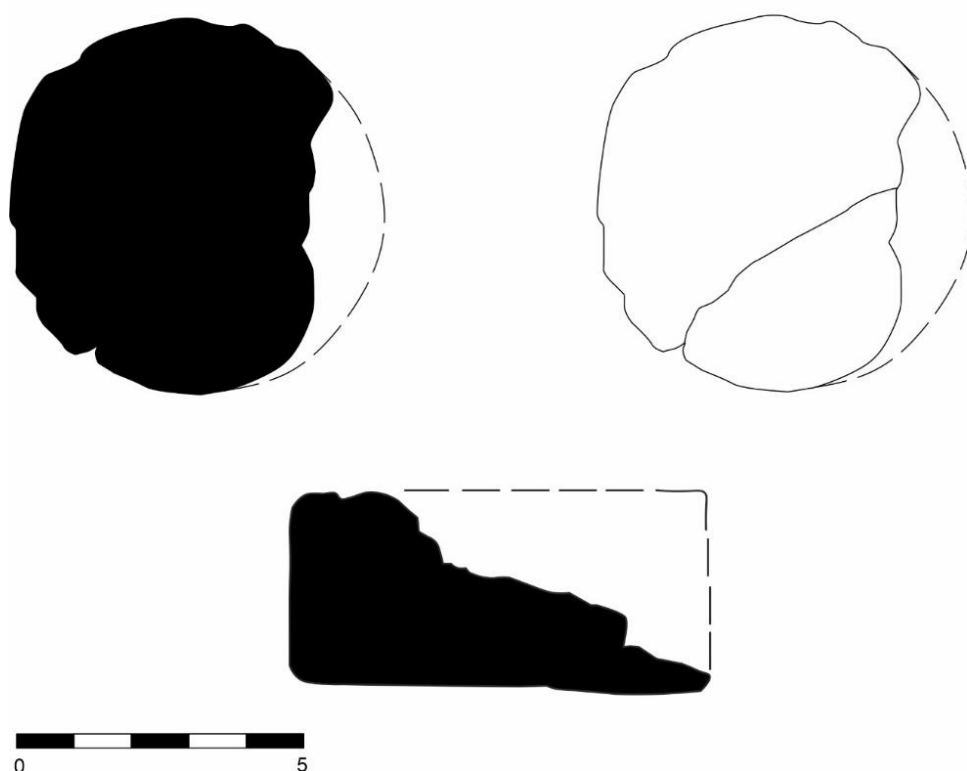


Figura 28 - PF00/C11/[7017]/14

6.1.6. Olaria de construção

Neste ponto enquadram-se todos os materiais categorizados como telhas ou tijolos (Gráfico 12), denominados por cerâmica de construção nos gráficos anteriores. No caso presente, os fragmentos de olaria de construção não apresentam qualquer tipo de decoração na face exterior das peças, apresentando texturas muito rugosas e ásperas (Anexo VII, Figuras 72 - 76).

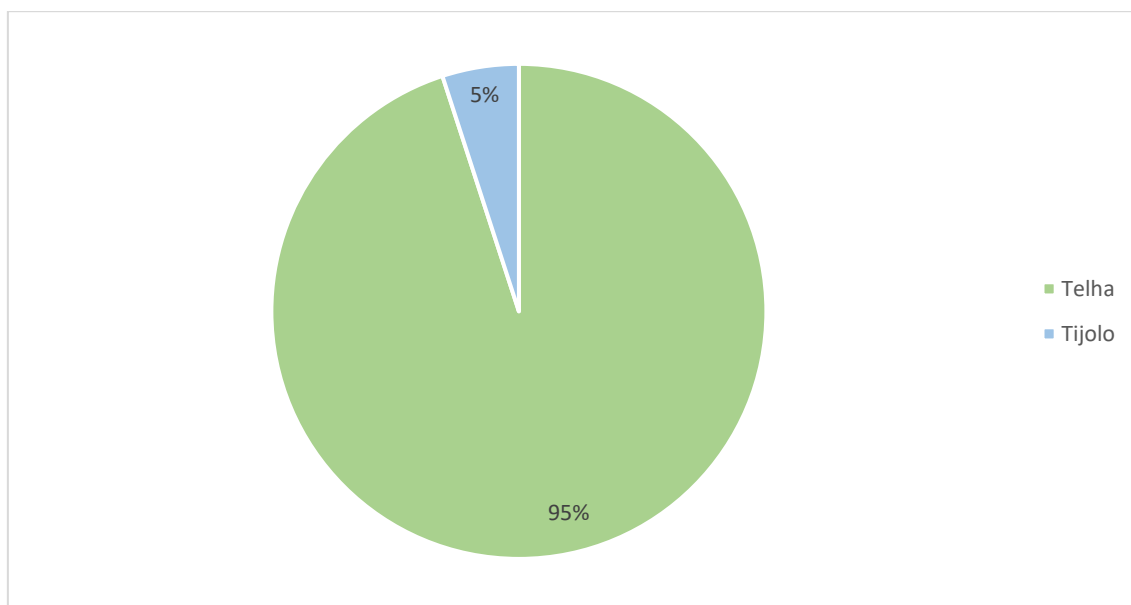


Gráfico 12 - Tipologia de Cerâmica Industrial

6.1.7. Considerações

Deste modo, o material cerâmico estudado provém da U.E. [7017], cortada pela abertura dos covais sepulcrais (Anexo V, Tabela 11). Destaca-se a presença de dois fragmentos identificados com cronologia romana, possivelmente tratando-se de contentores cerâmicos (ânfora ou *dolium*), o que aponta para um revolvimento do solo e possível infiltração de material proveniente de períodos de ocupação anteriores devido à utilização do solo para agricultura ou derivados das ações de aterro e regularização do terreno na área que precederam a construção do Hospital Real nos anos finais do século XV (Silva, 2018b).

Neste sentido, a datação mais tardia passível a ser apontada pelo espólio cerâmico corresponde ao século XV, indicada por dois fragmentos (PF00/C11/[7017]/7 e PF00/C11/[7017]/8), existindo no entanto, material cerâmico datável do século XIII (PF00/C11/[7017]/1). Apesar disto, devido à datação mais tardia apontada pelo restante

material, será considerado um espaço cronológico para esta necrópole situando-se entre os finais do século XIV e inícios do século XV.

6.2. O Espólio Bioantropológico

O conjunto osteológico é composto por oito indivíduos exumados das sepulturas identificadas na Quadricula C11. A análise aqui apresentada refere-se aos indivíduos identificados como [7021], [7025], [7026], [7027], [7028], [7038], [7041] e [7128], tendo sido realizada uma tabela com os principais elementos descritivos utilizados na realização do perfil biológico (Anexo II, Tabelas 5 – 7).

6.2.1. Perfil Biológico

A análise osteológica resultou nos seguintes dados quanto à diagnose sexual e estimativa de idade (Tabela 2), assim como, estimativa de estatura (Tabela 3). Foi possível realizar a diagnose sexual em 100% (4/4) dos indivíduos adultos, sendo que 75% (3/4) são classificados como pertencente ao sexo feminino e 25% (1/4) pertencem ao sexo masculino. Os indivíduos classificados como não-adultos não foram avaliados quanto ao seu perfil sexual, já que o coxal ainda não apresentava indícios de início da fusão. Para além destes, 25% (2/8) da totalidade da amostra, foi caracterizada como “masculino?” ou “feminino?”, o primeiro por ainda se encontrarem em desenvolvimento os caracteres sexuais; e o segundo [7021], por se tratar de um indivíduo com pouco material osteológico preservado, tendo-se utilizado apenas os indicadores cranianos na realização do perfil sexual.

Tabela 2 - Diagnose Sexual e Estimativa de Idade da Amostra

Indivíduo	Diagnose Sexual	Idade à Morte	Intervalo Cronológico
[7021]	Feminino?	Indeterminado	—
[7025]	Feminino	Adulto Jovem / Adulto	30 – 40 Anos
[7026]	Feminino	Adulto	40 – 50 Anos
[7027]	Masculino	Adulto	40 – 53 Anos
[7028]	Indeterminado	Criança	10 – 13 Anos
[7038]	Indeterminado	Infante / Criança	2.5 – 4 Anos

[7041]	Feminino	Adulto Jovem / Adulto	30 – 40 Anos
[7128]	Masculino?	Adolescente	16 – 19 Anos

Quanto à estimativa de idade à morte, esta revelou que dos 8 indivíduos presentes na amostra, 50% (4/8), corresponde a indivíduos cujas características são já classificadas, geralmente, como adultos, sendo que destes 50% (2/4) correspondem a indivíduos “Adultos” e 50% (2/4) correspondem a indivíduos classificados como “Adulto Jovem / Adulto”. Quanto aos indivíduos não-adultos, enquadra-se 37% (3/8) da amostra, sendo que 33% (1/3) enquadra-se na categoria “Criança”, 33% (1/3) corresponde a um indivíduo classificado enquanto “Infante/ Criança” e 33% (1/3) correspondem a “Adolescente”. Ainda dentro da estimativa de Idade à morte, 1 dos indivíduos não foi possível de classificar, devido à baixa de presença de material osteológico preservado, sendo que era composto quase exclusivamente pelo crânio. Deste modo, este indivíduo corresponde, então, a 12,5% (1/8) da totalidade da amostra.

Para a estimativa de estatura foram utilizadas as medidas osteométricas do fémur esquerdo, desde que este se apresentasse totalmente preservado e sem algum tipo de alteração que pudesse alterar os resultados da estimativa. Caso o elemento osteológico se apresentasse com alto nível de fragmentação ou alteração, foram empregues as medidas dos elementos osteológicos do fémur direito, úmero direito e esquerdo, segundo Mendonça (2000), e, em caso de fragmentação ou não existência destes, a ulna esquerda, segundo Trotter (1970) (Anexo III, Tabela 6).

Neste sentido, foi desenvolvida a estimativa de estatura em quatro indivíduos adultos (Tabela 3). A média de estatura da amostra é de 158.57 cm. No entanto, a média de estatura diferenciada por sexo corresponde a 165.41 ± 6.90 , para o sexo masculino, e 156.29 para o feminino.

Tabela 3 - Estimativa de Estatura por indivíduo, Média de Estatura, Média por Sexo e Medidas Mínimas e Máximas por sexo (segundo Mendonça, 2000)

Indivíduo	Diagnose Sexual	Idade à Morte	Estatura (cm)
-----------	-----------------	---------------	---------------

[7025]	Feminino	Adulto Jovem / Adulto	151.53 ± 5.92	
[7026]	Feminino	Adulto	160.24 ± 4.30	
[7027]	Masculino	Adulto	165.41 ± 6.90	
[7041]	Feminino	Adulto Jovem / Adulto	157.12 ± 7.70	
Média da Estatura da Amostra (cm)			158.57	
Média de Estatura do Sexo Masculino (cm)			165.41 ± 6.90	
Média de Estatura do Sexo Feminino (cm)			156.29	
Medidas Máximas por Sexo (cm)			Medidas Mínimas por Sexo (cm)	
Masculino		Feminino	Masculino	Feminino
165.4172 ± 6.90		160.24 ± 4.30	165.4172 ± 6.90	151.53 ± 5.92

6.2.2. Perfil Patológico

As alterações de natureza patológicas e alterações ao nível da cavidade oral e dentes na amostra foram estudadas por Busom (2017), apresenta-se um sumário das mesmas como complemento ao estudo do perfil biológico (Tabela 4, Gráfico 13). Todo o material foi revisto com objetivo de confirmação de presença das alterações.

Tabela 4 - Indicação da presença de alterações de natureza patológica associada a cada indivíduo

Indivíduo	Patologia (Sim /Não)	Alterações ósseas de natureza patológica
[7021]	—	—
[7025]	Sim	<i>Cribra orbitalia</i> ; lesões proliferas nas fíbulas, fémur direito, costelas e frontal; alterações nas enteses na patela esquerda; hipoplasias dentárias; perda dentária <i>antemortem</i> ; periodontite; cárie periapical no 1º molar direito mandibular;

[7026]	Sim	Lesões proliferas nas costelas; alterações nas enteses nas patelas, calcâneos e na linha áspera (<i>lineae asperae</i>) do fémur; alterações degenerativas articulares na zona distal do fémur e tíbia proximal, clavícula esquerda e nos carpos e primeiro metacarpo direito; osteofitose nas vértebras lombares, duas cervicais, torácicas e duas cervicais; hipoplasias dentárias; perda dentária <i>antemortem</i> ; periodontite; cárie periapical no incisivo mandibular direito e no pré-molar mandibular direito;
[7027]	Sim	<i>Cribra orbitalia</i> na órbita esquerda; lesões proliferativas no úmero direito, fémures e tíbia; nódulo de schmorl presente nas vértebras lombares; alterações nas enteses na linha áspera dos fémures e calcâneos; hipoplasias dentárias; tártaro; periodontite;
[7028]	Sim	Lesões proliferativas nas costelas e calcâneo; nos fémures, tíbia direita e esquerda, rádio direito e esquerdo, ulna direita e esquerda e úmeros e vértebras, coxal, sacro e ossos dos pés; lesão perfurante na zona proximal da tíbia direita e zona medial da fíbula direita; hipoplasias dentárias; <i>cribra femoralis</i> no fémur direito; periodontite;
[7038]	Sim	Lesões proliferativas no occipital e na mandíbula;
[7041]	Sim	Lesões proliferativas nas costelas; osteofitose nas vértebras lombares e cervicais; <i>spina bífida occulta</i> ; hipoplasias dentárias; perda dentária <i>antemortem</i> ; periodontite;
[7128]	Sim	<i>Cribra orbitalia</i> ; lesões proliferativas no coxal esquerdo, fémures, occipital, esfenóide e processos vertebrais das vértebras torácicas e lombares; <i>spina bífida occulta</i> ; hipoplasias dentárias; periodontite;

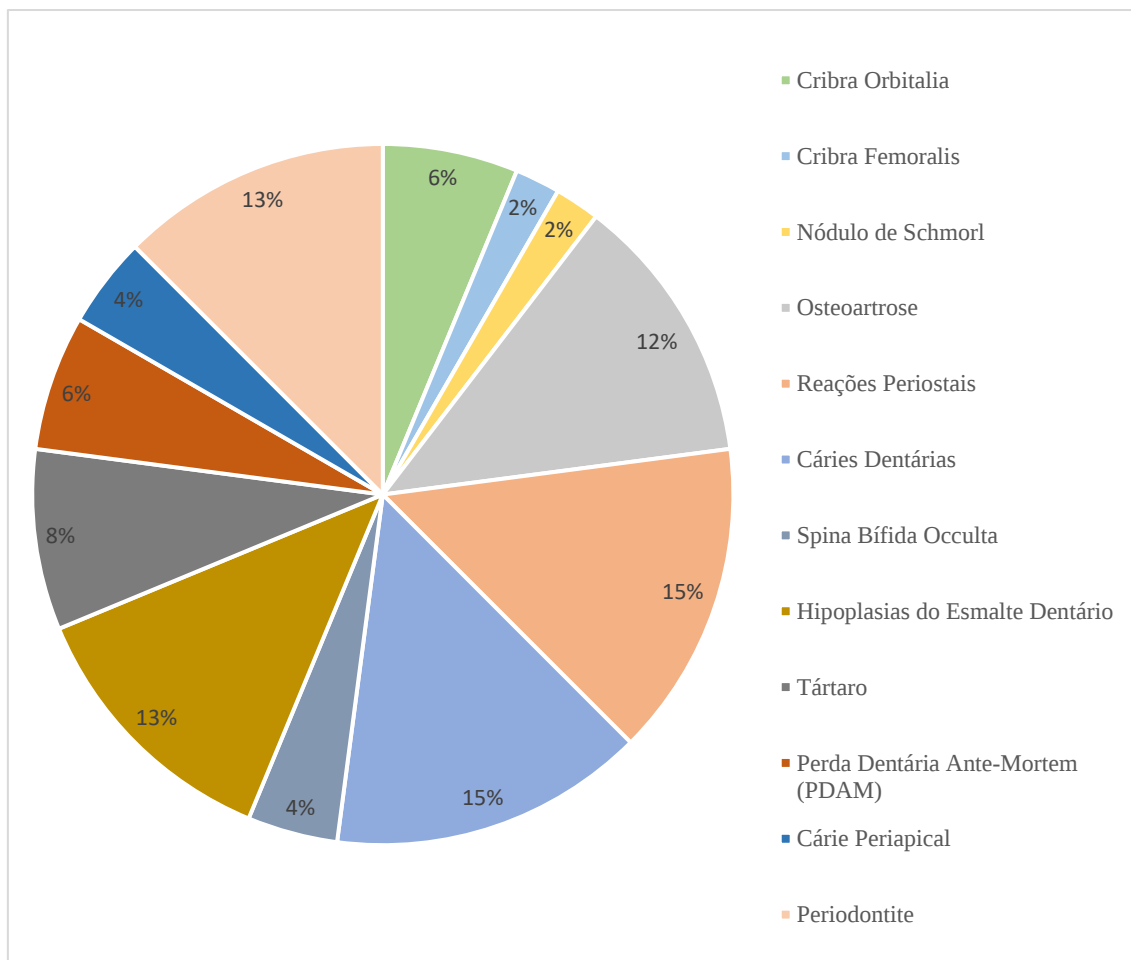


Gráfico 13 - Distribuição das alterações ósseas de natureza patológica e alterações da arcada dentária

Iremos, de seguida, elencar alguns dos casos de alterações de natureza patológica identificados na amostra, com o objetivo de oferecer uma visão mais descritiva do perfil patológico. Esta descrição vai focar as alterações com mais presença na amostra, assim como casos mais interessantes de alterações dos elementos osteológicos de natureza patológica.

Hipoplasias do esmalte dentário (Figura 29) são défices na dentina causados por interrupções na formação do esmalte dentário que podem surgir de forma linear, planar ou *pit* (Hillson, 1996; Hillson & Bond, 1997; Busom, 2017, p. 36). Na amostra aqui representada, surgem apenas na forma linear, com uma incidência em 75% da totalidade da amostra, sendo que o indivíduo masculino [7027] apresentava o maior número de hipoplasias dentárias. Estas podem ser associadas a vários fatores externos, entre eles subnutrição, o fator socioeconómico dos indivíduos, assim como causas hereditárias ou sistémicas (Busom, 2017; Goodman & Rose, 1996; Hillson, 2005).

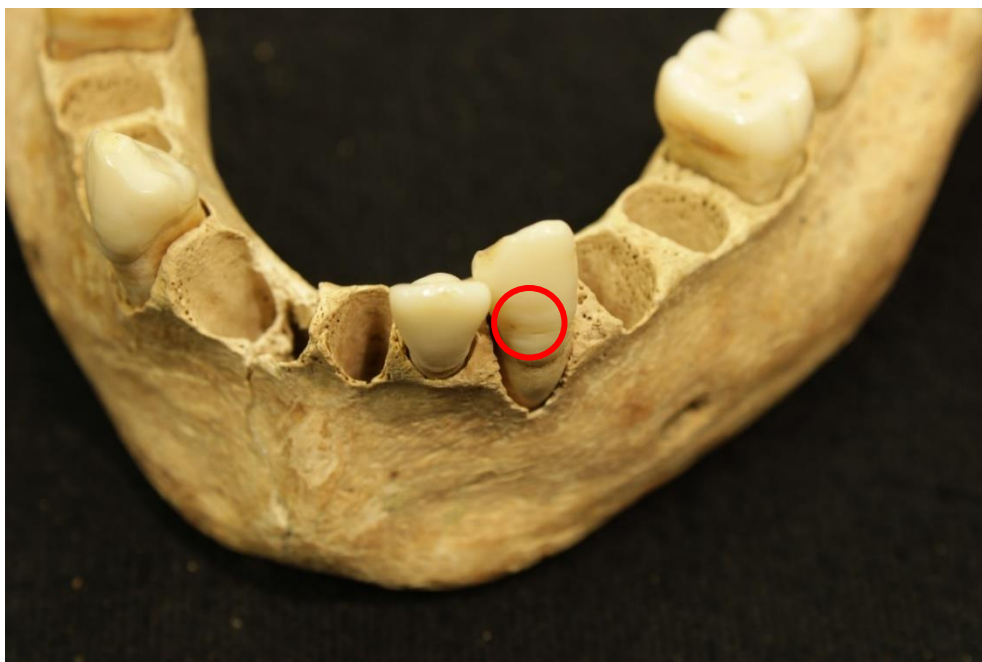


Figura 29 - Hipoplasias no Esmalte Dentário do Canino mandibular Direito do indivíduo [7028]

Foi identificado um possível abscesso que perfurou o osso mandibular (Figura 30), num indivíduo adulto do sexo feminino ([7026]). Para além disto, observaram-se cáries periapicais em dois indivíduos, representando apenas 25% da amostra. Neste sentido, cáries dentárias surgem na grande maioria da amostra, nomeadamente, em 87,5% da totalidade.

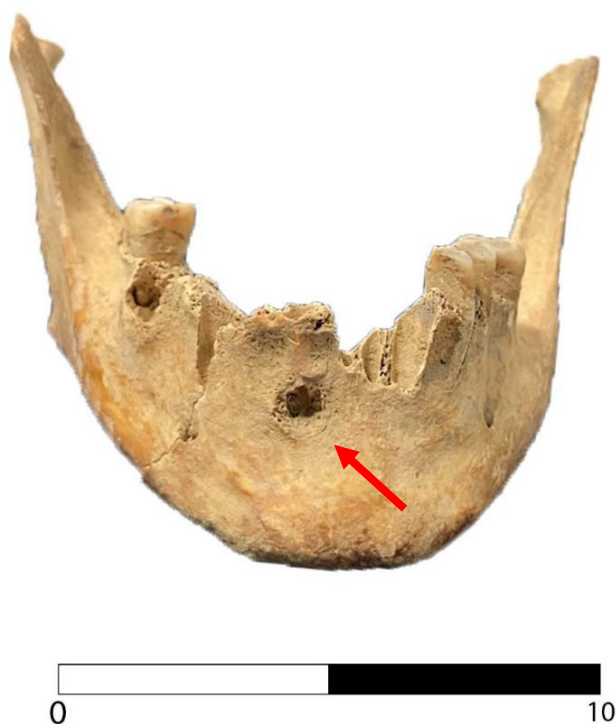


Figura 30 - Mandíbula com indicação do local de um provável abscesso periapical no indivíduo [7026]

Apesar de não ser uma alteração óssea ou dentária, o tártaro (Figura 31) é um dos indicadores mais observados nos dentes. Trata-se de um biofilme mineral que cobre a superfície dentária (Tromp *et al.*, 2017; Cunha, 1994). Pode estar relacionado com má higiene dentária ou dietas ricas em carboidratos e proteínas (Hillson, 1996; Busom, 2017, p. 42). O tártaro surge em 50% da amostra, apenas em indivíduos adultos. O cálculo dentário ou tártaro, costumava ser associado a uma das causas mais comuns de periodontite, no entanto, este é apenas secundário na progressão da doença, sendo mais impactante a presença de placa dentária (Wasterlain, 2006). Deste modo, a periodontite tem incidência em 75% da totalidade da amostra, sendo que é caracterizada como consequência de uma inflamação das gengivas (gingivite) que resulta na exposição da raiz do dente. Encontra-se relacionada com má higiene oral, normalmente associada a cáries dentárias e perda de dentes *antemortem* (Hillson, 2001; Wasterlain, 2006).



Figura 31 - Mandíbula de [7027], com indicação a vermelho do tártaro dentário

A perda de dentes *antemortem*, caracterizada pela perda ou extração dentária no período de vida do indivíduo e, consequente, remodelação do osso mandibular (Hillson, 2001), foi observada em 3 indivíduos, ou seja, 37,5% da totalidade da amostra, sendo que apenas se encontra presente nos indivíduos do sexo feminino.

Cribra Orbitalia (Figura 32) caracteriza-se como sendo uma lesão observada nas paredes orbitais e/ ou nos ossos parietais do crânio, podendo variar na sua dimensão e densidade (Stuart-Macadam, 1998, p. 47; Steckel *et al.*, 2006). *Cribra Femoralis* (Figura 33), também representada por lesões na área do pescoço do fêmur, junto à cabeça do fêmur que, tal como o anterior podem ter variações de dimensão e densidade (Miquel-Feucht *et al.*, 2001). Por norma, estas alterações são associadas a anemia, problemas na dieta (especificamente, subnutrição), e/ ou doenças infecciosas (Busom, 2017, p. 50 – 51; Okumura, 2013, p. 41; Walker, 2009, p. 109; Stuart-Macadam, 1991). A primeira - *Cribra Orbitalia* - foi observada em 37,5% da totalidade da amostra, porém, a segunda - *Cribra Femoralis* - tem incidência em apenas 12,5% da amostra.



Figura 32 - *Cribra Orbitalia* presente na face orbital do frontal em [7128]



Figura 33 - *Cribra Femoralis* presente no fêmur direito no indivíduo [7128]

As lesões proliferas, ao nível da superfície óssea, surgem em sete dos oito indivíduos, correspondendo a 87,5% do total da amostra. Estas reações consistem em remodelações no tecido ósseo, manifestando-se através de uma descoloração e aspeto estriado (Busom, 2017, p. 54). Estas reações, estão provavelmente associadas a eventos de inflamação do perióstio devido a infeção ou trauma. Associação a eventos traumáticos foram observadas em dois indivíduos. No indivíduo [7027], no úmero direito; e no [7028], no primeiro, possivelmente, relacionado com um trauma associado a lesões secundárias (Busom, 2017, p. 55).

A grande maioria dos indivíduos da amostra apresentava algum tipo de reação periosteal não derivada de trauma. Sendo que no caso dos não-adultos, estes tipos de reação podem estar associados à morte, já que surgem em resposta a infeções (Mensforth *et al.*, 1987).

A reação no endocrânio observada nos indivíduos [7038] e [7128] pode ser compatível com meningite, sendo que esta apresenta marcas semelhantes nesta zona, no entanto, estes indivíduos não apresentam as alterações na dentição associada a esta patologia (Busom, 2017, p. 57; Lewis, 2004; Ortner, 2003). [7038] apresentava também uma reação na mandíbula, na zona posterior direita, que pode encontrar-se relacionada com inflamação devido à erupção dentária com inflamação (Busom, 2017, p. 58), uma vez que estas reações periosteais podem também tratar-se de respostas do sistema imunológico a infeção dos tecidos moles (Mensforth *et al.*, 1987).

No caso das vértebras, foi identificada uma alteração que poderá corresponder a um nódulo de Schmorl (Figura 34), que é caracterizado como uma depressão no corpo vertebral derivante de uma lesão traumática que resulta da herniação do disco intervertebral ao fazer pressão sobre o corpo da vértebra (Márquez-Grant, 2010; Busom, 2017, p. 66). Normalmente estão associadas à realização de atividades repetidas, carregar grandes pesos e/ ou trauma na coluna (Fahey *et al.*, 1998). Surge no indivíduo [7027], localizado nas vértebras lombares, nomeadamente na segunda, terceira e quarta vértebras (Busom, 2017, p. 66). No entanto, em alguns casos a depressão do corpo não está associada a grandes alterações ósseas, assim sendo teremos também de equacionar a possibilidade de corresponder a uma mera variação morfológica. Tem uma representação, então, de 12,5% na totalidade da amostra.

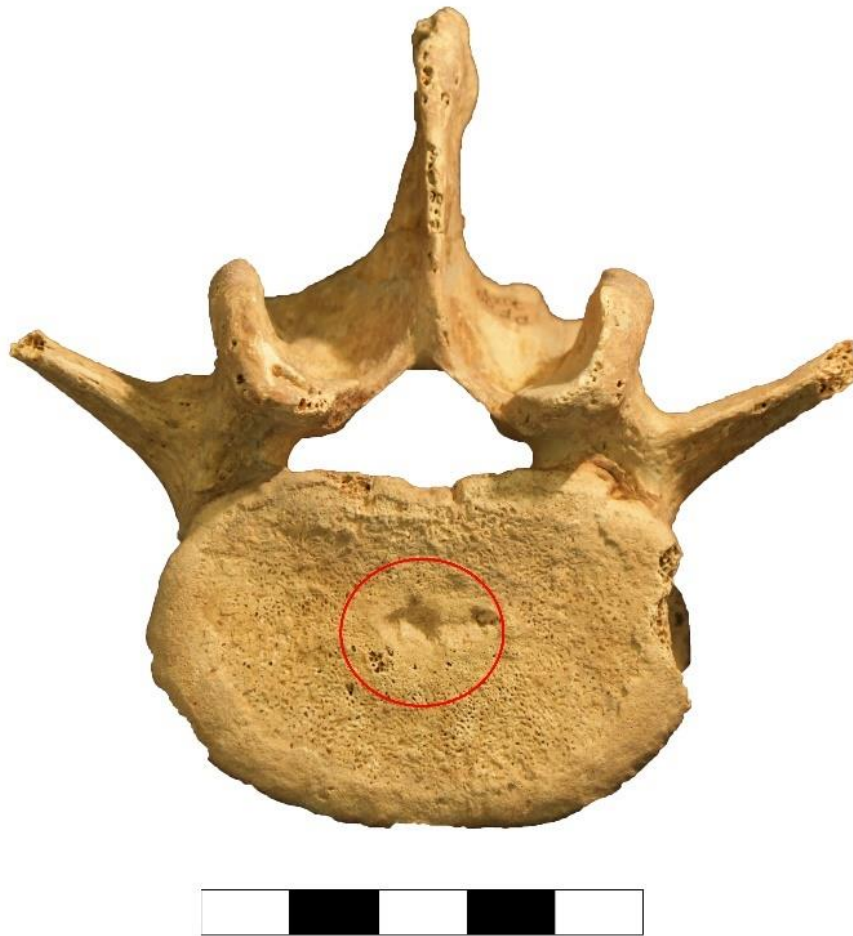


Figura 34 – 2ª Vértebra Lombar de [7027], com indicação a vermelho de depressão óssea que poderá corresponder a um Nódulo de Schmorl. No entanto, esta não tem alterações significativas associadas.

O indivíduo [7041] apresenta, por outro lado, colapso no anel apofisário de duas vértebras torácicas, que é compatível com herniação do disco, caracterizada como deslocamento do material discal para além dos limites no espaço intervertebral, sendo classificado como uma lesão traumática (Fardon *et al.*, 2014; Busom, 2017, p. 67).

Alterações nas enteses são caracterizados como alterações ósseas que surgem nas zonas de ligamento e inserções de tendões. A sua origem é multifatorial, e diversa (Villotte *et al.*, 2016) por exemplo, surgem nas enteses da patela (Figura 35), linha áspera do fémur e na área posterior do calcâneo (Busom, 2017, p. 69). Surgem em 50% da totalidade da amostra, apenas nos indivíduos classificados como adultos.



Figura 35 - Patela de [7025] com indicação de entesófito a vermelho

Quanto a patologias derivadas da degeneração das articulações, foram identificados casos de artrose, sendo esta uma das patologias com mais incidência em amostras osteológicas provenientes de contexto arqueológico (Putschar & Ortner, 1981, p. 419). Caracteriza-se pela perda da cartilagem articular, o que resulta em reações no tecido ósseo que pode ser derivada de vários fatores, nomeadamente, a idade, hormonas, obesidade e/ou fatores hereditários (Cunha, 1996; Waldron, 2008). Da totalidade da amostra, apenas o indivíduo [7026] apresentou artrose em elementos ósseos para além das vértebras, correspondendo então a 12,5% da totalidade da amostra, sendo que este apresentava alterações degenerativas nos ossos do pulso, nos metacarpos e na escápula (Busom, 2017, p. 72).

Já localizado na coluna vertebral, dois indivíduos apresentam alterações degenerativas (Figura 36). [7026] e [7041], apresentam, no caso do primeiro, em todas as vértebras lombares e torácicas, assim como duas cervicais; no segundo, apenas as vértebras cervicais e lombares são afetadas. Estas alterações incidem então em 25% da amostra.



Figura 36 – Alterações degenerativas localizadas numa vértebra lombar de [7026]

Dois indivíduos apresentavam ainda *spina bífida occulta* (Figura 37 e 38), que se caracteriza como sendo a fusão incompleta das vértebras sacrais. Trata-se de uma doença congénita, que surge durante o desenvolvimento do feto, estando comumente relacionada com fatores ambientais e genéticos (Putschar & Ortner, 1981; Boone *et al.*, 1985, Busom, 2017, p. 76). Foi identificada nos indivíduos [7041] e [7128], totalizando numa incidência de 25% da totalidade da amostra.



Figura 37 – *Spina Bifida Occulta* incompleta em [7128]

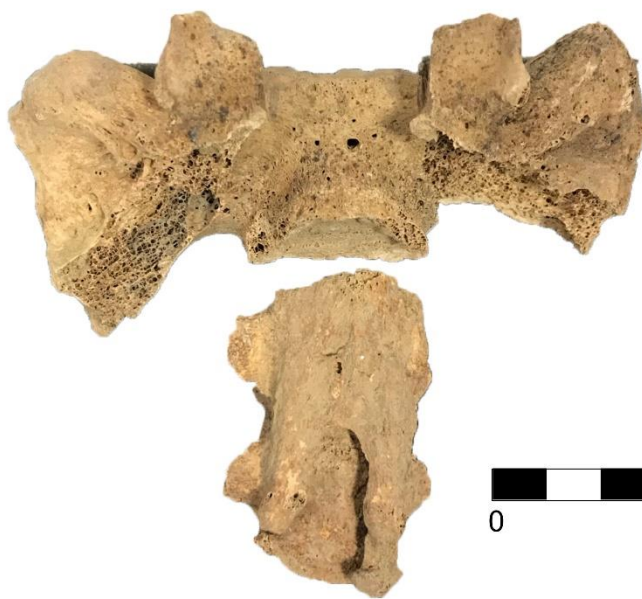


Figura 38 - *Spina Bifida Occulta* incompleta em [7041]

7. Discussão

O período do pós-conquista da cidade de Lisboa por D. Afonso Henriques, após 1147, foi marcado pelo desenvolvimento e assentamento de uma série de edificações religiosas que marcaram o urbanismo lisboeta (Silva, 2017, p. 402 – 403). Deste modo, era necessário garantir a sua sustentabilidade, o que só se tornou possível com a definição de modelos arquitetónicos cuja funcionalidade se tratava de responder às necessidades espirituais e materiais que advém deste estilo de vida. Neste sentido, o espaço conventual tornou-se alvo de grandes alterações, sendo necessário que cumprisse não só a sua função como local sagrado e de aproximação à divindade, mas também de autossustento das comunidades que aí residiam. Assim, o espaço conventual era definido como um perímetro murado que enclausurava no seu interior um espaço de cultivo e a área sagrada (Cunha, 2018, p. 54).

A cerca permitia então a divisão do espaço religioso do espaço público, garantindo a clausura dos clérigos, ao mesmo tempo que possibilitava aos habitantes do convento a possibilidade de deambulação, meditação e contemplação sem interrupções ou perturbações mundanas. No caso dos conventos urbanos que, por norma, tinham um papel social mais ativo, garantiam a existência de um espaço privado, cujo acesso era apenas permitido aos religiosos (Cunha, 2018, p. 54).

O estudo do presente espaço funerário acarreta em si algumas implicações interpretativas, devido à sua localização, uma vez que no período de ocupação medieval cristão da cidade a prática funerária obrigava ao sepultamento do morto em solo considerado sagrado, i.e., no interior ou imediações de edifícios sagrados (Antunes-Ferreira, Cardoso & Santos, 2013, p. 1113; Barroca, 1987, p. 24; Cunha, 2017, p. 72), o que, segundo os documentos e cartografia histórica da área, não se trata do caso desta necrópole.

Não obstante, a presença do espaço funerário, assim como da estrutura murária [7016] localizada nas suas imediações, demonstra que a área funerária ainda se encontrava incluída dentro do espaço caracterizado como pertencente ao corpo clerical. Deste modo, a estrutura [7016] poderá corresponder a um fragmento da cerca conventual que, devido à existência de uma camada de pedras miúdas na sua base (que, possivelmente, se trataria da sua vala de fundação a uma cota inferior à das sepulturas) implica que esta é anterior à utilização do espaço com propósito fúnebre.

Neste mesmo lugar, já sob o nível dos sepultamentos, surgem os vestígios da *Corredoura* medieva, unidade [7045], (a cerca de 1 metro abaixo da cota do topo da estrutura tipo muro [7016]), composta por pedras de variadas dimensões com alinhamento entre si. A presença deste piso de circulação aponta para a integração de espaço público no que seria considerado o espaço religioso. Isto, por si só, revela uma perda de utilização da via de circulação e a sua consequente descaracterização em prol da apropriação monástica (Figura 39).

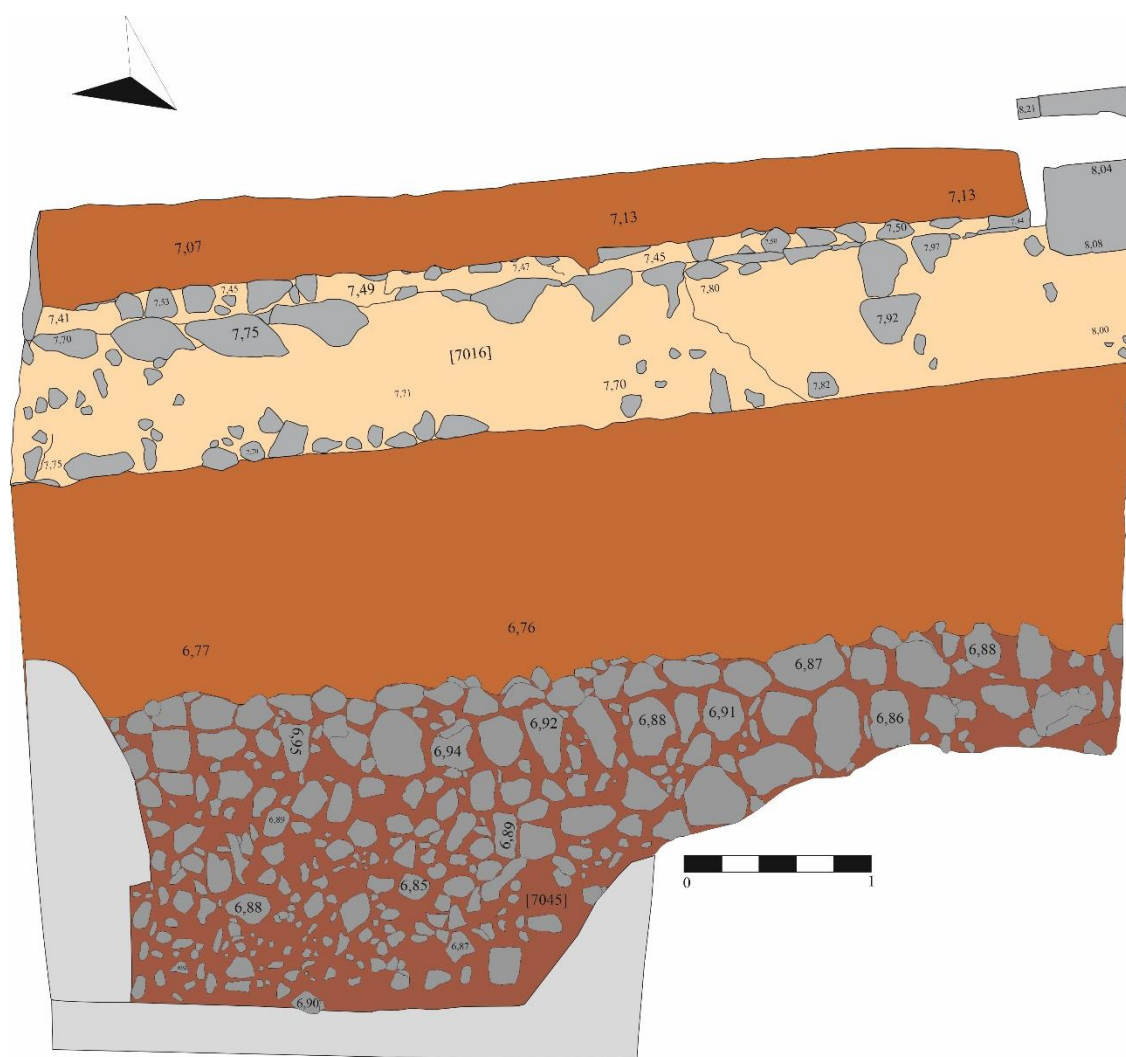


Figura 39 - Plano Geral do troço da *Corredoura* com inclusão de muro [7016] - Quad. C11, para observação da relação entre ambos os elementos. Escala 1:20

É possível perceber, através dos registos documentais históricos, a atribuição em 1271 por D. Afonso II, dos terrenos a Norte, Nascente e Sul envolventes ao Mosteiro, nomeadamente da Igreja à atual Rua da Betesga, a totalidade da Praça da Figueira e a Mouraria, assim como todos os terrenos até à Encosta de Sant'Ana (Alves, 2020, p. 258),

sendo possível atentar uma ideia para a dimensão da cerca conventual deste edifício (Figura 40).

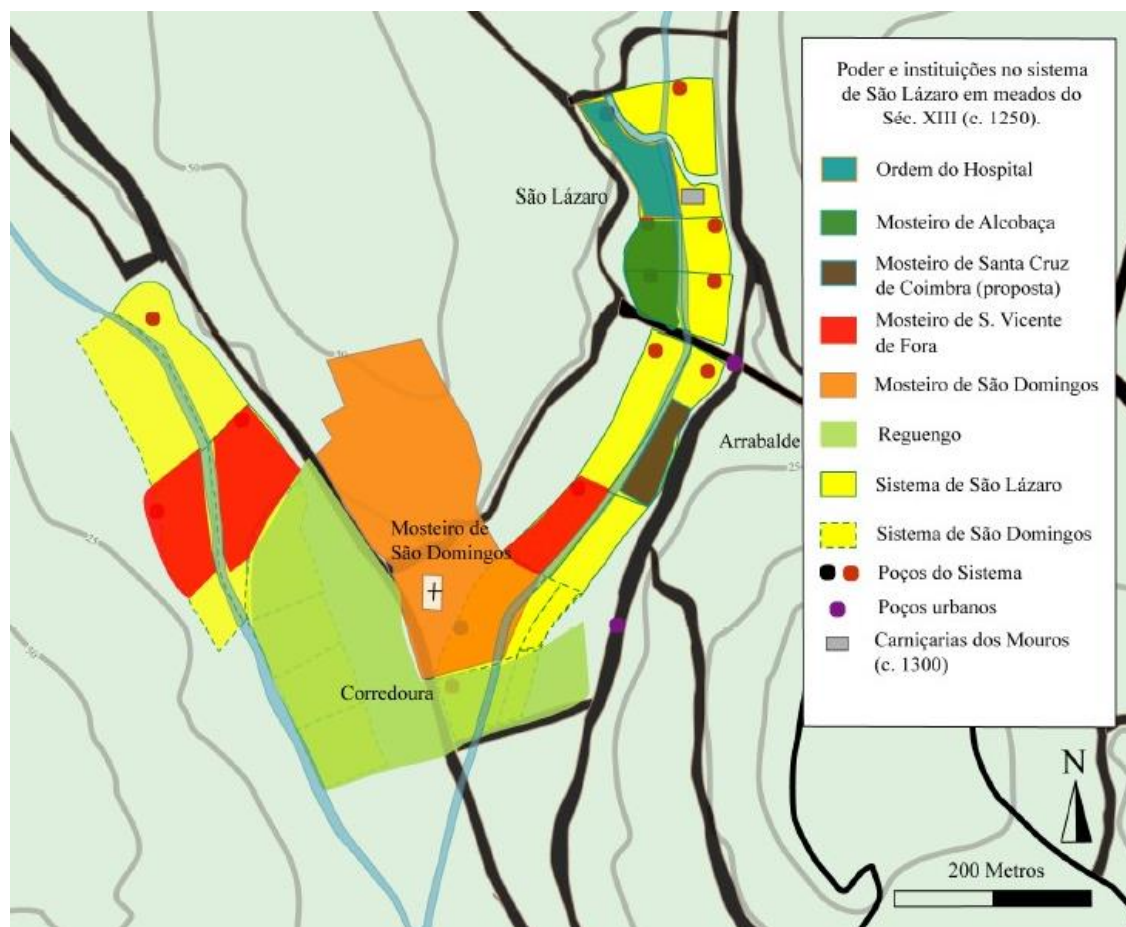


Figura 40 - Poder e Instituições no Sistema de S. Lázaro em meados do século XIII (c. 1250), com a indicação do Convento de São Domingos e do seu possível espaço conventual a laranja (Gonçalves, 2011, p. 142)

Por outro lado, a presença de [7075], que se tratava de uma cantaria dotada de chanfro, inquestionavelmente gótica, adossada a NO a [7016], indicia a existência de um pilar ou, mais possivelmente, de uma ombreira de vão. Isto poderá ser indicativo da presença de uma edificação religiosa (um pequeno oratório ou capela) associada à unidade religiosa. Não se trataria de caso raro, tendo sido já identificados vários casos de edifícios religiosos anexos a um espaço conventual principal espalhados ao longo do espaço da Cerca, para uma maior facilitação do acesso pelos devotos da Ordem (Afonso, 2018, p. 53).

A documentação histórica diz-nos que dentro do espaço da cerca conventual do Mosteiro de São Domingos da Cidade, existiam dezassete capelas que tinham a obrigação

de prestar o serviço de missa diária, não sendo no entanto explícita acerca da sua localização específica¹¹.

Um caso paralelo, também situado em Lisboa, equivale ao Mosteiro dos Jerónimos que, apesar da documentação escrita ser omissa sobre a existência de capelas no espaço da cerca, para além das duas que ainda hoje se preservam possuía uma terceira, representada na cartografia histórica na parcela NO da cerca monástica, conforme a *Carta topographica da cidade de Lisboa reduzida da que foi levantada na escala 1:1000*, em 1856 a 1858 (Figura 41).

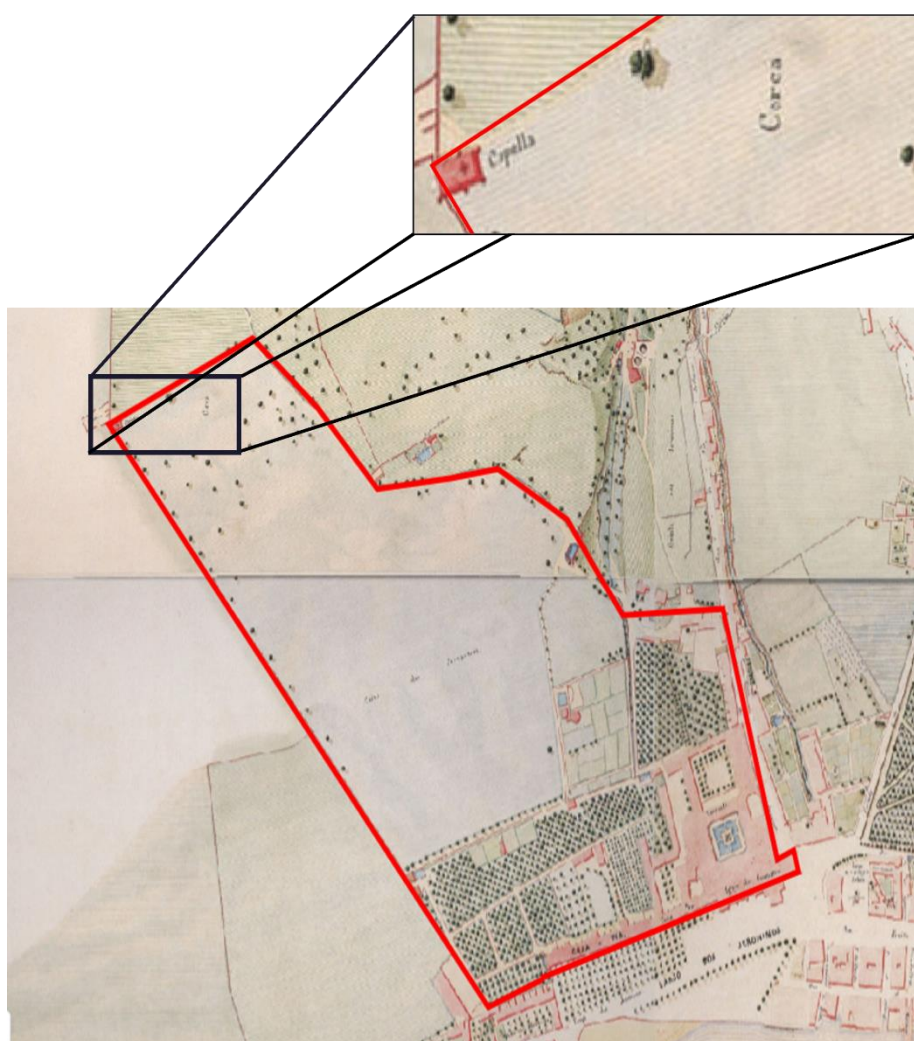


Figura 41 - Delimitação da Cerca Conventual do Mosteiro dos Jerónimos (a vermelho) e pormenor da capela localizada no extremo NO na Carta topographica da cidade de Lisboa reduzida da que foi levantada na escala 1:1000 em 1856 a 1858; ; Esta carta indica os melhoramentos posteriores e o projecto d«[»e«]

¹¹ Consultar: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1457992>

algumas obras d«[»e«]» arte a executar no futuro pelo engenheiro M. C. C. Paes, 1882 / sob a direcção do general Filippe Folque, Director Geral dos Trabalhos Geodésicos, publicada em 1871. - Escala 1:10000. - [Lisboa: Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos, 1882]. - 1 planta: preto, branco e vermelho; 51,60x81,10 cm, em folha de 55,20x83,20 cm

Ainda na cidade de Lisboa, a Igreja de Santo Agostinho de Lisboa, onde se localizava o “Coléginho” (primitivo Colégio de Santo Antão), segundo a cartografia teria uma capela dentro do espaço da Cerca Conventual (Figura 42).



Figura 42 – Indicação (a vermelho) da capela localizada dentro do espaço da Cerca Conventual da Igreja de Santo Agostinho de Lisboa (primitivo Colégio de Santo Antão) na Carta topographica da cidade de Lisboa reduzida da que foi levantada na escala 1:1000 em 1856 a 1858; ; Esta carta indica os melhoramentos posteriores e o projecto d«[»e«]» algumas obras d«[»e«]» arte a executar no futuro pelo engenheiro M. C. C. Paes, 1882 / sob a direcção do general Filippe Folque, Director Geral dos Trabalhos Geodésicos, publicada em 1871. - Escala 1:10000. - [Lisboa: Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos, 1882]. - 1 planta: preto, branco e vermelho; 51,60x81,10 cm, em folha de 55,20x83,20 cm

Outro caso, melhor documentado, trata-se do Convento de S. Francisco da Ponte, em Coimbra, onde as referências históricas localizam uma capela no interior do espaço da Cerca, local onde, em 1875, os párocos de S. Bartolomeu e Santa Clara solicitam como destino para colocação das ossadas existentes dentro da Igreja e dos Claustros (Pereira,

2012, p. 7). Outro ainda, será o caso do Convento de São Francisco do Monte, em Viana do Castelo (Figura 43), cujo espaço territorial se dividia em quatro partes: o espaço de acesso, onde se localizava a via ascendente; o espaço religioso, com o edificado da igreja; o espaço regral, que abrangia o convento desenvolvido em torno do claustro; o espaço da cerca, que era pontuado por várias capelas e pequenos oratórios, a via sacra, fontes e tanques de rega para os trabalhos agrícolas (Afonso, 2018, p. 53). Deste modo, o espaço da cerca tinha, segundo o autor, 15 capelinhas, estando 11 espalhadas pelo interior do espaço murado da Cerca, e outras quatro edificadas junto ao espaço de entrada do Convento (Afonso, 2018, p. 77).

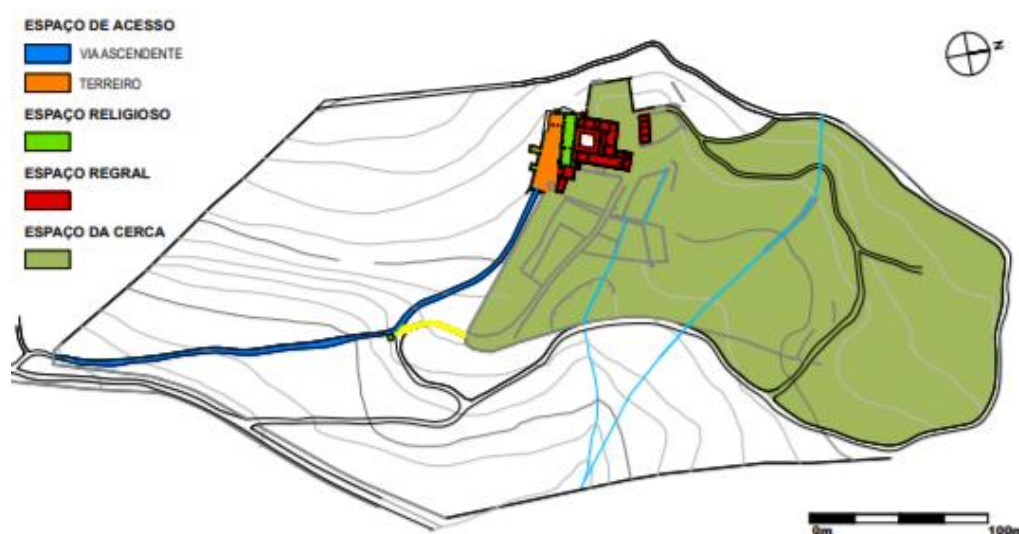


Figura 43 - A divisão dos espaços dentro da propriedade conventual do Convento de São Francisco do Monte, em Viana do Castelo, segundo Afonso (2018)

O mais interessante nestes casos será, talvez, a quase total inexistência de registos documentais/ cartográficos destas pequenas capelas/ oratórios na documentação histórica. Deste modo, nota-se, nos casos de desmonte, apenas a presença dos mesmos através do registo arqueológico dos remanescentes arquitetónicos destas estruturas, o que poderá ser o caso.

Pode, no entanto, no seguimento desta proposta de existência de uma pequena capela/ oratório, não para uso público, mas para usufruto privado e familiar, tal como nos serve de exemplo, o caso de Gonçalo Lourenço de Gomide, escrivão da puridade do rei que, em 1410, institui uma capela fúnebre no convento dos Agostinhos de Lisboa para si e para a sua família. Impondo, através do seu testamento, que os seus herdeiros, sejam

sepultados nas imediações da capela ainda que em campas rasas e simples (Rosa, 2005, p. 14 – 15). Do mesmo modo, Pedro Eanes Lobato, conselheiro de D. João I e D. Duarte I, em 1438, no seu testamento, tal como o primeiro, funda uma capela privada para albergar o seu corpo e o da sua mulher após a morte, à guarda da confraria de Santa Maria da Igreja de S. Mamede (Rosa, 2005, p. 9 – 13). No mesmo sentido, em Lisboa, na Igreja de São Lourenço, é fundada em 1296, a Capela de Santa Ana, mandada construir a pedido do Mestre Pedro, através do seu testamento, que, à falta de herdeiros, a legou a seu irmão Lourenço Peres (Farelo, 2007, p. 146).

Esta ideia surge no ideal de passagem da “alma” como herdeira do corpo e dos bens materiais em vida, criando assim uma pessoa jurídica para um conceito abstrato, legando-lhe uma “casa espiritual”.

Por outro lado, poderão ser colocadas ainda duas outras hipóteses: a primeira, ainda que menos provável, relaciona-se com as promulgações da Ordem dos Pregadores de aceitação dos devotos independentemente do seu estado de matrimónio (Fr. Medina Escudero, 2018, p. 63), poderá significar que os defuntos tratar-se-iam dos cônjuges/familiares dos frades aceites após o voto de celibato apesar do voto de matrimónio; a segunda, trata-se de os indivíduos sepultados pertencerem aos servidores do corpo clerical, os componentes do corpo da comunidade religiosa, ou seja, os servos/trabalhadores das Hortas. Estes eram quem era incumbido das tarefas mais pesadas e que, apesar do seu baixo estatuto na hierarquia religiosa dentro do convento, garantia a alimentação e manutenção do espaço conventual (Oliveira, 2017, p. 3)

Esta hipótese assentaria sobre os cânones religiosos que ditam que os devotos ao clero com cargo oficializado, não deveriam tratar dos assuntos da terra, nomeadamente dos trabalhos relacionados com a produção agrícola. No seguimento desta alternativa, é revelado em fonte documental que, no ano de 1551, existiriam cerca de vinte servidores dentro da comunidade conventual do Convento de S. Domingos da Cidade¹², o que pode, até certo ponto, corroborar a proposta, já que, como pertencentes à comunidade religiosa, estes deveriam ser sepultados dentro do espaço sagrado, nas imediações do mosteiro.

¹² Consultar: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1457992>

Por outro lado, e como apontamento, não se trata de acontecimento incomum o sepulcro junto às cercas conventuais, sendo, porém, relatado em maior quantidade a partir do século XIX, noutra quadro histórico totalmente distinto, após a extinção das ordens religiosas pela mão de D. Pedro IV, em 1834. Neste sentido, vemos localidades como Coimbra, Castelo de Vide, Caminha, Mirandela, Santa Maria da Feira, Pombal, Merceana, Setúbal, Elvas, Figueira da Foz e Évora que, em 1839, tiveram cedidos os espaços das cercas conventuais para transformação em cemitérios (Queiroz, 2016, p. 103). No entanto, existem relatos da utilização do espaço da cerca para práticas funerárias em períodos de grande instabilidade social e política, nomeadamente durante o Cerco do Porto de 1832 (Queiroz, 2016).

Surge ainda como relevantes para a análise do caso em estudo os outros espaços funerários nas suas proximidades. A análise destes locais, e das suas semelhanças ao contexto em apreciação, baseia-se em aspetos como a organização da zona sepulcral, o tipo de inumação praticado, modo de deposição, orientação e tipologia de sepulturas, assim como a cronologia afeta ao espaço e às sepulturas.

Deste modo, e apesar da pequena dimensão da amostrada estudada, que não permite retirar ilações relacionadas com a demografia medieval, serão abordados, comparativamente, os contextos de vários sítios arqueológicos coevos em Lisboa¹³ (Anexo VIII, Tabela 18), nomeadamente, a necrópole do adro da Igreja de São Domingos (Trindade & Diogo, 2000; Trindade *et al.*, 2001; Júlio, 2020); a necrópole medieval-moderna de Arruda dos Vinhos (Antunes-Ferreira, Cardoso & Santos, 2013); o Mosteiro de São Vicente (Cunha & Ferreira, 1998; Serafim, 2017; Nunes, 2010); e a Igreja de São Lourenço da Mouraria (Nunes, 2010) (Gráfico 14).

O primeiro local trata-se da necrópole associada ao adro da Igreja de São Domingos da Cidade, cujos trabalhos de intervenção arqueológica foram em 1991 entregues ao GTTRL, então em atividade, tendo sido estes espoletados pelas obras de substituição do coletor da Rua das Portas de Santo Antão, da responsabilidade da Direção Municipal de

¹³ Deve ser mencionado que o enterro em covachos rasos, de forma oval, era comum em período medieval, existindo inúmeros sítios arqueológicos que apresentam a mesma tipologia de enterro. No entanto, foram escolhidos os sítios apresentados não só devido à tipologia de enterro, mas também pelas cronologias análogas que apresentam, semelhantes à do presente contexto.

Infraestruturas e Saneamento (Trindade *et al.*, 2001, p. 109; Júlio, 2020, p. 3). A zona sepulcral era composta por doze sepulturas, em covacho simples, sem demarcação a nível do solo, contendo na sua totalidade vinte e três indivíduos, tendo sido praticada inumação individual (5), dupla (4), tripla (2) e múltipla (1) (Trindade *et al.*, 2001, p. 109; Júlio, 2020).

Os indivíduos encontravam-se depositados em decúbito dorsal, com os membros inferiores estendidos e os membros superiores cruzados sobre a zona pélvica. A datação oferecida pelos autores à necrópole, encontra-se entre o início do reinado de D. Manuel e 1531, ano em que se deu um terramoto que terá aberto “*de alto a baixo todas as naves da igreja*”, um espaço relativamente curto de utilização que compromete apenas 36 anos, não existindo reutilização posterior do espaço funerário (Trindade & Diogo, 2000, p. 60). Os autores não apresentam, infelizmente, os fundamentos da sua proposta cronológica. Apesar disto, Júlio (2021), na sua análise ao espólio bioantropológico, revela a existência de 3 fragmentos cerâmicos, aos quais atribui uma cronologia datável ao século XV-XVI, sendo que serão esses os dados utilizados para comparação com o presente estudo. No entanto, no gráfico abaixo serão demonstrados os diferentes dados referentes à diagnose sexual, mostrando os dados de Trindade *et al.* (2001) e Júlio (2021), que demonstraram realidades diferentes do contexto. Deste modo, encontravam-se presentes dez indivíduos do sexo masculino, nove do sexo feminino e quatro não-adultos. Relativamente à idade à morte, dezasseis foram classificados como “Adultos”, dois como “Adulto Jovem”, dois como “Adolescente” e três como “Criança” (Júlio, 2021, p. 65).

Neste sentido, apesar das dissemelhanças nos resultados obtidos nos estudos de Trindade *et al.*, (2001) e Júlio (2021), denota-se uma maior percentagem de indivíduos classificados como pertencentes ao sexo masculino, apesar de que no primeiro, a diferença entre sexos ser comparativamente maior, enquanto no segundo, esta diferença era apenas marcada por um individuo (Júlio, 2021). É neste ponto que, apesar das semelhanças contextuais arqueológicas entre o presente estudo e o adro da Igreja de São Domingos mostram uma contrastante diferença nos resultados, já que neste contexto existe uma predominância do sexo masculino, enquanto que no caso presente, o número de indivíduos do sexo feminino é relativamente superior ao de indivíduos do sexo oposto (ver Capítulo 6.2.1.). Deve ainda ser mencionado que não existia qualquer evidência de sinalização ao nível do solo como marcação das sepulturas (Trindade & Diogo, 2000), contrariamente à norma do período, quando se utilizavam lajes de pedra como cobertura.

A razão de ser da sua não colocação prender-se-á decerto com a circunstância de se tratar de uma zona de circulação, onde se principiavam procissões religiosas, assim como se daria início à missa e se procediam às orações destinadas aos indivíduos aí sepultados (Marques, 2000, p. 522 – 524; Pedroso *et al.*, 2020).

O caso em estudo, apesar das semelhanças em comparação com este espaço fúnebre, difere deste na presença de demarcação das sepulturas ao nível do solo que, apesar de não presentes em contexto arqueológico, poderá relacionar-se com a utilização de materiais perecíveis e não se prenderá, conforme no caso anterior, com as funcionalidades religiosas relacionadas com o sítio de enterro.

Quanto à necrópole medieval/moderna de Arruda dos Vinhos, esta teve trabalhos arqueológicos realizados entre Março e Julho do ano de 2012, no adro da Igreja de Nossa Senhora da Salvação, na vila. Aqui, no decorrer de trabalhos de reabilitação e requalificação dos arruamentos do núcleo urbano, foram postas a descoberto cerca de oitenta sepulturas que seguiam, fundamentalmente, duas tipologias: enterramento em covacho primário, raso e sem demarcação a nível do solo; e, enterramento em sepulturas estruturadas, delimitadas por ortóstatos sendo, por vezes, a sua cobertura realizada através do recurso a lajes, encontrando-se os indivíduos depositados em caixão (Antunes-Ferreira, Cardoso & Santos, 2013, p. 1113).

Apesar de apenas existir um artigo publicado sobre este sítio, é-nos revelado no número de indivíduos presente na necrópole (oitenta), sendo compatível com o número de sepulturas existentes. Neste sentido, as sepulturas tratavam-se, então, de sepultamentos primários e sem deposição múltipla. Surgem, no entanto, reaproveitamentos de sepultura, sendo realizadas reduções ósseas em que os indivíduos eram colocados nos limites das sepulturas ou, então, retirados quase na sua totalidade e recolocados em ossário, enquanto a sepultura inicial serviria para o sepultamento de outro indivíduo (Antunes-Ferreira, Cardoso & Santos, 2013, p. 1113).

No sentido do presente trabalho, tem especial interesse as sepulturas tipo covacho raso, que, infelizmente, não são descritas no artigo. Podemos, no entanto, criar uma correlação entre estas e as descritas no presente trabalho, no sentido da tipologia de enterro, tratando-se de práticas funerárias equivalentes. Deste modo, a posição dos indivíduos encontrava-se também orientada a E-O, encontrando-se os defuntos colocados em decúbito dorsal com os membros inferior estendidos e os membros superiores fletidos,

com as mãos colocadas sobre a região abdominal (Antunes-Ferreira, Cardoso & Santos, 2013, p. 1113).

O espaço funerário conta então com quarenta e um indivíduos adultos e trinta e nove não-adultos, perfazendo um total de oitenta indivíduos (não sendo contabilizados os elementos osteológicos humanos presentes em ossários que, decerto, aumentaram o número total de indivíduos presentes nesta necrópole). Distribuem-se ao longo de um vasto espaço etário, existindo, no entanto, predominância de indivíduos não-adultos cuja idade se localiza até aos 3 anos, e adultos jovens, entre os 18 e 25 anos de idade. Na aferição da diagnose sexual, os autores revelam que dezoito dos indivíduos são classificados como masculinos e dezasseis como femininos, permanecendo trinta e quatro indivíduos como indeterminados, (Antunes-Ferreira, Cardoso & Santos, 2013, p. 1114).

No caso lisboeta do Mosteiro de São Vicente de Fora, os trabalhos arqueológicos ocorreram no ano de 1978, sob a direção de Fernando Rodrigues Ferreira, que escavou o carneiro e relicário construídos no local da cerca do antigo mosteiro. Aqui, foi encontrado um total de catorze sepultamentos, dos quais apenas oito são datáveis da Baixa Idade Média e de interesse para o presente estudo. Destas, duas pertenciam a indivíduos do sexo masculino, não tendo sido possível averiguar a diagnose sexual nos restantes seis. Sete dos indivíduos foram considerados como adultos e um não-adulto, sendo que este teria uma idade de c. de 6 meses (Nunes, 2010, p. 149).

As sepulturas consistiam em covachos simples, primários e individuais, sem cobertura, orientadas a Este-Oeste, encontrando-se os indivíduos sepultados em decúbito dorsal com os membros inferiores estendidos e os membros superiores estendidos ou fletidos sobre a área abdominal ou pélvica. (Nunes, 2010, p. 149).

Mais tardiamente, já em 1992, é realizada outra intervenção arqueológica, tendo-se descoberto outras nove sepulturas sendo que o autor atribui uma datação que irá desde os séculos XII a XIII, surgindo neste caso, uma sepultura de especial interesse, a sepultura 26, que terá sido aberta, mas nunca utilizada, como se supôs tratar-se do caso da sepultura [7021] (segundo os registos de campo). Destas sepulturas, quatro pertenciam a indivíduos do sexo masculino, três ao sexo feminino, e duas foram classificadas como indeterminado. Destas, seis caracterizavam-se como indivíduos “adultos”, um “adolescente” e um “infante” (Nunes, 2010, p. 150).

Também nestas sepulturas o enterramento foi praticado em covacho simples e raso, orientadas a E-O, tendo sido praticado decúbito dorsal com as mãos ou posicionadas sobre a área da cintura ou ao peito, ou estendidas paralelamente ao corpo, ou ainda, colocadas sobre o abdómen. No entanto, neste contexto surge uma sepultura que fugia à norma desta necrópole, encontrando-se voltada para Sul, com o indivíduo colocado em decúbito lateral, segundo a norma islâmica (Nunes, 2010, p. 152).

No ano de 1997, puseram-se a descoberto outras duas sepulturas sendo que uma segue as normas de sepultamento descritas acima e a segunda apresenta uma cobertura realizada em elementos pétreos toscos. Os indivíduos sepultados foram classificados como dois indivíduos do sexo masculino, sendo considerados como adultos (Nunes, 2010, p. 156). Rodrigues Ferreira aponta ainda uma datação para a necrópole que aponta para meados do século XIV (Nunes, 2010, p. 155).

No caso da Igreja de São Lourenço da Mouraria, o espaço foi alvo de trabalhos arqueológicos nos anos de 1992 e 1993, sob a direção de Clementino Amaro, e, de novo, no ano de 2007, sob a responsabilidade de Sandra Brazuna e Marta Macedo (Nunes, 2010, p. 172 – 175). Na primeira fase foram exumadas quarenta e três sepulturas, sendo que todas apresentavam alto nível de reutilização, poucas apresentando indivíduos preservados na sua totalidade, datando desde a fundação do espaço religioso entre 1191 e 1209 e o reinado de D. Manuel (Nunes, 2010, p. 173).

As sepulturas eram descritas então como covais ou covachos de pouca profundidade, abertos ao nível da camada natural geológica, orientadas a Este – Oeste, encontrando-se os indivíduos depositados em decúbito dorsal, com os membros inferiores estendidos e paralelos, e os superiores fletidos sobre a região pélvica, ou colocados sobre o peito. No caso da intervenção realizada em 2005, não houve registo de quaisquer vestígios funerários ou arqueológicos (Nunes, 2010, p. 175).

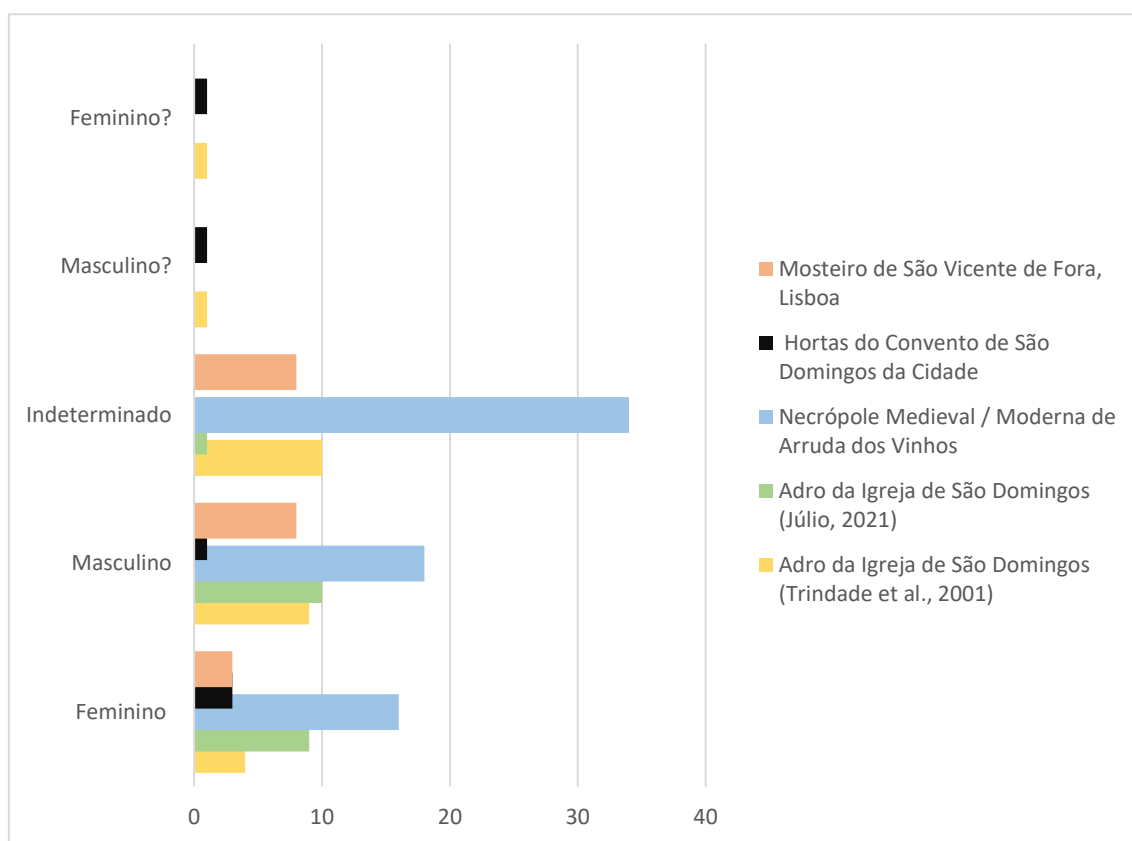


Gráfico 14 - Comparação entre os dados referentes à Diagnose Sexual dos indivíduos adultos das amostras do Adro da Igreja de São Domingos (segundo Trindade *et al.* (2001) e Júlio (2021)), da Necrópole Medieval / Moderna de Arruda dos Vinhos (Antunes-Ferreira, Cardoso & Santos, 2013), do Mosteiro de São Vicente de Fora de Lisboa (Nunes, 2010; Cunha & Ferreira, 1998; Serafim, 2018) e do Espaço Funerário Associado às Hortas de São Domingos

Através da leitura do gráfico acima, assim como da exposição dos quatro sítios localizados na cidade de Lisboa ou seu aro, percebemos que, ao contrário do presente estudo, existe uma clara predominância de indivíduos do sexo masculino nas necrópoles coevas no espaço urbano. No entanto, nota-se também uma alta percentagem de indivíduos classificados como indeterminado, quer sejam indivíduos adultos cujos indicadores dimórficos não são classificáveis, ou pelo nível de fragmentação dos elementos esqueléticos humanos.

É passível de perceber ainda que em todos os espaços funerários apresentados o espólio funerário é bastante reduzido ou inexistente, algo que parece ser comum nas necrópoles medievais balizadas cronologicamente entre os séculos X e XV, sendo os corpos dos defuntos envolvidos apenas em sudário de linho e depositados na sepultura. Isto encontra-se relacionado com o ideal de “morte despersonalizada” existente neste

período, derivado dos cânones religiosos cristãos em vigor na altura (Pereira, 2008, p. 32; Barroca, 1987).

Nunes (2010) ao observar uma grande amostra de sítios arqueológicos com deposições funerárias, dos quais retém apenas duzentos e quatro indivíduos para um estudo mais profundado, chega a conclusão de que, de todas as tipologias de enterro praticadas, o sepultamento em covachos simples e pouco profundos, sendo o indivíduo sepultado apenas envolvido em sudário de linho, parece ser a mais prática mais corrente em Lisboa e seu entorno no decorrer da Baixa Idade Média (Nunes, 2010, p. 195 – 196).

8. Conclusão

A morte e as suas representações, assim como as atitudes perante este fenómeno, sempre foram alvo de especial interesse. Desde cedo que se começou o estudo de gestos funerários tendo em consideração as ações e relações mentais e sociais, assim como religiosas, em que estas se poderiam traduzir. Neste sentido, Huizinga (1919), Kantorowicz (1957), assim como Ariés, ainda que mais tardiamente (Ariés, 1974), tratam-se de autores de referência com obras de grande impacto relativamente ao conhecimento e perceção das mentalidades sociais perante a morte em período medieval.

No presente trabalho abordou-se o âmbito funerário da Baixa Idade Média da cerca conventual de São Domingos da Cidade que se revelou como um contexto arqueológico deveras interessante, não só pela sua localização dentro do espaço das hortas mas, também, pelo vazio dos registos históricos e documentais existentes em seu redor, para além do edifício conventual (Pedroso *et al.*, 2020, p. 1707).

O espaço das Hortas do Convento de São Domingos da Cidade, segundo as fontes textuais, tratar-se-ia do espaço cedido, no século XV, para a construção do Hospital Real de Todos-Os-Santos (Alves Cardoso, Casimiro & Assis, 2013; Bargão, 2015; Bargão & Ferreira, 2016; Bargão, Ferreira & Silva, 2021; Barradas, 2017; Barradas & Silva, 2017; Busom, 2017; Pedroso *et al.*, 2020; Silva & Lourenço, 2019; Silva, 2005; Silva, 2018b). Sabe-se da sua doação por D. Afonso III aos frades da Ordem dos Pregadores, ou frades Dominicanos, no século XIII, sendo que a construção do espaço conventual se iniciou em 1242 (Marado, 2018), pelo que podem ser propostas balizas cronológicas inscritas entre os séculos XIII e XV para a sua utilização com funcionalidade agrícola.

É neste período de mais de dois séculos que, para além da sua funcionalidade agrícola, teve utilização enquanto espaço funerário, sendo registados um total de dez sepultamentos, pelos dados mais qualificados assumindo especial interesse as oito sepulturas aqui expostas. Estas caracterizam-se como sepulturas de formato ovalado de tendência retangular atingido poucas profundidades e dimensões variadas que dependiam das do indivíduo sepultado (ver capítulo 5).

Das estruturas funerárias apenas uma revelou possíveis indícios de reutilização, a [7021], que se tratava, conforme exposto antes, e segundo os registos de campo realizados nos trabalhos arqueológicos de 1999 – 2001, de uma sepultura na sua totalidade definida, mas não utilizada. No entanto, após estudo antropológico, assinalou-se a presença de

indivíduo catalogado com esta unidade estratigráfica, o que poderá apontar para uma redução óssea com intuito de reaproveitamento do covacho, não tendo sido este, no entanto, realizado.

Ao observarmos alguns exemplos de espaços funerários dentro de Lisboa e no seu termo, percebemos que a norma praticada no enterramento é a mais comum para o período medieval, devido aos dogmas religiosos em vigor na altura. O ideal de “morte despersonalizada” é posto em prática, no sentido em que a morte, como um fenómeno que afeta todos os indivíduos, garante uma igualdade societária que não existe em vida. Percebemos, no entanto, que este não é o caso real, existindo vários elementos que permitiam a separação entre as classes sociais mais elevadas e os indivíduos que pertenceriam a estratos menos favorecidos, nomeadamente a localização do seu sepultamento, assim como a tipologia de enterro utilizada no mesmo, ou seja, estruturação da sepultura e, por fim, a deposição de espólio funerário associado ao morto, entre os quais, objetos decorativos ou caracterizantes da vida do indivíduo (Barroca, 1987; Antunes-Ferreira, Cardoso & Santos, 2013).

No contexto presente, pode ser assumido de forma genérica um nível social mais baixo ao qual os defuntos pertenceriam, não só pela inexistência de espólio votivo, mas também pela tipologia de enterro, em sepulturas não estruturadas e, possivelmente, sem demarcação a nível do solo, ainda que tal não possa ser tomado como uma certeza, devido à possibilidade de utilização de materiais perecíveis. A localização junto à cerca conventual, afastada do interior e das proximidades do edifício religioso (onde estão geralmente sepultados os indivíduos mais abastados que, nos seus testamentos, oferecem dotes ao complexo monástico em troca de orações e cerimónias religiosas pela salvação da sua alma), parece atestar esta mesma ideia.

Através da análise do espólio biológico humano foi possível atentar o perfil biológico de cada indivíduo, sendo então a amostra composta por 3 indivíduos do sexo feminino, 1 do sexo masculino, 2 não-adultos e um indivíduo jovem adulto que classificamos como “masculino?”, assim como [7021] que, após análise, parece tratar-se de um indivíduo do sexo feminino, tendo sido utilizados, como meio de avaliação, os caracteres morfológicos do crânio presentes. A amostra apresenta ainda uma grande heterogeneidade relativamente às categorias etárias em que se inserem os indivíduos, podendo ser catalogados ao longo de todos os grupos etários, desde a infância até à idade adulta.

Ao analisarmos o espólio cerâmico disponível para o contexto, pertencente à unidade estratigráfica [7017], aquela cortada pela abertura dos covais, podemos definir uma datação para o contexto relativamente mais estreita. Deste modo, apontamos a cronologia de utilização do espaço enquanto funerário para os finais do século XIV, século XV. Apesar da presença de vestígios cerâmicos datáveis ao período romano (PF00/C11/[7017]12 e PF00/C11/[7017]/13) e um outro atribuível ao século XIII (PF00/C11/[7017]/1), estes podem ser associados a intrusões dentro da unidade contextual devido às ações de revolvimento dos terrenos para a prática agrícola que caracteriza este espaço.

A localização do espaço funerário pode ser atribuída, pensamos, a três hipóteses: a primeira dever-se-á à possível existência de um pequeno oratório/ capela nos limites do espaço da cerca conventual, indicado pela presença de uma ombreira dotada de chanfro em estilo gótico que adossa a NO ao muro [7016] de delimitação da cerca, tratando-se muito provavelmente da ombreira de um vão, algo que, conforme demonstrado anteriormente (Ver Capítulo 7. Discussão), não é incomum no interior das cercas conventuais medievais, tendo sido demonstrado através da utilização de exemplos, como o Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, do Convento de S. Francisco da Ponte, em Coimbra, e do Convento de São Francisco do Monte, em Viana do Castelo (Pereira, 2012; Afonso, 2018).

A segunda, será que os indivíduos sepultados teriam sido servidores do complexo religioso, trabalhadores que teriam tratado das tarefas relacionadas com os trabalhos da Horta, ou seja, as plantações e o cultivo (Oliveira, 2017). É-nos indicado, neste sentido, por fontes documentais, a existência de cerca de 20 servidores, no ano de 1551, dentro do complexo do convento, cujo trabalho seria o da manutenção do espaço agrícola.

Por fim, a última hipótese, ainda que menos provável, propõe que os indivíduos sepultados neste espaço seriam os cônjuges/ familiares dos frades que, previamente à sua aceitação dentro da Ordem e, consequente, realização do voto religioso, teriam concretizado o voto de matrimónio (Fr. Medina Escudero, 2018).

Qualquer das hipóteses antes propostas, independentemente da sua maior ou menor plausibilidade, requereriam dados de outra natureza que as corroborassem de maneira categórica. Todavia, e independentemente delas, o contexto arqueológico abordado e o estudo sobre ele realizado compõe um contributo pertinente para o

conhecimento da diversidade das vivências conventuais e monásticas medievais que tinham lugar no interior das respectivas cercas, aspeto menos abordado no âmbito dos estudos sobre as instituições com esta natureza e seus espaços.

9. Bibliografia

- ADSERIAS-GARRIGA, Joe; WILSON-TAYLOR, Rebecca (2019) – Skeletal age estimation in adults. In ADSERIAS-GARRIGA, Joe (Ed.), *Age Estimation, A Multidisciplinary Approach*, Academic Press, p. 55-73.
- AFONSO, Miguel (2018) – *Valorização e Renovação do Convento de São Francisco do Monte*, Vila Nova da Cerveira: Escola Superior Gallaecia. (Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo).
- ALEXANDRE-BIDON, Danièle (1993) - La morte en son jardin. In ALEXANDRE-BIDON, Danièle; TREFFORT, Cécile (Eds.), *À Réveiller les morts. La mort au quotidiendans l'Occident medieval*, Lyon: Presses universitaires de Lyon, p.109 – 206.
- ALVES CARDOSO, Francisca; CASIMIRO, Silva; ASSIS, Sandra (2013) - Panorama Geral do Espólio Osteológico Exumado na necrópole do Extinto Hospital Real de Todos os Santos (lisboa, século XV a XVIII). In ARNAULD, José; NEVES, César; MARTINS, Andrea (eds.), *Arqueologia em Portugal. 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- ALVES, José da Felicidade (2020) – *Peregrinação pelas Igrejas de Lisboa. Tomo II: Igrejas Medievais de Lisboa (1147 – 1495)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa. 402 p.
- AMARO, Clementino (1992) - Silos medievais no Palácio Nacional de Sintra. In *Arqueologia Medieval*, n.º1, Edições Afrontamento/Campo Arqueológico de Mértola, p. 111 - 123.
- AMARO, Clementino ; HENRIQUES, José.; SIMÕES, S.; FILIPE, Vanessa (2012) - Edifício da antiga prisão do Aljube, Lisboa – dois contextos medievais. In *X Edição do Congresso Internacional A Cerâmica medieval no Mediterrâneo*. Poster. Silves.
- ANTUNES, José; OLIVEIRA, António Resende de; MONTEIRO, João Gouveia (1984) – Conflitos Políticos no Reino de Portugal entre a Reconquista e a Expansão:

Estado da Questão. In *Revoltas e Revoluções – Revista de História das Ideias*. Nº 6, Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias, Faculdade de Letras. p. 25 – 160.

ANTUNES-FERREIRA, Nathalie; CARDOSO, Guilherme; SANTOS, Filipa (2013) - A necrópole medieval/moderno de Arruda dos Vinhos. In ARNAULD, José; NEVES, César; MARTINS, Andrea (eds.), *Arqueologia em Portugal. 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1111 – 1117.

ARIÉS, Philippe (1974) – *Western Attitudes Toward Death: From the Middle Ages to the Present*. Calder & Boyan, Ltd. 111 p.

ASSIS, Sandra; CASIMIRO, Silvia; ALVES CARDOSO, Francisca (2015) - A possible case of acquired syphilis at the former Royal Hospital of All-Saints (RHAS) in Lisbon, Portugal (18th century): a comparative methodological approach to differential diagnosis. In *Anthropologischer Anzeiger*, Vol. 72, Nº 4, p. 427 – 449.

ASTON, Margaret (1968) – *O Século XV*. Lisboa: Editorial Verbo. 240 p.

BARGÃO, André (2015) - Vivências do Quotidiano do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa): os contextos do poço SE do claustro NE. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, (Dissertação de Mestrado em Arqueologia).

BARGÃO, André, FERREIRA, Sara (2016) – Evidencias do Quotidiano no Hospital Real de Todos-os-Santos, Lisboa: os Contextos do Poço SE do Claustro NE. In COELHO, Inês; TORRES, Joana; Gil, Luís; RAMOS, Tiago (Coords.), *Entre Ciência e Cultura: da Interdisciplinaridade à Transversalidade da Arqueologia. Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA-FCSH), p. 233 – 244.

BARGÃO, André; FERREIRA, Sara; SILVA, Rodrigo Banha da (2021) - Memórias de duas intervenções: o remanescente do Hospital Real de Todos-Os-Santos em 1960-1961 e 1999-2001. In *Musa*, 2, *Atas do Colóquio de Homenagem a Irisalva Moita*. Lisboa: EGEAC, Museu de Lisboa.

- BARKER, Philip (1989) - *Techniques of Archaeological Excavation*. Londres: Batsford Book.
- BARRADAS, Ana Isabel (2017) – *Entre a Idade Média e a Época Moderna no Hospital Real de Todos-os-Santos: os Contextos do Poço de T1 da Praça da Figueira (Lisboa)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia).
- BARRADAS, Ana; SILVA, Rodrigo Banha da (2017) - Cerâmicas Quinhentistas Vidradas de um Poço Medieval da Praça da Figueira (Lisboa). In ARNAULD, José; NEVES, César; MARTINS, Andrea (eds.), *Arqueologia em Portugal 2017. Estado da Questão*, Actas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Porto.
- BARROCA, Mário (1987) – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro -e- Minho (Séc. V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (Dissertação para Provas Públicas de Capacidade Científica).
- BLACK, Sue; SCHEUER, Louise (1996) – Age changes in the clavicle: From the early neonatal period to skeletal maturity. In *International Journal of Osteoarcheology*, Vol. 6, Nº 5, p. 425 – 434.
- BOAVIDA, Carlos (2017) - Objectos do Quotidiano num Poço do Hospital Real de Todos-Os-Santos. In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da (eds.), *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*, Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, p. 441 – 457.
- BOAVIDA, Carlos; CASIMIRO, Tânia; SILVA, Telmo (2013) – Silos Medievais da Travessa das Capuchas (Santarém): Estruturas e Cultura Material. In ARNAULD, José; NEVES, César; MARTINS, Andrea (eds.), *Arqueologia em Portugal. 150 anos*, Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- BOONE, D.; PARSONS, D.; LACHMANN, S. M.; SHERWOOD, T. (1985) – Spina Bifida Occulta: Lesion or Anomaly?. In *Clinical Radiology*, Vol. 36, Nº 2, p. 159 – 161.

- BOYLE, Angela (2015) – Approaches to post-medieval burial in England: past and present. In TARLOW, S. (Ed.), *The archeology of death in post-medieval Europe*, p. 39 – 60.
- BRANCO, Maria João (2001) – A Conquista de Lisboa Revisitada. In *Arqueologia Medieval*, Nº 7, Lisboa, p. 217 – 234.
- BRICKLEY, Megan (2004) – Determination of Sex from Archaeological Skeletal Material and Assessment of Partrition. In BRICKLEY & MCKINLEY (eds.), *Guidelines to the Standards from Recording Human Remains*, IFA Paper nº 7, p. 23 – 25.
- BROOKS, Sheilagh; SUCHEY, Judy (1990) - Skeletal Age determination based on the Os Pubis comparison of the Acsadi-Nemeskéri and Suchey-Brooks Methods. *Human Evolution*, vol. 5, p. 227 – 238.
- BRUZEK, Jaroslav (2002) - A Method for Visual Determination of Sex, Using the Human Hip Bone. In *American Journal of Physical Anthropology: The Official Publication of the American Association of Physical Anthropologists*, vol. 117, nº 2, p. 157 – 168.
- BUGALHÃO, Jacinta (2016) – Um Novo Centro Urbano, Junto ao Tejo: Contributos da Arqueologia. In TEIXEIRA, André; PAREDES, Fernando; SILVA, Rodrigo (Eds.), *Lisboa 1415 Ceuta: História de duas cidades (Catálogo da Exposição na Galeria de Exposições da CML)*, Lisboa, Ciudad Autonoma de Ceuta/ CEC, p. 45 – 47.
- BUGALHÃO, Jacinta; COELHO, Inês (2017) – Cerâmica Moderna de Lisboa: Proposta Tipológica. In CAESSA, Ana; NOZES, Cristina; CAMEIRA, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da (Eds.), *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*, Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, p. 106 – 145
- BUSOM, Júlia (2017) - *Late Medieval Lisbon. Seven Individuals from Praça da Figueira*. Cranfield: Universidade de Cranfield. (Dissertação de Mestrado em Antropologia e Arqueologia Forense).

- CALADO, Luís Ferreira; PEREIRA, Paulo; LEITE, Joaquim Passos (2002) – O Regresso dos Monges: Intervenções do IPPAR em Conjuntos Monásticos. In *Revista Estudos*, Lisboa: IPPAR, nº 2, p. 5 – 22.
- CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (1995) – Alguns tipos de Cerâmica dos Sécs. XI a XVI encontrados em Cascais. In SILVA, Luís; MATEUS, Rui (Coords.), *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, p. 575 – 585.
- CASIMIRO, Silvia; SILVA, Rodrigo Banha da; ALVES-CARDOSO, Francisca (2017) ‘et sepultus est’. A multiplicidade da morte na Necrópole Noroeste de Olisipo. In ARNAULD, José; NEVES, César; MARTINS, Andrea (eds.), *Arqueologia em Portugal 2017. Estado da Questão*, Actas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Porto.
- CASIMIRO, Tânia Manuel; SILVA, Telmo; NEVES, Dário; SANTOS, Carolina (2012) – Cerâmicas Medievais da Rua da Corredoura (Évora). In GONÇALVES, Maria José; GÓMEZ-MARTÍNEZ, Susana (Coords.), *Actas do Congresso Internacional A cerâmica Medieval no Mediterrâneo – Mértola, Auditório da Fissul, 22 a 27 de Outubro de 2012*. Silves: Câmara Municipal de Silves, Campo Arqueológico de Mértola, p. 298 – 302.
- CASIMIRO, Tânia; FILIPE, Vanessa; HENRIQUES, José Pedro (2021) – Losing a Piece to Win a Game: Gaming Pieces in Portugal. In BLAŽKOVÁ, Gabriela; MATĚJKOVÁ, Kristýna (Eds.), *Europa Postmediaevalis: Post-Medieval Pottery in the Spare Time*, Oxford. Archeopress, p. 163 – 170.
- CATARINO, Helena (2003) - Cerâmica da Baixa Idade Média e de inícios do período moderno registadas no castelo da vila de Alcoutim. In *Actas das 3^{as} Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 161 – 178.
- CRUZ, Cristina (2011) – *Viver a Morte em Portugal: o Potencial Informativo dos Relatórios Antropológicos de Campo (1994-2007)*. Coimbra: Faculdade de

Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. (Dissertação de Doutoramento em Antropologia Biologia).

CUNHA, Armando; FERREIRA, F. E. (1998) – *Vida e Morte na Época de D. Afonso Henriques*, Hugin, Lisboa.

CUNHA, Francisco (2018) – *O Centro de Cultura Contemporânea de Lisboa no lugar do Convento da Madre de Deus em Xabregas. O recinto conventual como génese de projeto*. Évora: Escola de Artes da Universidade de Évora. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura).

DUDAY, Henry (2006) – L'archéothanatology or l'archéologie de la mort (Archaeothanatology or the Archaeology of Death). In GOWLAND, Rebecca; KNÜSEL, Christopher J. (Eds.) – *Social Archaeology of Funerary Remains*. Oxford: Oxbow Books, p. 30 – 56.

DUDAY, Henry (2010) – *The Archaeology of the Dead: Lectures in Archaeothanatology*. Translated by Anna Maria Cipriani and John Pearce. Oxford: Oxford University Press.

DUDAY, Henry; COURTAUD, Patrice; CRUBEZY, Éric; SELLIER, Pascal; TILLIER, Anne-Marie (1990) – L'anthropologie «de terrain»: Reconnaissance et Interprétation des gestes funéraires. In *Bullétins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, Vol. 2, p. 29 – 49.

DUDAY, Henry; MASSET, Claude (1987) – *Anthropologie physique et archéologie : Méthodes d'étude des sépultures*. Paris: Editions CNRS.

FABIÃO, Carlos (1994) - Ler as cidades antigas: Arqueologia Urbana em Lisboa, in *Penélope - Ler e Desfazer a História*, Nº 13, Edições Cosmos, Cooperativa Penélope, Lisboa, p. 147 – 162.

FAHEY, V.; OPESKIN, K.; SILBERSTEIN, M.; ANDERSON, R.; BRIGGS, C. (1998) – The Pathogenesis of Schmorl's Nodes in Relation to Acute Trauma: An Autopsy Study. In *Spine*, Vol. 23, Nº 21, p. 2272 – 2275.

- FARDON, David; WILLIAMS, Alan; DOHRING, Edward; MURTAGH, F. Reed; ROTHMAN, Stephen; SZE, Gordon (2014) – Lumbar disc nomenclature: Version 2.0.: Recommendations of the Combined Task Forces of the North American Spine Society, the American Society of Spine Radiology, and the American Society of Neuroradiology. In *The Spine Journal*, Vol. 14, Nº 11, p. 2525 – 2545.
- FAZEKAS, I. Gy.; KÓSA, Ferenc (1978). *Forensic Fetal Osteology*. Budapest: Akadémiai Kiadó.
- FERNANDES, Isabel; CARVALHO, A. (1995) – Cerâmicas baixo-medievais da casa n.º 4 da Rua do Castelo (Palmela). In *Actas das 1.ªs Jornadas de cerâmica medieval e pósmedieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 77 – 96.
- FERNANDES, Lúdia (2007) – A Decoração Arquitetónica De Época Romana Do Municipium Olisiponense: A Propósito De Alguns Elementos Arquitetónicos Da Praça Da Figueira (Lisboa). In *O Arqueólogo Português*, 4.ª série, n.º 25. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 291-336.
- FERREIRA, Diogo; DIAS, Paulo (2016) – *História de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Verso da Kapa. 208 p.
- FILIPE, Vanessa; KRUS, Alexandra; COELHO, Ana; VIEIRA, Vasco (2019) – *Relatório Final: Intervenção Arqueológica – Projeto de Instalação de Ecopontos subterrâneos na Cidade de Lisboa, Largo da Atafona, 2017/18*. Lisboa: COTA 80'86, Unipessoal, Lda. (Policopiado).
- FONTES, João; ANDRADE, Maria; RODRIGUES, Ana (2020) – Mosteiros e Conventos no Portugal Medieval: Vida Espiritual e Lógicas de Implantação. In *SUMMA*, nº 15, p. 8 – 34.
- Fr. Luís de Sousa; Fr. Luís Cacegas (1767) - *Primeira Parte da História de S. Domingos particular do Reino e Conquistas de Portugal*. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.

- Fr. Miguel Medina Escudero (2018) – De Penitentes a Predicadores: Los Laicos Domínicos. In CAMÕES, António; NUNES, José; FONTES, Paulo (eds.), *Os Dominicanos em Portugal (1216-2016)*, Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR), p. 61 – 80.
- FRANÇA, José Augusto (2008) – *Lisboa: Urbanismo e Arquitetura*. Lisboa: Livros Horizonte.
- GASPAR, A.; AMARO, C. (1997) - Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa. In *La céramique médiévale en Méditerranée. Actes du Vème Congrès l’AIECM2*. Aix-en-Provence: Narration Éditions, p. 337-345.
- GASPAR, Alexandra, AMARO, Clementino (1997) – Cerâmicas dos Séculos XIII – XV da Cidade de Lisboa. In DÉMIANS D’ARCHIMBAUD, Gabrielle (Ed.), *La Céramique Médiévale en Méditerranée (Actes du VI Congrès de l’AIECM2, Aix-en-Provence, 13 – 18 novembre 1995)*, Narration : Aix-en-Provence, p. 337 – 345.
- GILCHRIST, Roberta (2015) – Transforming Medieval Beliefs: The Significance of Bodily Resurrection to Medieval Burial Rituals. In BRANDT, J. Rasmus; INGVALDSEN, Håkon; PRUSAC, Marina (eds.), *Death and Changing Rituals: Function and meaning in ancient funerary practices. Studies in Funerary Archaeology*, Vol. 7, Oxbow Books, 413 p.
- GOMES, A.; GASPAR, A.; GUERRA, S.; CALÉ, H.; RIBEIRO, S.; PINTO, P.; VALONGO, A.; PIMENTA, J. (2005) - Cerâmicas medievais de Lisboa – continuidades e rupturas. In BARROCA, M. J.; FERNANDES, I. C., Coords. – 86 Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII). Palmela: Câmara Municipal de Palmela e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 221 – 236.
- GOMES, Rosa Varela (2002) – Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: Território e Cultura. In *Trabalhos de Arqueologia*, nº 23, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- GOMES, Rosa Varela (2012) – A Arqueologia da Idade Moderna em Portugal – Contributos e Problemáticas. In *O Arqueólogo Português*, 5.^a série, vol. 2. Lisboa:

Museu Nacional de Arqueologia e Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p. 13 – 75.

GONÇALVES, Luís Ribeiro (2011) – *Sistema de Povoamento e Organização Territorial: Dois Vales na Periferia de Lisboa: Séculos IX – XIV*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (Dissertação de Mestrado em História Medieval).

GOODMAN, Alan; ROSE, Jerome (1996) – Dental enamel hypoplasias as measures of developmental stress. In *Notes on populational significance of paleopathological conditions*, p. 77 – 95.

HAAS, Jonathan; BUIKSTRA, Jane; UBELAKER, Douglas (1994) - Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains: Proceedings of A Seminar at The Field Museum of Natural History. In *Arkansas Archaeological Survey Research Series*, nº 44, Fayetteville: Arkansas Archaeological Survey.

HARRIS, Edward (1991) - *Princípios de Estratigrafia Arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.

HEDSTROM, Darlene (2013) – Egyptian Monasticism: Sources and Epistemology. Models of Seeing and Reading Monastic Archaeology. In *Cistercian Studies Quarterly*, Vol. 48, nº 3, p. 299 – 315.

HERRERO, Montserrat (2015) – On Political Theology: The Hidden Dialogue Between C. Schmitt and Ernst H. Kantorowics in *The King's Two Bodies*, in *History of European Ideas*, Vol. 41, Nº 8, p. 1164 – 1777.

HILLSON, Simon (1996) – *Dental Anthropology*. Cambridge University Press.

HILLSON, Simon (2001) – Recording Dental Caries in Archaeological Human Remains. In *International Journal of Osteoarchaeology*, Vol. 11, Nº 4, p. 249 – 289.

HILLSON, Simon (2005) – *Teeth*. Cambridge University Press.

HILLSON, Simon, BOND, Sandra (1997) – Relationship of Enamel Hypoplasia to the Pattern of Tooth Crown Growth: A Discussion. In *American Journal of Physical*

Anthropology: The Official Publication of the American Association of Physical Anthropologists, Vol. 104, Nº 1, p. 89 – 103.

HUIZINGA, Johan (1919) – *O Declínio da Idade Média*. Trad. Augusto Abelaira (1996), s. ed. Lisboa: Ulisseia.

JÚLIO, Ana Inês (2021) – *O Adro da Igreja de São Domingos (Lisboa). Análise de uma Série Osteológica Pós-Medieval*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. (Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas).

KANTOROWICZ, Ernst (1957) – *The King's Two Bodies: A Study in Mediaeval Political Theology*. São Paulo: Cia. Das Letras.

KOVÁCS, Maria Júlia (2003) – *Educação para a Morte: Temas e Reflexões*. Casa do Psicólogo, 224 p.

LE MOS, Francisco Sande (2005) – A Lei e a Arqueologia Urbana. In *FORUM*, Vol. 38, p. 161 – 173.

LEWIS, Mary (2004) – Endocranial Lesions in Non-Adult Skeletons: Understanding their Aetiology. In *International Journal of Osteoarchaeology*, Vol. 14, Nº 2, p. 82 – 97.

LEWIS, Mary (2018) – Children in Bioarchaeology: Methods and Interpretations. In KATZENBERG, M.; GRAUER, Anne (Eds.), *Biological Anthropology of the Human Skeleton*, p. 117 – 144.

LEWIS, Mary; WATTS, R. (2016) - On the threshold of adulthood: a new approach for the use of maturation indicators to assess puberty in adolescents from medieval England. In *American Journal of Human Biology*, Vol. 28, nº 1, p. 48 – 56.

LIBERATO, Marco (2011) – *A Cerâmica Pintada a Branco na Santarém Medieval, Uma Abordagem Diacrónica: Séculos XI a XVI*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia).

- LIMA, Nathalia (2018) – Percepções e Representações da Morte entre os Séculos XIV e XV: Algumas Considerações a partir da Historiografia Medieval. In *XIII Jornada de Estudos Históricos Professor Manoel Salgado*, Rio de Janeiro: Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 571 – 586.
- LOPES, Marília (2016) – Portugal e a Visibilidade do Mundo (séc. XV e XVI). In RIBEIRO, Rui (Coord.), *Ao Tempo de Vasco Fernandes: Habitar ou/ nos séculos XV e XVI*, Viseu: DGPC - Museu Nacional Grão Vasco, p. 101 – 116.
- LOURINHO, Manuel (1971) - A Igreja e o Convento de S. Domingos de Lisboa. In *Olisipo*, Ano XXXIV, nº 133, Lisboa: Associação dos Amigos de Lisboa, p. 115 – 123.
- LOURINHO, Manuel (1972) - A Ermida de Nossa Senhora da Escada nas suas relações com a Igreja e o Convento de S. Domingos. In *Olisipo*, Ano XXXV, nº 134, Lisboa: Associação dos Amigos de Lisboa, p. 32 – 45.
- MACIAS, Santiago; TORRES, Cláudio (1998) – Consumo Alimentar e Utensílios de Cozinha. In DIOGO, João Manuel; ABRAÇOS, Hélder Chilra (Coords.), *Actas das 2ºs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Métodos e Resultados para o seu Estudo*, Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 67 – 80.
- MADEIRA, José Luís (2013) – *O Desenho na Arqueologia*. 2ª Ed. Coimbra: Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- MARADO, Catarina (2018) - *Arquitetura Conventual e Cidade Medieval: a Formação e os Impactos dos sistemas urbanísticos mendicantes em Portugal (Séc. XIII–XV)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- MARESH, Marion (1970) - Measurements from Roentgenograms. In MCCAMMOON (ed.), *Human Growth and Development*. Springfield IL: C.C. Thomas. p. 157 – 200.
- MARQUES, António de Oliveira (1971) - *Daily Life in Portugal in the Late Middle Ages*. Wisconsin: University of Wisconsin Press.

- MARQUES, João Francisco (2000) – Rituais e Manifestações de Culto. In AZEVEDO, Carlos Moreira (Dir.) - *História religiosa de Portugal*. Vol. 2. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 517 – 529.
- MÁRQUEZ-GRANT, Nicholas (2010) – *The Human Remains from the Churches of São João and São Vicente, Bragança (Portugal)*. Vessants, Arqueología i Cultura.
- MATTOSO, José (1995) – *Identificação de um país: ensaio sobre as origens de Portugal, 1096 – 1325*. Vol. II. Editorial Estampa.
- MENDONÇA, M. C. (2000) - Estimation of Height from the Length of Long Bones in a Portuguese Adult Population. In *American Journal of Physical Anthropology*, N° 112, p. 39 – 48.
- MIQUEL-FEUCHT, M. J.; POLO-CERDÀ, M.; VILLALAÍN-BLANCO, J. D. (2001) – El Síndrome Cribroso : Cribra Femoral vs Cribra Orbitaria. In SANCHÉZ, J. (Ed.). *Actas del V Congreso Nacional de Paleopatología*. Asociación Española de Paleopatología, p. 221 – 237
- MOITA, Irisalva (1994) - O Hospital Real de Todos-os-Santos. In *Exposição: Lisboa Subterrânea*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 118–125.
- MUIZNIEKS, Vitolds (2015) – The co-existence of two traditions in the territory of present-day Latvie in the 13th-18th centuries: burial in Dress and in a Shroud. In TARLOW, S. (Ed.), *The archeology of death in post-medieval Europe*, p. 88 – 110.
- NUNES, Maria Margarida Ataíde (2010) – *A Morte em Lisboa na Idade Média. Contributo Arqueológico (Séculos XII a XV)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Dissertação de Doutoramento em História, Especialidade de Arqueologia).
- OKUMURA, Mercedes (2013) – Populações Sambaquianas Costeiras: Saúde e Afinidades biológicas dentro de um contexto geográfico e temporal. In *Revista Tempos Académicos*, Dossiê Arqueologia Pré-Histórica, nº 11, p. 38 – 53.

- OLIVEIRA, Ana (2004) – *A Criança na Sociedade Medieval Portuguesa: Modelos e Comportamentos*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Dissertação de Doutoramento em História – Área de Especialização em História Cultural e das Mentalidades Medievais).
- OLIVEIRA, Ana (2006) – As Idades da Criança. In *Medievalista*, Nº 2. 18 p.
- OLIVEIRA, Filipe; MIGUEZ, João; FURTADO, Catarina; COSTA, Cláudia (2017) – Caracterização da Ocupação Tardomedieval na Rua da Prata 221-231 e Rua dos Correeiros 158-168, Lisboa. In ARNAULD, José; NEVES, César; MARTINS, Andrea (eds.), *Arqueologia em Portugal 2017. Estado da Questão*, Actas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Porto, p. 1567 – 1580.
- OLIVEIRA, FILIPE; SILVA, Rodrigo Banha da; BARGÃO, André; FERREIRA, Sara (2017) – O Comércio Medieval de Cerâmicas Importadas em Lisboa: O Caso da Rua das Pedras Negras, Nº 21 – 28. In ARNAULD, José; NEVES, César; MARTINS, Andrea (eds.), *Arqueologia em Portugal 2017. Estado da Questão*, Actas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Porto.
- OLIVEIRA, Maria (2007) – *In Memoriam, na Cidade*. Minho: Universidade do Minho. (Dissertação de Doutoramento em Arquitetura, Ramo do Conhecimento Cultura Arquitetónica).
- OLIVEIRA, Rozely (2017) – Elementos para o estudo da População Conventual no Oriente Português: Servidoras, Criadas e Escravas do Convento de Santa Mônica de Goa. In *XXIX Simpósio de História Nacional, Contra os Preceitos: História e Democracia*, Brasília.
- ORTNER, D. (2003) – *Identification of Pathological Conditions in Human Skeleton Remains*. Academic Press.
- ORTON, Clive (1982) – Computer Simulation Experiments to Assess the Performance of Measures of Quantity of Pottery. In *World Archaeology, Quantitative Methods*. Vol. 14, Nº 1. p. 1 - 20

- ORTON, Clive; TYERS, Paul; VINCE, Alan (1993) – *Pottery in Archaeology*. Cambridge Manuals in Archaeology. Cambridge: Cambridge University Press.
- PARREIRA, Catarina (2020) – *A Faiança portuguesa do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli (Alcácer do Sal)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Dissertação de Mestrado em Arqueologia).
- PEARSON, Mike Parker (1999) – *The Archaeology of Death and Burial*. Texas A&M University Press, College Station, 250 p.
- PEDROSO, Sérgio; CASIMIRO, Sílvia; SILVA, Rodrigo Banha da; CARDOSO, Francisca Alves (2020) - Um Espaço Funerário Conventual Do Séc. XV Em Lisboa: O Caso Do Convento De São Domingos Da Cidade. In ARNAULD, José; NEVES, César; MARTINS, Andrea (eds.), *Arqueologia em Portugal 2020. Estado da Questão*, Actas do III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Porto, p. 1705 – 1717.
- PEREIRA, Carmen (2012) – Igreja do Convento de S. Francisco: a Importância dos Registos. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, Gabinete para o Centro Histórico.
- PEREIRA, Maria Teresa Ribeiro Matos Fernandes Rocha (2008) - A População Medieval de S. Miguel de Odrinhas (Sintra) - Caracterização Biológica, Évora: Universidade de Évora. (Dissertação de Doutoramento em Biologia).
- PEYROTEO-STJERNA, Rita (2017) – Arqueotematologia e Coleções Museológicas: Estratégias e Desafios para o Estudo das Práticas Funerárias do Passado. In ARNAULD, José; NEVES, César; MARTINS, Andrea (eds.), *Arqueologia em Portugal 2017. Estado da Questão*, Actas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, p. 447 – 459.
- PHENICE, Terrel (1969) - A newly developed visual method of sexing the os pubis. *American Journal of Physical Anthropology*, Vol. 30, nº 2, p. 297 – 301.
- PIMENTA, João (2005) – As Ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa). In *Trabalhos de Arqueologia*, nº 41, Instituto Português de Arqueologia. 163 p.

- PUTSCHAR, Walter; ORTNER, Donald (1981) – Identification of Pathological Conditions in Human Skeletal Remains. In *Smithsonian Contributions to Anthropology*, Nº. 28. Washington: Smithsonian Institution Press. 479 p.
- QUEIROZ, José (2016) – Cemitérios e(m) Cercas Conventuais. In *Revista de História da Arte*, Série W, 05, p. 103 – 119.
- RESENDE, Garcia de (1596) - *Chronica que tracta da vida e grandíssimas virtudes [...] de Dom João o Segundo*. Lisboa: Casa de Simão Lopez.
- RIBEIRO, Inês (2010) - *A terra sigillata hispânica da Praça da Figueira (Lisboa)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Dissertação de Mestrado em Arqueologia).
- ROSA, Catarina Alexandra (2020) – *Fiscalidade Régia: o Caso da Lisboa Medieval*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (Dissertação de Mestrado em História – Área de Especialização em História Medieval).
- ROSA, Maria de Lurdes (2005) – «As Almas Herdeiras». *Fundação de Capelas Fúnebres e Afirmação da Alma como Sujeito de Direito (Portugal, 1400 – 1521)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (Dissertação de Doutoramento em História Medieval).
- RUST, Leandro (2013) – *A Reforma Papal (1050 – 1150). Trajetórias e Críticas de uma História*. EdUDMT.
- SABROSA, A.; SANTOS, V. (1993) – Cerâmica comum de silos medievais. Rua Henriques Nogueira – Almada. In *Al -madan*. IIª Série, nº 2, p. 116 – 122.
- SALGUEIRO, João Paulo (2013) – *Lisboa – do Castelo à Baixa: Definição e Diluição de Limites de Vivência Medieval e Pombalina*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura e Artes da universidade Lusíada de Lisboa. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura).

- SALLES, Bruno (2011) – A Intervenção Gregoriana na Cristandade: a Vassalidade de São Pedro e o *Dominum Pontificio* (1075 – 1088). In *OPIS*, Vol. 11, Nº 1, p. 210 – 233.
- SANTOS, Maria Leonor (2018) – Os Primórdios da Presença Dominicana em Portugal: 1220 – 1418. In CAMÕES, António; NUNES, José; FONTES, Paulo (eds.), *Os Dominicanos em Portugal (1216-2016)*, Centro de Estudos de História Religiosa (CEHR), p. 9 – 26.
- SCHEUER, Louise; BLACK, Sue (2004) – *The juvenile skeleton*. Wallington, Academic Press.
- SCHIAVINATO, Rodrigo (2010) - Embates entre o Poder Eclesiástico e o Poder Secular no Pensamento Político da Baixa Idade Média em Contexto de Afirmação das Monarquias Cristãs. In *Revista Sociais e Humanas*, Vol. 23, Nº 02, p. 19 – 28.
- SCHRAMM, Fermín Roland (2002) – Morte e Finitude em nossa sociedade: implicações no ensino dos cuidados paliativos. In *Revista Brasileira de Cancerologia*, p. 17 – 20.
- SERAFIM, Inês (2017) – *Análise Biocultural de Indivíduos exumados do Mosteiro de São Vicente de Fora (lisboa)*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. (Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas).
- SHAEFER, Maureen; BLACK, Sue; SCHEUER, Louise (2009) - *Juvenile Osteology: A Laboratory and Field Manual*. Burlington: Elsevier Academic Press, 369 p.
- SIGNOLI, Michel (2008) – L’Archéo-anthropologie Funéraire. In *Socio-anthropologie*, nº 22, p. 3 – 5.
- SILVA, Ana (1995) – Sex Assessment Using the Calcaneus and Talus. In *Antropologia Portuguesa: Coleções Osteológicas do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*, Vol. 13, p. 107 – 119.

- SILVA, André (2019) – *As Cerâmicas Medievais dos Antigos Armazéns Sommer, em Lisboa (sécs. XIII-XIV)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia).
- SILVA, Carlos (2017) – Em Lisboa Sobre o Mar (Rio Tejo). A Organização e a Estruturação do Espaço Urbano das Origens ao Século XIV. In *Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, nº 31.
- SILVA, Félix (2019) – As Cerâmicas Comuns de um Poço Medieval das “Hortas de S. Domingos”. Praça da Figueira (Lisboa). In ANTUNES, Ana; NOZES, Cristina; CARVALHINHOS, Marina, LEITÃO, Vasco (Coords.), *II Encontro de Arqueologia de Lisboa: Arqueologia em Meio Urbano (Teatro Aberto, 22 a 24 de Março, 2018)*, Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa/ Departamento de Património Cultural/ Direção Municipal de Cultura/ Câmara Municipal de Lisboa, p. 266 – 285.
- SILVA, Hélia Cristina, LOURENÇO, Tiago Borges (2019) – A Ilha. História e Urbanismo do Grande Quarteirão onde se Implantou o Hospital Real de Todos-os-Santos, ao Rossio (1750 – 1779). In *Cadernos do Arquivo Municipal*, nº 11, p. 103 – 128.
- SILVA, José Custódio Vieira (2006) – Lisboa Medieval – Breves Reflexões. In *Revista de História da Arte*, nº 2, p. 36 – 42.
- SILVA, Manuel Fialho (2017) - *Mutação urbana na Lisboa Medieval: das Taifas a D. Dinis*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (Dissertação de Doutoramento no ramo de História, especialidade de História Medieval).
- SILVA, Rodrigo Banha da (2003) – Olaria Medieval e dos Descobrimentos do Vale do Tejo: um enquadramento. In SILVA, Raquel Henriques; FERNANDES, Isabel; SILVA, Rodrigo Banha da – *Olaria Portuguesa: do fazer ao Usar*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2005) - “*Marcas de Oleiro*” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): Contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo

(Séc. I a.C.–Séc. II d.C.). Minho: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado em Arqueologia).

SILVA, Rodrigo Banha da (2012a) - *As «marcas de oleiro» na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia).

SILVA, Rodrigo Banha da (2012b) - A Ocupação do Período da Dominação Islâmica na Praça da Figueira (Lisboa). In SALVADO, Sallete (Coord.), *Actas do Colóquio “Afonso I de Portugal nos 900 anos do seu nascimento”*, Lisboa: Associação dos Amigos de Lisboa, p. 137 – 147.

SILVA, Rodrigo Banha da (2018a) - A «Via Norte» De Olisipo: A Arqueologia Na Praça Da Figueira (Lisboa), A Caracterização Dos Troços Viais E A Dinâmica Da Paisagem Suburbana Envolvente. In SENNA-MARTINEZ, João Carlos, MARTINS, Ana Cristina, CAESSA, Ana, MARQUES, António, CAMEIRA, Isabel (Eds.), *Meios, vias e trajetos...entrar e sair de Lisboa*, Vol. 2, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 73 – 86.

SILVA, Rodrigo Banha da (2018b) - O Convento de São Domingos, em Lisboa, e a leitura arqueológica das suas hortas, entre os séculos XIII e XV. In ANDRADE, Amélia Aguiar; TENTE, Catarina; SILVA, Gonçalo Melo da; PRATA, Sara (Coords.), *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*. Castelo de Vide: IEM/FCSH/NOVA, Câmara Municipal de Castelo de Vide (col. Estudos, 18), 2018, p. 553 – 569.

SILVA, Rodrigo Banha da, GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (2011) - O Bairro Islâmico da Praça da Figueira (Lisboa). In GOMES, Mário Varela, GOMES, Rosa Varela; TENTE, Catarina (Coords.), *Actas do Colóquio “Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular: Encontros e Desencontros”*, Aljezur/ Lisboa: IAP, p. 17 – 26.

SILVA, Sofia (2020) – *“Tomar” os ossos de Stª Maria dos Olivais. Estudo Paleobiológico de uma amostra osteológica humana*. Coimbra: Faculdade de

Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. (Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humana).

SOUQUET-LEROY, Isabelle; RÉVEILLAS, Hélène; CASTEX, Dominique (2015) – The impact of epidemics on funerary practices in Modern France (16th–18th centuries). In TARLOW, S. (Ed.), *The archeology of death in post-medieval Europe*, p. 61 – 87.

SOUSA, Élvio (2011) – *Ilhas de Arqueologia: o Quotidiano e a Civilização Material na Madeira e nos Açores (Séculos XV – XVIII)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (Dissertação de Doutoramento em História, História Regional e Local).

STECKEL, Richard; LARSEN, Clark; SCIULLI, Paul; WALKER, Phillip (2006) – Data Collection Codebook. In *The Global History of Health Project*, p. 1 – 41.

STUART-MACADAM, Patricia (1991) – Porotic hyperostosis: changing interpretations. In *Human paleopathology: Current syntheses and future options*, p. 36 – 39.

STUART-MACADAM, Patricia (1998) – Iron deficiency anemia: exploring the difference. In GRAUER, Anne; STUART-MACADAM, Patricia (Eds.), *Sex and gender in paleopathological perspective*, p. 45 – 63.

TORRES, C.; GÓMEZ, S.; FERREIRA, M. (2003) - Os nomes da cerâmica medieval: Inventário de termos. In Actas das 3as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 125- 134.

TORRES, Cláudio (1990) – Um Forno Cerâmico dos Século XV e XVI na Cintura Industrial de Lisboa. In AMIGUES, François; BAZZANA, Andrés; DE VELÁZQUEZ, Casa (Eds.), *Fours de potiers et testares médiévaux en Méditerranée occidentale: méthodes et résultats: Colloque*. Casa de Velázquez, p. 131 – 141.

TORRES, Cláudio; GÓMEZ, Susana; FERREIRA, Manuel Barros (2003) – Os nomes da Cerâmica Medieval. Inventário de Termos. In ABRAÇOS, Helder & DIOGO, João Manuel (Coords.), *Actas das 3as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-*

Medieval: Métodos e Resultados para o seu Estudo. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p. 125 – 134.

TREFFORT, Cécile (1993) - Le spectacle de la mort dans l'iconographie du haut moyen age. In ALEXANDRE-BIDON, Danièle; TREFFORT, Cécile (Eds.), *À Réveiller les morts. La mort au quotidien dans l'Occident medieval*, Lyon: Presses universitaires de Lyon, p.67- 82.

TREVOR-ROPER, Hugh (1966) – *Formação da Europa Cristã*. Lisboa: Editorial Verbo. 214 p.

TRINDADE, Laura; DIOGO, António Dias (2000) – Elementos sobre o cemitério do Adro da Igreja de S. Domingos. In *Arqueologia e História: Estudo de Lisboa – Séculos XV a XIX: I Colóquio Temático*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, Série 11, 52, p. 59–71.

TRINDADE, Laura; LOPES, Luís; NETO, José; DIOGO, António Dias (2001) – Elementos para o estudo dos restos humanos da intervenção arqueológica de 1991 no cemitério do adro da Igreja de São Domingos em Lisboa. In *Arqueologia e História*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, Série 11, 53, p. 109 – 124.

TROMP, Monica, BUCKLEY, Hallie; GEBER, Jonny; MATISOO-SMITH, Elizabeth (2017) – EDTA Decalcification of Dental Calculus as an Alternate Means of Microparticle Extraction from Archaeological Samples. In *Journal of Archaeology Science: Reports*, N° 14, p. 461 – 466.

TROTTER, Mildred (1970) - Estimation of Stature from Intact Long Limb Bones. In STEWART, T. (Ed.), *Personal Identification in Mass Disasters*, p. 71 – 83.

VIEIRA, Vasco (2011) - *As lucernas romanas da Praça da Figueira (Lisboa)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia).

VILLOTE, Sébastien; ASSIS, Sandra; ALVES-CARDOSO, Francisca; HENDERSON, Charlotte Yvete; MARIOTTI, Valentina; MILELLA, Marco; PANY-KUCERA,

- Doris; SPEITH, Nivien; WILCZAK, Cynthia; JURMAIN, Robert (2016) – In Search of Consensus: Terminology for Enthesal Changes (EC). In *International Journal of Paleopathology*, Vol. 13, p. 49-55.
- VINCE, Alan (1977) – Some Aspects of Pottery Quantification. In *Medieval Ceramics*. Nº 1, p. 63 – 74.
- VOLK, Tyler (2002) – *What is Death? A Scientist Looks at the Cycle of Life*. John Wiley & Sons, Inc. 244 p.
- WALDRON, Tony (2008) – *Paleopathology*. Cambridge University Press.
- WALKER, Phillip; BATHURST, Rhonda; RICHMAN, Rebecca; GJERDRUM, Thor; ANDRUSHKO, Valerie (2009) - The causes of porotic hyperostosis and cribra orbitalia: a reappraisal of the iron-deficiency-anemia hypothesis. In *American Journal of Physical Anthropologie*, nº 139, Vol. 2, p. 109 – 125.
- WASTERLAIN, Rosa (2000) – *Morphé: Análise das Proporções entre os Membros, Dimorfismo Sexual e Estatura de uma Amostra da Coleção de Esqueletos Identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. (Dissertação de Mestrado em Evolução Humana).
- WASTERLAIN, Rosa (2006) – “*Males*” da Boca. *Estudo da patologia Oral de uma Amostra das Coleções Osteológicas Identificadas do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra (finais do séc. XIX/ inícios do séc. XX)*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. (Dissertação de Doutoramento em Antropologia).
- WHITE, Tim; BLACK, Michael; FOLKENS, Pieter (2011) - *Human Osteology*. Elsevier Academic press, 689 p.
- WHITE, Tim; FOLKENS, Pieter (2005) – *The Human Bone Manual*. Elsevier Academic Press, 488 p.

10. Fontes Documentais e Cartografia

Arquivo Nacional / Torre do Tombo

Registo de Escrituras do Reinado de D. Manuel I. Liv. 1134, fl. 1-2v.

Cartografia

FOLQUE, Filipe - [*Carta Topographica de Lisboa e seus arredores, 1856/1858*]. 1:1000. 65 plantas; 92 X 62,5 cm, Planta 36 (agosto 1858).

PAIS, Miguel; FOLQUE, Filipe - [*Carta Topographica Da Cidade De Lisboa Reduzida Da Que Foi Levantada Na Escala 1:1000 Em 1856 A 1858*]; [Material Cartográfico] / Sob A Direcção Do General Filippe Folque, Director Geral Dos Trabalhos Geodésicos, Publicada Em 1871

TINOCO, João Nunes, - [*Planta da cidade de L[isbo]a em q se mostrão os muros de vermelho com todas as ruas e praças da cidade dos muros a dentro co as declarações postas em seu lugar / Delineada por João Nunes Tinoco, Architecto de S. M[a]g[esta]de anno 1650*] - Escala [ca 1:3100], mil palmos = [7,20 cm]. - Lisboa: Lith[ographia] da Imp[rensa] Nac[ional], 1853. - 1 planta: litografia, p&b; 52,70 x 69,50 cm, em folha de 58,00 x 75,00 cm

11. Webgrafia

Arquivo Nacional Torre do Tombo – Mosteiro de São Domingos de Lisboa. ANTT. [Consult. 14/02/2021]. Disponível na Internet: <https://digitalq.arquivos.pt/details?id=1457992>

Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI) – As Partes do Conjunto. [Consult. 21/11/2021]. Disponível na internet: <http://www.ct.cecibr.org/ceci/o-convento-franciscano/as-partes-do-conjunto.html#>

Rádio e Televisão de Portugal (18 de Setembro de 1960) – Lisboa, Praça da Figueira, escavações arqueológicas onde se erguia o antigo Hospital de Todos os Santos, sob a direcção de Irisalva Moita, arqueóloga. *Noticiário Nacional*. Arquivos RTP. [Consult. 15/02/2019]. Disponível na Internet: <http://arquivos.rtp.pt/conteudos/escavacoes-arqueologicas-em-lisboa>

Anexo I

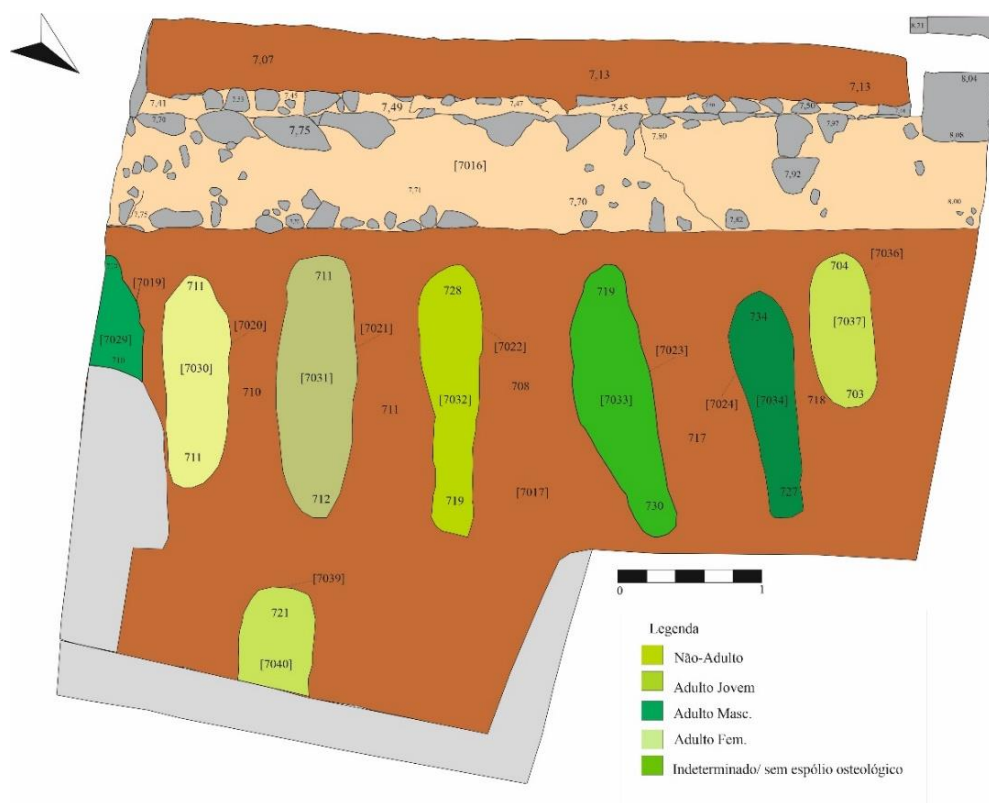


Figura 44 - Plano Geral da quadricula C11, com demarcação das sepulturas antes da escavação, escala 1:20

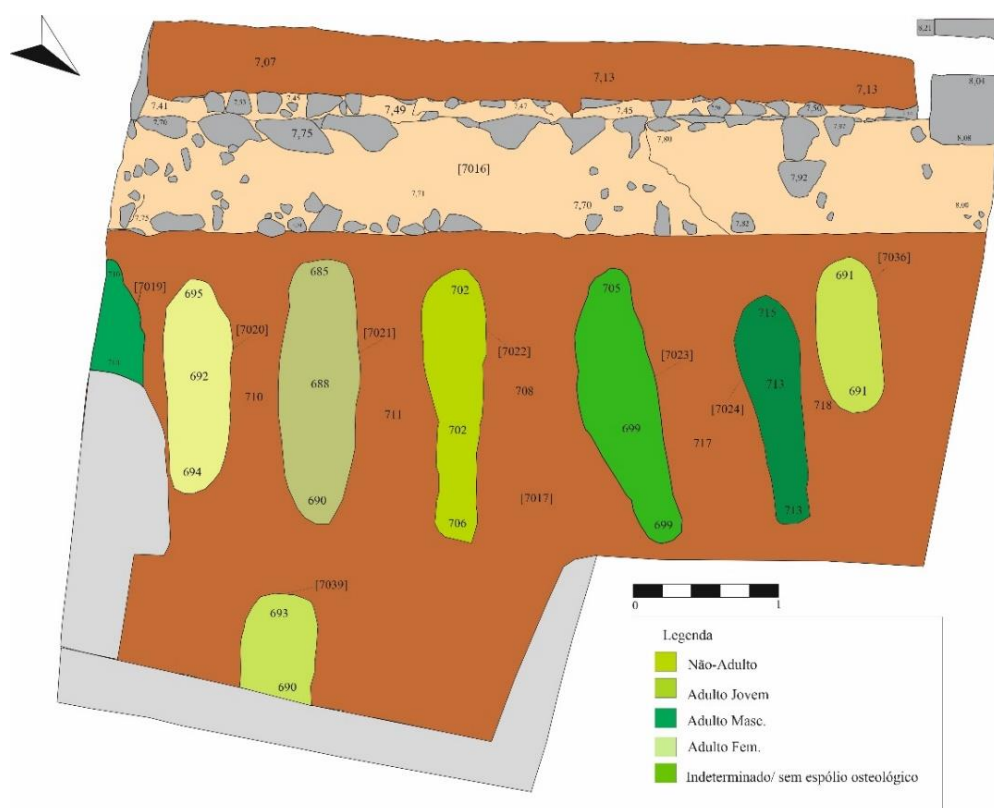


Figura 45 - Plano Geral de C11, com demarcação das sepulturas, após o levantamento do espólio osteológico, escala 1:20

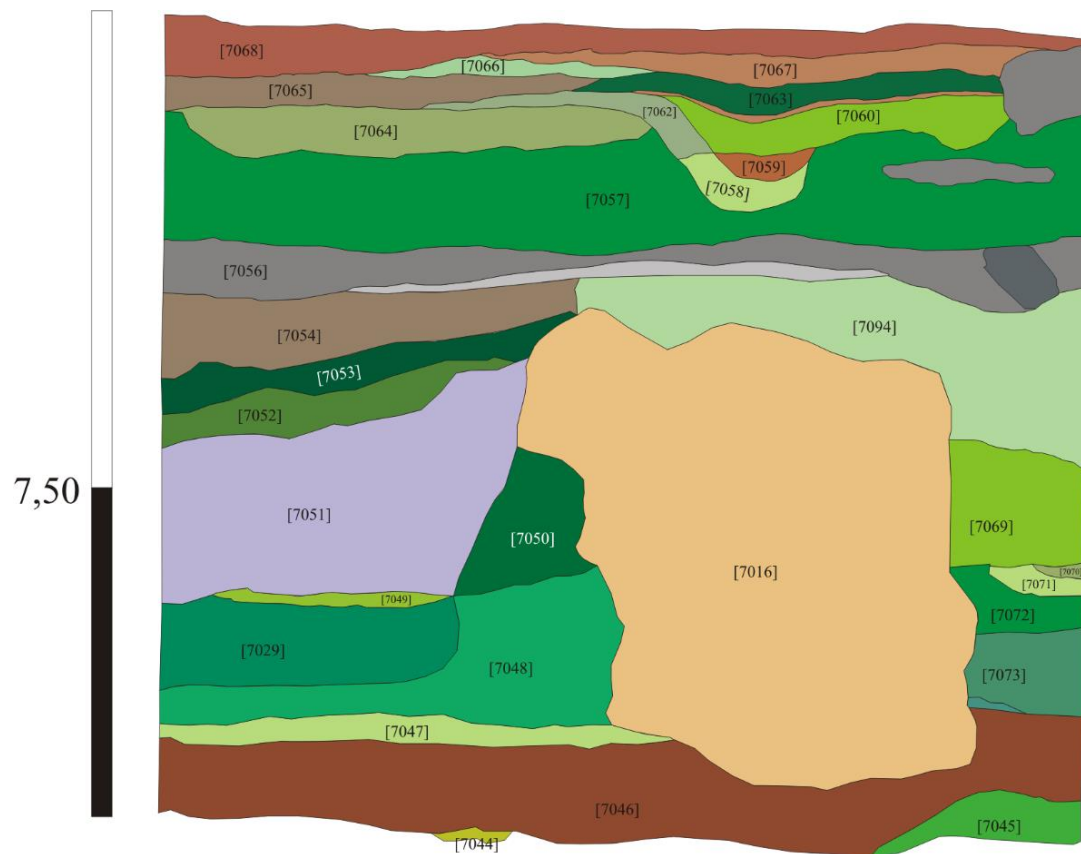


Figura 46 - Perfil Sul de C11 (Pedroso *et al.*, 2020)



Figura 47 - Vista do espaço funerário, U.E.s [7019] a [7024]



Figura 48 - Vista do espaço funerário, U.E.s [7019] a [7024] (Pedroso *et al.*, 2020)



Figura 49 - Sepultura [7039], indivíduo [7041] (Pedroso *et al.*, 2020)



Figura 50 - Sepultura [7023], indivíduo [7027] (Pedroso *et al.*, 2020)

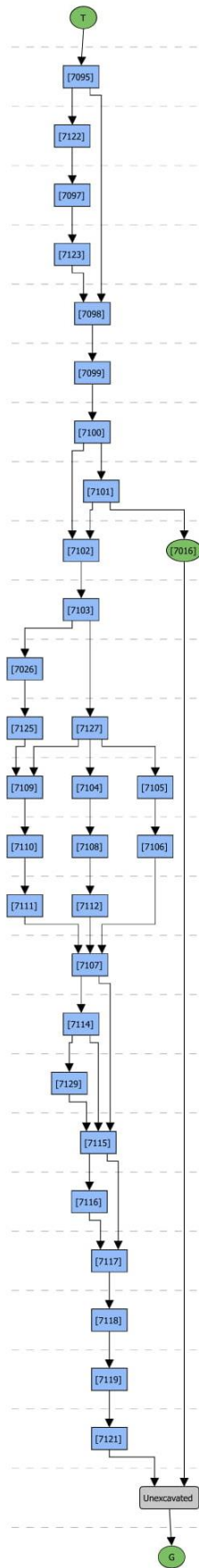


Figura 51 - Matriz de Harris do Perfil Norte da Quad. C11

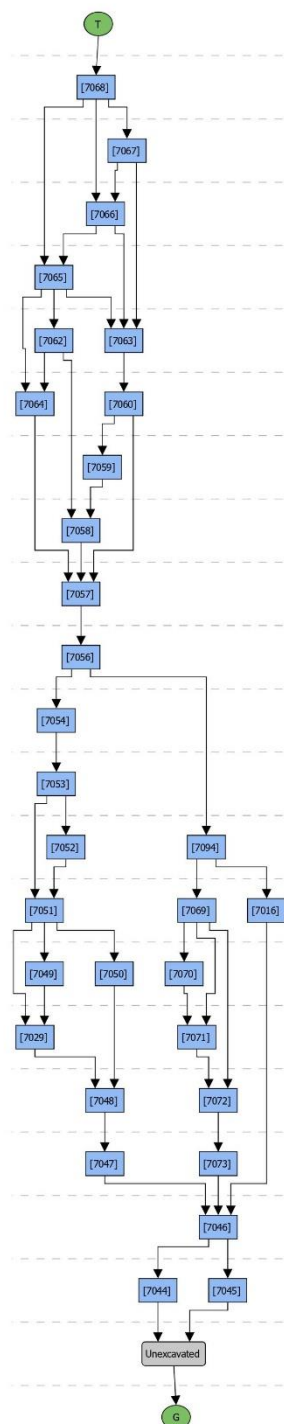


Figura 52 - Matriz de Harris do Perfil Sul da Quad. C11

Anexo II

Tabela 5 – Resumo do Perfil Biológico da Amostra, com indicação das patologias afetas a cada indivíduo, segundo Busom (2017)

Indivíduo	Diagnose Sexual	Indicadores ¹⁴	Estimativa de Idade à Morte	Indicadores ¹⁵	Estatura ¹⁶	Elemento ósseo	Alterações Patológicas (Presente/ Não Presente)	Alterações patológicas ¹⁷
[7021]	Feminino/ Ind.	Eminência mental (2); Processo Mastoide esquerdo (3); Margem	—	—	—	—	—	—

¹⁴ Haas, Buikstra & Ubelaker, 1994, p. 18; White & Folkens, 2005, p. 391; Wasterlain, 2000; Silva, 1995.

¹⁵ Schaefer, Black & Scheuer, 2009, p. 119; 145; 168, 169; 202 – 203; 256 – 263; 328; Adserias-Garriga & Wilson-Taylor, 2019; McKern & Stewart, 1957; Benford et al., 1989.

¹⁶ Intervalo estimado com base na dimensão máxima do fémur esquerdo, ou direito, assim como dimensão máxima do úmero esquerdo (estes últimos apenas em caso de fragmentação do fémur esquerdo), de acordo com Mendonça (2000), assim como dimensão máxima da ulna esquerda, segundo Trotter (1970).

¹⁷ As alterações de natureza patológicas seguem os diagnósticos apresentados por Busom (2017).

		Supraorbital (2); Crista Nucal (3)						
[7025]	Feminino	Eminência mental (2); Processo Mastoide (2); Margem Supraorbital (2); Arcada Supraorbital (1); Grande Chanfradura Ciática Esquerda (2)	30 – 40 Anos	Extremidade esternal da clavícula fundida; Fase 8 de alterações na sínfise púbica; Fase 3 de alterações na superfície auricular do coxal;	151.53 ± 5.92	Fémur Esquerdo	Presente	<i>Cribra Orbitalia</i> ; Reações periosteais nas fíbulas, fémur direito, costelas e frontal; Entesófitos na patela esquerda; Hipoplasias dentárias; perda dentária <i>antemortem</i> ; periodontite; Cárie Periapical no 1º molar direito mandibular;
[7026]	Feminino	Eminência Mental (2); Processo Mastoide (2);	40 – 50 Anos	S1-S2 fundida; Fase 7 de alterações na superfície	160,24 ± 4,30	Ulna esquerda. Fragmentação dos membros	Presente	Reações periosteais nas costelas; entesófitos nas patelas, calcâneos e

		Margem Supraorbital (2); Arcada Supraorbital (2); Grande Chanfradura Ciática Direita (1)		auricular do coxal (muito fragmentado);		superiores e inferiores		na linha áspera (<i>Lineae asperae</i>) do fémur; osteoartrite na zona distal do fémur e tibia proximal, clavícula esquerda e nos carpos e primeiro metacarpo direito; osteofitose nas vértebras lombares, duas cervicais, torácicas e duas cervicais; hipoplasias dentárias; perda dentária <i>antemortem</i> ; periodontite; cárie periapical no
--	--	---	--	---	--	----------------------------	--	---

								incisivo mandibular direito e no pré-molar mandibular direito;
[7027]	Masculino	Grande Chanfradura Ciática (3); Eminência Mental (4)	40 – 53 Anos	Fusão da S1-S2; Fase 6 de alterações na sínfise púbica; Fase 6 de alterações na superfície auricular do coxal;	165.41 ± 6.90	Fémur Esquerdo	Presente	<i>Cribra Orbitalia</i> na orbita esquerda; reações periosteais no úmero direito, fêmures e tíbia; nódulo de Schmorl presente nas vértebras lombares; entesófitos na linha áspera dos fêmures e calcâneos; hipoplasias dentárias; Tártaro; periodontite;
[7028]	Ind.		10 – 13 Anos	Fusão das epífises distais dos	Ind.		Presente	Reações periosteais nas costelas e

				calcâneos, epífise proximal e distal da ulna e úmero direito; epífise distal e proximal do fêmur presentes, mas não fundidas;				calcâneo; nos ossos longos e vértebras, coxal, sacro e ossos dos pés; lesão perfurante na zona proximal da tíbia direita e zona medial da fíbula direita; hipoplasias dentárias; <i>cribra femoralis</i> no fêmur direito; periodontite;
[7038]	Ind.		2.5 – 4 Anos	Coroa dentária do primeiro pré-molar maxilar direito, 2º pré-molar maxilar esquerdo, 1º incisivo maxilar	Ind.		Presente	Reações periosteais no occipital e na mandíbula;

				esquerdo, sem raízes; corpo das vértebras não fundidas com processos vertebrais				
[7041]	Feminino	Eminência Mental (1); Processo Mastoide (3); Margem Supraorbital (2); Arcada Supraorbital (2); Crista Nucal (4); Grande Chanfradura Ciática Direita e Esquerda (2/3)	30 – 40 Anos	Extremidade esternal da clavícula fundida; Fase 8 de alterações na sínfise púbica; Fase 5 de alterações na superfície auricular do coxal;	157.12 ± 7.70	Úmero Esquerdo, devido a fragmentação e não presença dos membros inferiores	Presente	Reações periosteais nas costelas; osteofitose nas vértebras lombares e cervicais; <i>spina bífida occulta</i> ; Hipoplasias dentárias; perda dentária <i>antemortem</i> ; periodontite;

[7128]	Masculino / Ind.	Grande chanfradura Ciática Esquerda e Direita (4);	16 – 19 Anos	Fusão parcial da cabeça do fêmur e grande e pequeno trocânter; epífise distal não fundida; Fase 1 de alterações na sínfise púbica; Fase 1 de alterações na superfície auricular do coxal;	Ind.		Presente	<i>Cribra Orbitalia</i> ; reações periosteais no coxal esquerdo, fêmures, occipital, esfenoide e processos vertebrais das vértebras torácicas e lombares; <i>spina</i> <i>bífida occulta</i> ; Hipoplasias dentárias; periodontite;
--------	---------------------	---	-----------------	---	------	--	----------	---

Tabela 6 - Estimativa de Estatura realizada nos indivíduos “adultos” e no indivíduo classificado como “jovem adulto”, com os resultados obtidos de acordo com as metodologias propostas por Mendonça (2000) e Trotter (1970)

		Elementos Ósseos Utilizados e as suas dimensões (mm)					Métodos	
Indivíduo	Diagnose sexual	Úmero Dir.	Úmero Esq.	Fémur Dir.	Fémur Esq.	Ulna Esq.	Mendonça (2000)	Trotter (1970) ¹⁸
[7021]	Ind./ F?	Não existente	Não existente	Não existente	Não existente	Não existente	Não existente	Não existente
[7025]	F	280	277	393	395	228	Úmero Direito: $150,06 \pm 7.70$ Úmero Esquerdo: 149.16 ± 7.70 Fémur Direito: 151.05 ± 5.92	Ulna Esquerda: 155 ± 4.30

¹⁸ Realizado apenas para cálculo da estatura com referência às medições máxima da ulna esquerda, para alternativa de apresentação de estatura do indivíduo [7026], cujos membros longos se encontravam muito fragmentados, sendo impossível a sua realização utilizando o método de Mendonça (2000)

							Fémur Esquerdo: 151.53 ± 5.92	
[7026]	F	Fragmentado	Fragmentado	Fragmentado	Fragmentado	242	Não realizável	Ulna Esquerda: 160.24 ± 4.30
[7027]	M	Fragmentado	Fragmentado	435	444	270	Fémur Direito: 163.0205 ± 6.90 Fémur Esquerdo: 165.4172 ± 6.90	Ulna Esquerda: 175 ± 4.30
[7041]	F	308	303	Não existente	Não existente	Fragmentado	Úmero Direito: 158.66 ± 7.70 Úmero Esquerdo: 157.12 ± 7.70	Não realizável

Tabela 7 – Dados osteométricos referentes aos elementos osteológicos do fêmur, úmero, talus e calcâneo e distribuição dos resultados da diagnose sexual de acordo com as propostas metodológicas de Wasterlain (2000) e Silva (1995)

Elemento Osteológico: Medida Osteológica	Dimensões (mm)															
	[7021]		[7025]		[7026]		[7027]		[7028]		[7038]		[7041]		[7128]	
	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.	Dir.	Esq.
Fémur: Dimensão Máxima	-	-	393	395	-	-	435	444	-	-	-	-	-	-	-	-
Fémur: Comprimento Bicondilar	-	-	360	365	-	-	441	446	-	-	-	-	-	-	-	-
Fémur: Dimensão Epicondilar	-	-	68	66	-	-	84	83	-	-	-	-	-	-	66	-
Fémur: Diâmetro da Cabeça	-	-	38	39	37	-	45	44	-	-	-	-	42	43	43	41
Fémur: Diâmetro Subtrocantereo Anterior-Posterior	-	-	23	24	19	-	31	25	-	-	-	-	-	-	25	26
Fémur: Diâmetro Subtrocantereo Medial-Lateral	-	-	29	28	24	-	25	27	-	-	-	-	-	-	29	31
Fémur: Diâmetro do Eixo Médio Anterior-Posterior	-	-	26	25	23	-	23	25	-	-	-	-	-	-	28	28
Fémur: Diâmetro do Eixo Médio Medial-Lateral	-	-	23	23	17	-	25	26	-	-	-	-	-	-	21	23
Fémur: Circunferência do Eixo Médio	-	-	85	90	85	-	85	84	-	-	-	-	-	-	81	82
Calcâneo: Dimensão Máxima	-	-	70	69	80	80	81	83	-	-	-	-	-	-	-	-

Talus: Comprimento Máximo da Tróclea	-	-	28	27	27	25	32	31	-	-	-	-	-	-	-	-
Talus: Largura Máxima da Tróclea	-	-	28	29	28	30	37	35	-	-	-	-	-	-	-	-
Úmero: Dimensão Máxima	-	-	280	277	-	-	-	-	-	-	-	-	308	303	-	-
Úmero: Dimensão Epicondilar	-	-	54	52	52	-	63	65	-	-	-	-	55	55	-	52
Úmero: Diâmetro da Cabeça	-	-	36	37	-	-	-	-	-	-	-	-	43	42	47	-
Úmero: Diâmetro máximo da diáfise	-	-	19	19	-	-	20	19	-	-	-	-	183	185	-	19
Úmero: Diâmetro mínimo da diáfise	-	-	15	16	-	-	16	16	-	-	-	-	161	167	-	15
Úmero: dimensão da zona de articulação	-	-	39	38	34	-	45	43	-	-	-	-	39	39	-	38
Resultados	Indeterminado		Feminino		Feminino		Masculino		Não Realizado		Não Realizado		Feminino		Masculino? /Indeterminado	

Anexo III

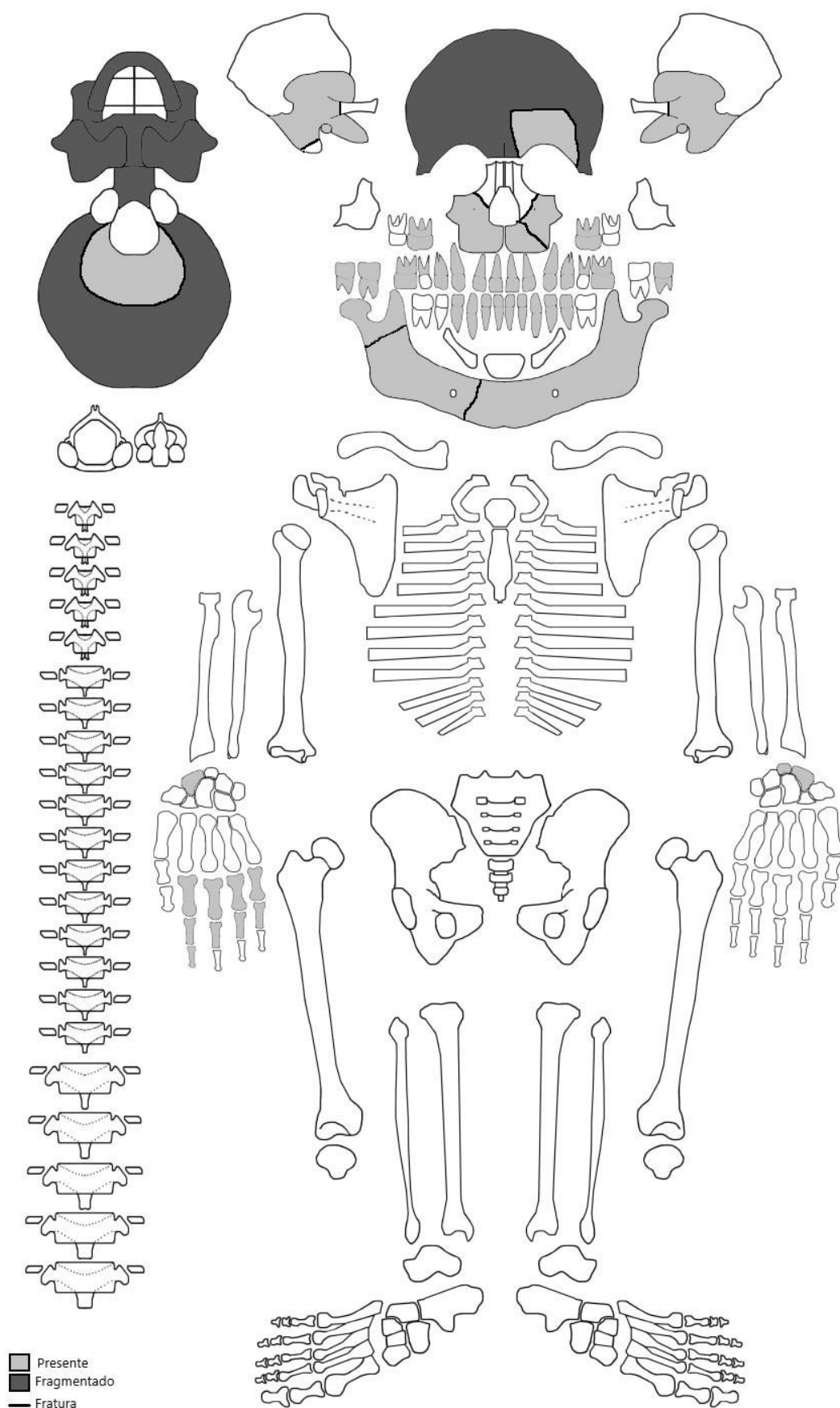


Figura 54 - Esquemático de [7021]



Figura 55 – Indivíduo [7021]

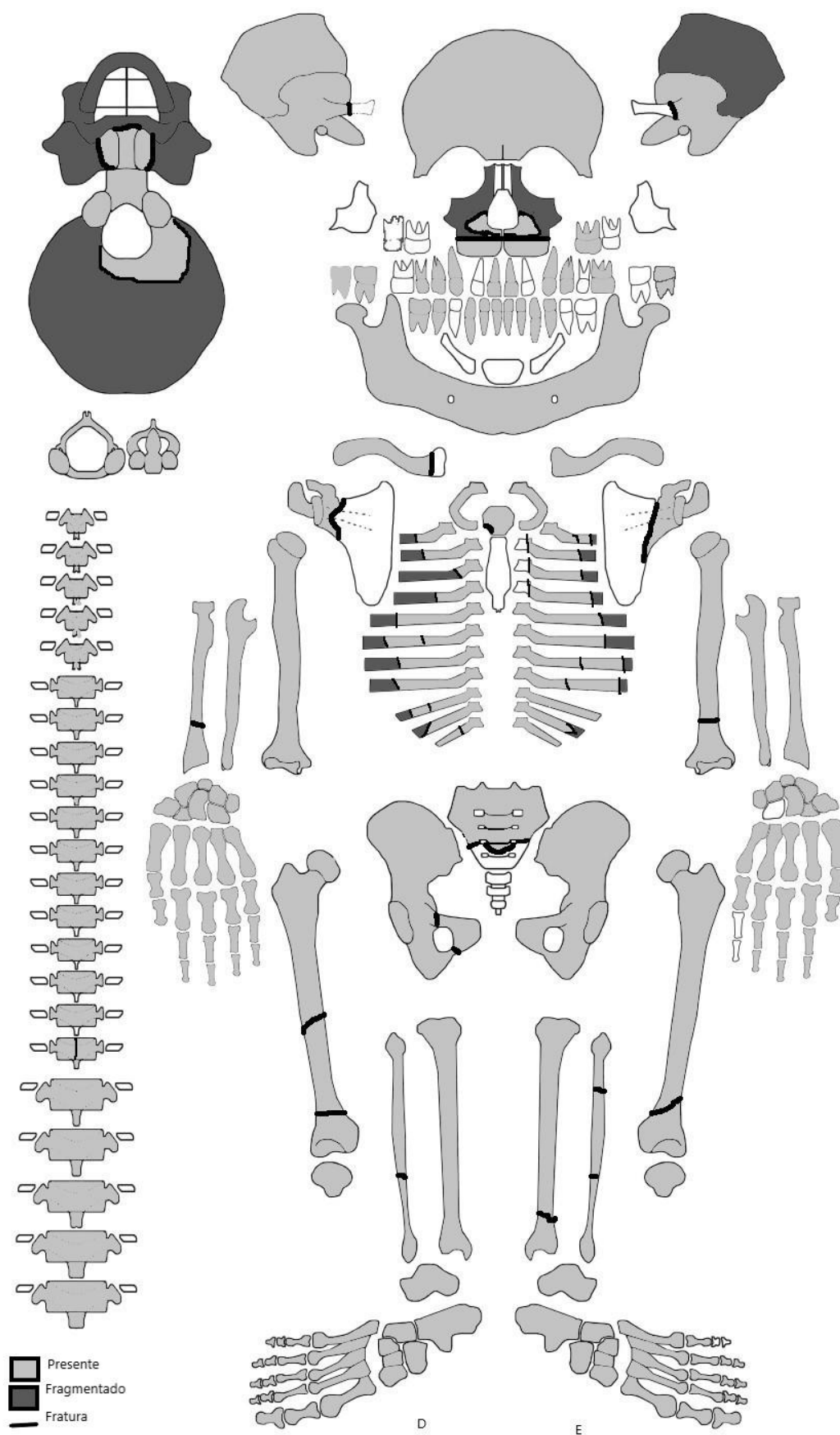


Figura 56 - Esquemático de [7025]

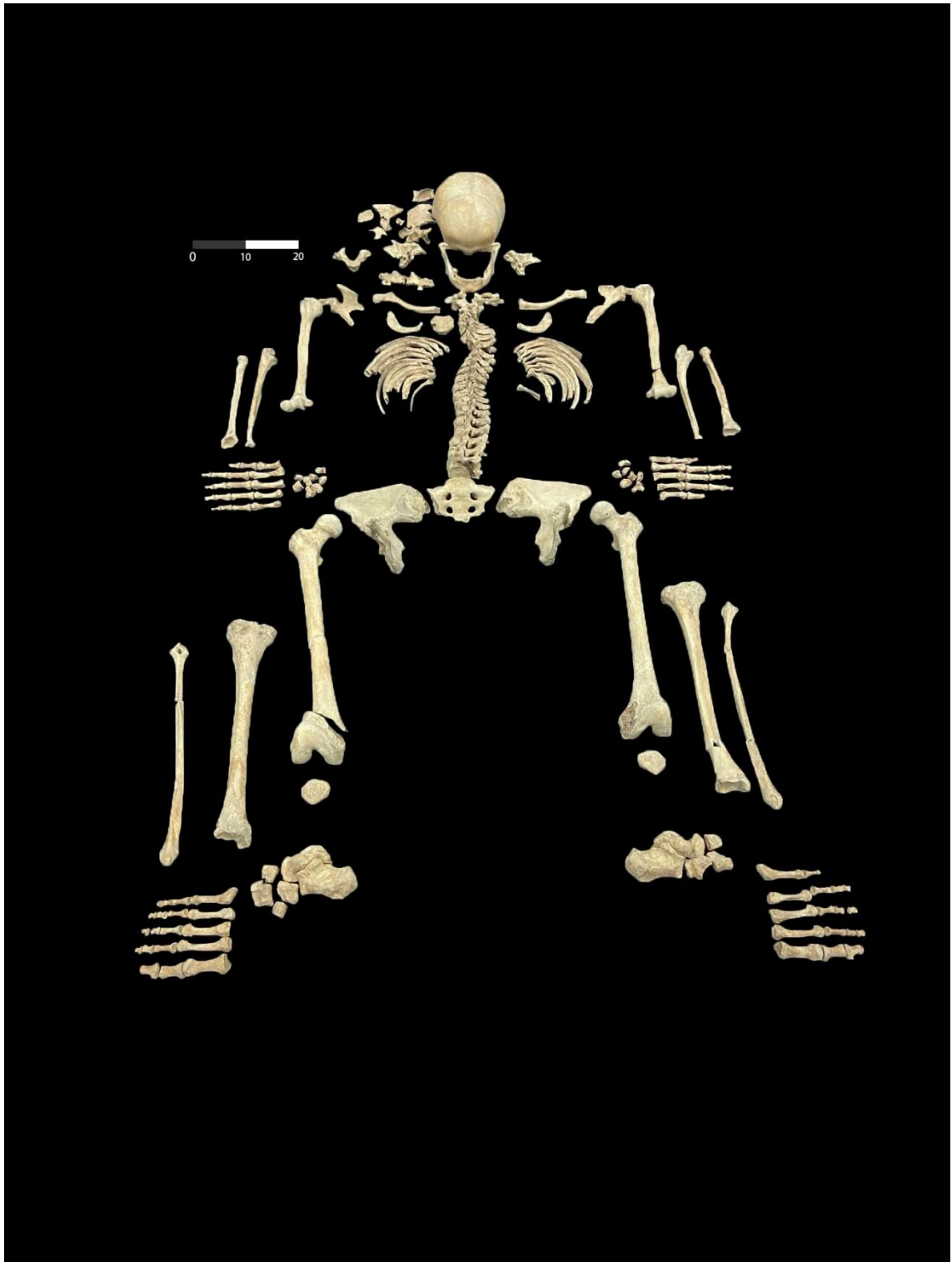


Figura 57 – Indivíduo [7025]

Tabela 8 - Dados bioantropológicos do Indivíduo [7025]

[7025]	Dimensões (mm)	
	Direito	Esquerdo
Clavícula: Dimensão Máxima		129
Úmero: Dimensão Máxima	280	277
Úmero: Dimensão Epicondilar	54	52
Úmero: Diâmetro da Cabeça	36	37
Úmero: Diâmetro máximo da diáfise	19	19
Úmero: Diâmetro mínimo da diáfise	15	16
Úmero: dimensão da zona de articulação	39	38
Rádio: Dimensão Máxima	210	206
Ulna: Dimensão Máxima	230	228
Ulna: Dimensão fisiológica	202	200
Sacro: Diâmetro Máximo Transversal da Base	43	
Sacro: Dimensão Superior Anterior	96	
Coxal: Altura	173	172
Coxal: Largura ilíaca	146	148
Coxal: Dimensão da Púbis	71	75
Coxal: Dimensão do Ísquio	66	64
Fémur: Dimensão Máxima	393	395
Fémur: Comprimento Bicondilar	360	365
Fémur: Dimensão Epicondilar	68	66
Fémur: Diâmetro da Cabeça	38	39
Fémur: Diâmetro Subtrocantereo Anterior-Posterior	23	24
Fémur: Diâmetro Subtrocantereo Medial-Lateral	29	28
Fémur: Diâmetro do Eixo Médio Anterior-Posterior	26	25
Fémur: Diâmetro do Eixo Médio Medial-Lateral	23	23
Fémur: Circunferência do Eixo Médio	85	90
Tíbia: Dimensão	323	326
Tíbia: Dimensão máxima da Epífise proximal	65	66
Tíbia: Dimensão máxima da Epífise Distal	45	44
Tíbia: Diâmetro Máximo no Nutrient Foramen	29	31

Tíbia: Diâmetro Medial-Lateral no Nutrient Foramen	22	21
Tíbia: Circunferência no Nutrient Foramen	90	88
Fíbula: Dimensão Máxima	320	322
Fíbula: Diâmetro Máximo da Diáfise	11	13
Calcâneo: Dimensão Máxima	70	69
Talus: Dimensão Máxima	45	45
Talus: Largura	36	35
Talus: Altura	40	41
Talus: Comprimento máximo da Tróclea	28	27
Talus: Largura Máxima da Tróclea	28	29
Patella: Largura Máxima	39	39
Patella: Altura Máxima	35	36
1º Metatarso	48	50
2º Metatarso	60	59
3º Metatarso	55	55
4º Metatarso	53	52
5º Metatarso	47	50
1º Metacarpo	37	36
2º Metacarpo	54	53
3º Metacarpo	51	51
4º Metacarpo	45	46
5º Metacarpo	43	43

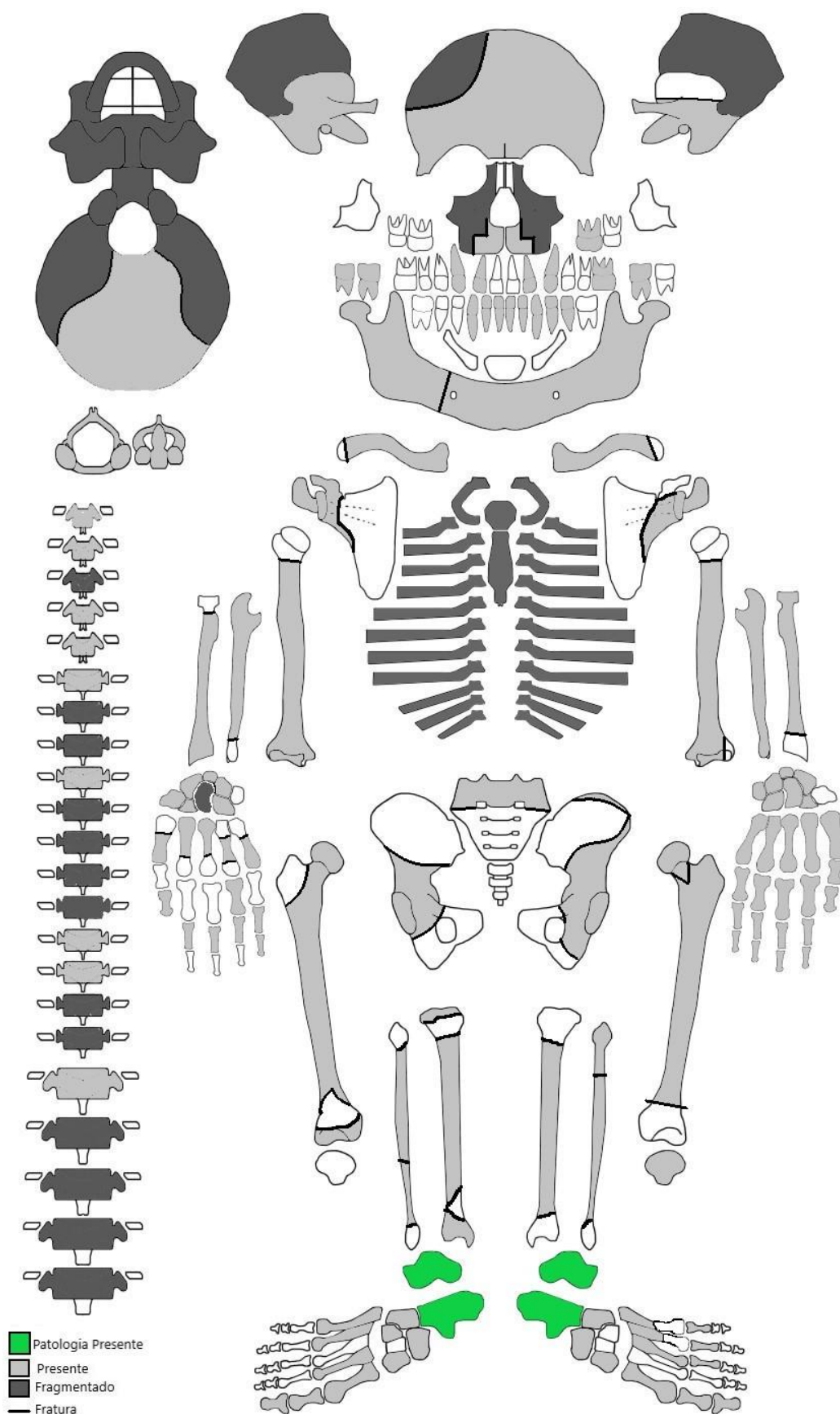


Figura 58 – Esquemático de [7026]



Figura 59 - Indivíduo[7026]

Tabela 9 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7026]

[7026]	Dimensões (mm)	
	Direito	Esquerdo
Clavícula: Dimensão Máxima		
Úmero: Dimensão Máxima		
Úmero: Dimensão Epicondilar	52	
Úmero: Diâmetro da Cabeça		
Úmero: Diâmetro máximo da diáfise		
Úmero: Diâmetro mínimo da diáfise		
Úmero: dimensão da zona de articulação	34	
Rádio: Dimensão Máxima		221
Ulna: Dimensão Máxima		242
Ulna: Dimensão fisiológica		215
Sacro: Diâmetro Máximo Transversal da Base		
Sacro: Dimensão Superior Anterior		
Coxal: Altura		
Coxal: Largura ilíaca		
Coxal: Dimensão da Púbis		
Coxal: Dimensão do Ísquio		
Fémur: Dimensão Máxima		
Fémur: Comprimento Bicondilar		
Fémur: Dimensão Epicondilar		
Fémur: Diâmetro da Cabeça	37	
Fémur: Diâmetro Subtrocantereo Anterior-Posterior	19	
Fémur: Diâmetro Subtrocantereo Medial-Lateral	24	
Fémur: Diâmetro do Eixo Médio Anterior-Posterior	23	
Fémur: Diâmetro do Eixo Médio Medial-Lateral	17	
Fémur: Circunferência do Eixo Médio	85	
Tíbia: Dimensão		
Tíbia: Dimensão máxima da Epífise proximal		
Tíbia: Dimensão máxima da Epífise Distal		
Tíbia: Diâmetro Máximo no Nutrient Foramen	26	26

Tíbia: Diâmetro Medial-Lateral no Nutrient Foramen	18	18
Tíbia: Circunferência no Nutrient Foramen	90	95
Fíbula: Dimensão Máxima		
Fíbula: Diâmetro Máximo da Diáfise		
Calcâneo: Dimensão Máxima	80	80
Talus: Dimensão Máxima	52	51
Talus: Largura	38	40
Talus: Altura	44	45
Talus: Comprimento máximo da Tróclea	27	25
Talus: Largura Máxima da Tróclea	28	30
Patella: Largura Máxima		37
Patella: Altura Máxima		31
1º Metatarso		57
2º Metatarso		65
3º Metatarso		70
4º Metatarso		66
5º Metatarso		67
1º Metacarpo		40
2º Metacarpo		64
3º Metacarpo		64
4º Metacarpo		52
5º Metacarpo		51

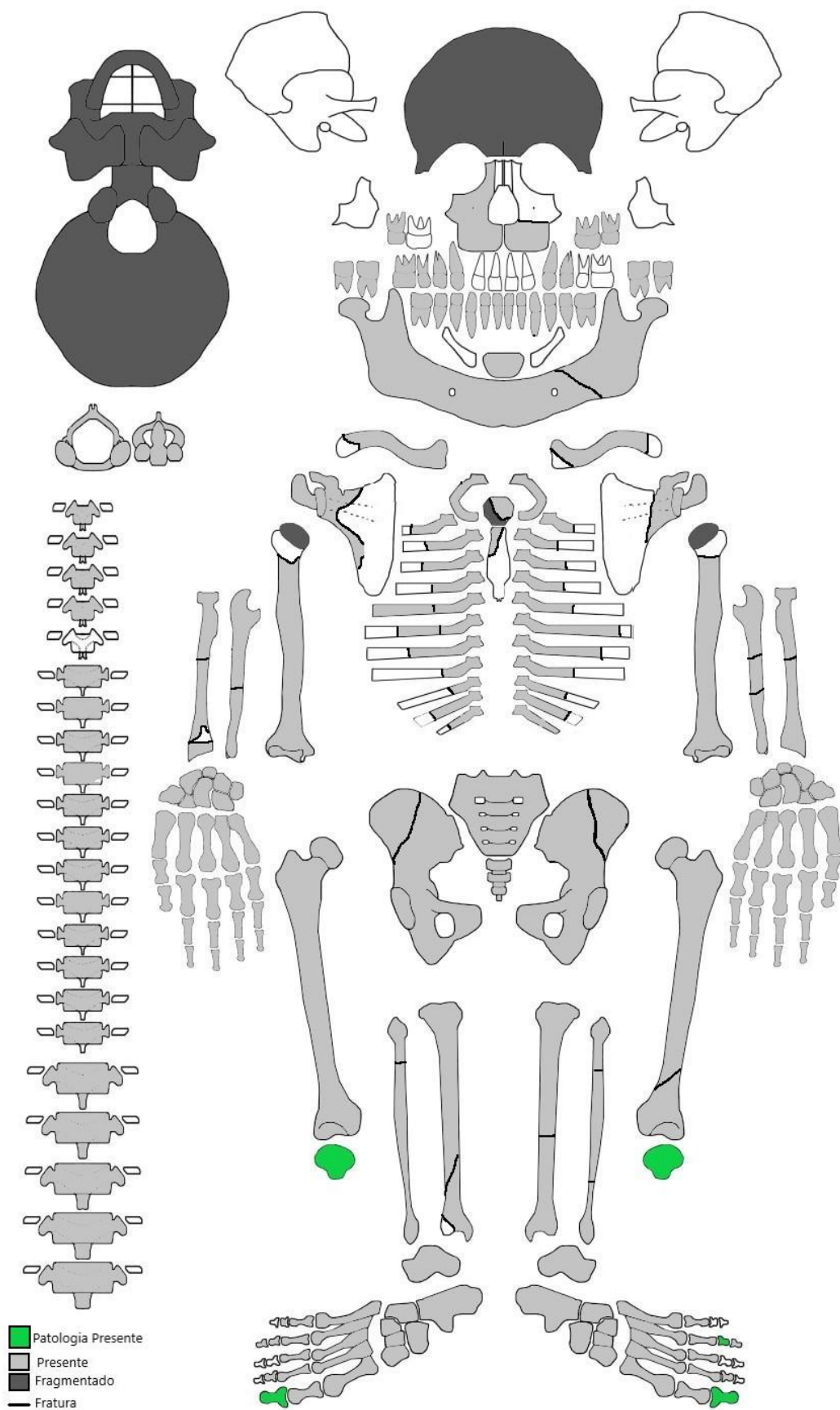


Figura 60 – Esquemático de [7027]



Figura 61 - Indivíduo [7027]

Tabela 10 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7027]

[7027]	Dimensões (mm)	
	Direito	Esquerdo
Clavícula: Dimensão Máxima		
Úmero: Dimensão Máxima		
Úmero: Dimensão Epicondilar	63	65
Úmero: Diâmetro da Cabeça		
Úmero: Diâmetro máximo da diáfise	20	19
Úmero: Diâmetro mínimo da diáfise	16	16
Úmero: dimensão da zona de articulação	45	43
Rádio: Dimensão Máxima		242
Ulna: Dimensão Máxima	267	270
Ulna: Dimensão fisiológica	237	245
Sacro: Diâmetro Máximo Transversal da Base	50	
Sacro: Dimensão Superior Anterior	92	
Coxal: Altura	205	215
Coxal: Largura ilíaca	168	167
Coxal: Dimensão da Púbis	64	68
Coxal: Dimensão do Ísquio	76	78
Fémur: Dimensão Máxima	435	444
Fémur: Comprimento Bicondilar	441	446
Fémur: Dimensão Epicondilar	84	83
Fémur: Diâmetro da Cabeça	45	44
Fémur: Diâmetro Subtrocantereo Anterior-Posterior	31	25
Fémur: Diâmetro Subtrocantereo Medial-Lateral	25	27
Fémur: Diâmetro do Eixo Médio Anterior-Posterior	23	25
Fémur: Diâmetro do Eixo Médio Medial-Lateral	25	26
Fémur: Circunferência do Eixo Médio	85	84
Tíbia: Dimensão	367	367
Tíbia: Dimensão máxima da Epífise proximal	78	80
Tíbia: Dimensão máxima da Epífise Distal		53
Tíbia: Diâmetro Máximo no Nutrient Foramen	27	32

Tíbia: Diâmetro Medial-Lateral no Nutrient Foramen	22	20
Tíbia: Circunferência no Nutrient Foramen	98	90
Fíbula: Dimensão Máxima	361	364
Fíbula: Diâmetro Máximo da Diáfise	19	16
Calcâneo: Dimensão Máxima	81	83
Talus: Dimensão Máxima	57	60
Talus: Largura	43	45
Talus: Altura	49	47
Talus: Comprimento máximo da Tróclea	32	31
Talus: Largura Máxima da Tróclea	37	35
Patella: Largura Máxima	45	46
Patella: Altura Máxima	48	45
1º Metatarso	65	64
2º Metatarso	74	75
3º Metatarso	68	67
4º Metatarso	67	68
5º Metatarso	70	71
1º Metacarpo	46	45
2º Metacarpo	65	65
3º Metacarpo	67	70
4º Metacarpo	58	57
5º Metacarpo	55	55

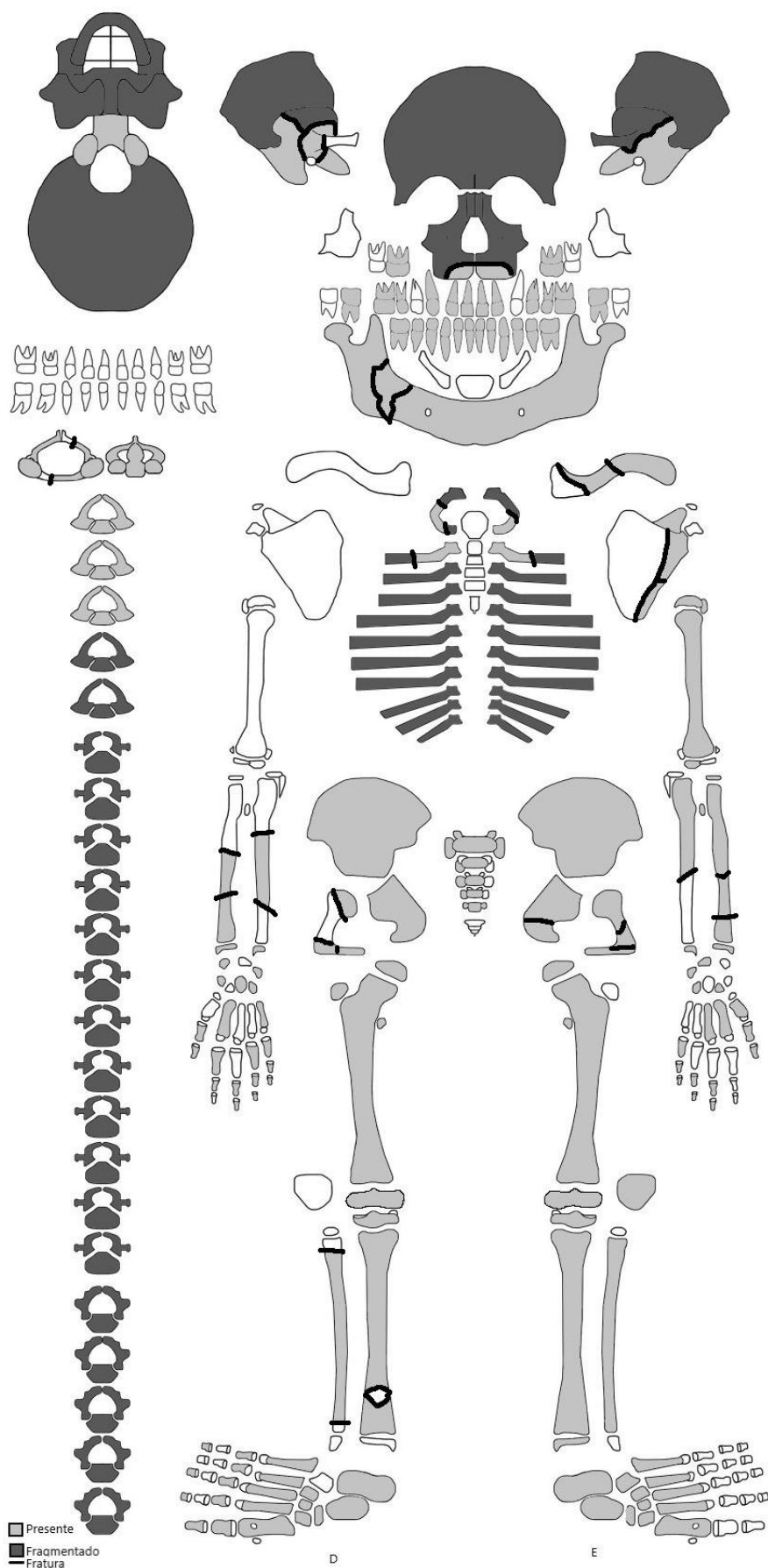


Figura 62 – Esquemático de [7028]

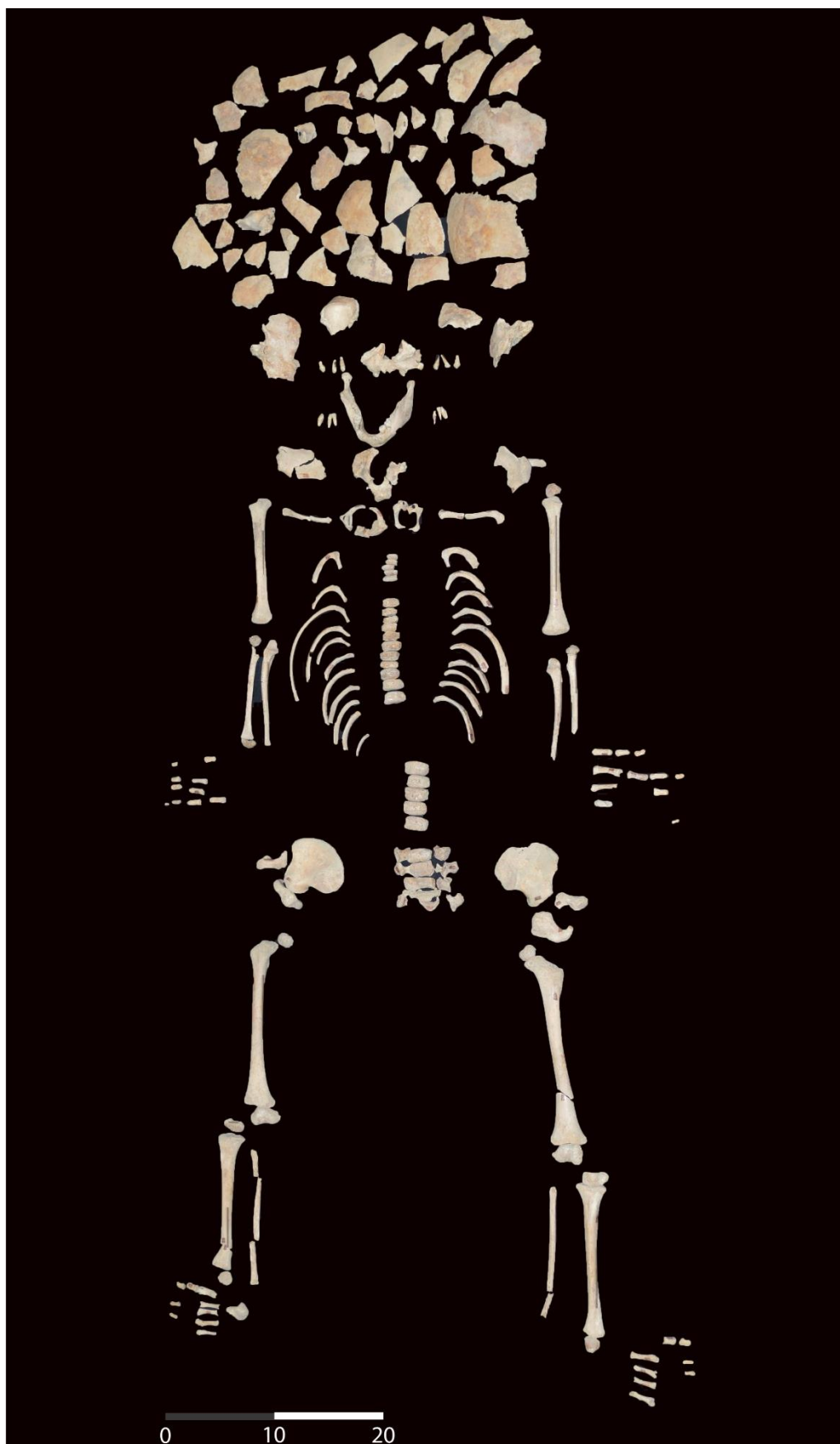


Figura 63 – Indivíduo [7028]

Tabela 11 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7028]

[7028]	Dimensões (mm)	
	Direito	Esquerdo
Esfenoide: Lesser Wing: Comprimento		
Esfenoide: Lesser Wing: Largura		
Esfenoide: Greater Wing: Comprimento		
Esfenoide: Greater Wing: Largura		
Esfenoide: Corpo: Comprimento		
Esfenoide: Corpo: Largura		
Temporal: Mastoide e Petrosa: Comprimento		
Temporal: Mastoide e Petrosa: Largura		
Occipital: Pars Basalaris: Comprimento		
Occipital: Pars Basilaris: Largura		
Zigomático: Comprimento		
Zigomático: Largura		
Maxilar: Comprimento		
Maxilar: Altura		
Maxilar: Largura		
Mandíbula: Comprimento do corpo	82	
Mandíbula: Largura do Arco	39	
Mandíbula: Comprimento completo de meia mandíbula	111	
Clavícula: Comprimento		
Clavícula: Diâmetro		
Escápula: Comprimento		
Escápula: Largura		
Escápula: Comprimento da Espinha		
Ílio: Comprimento	116	117
Ílio: Largura	98	98
Ísquio: Comprimento	67	
Ísquio: Largura		
Púbis: Comprimento		
Úmero: Comprimento		227

Úmero: Comprimento com epífises		253
Úmero: Largura		40
Úmero: Diâmetro		17
Ulna: Comprimento		
Ulna: Comprimento com epífises		
Ulna: Diâmetro		
Rádio: Comprimento		174
Rádio: Comprimento com Epífises		182
Rádio: Diâmetro		
Fémur: Comprimento	334	333
Fémur: Comprimento com epífises	372	372
Fémur: Largura	60	57
Fémur: Diâmetro	21	
Tíbia: Comprimento	266	279
Tíbia: Comprimento com epífises	311	315
Tíbia: Diâmetro	23	23
Fíbula: Comprimento		223
Fíbula: Comprimento com epífises		
Fíbula: Diâmetro	11	12

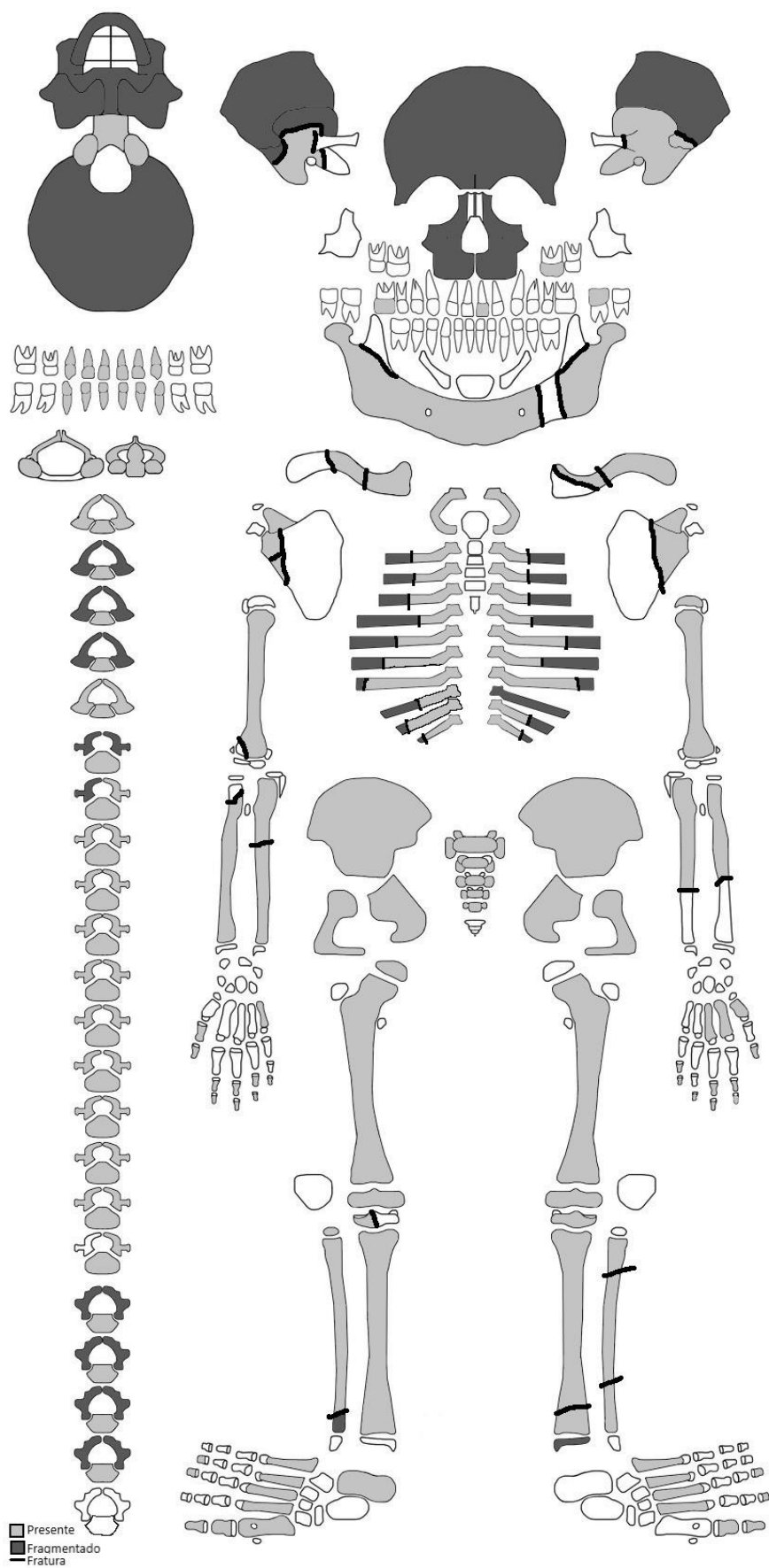


Figura 64 - Esquemático de [7038]

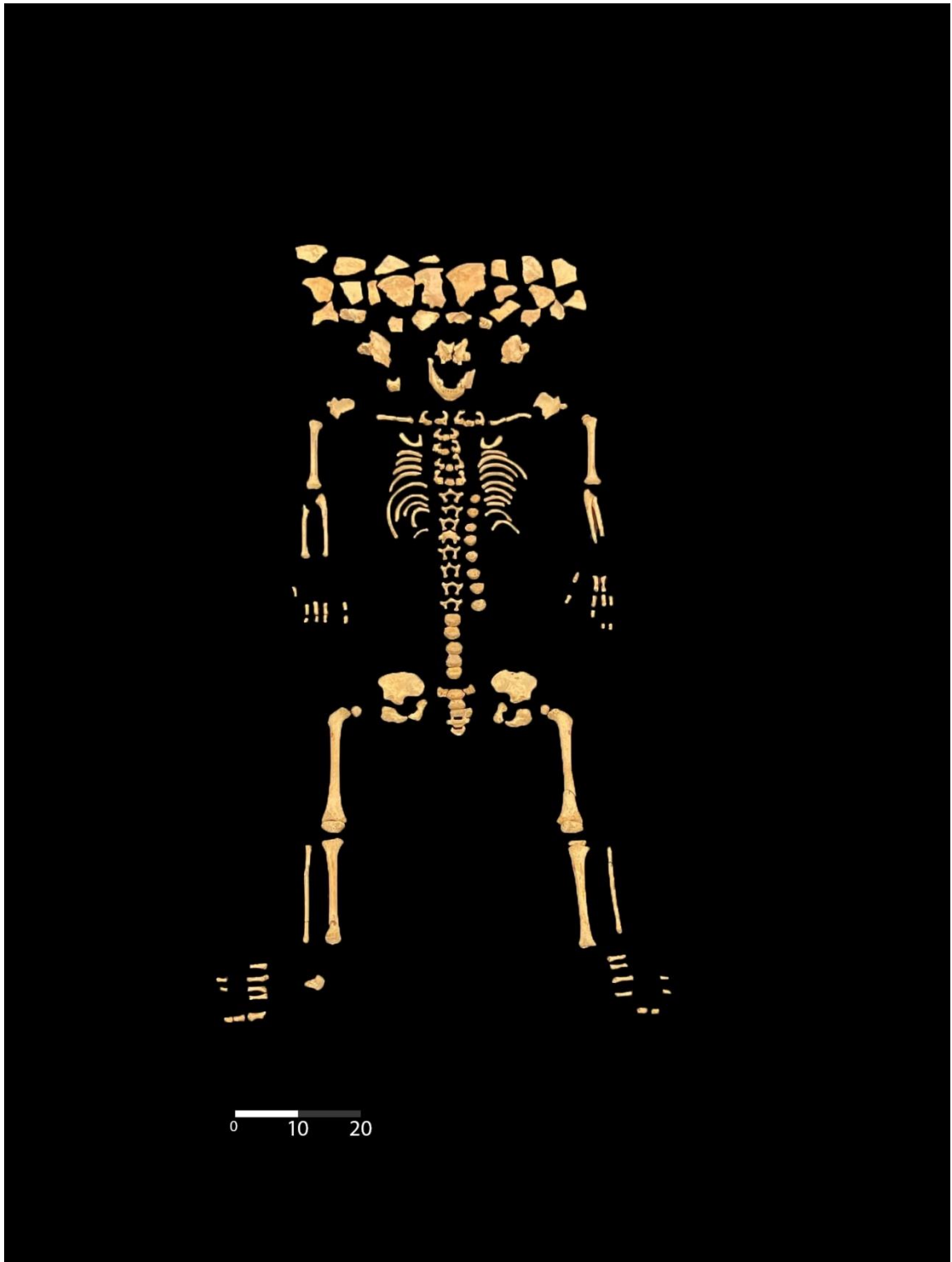


Figura 65 – Indivíduo [7038]

Tabela 12 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7038]

[7038]	Dimensões (mm)	
	Direito	Esquerdo
Esfenoide: Lesser Wing: Comprimento		
Esfenoide: Lesser Wing: Largura		
Esfenoide: Greater Wing: Comprimento		
Esfenoide: Greater Wing: Largura		
Esfenoide: Corpo: Comprimento		
Esfenoide: Corpo: Largura		
Temporal: Mastoide e Petrosa: Comprimento	41	47
Temporal: Mastoide e Petrosa: Largura	19	18
Occipital: Pars Basalaris: Comprimento		15
Occipital: Pars Basalaris: Largura		22
Zigomático: Comprimento		
Zigomático: Largura		
Maxilar: Comprimento		
Maxilar: Altura		
Maxilar: Largura		
Mandibula: Comprimento do corpo		57
Mandibula: Largura do Arco		
Mandibula: Comprimento completo de meia mandibula		81
Clavícula: Comprimento		
Clavícula: Diâmetro		
Escápula: Comprimento		
Escápula: Largura		
Escápula: Comprimento da Espinha		
Ílio: Comprimento	65	66
Ílio: Largura	61	60
Ísquio: Comprimento	36	39
Ísquio: Largura		29
Púbis: Comprimento	34	32

Úmero: Comprimento	131	130
Úmero: Comprimento com epífises		
Úmero: Largura		22
Úmero: Diâmetro	10	10
Ulna: Comprimento		
Ulna: Comprimento com epífises		
Ulna: Diâmetro		5
Rádio: Comprimento		
Rádio: Comprimento com Epífises		
Rádio: Diâmetro		6
Fémur: Comprimento	170	173
Fémur: Comprimento com epífises	187	
Fémur: Largura	32	35
Fémur: Diâmetro	12	12
Tíbia: Comprimento	139	140
Tíbia: Comprimento com epífises		
Tíbia: Diâmetro	10	11
Fíbula: Comprimento		144
Fíbula: Comprimento com epífises		
Fíbula: Diâmetro	6	6

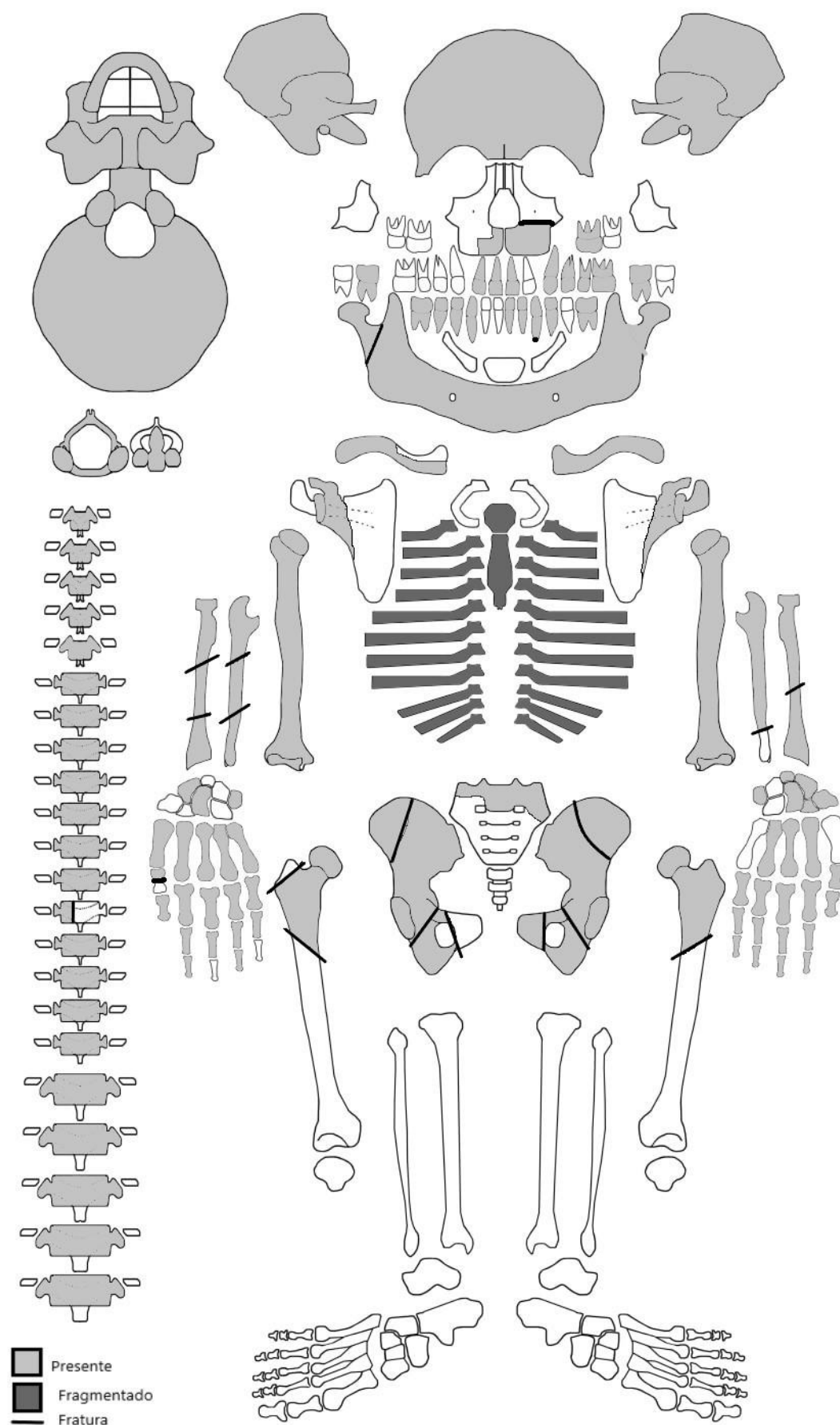


Figura 66 – Esquemático de [7041]

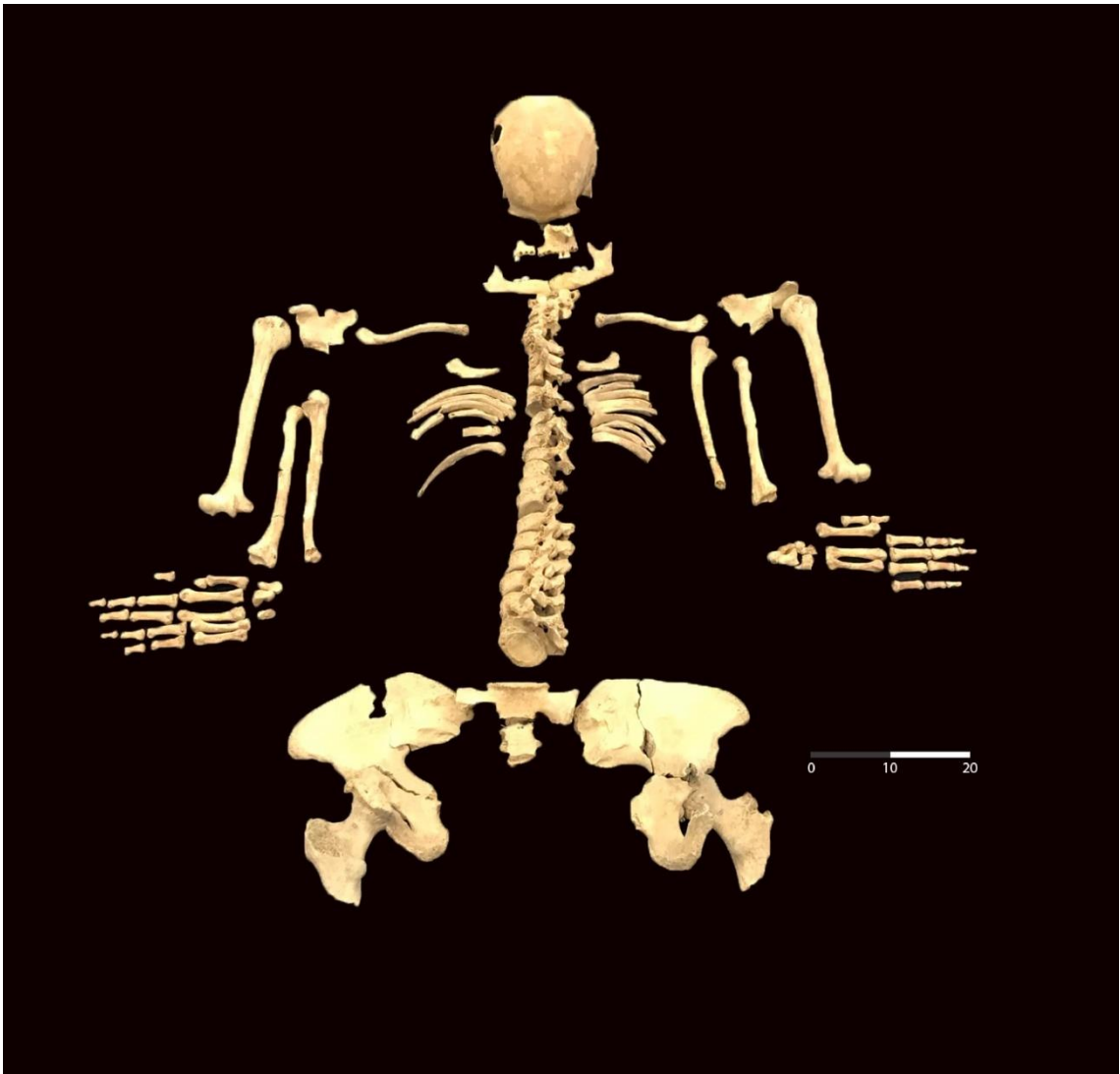


Figura 67 – Indivíduo [7041]

Tabela 13 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7041]

[7041]	Dimensões (mm)	
	Direito	Esquerdo
Clavícula: Dimensão Máxima	131	131
Úmero: Dimensão Máxima	308	303
Úmero: Dimensão Epicondilar	55	55
Úmero: Diâmetro da Cabeça	43	42
Úmero: Diâmetro máximo da diáfise	183	185
Úmero: Diâmetro mínimo da diáfise	161	167
Úmero: dimensão da zona de articulação	39	39
Rádio: Dimensão Máxima	226	224
Ulna: Dimensão Máxima	224	
Ulna: Dimensão fisiológica	189	
Sacro: Diâmetro Máximo Transversal da Base		
Sacro: Dimensão Superior Anterior		
Coxal: Altura	199	206
Coxal: Largura ilíaca	164	157
Coxal: Dimensão da Púbis	72	71
Coxal: Dimensão do Ísquio	74	70
Fémur: Dimensão Máxima		
Fémur: Comprimento Bicondilar		
Fémur: Dimensão Epicondilar		
Fémur: Diâmetro da Cabeça	42	43
Fémur: Diâmetro Subtrocantereo Anterior-Posterior		
Fémur: Diâmetro Subtrocantereo Medial-Lateral		
Fémur: Diâmetro do Eixo Médio Anterior-Posterior		
Fémur: Diâmetro do Eixo Médio Medial-Lateral		
Fémur: Circunferência do Eixo Médio		
Tíbia: Dimensão		
Tíbia: Dimensão máxima da Epífise proximal		
Tíbia: Dimensão máxima da Epífise Distal		
Tíbia: Diâmetro Máximo no Nutrient Foramen		

Tíbia: Diâmetro Medial-Lateral no Nutrient Foramen		
Tíbia: Circunferência no Nutrient Foramen		
Fíbula: Dimensão Máxima		
Fíbula: Diâmetro Máximo da Diáfise		
Calcâneo: Dimensão Máxima		
Talus: Dimensão Máxima		
Talus: Largura		
Talus: Altura		
Talus: Comprimento máximo da Tróclea		
Talus: Largura Máxima da Tróclea		
Patella: Largura Máxima		
Patella: Altura Máxima		
1º Metatarso		
2º Metatarso		
3º Metatarso		
4º Metatarso		
5º Metatarso		
1º Metacarpo	43	
2º Metacarpo	62	61
3º Metacarpo	64	64
4º Metacarpo	57	57
5º Metacarpo	51	

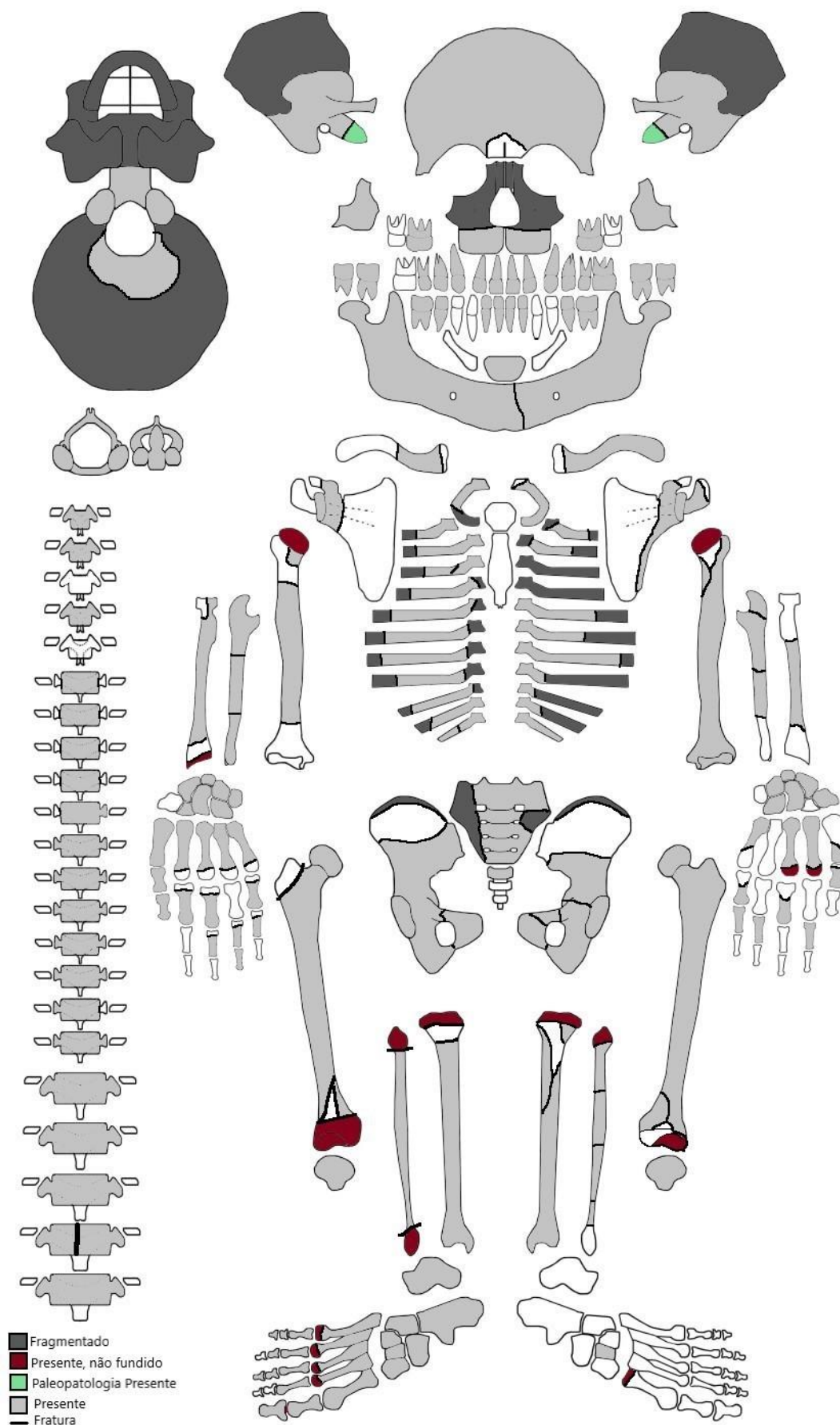


Figura 68 - Esquemático de [7128]

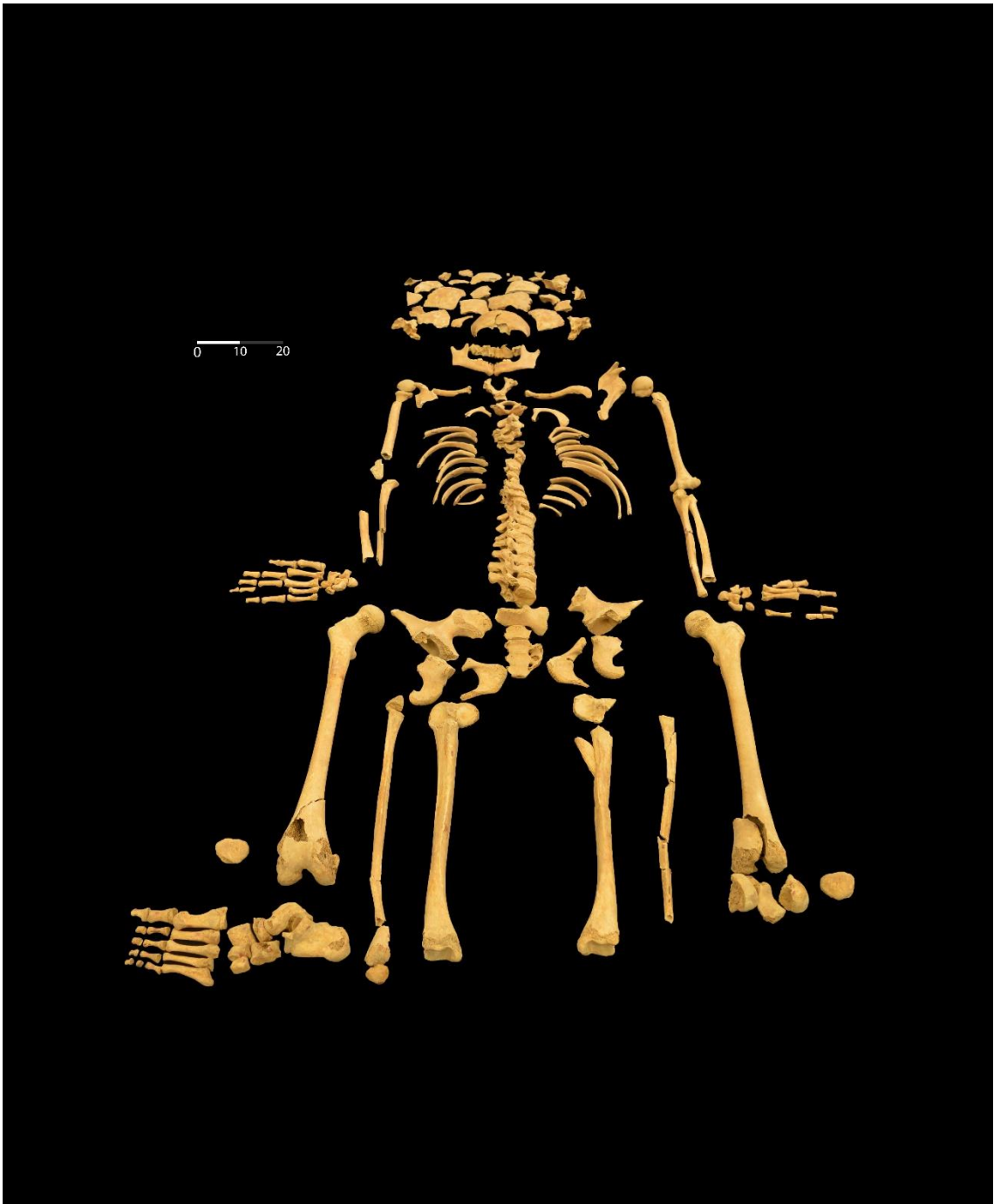


Figura 69 – Indivíduos [7128]

Tabela 14 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7128] – Medidas Não-Adulto

[7128]	Dimensões (mm)	
	Direito	Esquerdo
Esfenoide: Lesser Wing: Comprimento		
Esfenoide: Lesser Wing: Largura		
Esfenoide: Greater Wing: Comprimento		
Esfenoide: Greater Wing: Largura		
Esfenoide: Corpo: Comprimento		
Esfenoide: Corpo: Largura		
Temporal: Mastoide e Petrosa: Comprimento		
Temporal: Mastoide e Petrosa: Largura		
Occipital: Pars Basalaris: Comprimento		
Occipital: Pars Basilaris: Largura		35
Zigomático: Comprimento		
Zigomático: Largura	37	
Maxilar: Comprimento		
Maxilar: Altura		
Maxilar: Largura		
Mandíbula: Comprimento do corpo		81
Mandíbula: Largura do Arco		39
Mandíbula: Comprimento completo de meia mandíbula		113
Clavícula: Comprimento		127
Clavícula: Diâmetro		
Escápula: Comprimento		
Escápula: Largura		
Escápula: Comprimento da Espinha		
Ílio: Comprimento		
Ílio: Largura		
Ísquio: Comprimento		
Ísquio: Largura		
Púbis: Comprimento		
Úmero: Comprimento		

Úmero: Comprimento com epífises		
Úmero: Largura		
Úmero: Diâmetro		
Ulna: Comprimento		
Ulna: Comprimento com epífises		
Ulna: Diâmetro	10	9
Rádio: Comprimento		
Rádio: Comprimento com Epífises		
Rádio: Diâmetro		13
Fémur: Comprimento		
Fémur: Comprimento com epífises		
Fémur: Largura		
Fémur: Diâmetro		
Tíbia: Comprimento		
Tíbia: Comprimento com epífises		
Tíbia: Diâmetro		
Fíbula: Comprimento		
Fíbula: Comprimento com epífises		
Fíbula: Diâmetro		

Tabela 15 - Dados Bioantropológicos do Indivíduo [7128] - Medidas Adulto

[7128]	Dimensões (mm)	
	Direito	Esquerdo
Clavícula: Dimensão Máxima		127
Úmero: Dimensão Máxima		
Úmero: Dimensão Epicondilar		52
Úmero: Diâmetro da Cabeça	47	
Úmero: Diâmetro máximo da diáfise		19
Úmero: Diâmetro mínimo da diáfise		15
Úmero: dimensão da zona de articulação		38
Rádio: Dimensão Máxima		
Ulna: Dimensão Máxima		

Ulna: Dimensão fisiológica		210
Sacro: Diâmetro Máximo Transversal da Base		
Sacro: Dimensão Superior Anterior		
Coxal: Altura		
-Coxal: Largura ilíaca		
Coxal: Dimensão da Púbis		
Coxal: Dimensão do Ísquio		
Fémur: Dimensão Máxima		
Fémur: Comprimento Bicondilar		
Fémur: Dimensão Epicondilar	66	
Fémur: Diâmetro da Cabeça	43	41
Fémur: Diâmetro Subtrocantereo Anterior-Posterior	25	26
Fémur: Diâmetro Subtrocantereo Medial-Lateral	29	31
Fémur: Diâmetro do Eixo Médio Anterior-Posterior	28	28
Fémur: Diâmetro do Eixo Médio Medial-Lateral	21	23
Fémur: Circunferência do Eixo Médio	81	82
Tíbia: Dimensão		
Tíbia: Dimensão máxima da Epífise proximal	70	69
Tíbia: Dimensão máxima da Epífise Distal	42	41
Tíbia: Diâmetro Máximo no Nutrient Foramen	25	
Tíbia: Diâmetro Medial-Lateral no Nutrient Foramen	22	
Tíbia: Circunferência no Nutrient Foramen	85	
Fíbula: Dimensão Máxima		
Fíbula: Diâmetro Máximo da Diáfise	13	
Calcâneo: Dimensão Máxima		
Talus: Dimensão Máxima		
Talus: Largura		
Talus: Altura		
Talus: Comprimento máximo da Tróclea		
Talus: Largura Máxima da Tróclea		
Patella: Largura Máxima	42	41
Patella: Altura Máxima	37	37
1º Metatarso	44	

2° Metatarso		
3° Metatarso		
4° Metatarso		
5° Metatarso		
1° Metacarpo		
2° Metacarpo		
3° Metacarpo		
4° Metacarpo		
5° Metacarpo		

Anexo IV

Tabela 16 - Registo de Unidades Estratigráficas da Quadricula C11

Quadricula	U.E.	Tipologia	Descrição da U.E.	Relação Estratigráfica
C-11	[7003]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração castanho-clara, arenoso, pouco compacto, com inclusões de tijolo, nódulos de argamassa e pedra de pequena e média dimensão.	Cobre [7004]
C-11	[7004]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração branca e rosado, composto por lascas de calcário, pouco compacto, com inclusões de fragmentos de tijolo.	Cobre [7009] Coberta por [7003]
C-11	[7005]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração cinzenta, arenoargiloso, pouco compacto, com inclusões de cerâmica comum e de construção, pedra de pequena e média dimensão e carvões.	Cobre [7010] Coberta por [7009]
C-11	[7006]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração amarela, argiloarenoso, compacto, com inclusões de nódulos de argamassa e pedra de pequena dimensão.	Cobre [7007] Coberta por [7010]

C-11	[7007]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração castanha, arenoargiloso, compacto, sem inclusões.	Cobre [7011], [7012] Coberta por [7006]
C-11	[7008]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração verde, argiloso, compacto, sem inclusões.	Coberta por [7011]
C-11	[7009]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração branca, composto por lascas de calcário, compacto, sem inclusões.	Cobre [7005] Coberta por [7004]
C-11	[7010]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração branca, arenoso compacto, com inclusões de lascas de calcário e cerâmica de construção.	Cobre [7006] Coberta por [7005]
C-11	[7011]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração castanho-escuro, arenoargiloso, compacto, com inclusões de carvão e cerâmica de construção.	Cobre [7008] Coberta por [7007]
C-11	[7013]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração castanho-escuro, arenoargiloso, medianamente compacto, com inclusões de carvão (abundante).	Cobre [7014] Coberta por [7010]

C-11	[7014]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração castanho-clara, arenoargiloso, solto, sem inclusões.	Cobre [7015] Coberta por [7013]
C-11	[7015]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração castanho-escura, argiloso, medianamente compacto, sem inclusões.	Cobre [7017] Coberta por [7014]
C-11	[7016]	Muro	Muro em argamassa de coloração esbranquiçada, à base de areia e cal, com presença de nódulos de cal	Coberta por [7010]
C-11	[7017]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração castanha, arenoso, compacto, com inclusões de restos de fauna mamalógica (ocasionais).	Cobre [7020], [7019], [7021], [7039], [7022], [7023], [7024], [7036] Coberta por [7015]
C-11	[7019]	Interface		Coberta por [7029]
C-11	[7020]	Interface		Coberta por [7030]
C-11	[7021]	Interface		Coberta por [7031]
C-11	[7022]	Interface		Coberta por [7032]

C-11	[7023]	Interface		Coberta por [7033]
C-11	[7024]	Interface		Coberta por [7034]
C-11	[7025]	Esqueleto humano	Esqueleto humano	Coberta por [7030]
C-11	[7026]	Esqueleto humano	Esqueleto humano	Coberta por [7032]
C-11	[7027]	Esqueleto humano	Esqueleto humano	Coberta por [7033]
C-11	[7028]	Esqueleto Humano	Esqueleto Humano	Coberta por [7034]
C-11	[7029]	Depósito	Sedimento heterogêneo, de coloração verde, arenoso, pouco compacto, sem inclusões. Enchimento da estrutura negativa-fossa de inumação-interface 7019.	Cobre [7019], [7128] Coberto por [7017]
C-11	[7030]	Depósito	Sedimento heterogêneo, de coloração verde, arenoso, pouco compacto, sem inclusões. Enchimento da estrutura negativa-fossa de inumação-interface 7020.	Cobre [7020] Coberto por [7017]
C-11	[7031]	Depósito	Sedimento heterogêneo, de coloração verde, arenoso, pouco compacto, sem inclusões.	Cobre [7021] Coberto por [7017]

			Enchimento da estrutura negativa-fossa de inumação-interface 7021.	
C-11	[7032]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração verde, arenoso, pouco compacto, sem inclusões. Enchimento da estrutura negativa-fossa de inumação-interface 7022.	Cobre [7022] Coberto por [7017]
C-11	[7033]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração verde, arenoso, pouco compacto, sem inclusões. Enchimento da estrutura negativa-fossa de inumação-interface 7023.	Cobre [7023], [7027] Coberto por [7017]
C-11	[7034]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração verde, arenoso, pouco compacto, sem inclusões. Enchimento da estrutura negativa-fossa de inumação-interface 7024.	Cobre [7024], [7028] Coberto por [7017]
C-11	[7036]	Interface		Coberta por [7036]
C-11	[7037]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração verde, arenoso, pouco compacto, sem inclusões. Enchimento da estrutura	Cobre [7036] Coberto por [7017]

			negativa-fossa de inumação-interface 7036.	
C-11	[7038]	Esqueleto Humano	Esqueleto Humano	Coberta por [7040]
C-11	[7039]	Interface		Coberta por [7040]
C-11	[7040]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração verde, arenoso, pouco compacto, sem inclusões. Enchimento da estrutura negativa-fossa de inumação-interface [7039]	Cobre [7041] Coberto por [7017]
C-11	[7041]	Esqueleto Humano	Esqueleto Humano	Coberto por [7042]
C-11	[7042]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração amarelo-escura e alaranjada, arenoso, solto, com inclusões de cerâmica de construção e comum (frequente), fauna mamalógica (ocasional) e malacológica (frequente).	Cobre [7041] Coberta por [7017]
C-11	[7044]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração amarelo-clara, arenoso, pouco compacto, sem inclusões.	Coberta por [7046], [7045]
C-11	[7045]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração cinzenta-	Cobre [7044]

			esverdeada, arenoso, pouco compacto, com inclusões de fragmentos de cerâmica de construção (ocasionais).	Coberta por [7046]
C-11	[7046]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração cinzenta-esverdeada, argiloarenoso, medianamente compacto, com inclusões de picos de carvão, cerâmica comum e osso (raro).	Cobre [7044], [7045] Coberta por [7016], [7047]
C-11	[7047]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração castanha-amarelada, arenoargiloso, pouco compacto, com inclusões de cerâmica comum e pedaços de carvão (ocasionais).	Cobre [7046] Coberta por [7048]
C-11	[7048]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração castanha, arenoso, compacto, com inclusões de restos mamalógicos (ocasionais).	Cobre [7047] Coberta por [7029], [7050]
C-11	[7049]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração cinzenta, arenoargiloso, pouco compacto, com inclusões de picos de carvão. Circunscrita à zona Sul.	Cobre [7029] Coberta por [7051]

C-11	[7050]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração verde, argiloarenoso, compacto, com inclusões de picos de carvão e nódulos de argamassa.	Cobre [7048] Coberta por [7051]. [7016]
C-11	[7051]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração castanha-esverdeada, arenoargiloso, compacto, com inclusões de picos de carvão, nódulos de argamassa e pequenos fragmentos de cerâmica comum (raros).	Cobre [7049], [7050] Coberta por [7052]
C-11	[7052]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração castanha, arenoso, compacto, com inclusões de picos de carvão (ocasionais) e pequenos nódulos de cerâmica.	Cobre [7052] Coberta por [7053]
C-11	[7053]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração cinzenta, arenoso, pouco compacto, com inclusões de picos de carvão (ocasionais), pequenos nódulos de argamassa e pedra de pequena dimensão (rara).	Cobre [7051] Coberta por [7054]
C-11	[7054]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração castanho-	Cobre [7053], [7016]

			clara amarelada, arenoso, compacto, com inclusões de nódulos de argamassa (abundantes).	Coberta por [7056], [7055]
C-11	[7055]	Depósito		Cobre [7054], [7094]
C-11	[7056]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração cinzenta, arenoso, pouco compacto, com inclusões de lascas de calcário e seixo (abundantes), telha curva e nódulos de argamassa.	Cobre [7054], [7055], [7094] Coberta por [7057]
C-11	[7057]	Depósito	Caos homogéneo, de coloração esbranquiçada, composto por argamassa desagregada, medianamente compacto, com inclusões de fragmentos de telha curva (raros).	Cobre [7056] Coberta por [7064], [7062], [7058], [7060]
C-11	[7058]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração cinzenta, arenoso, medianamente compacto, com inclusões de cerâmica comum, picos de carvão (abundantes) e pedra de pequena e média dimensão (ocasional). Enchimento da estrutura	Cobre [7057] Coberta por [7059], [7062]

			negativa-fossa-interface 7093.	
C-11	[7059]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração esbranquiçada, arenoso, medianamente compacto, com inclusões de cerâmica comum, picos de carvão (abundantes) e pedra de pequena e média dimensão (ocasional). Enchimento da estrutura negativa-fossa-interface 7093.	Cobre [7058] Coberta por [7060]
C-11	[7060]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração cinzenta, arenoso, compacto, com inclusões de picos de carvão, osso, cerâmica comum e nódulos de argamassa (ocasionais). Enchimento da estrutura negativa-fossa-interface 7093.	Cobre [7059], [7057] Coberta por [7061]
C-11	[7061]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração castanho-clara e acinzentada, composto por finos estratos alternados arenosos e argilosos, compacto, sem inclusões. Enchimento da estrutura	Cobre [7060], [7062] Coberta por [7063]

			negativa-fossa-interface 7093.	
C-11	[7062]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração castanha acinzentada, arenoso, compacto, com inclusões de nódulos de argamassa.	Cobre [7064], [7058] Coberta por [7060], [7061], [7065], [7063]
C-11	[7063]	Depósito	Sedimento heterogéneo, castanho-escuro e acinzentado, arenoso, medianamente compacto, com inclusões de nódulos de argamassa esbranquiçada, nódulos de argila (frequentes) e de carvão (ocasionais).	Cobre [7061], [7062] Coberta por [7067], [7066]
C-11	[7064]	Depósito	Caos homogéneo, de coloração esbranquiçada, composto por argamassa desagregada, compacto, sem inclusões.	Cobre [7057] Coberta por [7062], [7065]
C-11	[7065]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração cinzenta, arenoso, compacto, com inclusões de nódulos de argamassa esbranquiçada (abundantes) e fragmentos de tijolo (ocasionais).	Cobre [7064], [7062], [7063] Coberta por [7068], [7066]
C-11	[7066]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração cinzento-	Cobre [7065], [7063]

			escura, arenoso, pouco compacto, com inclusões de cerâmica comum (ocasional) e lascas de calcário (raras).	Coberta por [7068], [7067]
C-11	[7067]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração laranja, arenoso, compacto, com inclusões de fragmentos de tijolo (abundantes) e nódulos de argamassa esbranquiçada (ocasional).	Cobre [7063], [7066] Coberta por [7068]
C-11	[7068]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração castanho-escura, arenoso, compacto, com inclusões de cerâmica comum e picos de carvão (raros).	Cobre [7067], [7066], [7065]
C-11	[7069]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração castanha acinzentada, arenoso, compacto, com inclusões de manchas de cerâmica moída (ocasionais).	Cobre [7070], [7071], [7072] Coberta por [7094]
C-11	[7070]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração cinzenta, arenoso, compacto, com inclusões de picos de carvão e cerâmica comum (ocasionais).	Cobre [7071] Coberta por [7069]

C-11	[7071]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração castanha acinzentada, reno-argiloso, compacto, com inclusões de picos de carvão (frequentes).	Cobre [7072] Coberta por [7069], [7070]
C-11	[7072]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração cinzenta, arenoso, pouco compacto, com inclusões de picos de carvão (ocasional) e cerâmica comum (rara).	Cobre [7073] Coberta por [7069], [7071]
C-11	[7073]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração verde, reno-argiloso, compacto, com inclusões de picos de carvão (ocasional), cerâmica comum (rara) e restos de fauna mamalógica (abundante).	Cobre [7074] Coberta por [7072]
C-11	[7074]	Depósito	Sedimento homogéneo, de coloração cinzenta, arenoso, pouco compacto, com inclusões de cerâmica comum (ocasional).	Cobre [7046] Coberta por [7073]
C-11	[7075]	Pilar/ ombreira de vão		Cobre [7076]
C-11	[7076]	Muro		Cobre [7077]

C-11	[7078]	Embasamento de [7076]		Coberta por [7076] Cobre [7080]
C-11	[7080]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração castanho-clara, arenoso, pouco compacto, com inclusões de pedra de pequena dimensão (ocasional) e cerâmica comum (frequente).	Cobre [7081] Coberta por [7079], [7078]
C-11	[7093]	Interface		Coberta por [7029]
C-11	[7094]	Depósito	Sedimento heterogéneo, de coloração cinzento-clara, arenoso, medianamente compacto, com inclusões de nódulos de argamassa, pedra de muito pequena dimensão e osso (ocasionais).	Cobre [7069], [7016] Coberta por [7055], [7056]
C-11	[7128]	Esqueleto Humano	Esqueleto Humano	Coberta por [7029]

Anexo VI

Tabela 17 - Inventário do Espólio Artefactual de [7017]

Nº de Inventário	Sector	Sond.	U. E.	Categoria	Nº de Fragmentos	Forma	Porção	Ø Bordo (mm)	Ø Fundo (mm)	Altura (mm)	Espessura (mm)	Técnica de Fabrico (Pastas)			Paleta	Decoração	Descrição	Cronologia	
												ENP							Cozedura
												Densidade	Dimensão	Tipo					
PF00/C11/[7017]/1	C	11	[7017]	Cerâmica Comum	1	Panela, Tipo I	Bordo	120	–	40	09	Pequena	≤ 1 mm	Quartzos, feldspatos, micas e cerâmica moída	Oxidante	I	Ostenta decoração em aguada de coloração esbranquiçada na face superior do bordo, organizada em três linhas na diagonal, de continuação de prática medieval islâmica.	Bordo reto com lábio externo, de seção triangular. Presença de marcas de fogo no exterior da peça.	Século XIII

PF00/C11/[7017]/2	C	11	[7017]	Cerâmica Comum	1	Pan ela, Tipo II	Bordo	110	–	30	18	Peque na	≤ 1 mm	Quartz os, micas e cerâmi ca moída	Oxida nte	II	Presença de engobe no exterior e interior do fragmento (já muito destruído)	Bordo com lábio externo	Século XIV – XV
PF00/C11/[7017]/3	C	11	[7017]	Cerâmica Comum	1	Pan ela	Bordo	100	–	43	13	Peque na	≤ 1 mm	Quartz os, feldsp atos, micas e cerâmi ca moída	Redut ora	I		Bordo invertido arredondado com carena no fundo, assim como uma carena no pescoço da peça, onde a peça	Século XV

																		abre e alarga para fora. Marcas de fogo nas faces interior e exterior da peça.	
PF00/C11/[7017]/4	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Taç a	Bordo	80	–	30	07	Média	≤ 1 mm	Feldsp atos, quartz os	Redut ora	III		Bordo de tipologi a arredon dada com duas carenas no fundo do bordo.	Século XIV

																		Aprese nta marcas de fogo no interior e exterior da peça.	
PF00/C11/[7017]/5	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Tam pa	Bordo	210	–	20	11	Peque na	≤ 1 mm	Quartz os, feldsp atos, micas e cerâmi ca moída	Redut ora	I		Fragme nto de bordo com aba afilada e ressalto a forma de barbela .	Século XIV – XV
PF00/C11/[7017]/6	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Cânt aro	Asa	–	–	28	17	Peque na	≤ 1 mm	Quartz os, feldsp atos,	Oxida nte	I		Fragme nto de asa, espessa	Século s XIV – XVI

														micas e cerâmi ca moída					do, apresen tando uma carena no seu limite inferior , perto da zona de fratura	
PF00/C11/[7017]/7	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Pote / Pan ela	Fundo	–	100	88	13	Peque na	≤ 1 mm	Quartz os, feldsp atos, micas e cerâmi ca moída	Oxida nte	I			Fragme nto de asa, espessa do, apresen tando uma carena no seu limite inferior , perto da zona	Século XV

																		de fratura	
PF00/C11/[7017]/8	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Jarr o	Fundo	–	110	65	12	Peque na	≤ 1 mm	Quartz os, feldsp atos, micas e cerâmi ca moída	Oxida nte	VII	O exterior da peça mantém alguns fragmentos de uma possível aguada de cor claras, já muito deteriorada	Fundo em pé de anel, com arranqu e do colo da peça, alargan do.	Século XIV- XV
PF00/C11/[7017]/9	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Pan ela	Asa	–	–	37	16	Peque na	≤ 1 mm	Feldsp atos, quartz os	Oxida nte	III		Asa em fita, com arranqu e de asa	Século XV
PF00/C11/[7017]/10	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Púc aro/ Cop o	Asa	–	–	31	12	Peque na	≤ 1 mm	Quartz os, feldsp atos, micas e cerâmi	Oxida nte	I		Asa em fita, de pequen a dimens ão, com curvatu ra	Século XV

													ca moída					muito acentua da.	
PF00/C11/[7017]/11	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Jarr o?	Fundo	–	90	13	09	Média	≤ 1 mm	Quartz os, micas e cerâmi ca moída	Oxida nte- Redut ora	II		Fundo plano, manten do ainda o arranqu e do corpo da peça, que parece abrir ligeira mente para o exterior do fundo	Século XV
PF00/C11/[7017]/12	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Ânf ora/ Dóli a	Parede	–	–	84	10	Peque na	≤ 1 mm	Cerâm ica moída	Oxida nte	IV		Fragme nto de ânfora/ dolium,	Roma no

																		de forma retangu lar irregula r. Presenç a de duas canelur as, um interior e outra exterior .	
PF00/C11/[7017]/13	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Ânf ora/ Dóli a	Parede	–	–	47	13	Peque na	≤ 1 mm	Cerâm ica moída	Oxida nte	IV		Fragme nto de ânfora/ <i>dolium</i> de forma triangul ar, muito espesso .	Roma no

PF00/C11/[7017]/14	C	11	[7017]	Cerâmica Comum	2	Peça de Jogo	Peça de Jogo	–	70	29	29	Pequena	≤ 1 mm	Quartzos, feldspatos, micas e cerâmica moída	Oxidante	I		Fragmento de cerâmica afeiçãoado, de forma redonda regular	Medieval
PF00/C11/[7017]/15	C	11	[7017]	Cerâmica de construção	1	–	Resto de Construção	–	–	72	43	Grande	> 1 mm < 5 mm	Quartzos, feldspatos, micas e cerâmica moída	Oxidante – Redutora	–		Resto construtivo de argila.	–
PF00/C11/[7017]/16	C	11	[7017]	Fauna Mamalógica	1	Ind.	Fauna	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	Fragmento de perióstio de fauna.	–

PF00/C11/[7017]/17	C	11	[7017]	Fauna Mamalógica	1	Ind.	Fauna	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	Fragmento de periósteo de fauna.	–
PF00/C11/[7017]/18	C	11	[7017]	Fauna Mamalógica	1	Ind.	Fauna	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	Fragmento de periósteo de fauna.	–
PF00/C11/[7017]/19	C	11	[7017]	Cerâmica Comum	1	Ind.	Parede	–	–	17	06	Média	≤ 1 mm	Quartzos, micas e cerâmica moída	Redutora	II			Medieval
PF00/C11/[7017]/20	C	11	[7017]	Cerâmica Comum	1	Ind.	Parede	–	–	19	07	Pequena	≤ 1 mm	Quartzos, feldspatos, micas e cerâmica moída	Oxidante	I			Medieval

PF00/C11/[7017]/21	C	11	[7017]	Cerâmica Comum	1	Ind.	Parede	–	–	53	06	Pequena	≤ 1 mm		Oxidante	VII			Medieval
PF00/C11/[7017]/22	C	11	[7017]	Cerâmica Comum	1	Ind.	Parede	–	–	28	09	Pequena	≤ 1 mm	Quartzos, feldspatos, micas e cerâmica moída	Redutora	I			Medieval
PF00/C11/[7017]/23	C	11	[7017]	Cerâmica Comum	1	Ind.	Parede	–	–	27	10	Média	≤ 1 mm	Quartzos, micas e cerâmica moída	Redutora	II			Medieval
PF00/C11/[7017]/24	C	11	[7017]	Cerâmica Comum	1	Ind.	Parede	–	–	27	11	Pequena	≤ 1 mm	Quartzos, feldspatos, micas e	Oxidante	I			Medieval

													cerâmica moída						
PF00/C11/[7017]/25	C	11	[70 17]	Cerâmica Comum	1	Pan ela de Tipo II	Parede	–	–	26	06	Média	≤ 1 mm	Quartzos, micas e cerâmica moída	Oxidante- Redutora	II			Medieval
PF00/C11/[7017]/26	C	11	[70 17]	Cerâmica Comum	1	Ind.	Parede	–	–	16	07	Pequena	≤ 1 mm	Quartzos, micas e cerâmica moída	Redutora	II			Medieval
PF00/C11/[7017]/27	C	11	[70 17]	Cerâmica Comum	1	Ind.	Parede	–	–	24	18	Pequena	≤ 1 mm	Quartzos, micas e cerâmica moída	Oxidante- Redutora	II	Decoração incisa		Medieval
PF00/C11/[7017]/28	C	11	[70 17]	Cerâmica	1	Ind.	Parede	–	–	20	16	Pequena	≤ 1 mm	Quartzos,	Oxidante	I			Medieval

				Comu m										feldsp atos, micas e cerâmi ca moída					
PF00/C11/[7017]/29	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Ind.	Parede	–	–	32	18	Peque na	> 1 mm < 5 mm	Micas, feldsp atos, quartz os	Oxida nte	VI			Medie val
PF00/C11/[7017]/30	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Ind.	Parede	–	–	30	05	Média	≤ 1 mm	Quartz os, feldsp atos, micas e cerâmi ca moída	Oxida nte- Redut ora	I			Medie val
PF00/C11/[7017]/31	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Pan ela de Tipo II	Parede	–	–	29	06	Média	≤ 1 mm	Quartz os, micas e cerâmi	Redut ora	II	Decoração com caneluras		Medie val

													ca moída						
PF00/C11/[7017]/32	C	11	[70 17]	Cerâmi ca de Constr ução	1	Telh a	Telha	–	–	41	14	Grand e	> 1 mm < 5 mm	Micas, feldsp atos, quartz os	Oxida nte- Redut ora	VI		Fragme nto de telha.	Medie val
PF00/C11/[7017]/33	C	11	[70 17]	Cerâmi ca de Constr ução	1	Telh a	Telha	–	–	56	13	Grand e	> 1 mm < 5 mm	Quartz os, feldsp atos, micas e cerâmi ca moída	–	I		Fragme nto de telha.	Medie val
PF00/C11/[7017]/34	C	11	[70 17]	Cerâmi ca de Constr ução	1	Telh a	Telha	–	–	42	13	Média	> 1 mm < 5 mm	Micas, feldsp atos, quartz os	Oxida nte- Redut ora	VI		Fragme nto de telha.	Medie val
PF00/C11/[7017]/35	C	11	[70 17]	Cerâmi ca de Constr ução	1	Telh a	Telha	–	–	93	20	Média	> 1 mm < 5 mm	Micas, feldsp atos, quartz os	Oxida nte- Redut ora	VI		Fragme nto de telha.	Medie val

PF00/C11/[7017]/36	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	44	14	Média	> 1 mm < 5 mm	Quartzos, feldspatos, micas e cerâmica moída	Redutora	I		Fragmento de telha.	Medieval
PF00/C11/[7017]/37	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	28	17	Média	> 1 mm < 5 mm	Cerâmica moída	Oxidante	IV		Fragmento de telha.	Medieval
PF00/C11/[7017]/38	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	61	14	Média	> 1 mm < 5 mm	Quartzos, feldspatos, micas e cerâmica moída	Redutora	I		Fragmento de telha.	Medieval
PF00/C11/[7017]/39	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	69	12	Média	> 1 mm < 5 mm	Micas, feldspatos,	Oxidante-Redutora	VI		Fragmento de telha.	Medieval

													quartzos						
PF00/C11/[7017]/40	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	58	14	Média	> 1 mm < 5 mm	Quartzos, feldspatos, micas e cerâmica moída	Oxidante	I		Fragmento de telha.	Medieval
PF00/C11/[7017]/41	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	81	14	Média	≤ 1 mm	Cerâmica moída	Redutora	IV		Fragmento de telha.	Medieval
PF00/C11/[7017]/42	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	74	13	Média	> 1 mm < 5 mm	Micas, feldspatos, quartzos	Oxidante-Redutora	VI		Fragmento de telha.	Medieval
PF00/C11/[7017]/43	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	23	11	Média	> 1 mm < 5 mm	Micas, feldspatos, quartzos	Oxidante-Redutora	VI		Fragmento de telha.	Medieval

PF00/C11/[7017]/44	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	46	13	Grande	> 1 mm < 5 mm	Cerâmica moída, micas, quartzos e feldspatos	Oxidante	V		Fragmento de telha.	Medieval
PF00/C11/[7017]/45	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	83	15	Grande	> 1 mm < 5 mm	Micas, feldspatos, quartzos	Oxidante-Redutora	VI		Fragmento de telha.	Medieval
PF00/C11/[7017]/46	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	56	16	Grande	> 1 mm < 5 mm	Micas, feldspatos, quartzos	Oxidante-Redutora	VI		Fragmento de telha.	Medieval
PF00/C11/[7017]/47	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	50	14	Grande	> 1 mm < 5 mm	Micas, feldspatos, quartzos	Oxidante-Redutora	VI		Fragmento de telha.	Medieval

PF00/C11/[7017]/48	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	63	13	Grande	> 1 mm < 5 mm	Micas, feldspatos, quartzos	Oxidante-Redutora	VI		Fragmento de telha.	Medieval
PF00/C11/[7017]/49	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	41	13	Grande	> 1 mm < 5 mm	Micas, feldspatos, quartzos	Oxidante-Redutora	VI		Fragmento de telha.	Medieval
PF00/C11/[7017]/50	C	11	[7017]	Cerâmica de Construção	1	Telha	Telha	–	–	106	14	Grande	> 1 mm < 5 mm	Micas, feldspatos, quartzos	Oxidante-Redutora	VI		Fragmento de telha.	Medieval
PF00/C11/[7017]/51	C	11	[7017]	Cerâmica Comum	1	Panела	Parede	–	–	104	05	Pequena	≤ 1 mm	Quartzos, feldspatos, micas e cerâmica moída	Oxidante	I	Fragmento agrupado juntamente com PF00/C11/[7017]/52 e PF00/C11/[7017]/53 num bloco de argamassa		Medieval

																	pertencente ao muro [7016]		
PF00/C11/[7017]/52	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Ind.	Parede	–	–	–	07	Peque na	≤ 1 mm	Quartz os, feldsp atos, micas e cerâmi ca moída	Oxida nte	I	Fragmento agrupado juntamente com PF00/C11/[7017]/51 e PF00/C11/[7017]/53 num bloco de argamassa pertencente ao muro [7016]		Medie val
PF00/C11/[7017]/53	C	11	[70 17]	Cerâmi ca Comu m	1	Ind.	Parede	–	–	–	–	Média	≤ 1 mm	Quartz os, feldsp atos, micas e cerâmi ca moída	Oxida nte	I	Fragmento agrupado juntamente com PF00/C11/[7017]/51 e PF00/C11/[7017]/52 num bloco		Medie val

																	de argamassa pertencente ao muro [7016]		
PF00/C11/[7017]/54	C	11	[70 17]	Lítico	1	Lítico	Lítico	–	–	26	15	–	–	–	–	–		Lítico de forma redond a, muito gasto por ação natural.	–

Anexo VII

PF00/C11/[7017]/1



PF00/C11/[7017]/3



PF00/C11/[7017]/5



Figura 70 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta I

PF00/C11/[7017]/6



PF00/C11/[7017]/7



Figura 71 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta I

PF00/C11/[7017]/10



PF00/C11/[7017]/14



Figura 72 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta I

PF00/C11/[7017]/20



PF00/C11/[7017]/22

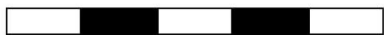


PF00/C11/[7017]/24



Figura 73 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta I

PF00/C11/[7017]/28



PF00/C11/[7017]/30



PF00/C11/[7017]/33



Figura 74 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta I

PF00/C11/[7017]/36



PF00/C11/[7017]/38



PF00/C11/[7017]/40

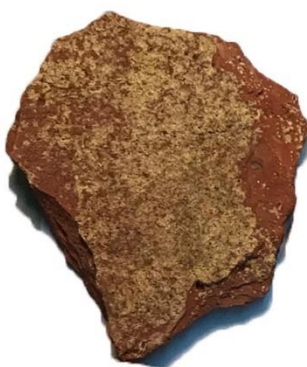


Figura 75 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta I

PF00/C11/[7017]/2



PF00/C11/[7017]/11

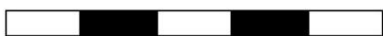


Figura 76 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta II

PF00/C11/[7017]/19



PF00/C11/[7017]/23



PF00/C11/[7017]/25

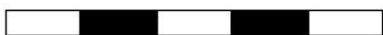


Figura 77 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta II

PF00/C11/[7017]/26



PF00/C11/[7017]/27



PF00/C11/[7017]/31



Figura 78 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta II

PF00/C11/[7017]/4



PF00/C11/[7017]/9



Figura 79 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta III

PF00/C11/[7017]/13



Figura 80 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta IV

PF00/C11/[7017]/12



PF00/C11/[7017]/41



Figura 81 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta IV

PF00/C11/[7017]/44



Figura 82 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta V

PF00/C11/[7017]/32



PF00/C11/[7017]/34



PF00/C11/[7017]/35



PF00/C11/[7017]/37



Figura 83 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta VI

PF00/C11/[7017]/39



PF00/C11/[7017]/42



PF00/C11/[7017]/43



PF00/C11/[7017]/45



Figura 84 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta VI

PF00/C11/[7017]/46



PF00/C11/[7017]/47



PF00/C11/[7017]/48



PF00/C11/[7017]/49



Figura 85 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta VI

PF00/C11/[7017]/29

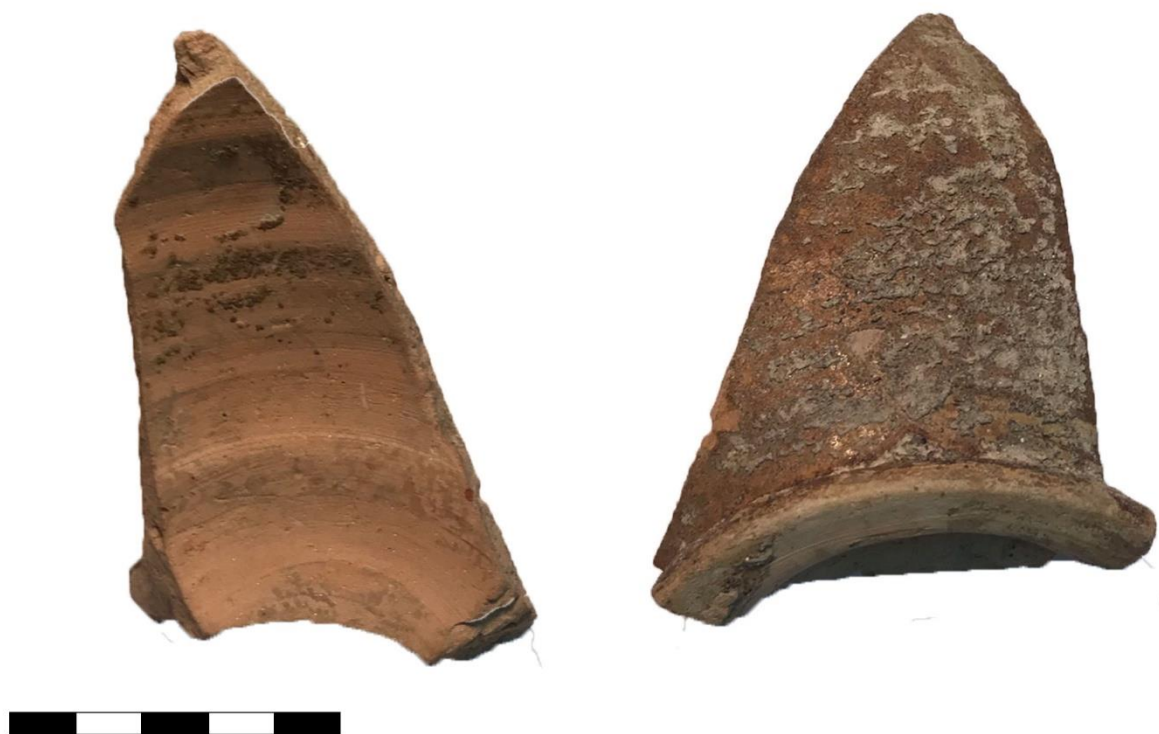


PF00/C11/[7017]/50



Figura 86 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta VI

PF00/C11/[7017]/8



PF00/C11/[7017]/21



Figura 87 - Fragmentos cerâmicos classificados como pertencentes a Pasta VII

PF00/C11/[7017]/51 PF00/C11/[7017]/52 PF00/C11/[7017]/53

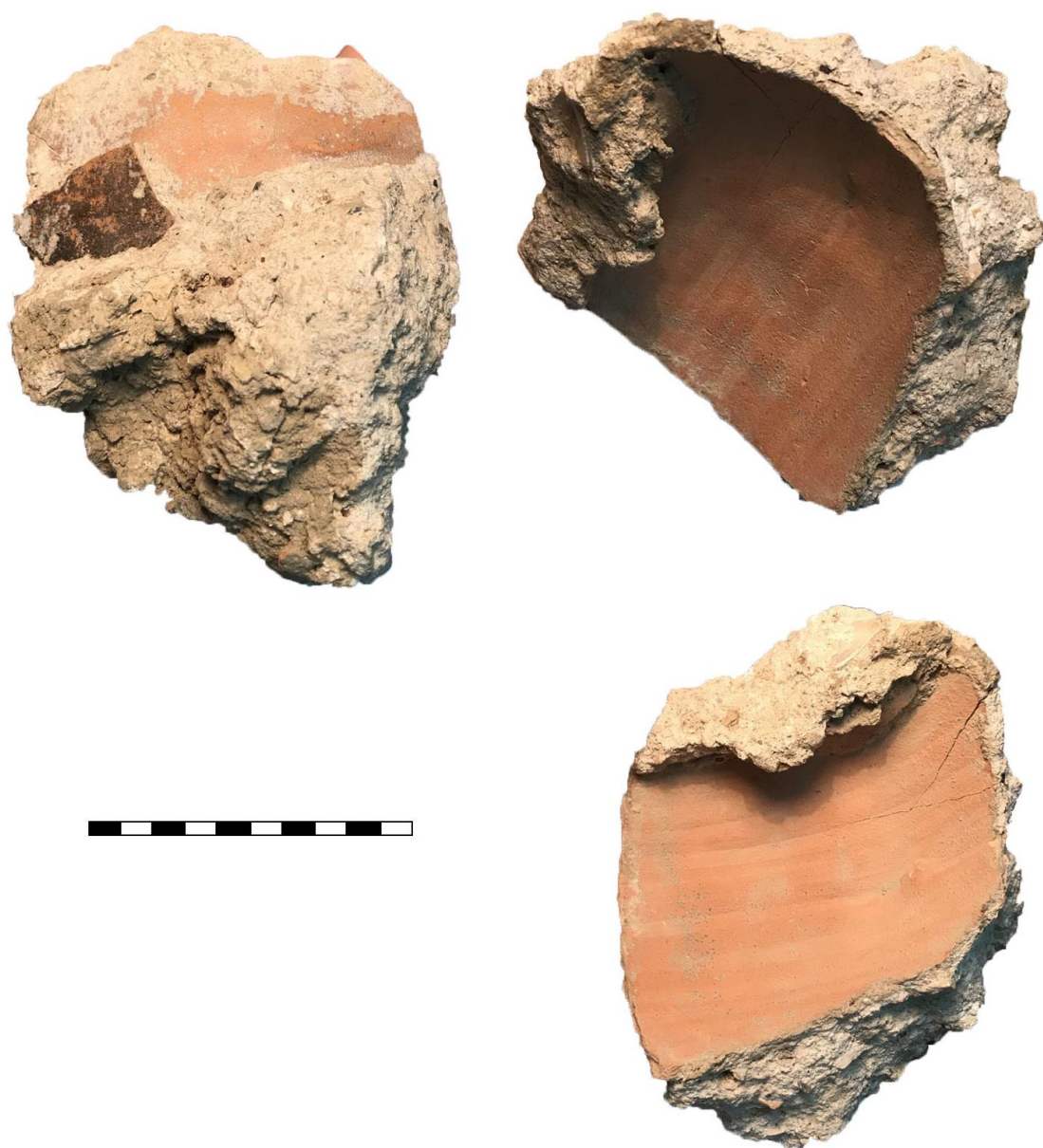


Figura 88 - PF00/C11/[7017]/51, PF00/C11/[7017]/52, PF00/C11/[7017]/53

PF00/C11/[7017]/15



Figura 89 – Fragmento de resto construtivo

PF00/C11/[7017]/54



Figura 90 - Lítico pertencente a [7017]

PF00/C11/[7017]/16



PF00/C11/[7017]/17



PF00/C11/[7017]/18



Figura 91 – Fragmentos de fauna mamalógica pertencentes a [7017]

Anexo VIII

Tabela 18 - Resumo dos Dados dos Paralelos Arqueológicos

Sítio Arqueológico	Ano de Intervenção	Nº de Sepulturas	Nº de Indivíduos	Tipologia de Sepultura	Tipo de Inumação	Modo de Inumação	Orientação	Cronologia Proposta
Adro da Igreja de São Domingos, Lisboa	1991	12	23	Covachos, sem caixão. Sem demarcação a nível do solo	Inumação primária, individual, dupla e múltipla	Decúbito dorsal, com os membros inferiores estendidos e os membros superiores cruzados sobre a zona pélvica	Oeste – Este	1495 a 1531
Necrópole Medieval/ Moderna de Arruda dos Vinhos	2012	80	80	Sepulturas em caixão delimitadas por ortóstomos, cobertas por lajes; Covachos individuais	Inumação primária e secundária (ossários)	Decúbito dorsal, com os membros inferiores estendidos, e superiores fletidos sobre o tórax ou estendidos paralelamente ao corpo/ cruzados sobre o peito	Este – Oeste	Séc. XIV – Séc. XVI
Mosteiro de São Vicente	1982; 1987/89;	19	19	Covachos individuais,	Inumação primária, e	Decúbito dorsal, com os membros inferiores	Este – Oeste	Séc. XII

	1992; 1993/94; 1997;			rasos e simples; Sem demarcação a nível do solo	secundária (ossários)	estendidos, e superiores fletidos sobre o tórax ou estendidos paralelamente ao corpo/ cruzados sobre o peito/ sobre a cintura		
Igreja de São Lourenço da Mouraria	1992 - 1993	43	43	Covachos rasos; Sem demarcação a nível do solo	Inumação Primária e secundária (ossários)	Indivíduos depositados em decúbito dorsal, com os membros inferiores estendidos e paralelos, e os superiores fletidos sobre a região pélvica, ou colocados sobre o peito	Este – Oeste	1191 e 1209 e o reinado de D. Manuel